

Sociedade das Ciências Antigas



Cartas de L. C.
de Saint-Martin



Louis Claude de Saint-Martin



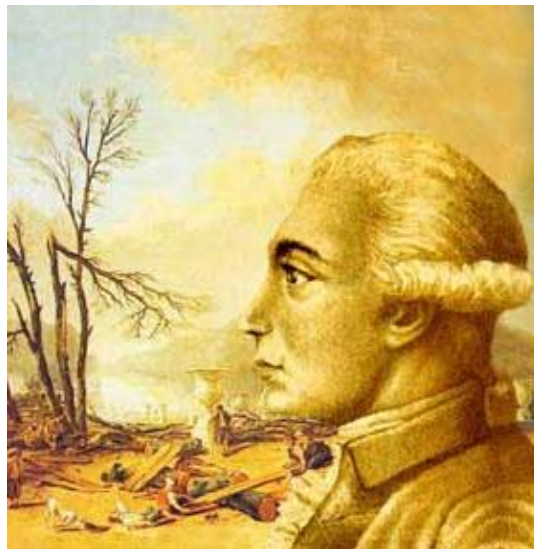
Sociedade das Ciências Antigas

**CARTAS DE LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN
O FILÓSOFO DESCONHECIDO**

E

**KIRCHBERGER, BARÃO DE LIEBSTORF
MEMBRO DO CONSELHO NACIONAL
DA REPÚBLICA DE BERNA**

DE 22 DE MAIO DE 1792 A NOVEMBRO DE 1797



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

OBRA COLIGIDA E PUBLICADA POR L. SCHAUER E ALP. CHUQUET

**EDITORES-PROPRIETÁRIOS DE
"DES NOMBRES E L'ÉCLAIR SUR L'ASSOCIATION HUMAINE"
(AMSTERDÃ, 1862)**

Paris, 6 de Dezembro de 1861.

Prefácio

Senhor L. Schauer, homem de letras, Paris:

Tenho, Senhor, de agradecer-vos muito por vos haverdes lembrado em mim para ler este escrito de Saint-Martin. Sempre nutri por ele grande veneração e senti-me atraído por seu pensamento, embora nesses assuntos seja eu um dos mais profanos.

Vejo que, graças a vós e ao Senhor Matter, vou aprender ainda mais sobre ele. Dignai-vos aceitar, Senhor, a expressão de minha mais distinta consideração.

SAINTE-BEUVE

Paris, 17 de Janeiro de 1862

Senhor L. Schauer, homem de letras, Paris:

Senhor:

Expresso-vos meu reconhecimento pela bondade que tiveste em enviar-me vosso interessante volume (*Des Nombres (Sobre os Números)*, de L. C. de Saint-Martin. E. Dentu, livreiro e editor, Palais-Royal) e pela amável carta com que o acompanhastes. Considero essa publicação como um serviço importante prestado à história do misticismo francês e agradeço-vos antecipadamente pela edição completa das obras de Saint-Martin que nos prometeis em vosso Prefácio.

Saint-Martin não é somente uma bela alma: é uma nobre inteligência e uma das penas mais finas que já se consagraram ao serviço do espiritualismo, do qual o misticismo é uma das formas mais elevadas. Experimentei um grande encanto ao reler, em vossa bela edição, o *Éclair sobre a Associação Humana*.

Recebi por isso, Senhor, meus agradecimentos e felicitações, com a certeza de meus mais distintos sentimentos.

ADOLPHE FRANCK

Primeira Carta	6
Carta 2	7
Carta 3	8
Carta 4	10
Carta 5	12
Carta 6	16
Carta 7	16
Carta 8	18
Carta 9	21
Carta 10	22
Carta 11	24
Carta 12	26
Carta 13	27
Carta 14	29
Carta 15	30
Carta 16	31
Carta 17	33
Carta 18	35
Carta 19	36
Carta 20	38
Carta 21	39
Carta 22	41
Carta 23	41
Carta 24	43
Carta 25	44
Carta 26	45
Carta 27	47
Carta 28	49
Carta 29	50
Carta 30	51
Carta 31	53
Carta 32	54
Carta 33	56
Carta 34	57
Carta 35	59
Carta 36	60
Carta 37	61
Carta 38	63
Carta 39	65
Carta 40	66
Carta 41	67
Carta 42	68
Carta 43	69
Carta 44	69
Carta 45	70
Carta 46	70
Carta 47	72
Carta 48	72
Carta 49	73
Carta 50	74
Carta 51	75
Carta 52	77
Carta 53	78
Carta 54	80
Carta 55	81
Carta 56	83

Carta 57.....	84
Carta 58.....	86
Carta 59.....	90
Carta 60.....	90
Carta 61.....	92
Carta 62.....	93
Carta 63.....	94
Carta 64.....	95
Carta 65.....	96
Carta 66.....	99
Carta 67.....	101
Carta 68.....	103
Carta 69.....	104
Carta 70.....	105
Carta 71.....	107
Carta 72.....	109
Carta 73.....	111
Carta 74.....	113
Carta 75.....	117
Carta 76.....	120
Carta 77.....	122
Carta 78.....	125
Carta 79.....	125
Carta 80.....	127
Carta 81.....	128
Carta 82.....	130
Carta 83.....	131
Carta 84.....	132
Carta 85.....	133
Carta 86.....	135
Carta 87.....	137
Carta 88.....	139
Carta 89.....	141
Carta 90.....	143
Carta 91.....	145
Carta 92.....	148
Carta 93.....	150
Carta 94.....	153
Carta 95.....	154
Carta 96.....	156
Carta 97.....	157
Carta 98.....	160
Carta 99.....	161
Carta 100.....	163
Carta 101.....	165
Carta 102.....	166
Carta 103.....	167
Carta 104.....	168
Carta 105.....	169
Carta 106.....	171
Carta 107.....	173
Carta 108.....	173
Carta 109.....	174
Carta 110.....	176
Carta 111.....	178
Carta 112.....	178
Carta 113.....	179
Carta 114.....	179

PRIMEIRA CARTA

Berna, Suíça, 22 de Maio de 1792

Senhor,

Que não vos seja surpresa receber uma carta de um desconhecido: foram as vossas obras e o vosso mérito pessoal, ao qual não sou totalmente estranho, que me fizeram tomar da pena. Enquanto a maior parte dos pensadores se ocupa com interesses que agitam as nações, emprego minhas horas de lazer no estudo das verdades que influem mais diretamente na felicidade dos homens do que as revoluções políticas e nos assuntos que engrandecem a esfera dos conhecimentos humanos ao nos indicar quão pouco, até o presente, já pudemos aprender, e a importância das coisas que ainda nos restam saber. Confessarei, senhor, com a sinceridade e a franqueza de um suíço, que o escritor mais ilustre em minha opinião e o mais profundo deste século, é o autor de “*Des Erreurs et de la Verité*”¹ e que me corresponder com ele seria uma das maiores satisfações de minha vida. Nessa obra, senhor, encobriste com um véu algumas verdades importantes para não expô-las à profanação daqueles que têm um coração pervertido e os olhos fascinados pelos preconceitos do vulgo ou pelas sofisticações dos pretensos filósofos. Porém, ousa crer, e até mesmo com alguma certeza, que o autor de *Dos Erros e da Verdade* não se furtará a alguns esclarecimentos destinados às pessoas que de boa fé buscam essa verdade e que, a exemplo do maior modelo, busquem expandir a luz tanto quanto possível. Cada página desse livro admirável respira um sentimento de benevolência que me deixa seguro quanto à minha asserção. Creio haver adivinhado o que entendeis sob a denominação da causa ativa e inteligente na obra “*Dos Erros e da Verdade*”; creio haver compreendido, da mesma forma, em que sentido foi tomada a palavra *virtudes* no *Quadro Natural*². Sobre essa terminologia, não me resta mais dúvida alguma; na minha opinião, a causa ativa é a verdade por excelência e, se alguém perguntar como Pilatos: *Quid est veritas?*³, eu lhe direi que transponha as letras da pergunta para achar a resposta: *Est vir qui adest*⁴. Mas é o conhecimento físico desta causa ativa e inteligente, conhecimento que não esteja sujeito à ilusão alguma, que me parece o maior núcleo da obra *Dos Erros e da Verdade*, repito, conhecimento que não esteja sujeito à ilusão alguma, pois o próprio sentido interno pode algumas vezes estar sujeito a erros; porque nossos sentidos e nossa imaginação costumam falar tão alto e nosso sentimento pode algumas vezes estar tão multiplicado, sobretudo no turbilhão dos negócios, que nem sempre estamos em condições de ouvir a doce voz da verdade. Entretanto, nada mais importante do que discerni-la com alguma segurança, pois “se essa causa ativa e inteligente não pudesse jamais ser conhecida sensivelmente pelo homem, ele jamais poderia ter certeza de haver encontrado a melhor rota e de possuir o verdadeiro culto; uma vez que é essa causa que tudo deve operar e tudo manifestar, é necessário então que o homem tenha a certeza da qual falamos e que não seja o homem que a dê; é necessário que essa própria causa ofereça claramente, à inteligência e aos olhos do homem, os testemunhos de sua aprovação; é necessário, por fim, se o homem pode ser pelos homens, que ele tenha meios de não enganar a si próprio e que tenha ao alcance da mão recursos dos quais possa esperar socorros evidentes”. É sobre esse ponto essencial que os esclarecimentos ser-me-iam infinitamente preciosos. Como chegar com segurança a esse conhecimento físico da causa ativa e inteligente? As virtudes do *Quadro Natural* são auxílios para esse conhecimento físico? E como o conhecimento físico das virtudes do mesmo modo se torna possível? Eis aqui perguntas sobre as quais eu aceitaria tudo o que julgardes adequado transmitir-me com reconhecimento e respeito, pois há somente motivos bem respeitáveis que possam levar-vos a ter esse trabalho.

Ouso ainda rogar-vos que acrescenteis um outro favor: o de me informar quais são os livros que partem realmente de vossa pena e quais são aqueles que expõem os vossos sentimentos sem mescla

¹ *Dos Erros e da Verdade*, obra existente em português.

² *Quadro Natural das Relações que existem entre Deus, o Homem e o Universo*.

³ “Que é a verdade?” — Evangelho segundo São João, 18:38

⁴ “É o homem que está presente”.

de opiniões estrangeiras. Podeis ver, senhor, com que confiança dirijo-me a vós e, aguardando de vossa parte uma palavra de resposta, à qual serei muito sensível, rogo-vos receber a homenagem sincera de meus mais distintos sentimentos.

KIRCHBERGER, Barão de Liebistorf,
Membro do Conselho Soberano da República de Berna

CARTA 2

Paris, 8 de Junho de 1792

Senhor,

Não deixarei de vos agradecer, por minha própria conta, pelos elogios que tivestes a bondade de dirigir-me em vossa carta de último 22 de Maio. Vou esquecer-me de mim mesmo apenas para render graças ao Autor de toda a sabedoria, o qual permitiu que vossa bela alma sentisse a necessidade de aproximar-se dessa fonte de todas as nossa venturas. Vejo que apreendeste perfeitamente o sentido da causa ativa e inteligente e o da palavra virtudes, e creio que nela está o germe radical de todos os conhecimentos. Quanto aos frutos que dele devem resultar, só podem nascer segundo as justas leis da vegetação, na qual somos brigados a participar desde a queda, e esses frutos só podem ser conhecidos à medida que vão brotando. Parece que sois bastante instruído para desconhecer que a alma do homem é a terra em que esse germe é semeado e onde, por conseguinte, todos os frutos devem ser manifestados. Acompanhai a comparação de São Paulo, na Primeira Epístola ao Coríntios, capítulo 15, sobre a vegetação espiritual e corporal, e verei com clareza a verdade desta palavra do Salvador: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”. Evangelho de João, 3:3. A isso acrescentai somente que o nascimento de que fala o Salvador pode ser feito durante a nossa vida, enquanto que São Paulo falava apenas da ressurreição final. Esta é a obra na qual todos deveríamos trabalhar e, se ele é tão laboriosa, está também repleta de consolações pelos socorros que dela recebemos quando nos determinamos com bastante coragem a empreendê-la. Independentemente do grande jardineiro que semeia em nós, existe um grande número de outros que regam, que podam a árvore e que lhe facilitam o crescimento, sempre sob os olhares da divina sabedoria que pretende ornar seus jardins, como todos os outros cultivadores, mas que só pode orná-los conosco porque somos as suas mais belas flores. Compreendo bem que é sobre a natureza desses jardineiros que recaem vossa pergunta e vossa incerteza em saber discerni-los; mas não esqueçamos a o suave caminho das progressões. Começemos por tirar proveito dos pequenos movimentos de virtude, de fé, de preces e de trabalho que nos são dados. Esses nos atrairão outros que trarão também sua luz consigo, e assim por diante, até o complemento da medida particular de cada indivíduo, e veremos que a única razão pela qual os homens sofrem embaraços e inquietudes é que eles ultrapassam sempre as épocas de sua vegetação, ao passo que, sim se ocupassem com bastante prudência e resolução da época e do grau em que se encontram, a marcha lhes pareceria natural e fácil, e veriam nascer de si mesmos a resposta ao lado de suas perguntas. Não vos surpreendais, pois, senhor, por eu não possa enviar-vos esclarecimentos mais positivos sobre um objeto que consiste apenas no exercício e na experiência. Eu vos enganaria se vos oferecesse outra coisa, eu me enganaria a mim mesmo e ofenderia àquele que me honro de reconhecer altamente entre os homens como o único mestre que devíamos ter e o único que devemos seguir.

Desejais saber, senhor, quais são as obras que saem da mesma pena de *Dos Erros e da Verdade*. São, até o presente, o *Quadro Natural*, impresso em 1782, e o *Homem de Desejos*, impresso há dois anos. A edição teve uma tiragem muito pequena e já se esgotou, mas eu soube que um livreiro chamado Grabit, da rua Mercière, em Lyon, acabava de fazer uma reimpressão por conta própria. Além disso, atualmente estão no prelo duas obras da mesma pena: uma, intitulada “*Ecce Homo*”, com a finalidade de prevenir contra as maravilhas e as profecias do momento, um pequeno volume in-doze; o outro, intitulado “*O Novo Homem*”, de tamanho bem mais considerável, e com a

finalidade de retratar o deveríamos aguardar de nossa regeneração, um volume in-oitavo. Este último tem precisamente grandes relações com o objeto que vos interessa e sobre o qual acima vos expus as minhas idéias resumidas. As duas obras estão sendo impressas em Paris na tipografia do Círculo Social, à rua do Teatro Francês, nº 4. Não estou absolutamente envolvido nas despesas pecuniárias desse empreendimento nem quero estar envolvido nos lucros, se os houver. Deixo tudo àqueles que, por haverem feito o pagamento adiantado, é deles o legítimo proprietário. Assim, se vossa intenção é de adquiri-los, sabeis aonde deveis dirigir-vos. *Ecce Homo* será impresso dentro de um mês, *O Novo Homem* não o será antes de dois ou três. *O Novo Homem* já foi escrito há dois anos. Eu não o teria escrito, ou tê-lo-ia escrito de outra forma, se tivesse tido então o conhecimento que adquiri desde as obras de Jacob Böhme, autor alemão, cuja existência certamente conheceis. Não sou mais jovem, estando bem perto dos cinquenta anos, e foi nessa idade avançada que comecei a aprender o pouco de alemão que sei, unicamente para ler esse incomparável autor. Há alguns meses consegui uma tradução inglesa de grande parte de suas obras, pois o inglês me é um pouco mais familiar. É com franqueza, senhor, que reconheço não ser digno de desatar os cordões das sandálias⁵ desse homem surpreendente, que considero a maior luz que já surgiu sobre a terra depois d'Aquele que é a própria luz. Como sua língua não vos deve ser estranha, embora ele escreva com pouca regularidade, e sobretudo com pouca clareza, exorto-vos, se para isso tiverdes tempo, a vos lançardes nesse abismo de conhecimentos e de profundas verdades, e assim vereis como é real sincero o interesse que tomo por vosso progresso. Devo prevenir-vos, no entanto, que ainda há dois pontos de sua doutrina sobre os quais não estou inteiramente seguro; mas não me pronuncio sobre isso até que sejais iniciado na profundidade de seus princípios. Há uma edição alemã de suas obras feita em Amsterdã em 1682, extremamente rara. Mas no ano passado eu soube em Estrasburgo que estava sendo feita uma em Leipzig, a qual no momento deve estar concluída. Se me derdes a honra de escrever-me, senhor, podeis endereçar vossas cartas à senhora duquesa de Bourbon, em Paris. Mas, rogo-vos que suprimais de uma vez por todas o título de autor. Cabe-me apenas, senhor, oferecer-vos a homenagem de meus sentimentos mais respeitosos.

SAINT-MARTIN

CARTA 3

Morat, cantão de Berna, Suíça, 30 de Junho de 1792

Senhor,

Foi com a maior satisfação que recebi a carta que tiveste a bondade de remeter-me no dia 8 deste mês. Os conselhos nela contidos e a esperança que me dais de continuarmos a correspondência despertou-me o mais sincero reconhecimento. Creio que há graus medianos e subalternos em que os conselhos e as indicações, assim como os livros escritos pelos eleitos, podem ser de mui grande utilidade, como instrumentos secundários escolhidos pela Providência para o progresso dos homens. Por isso, tende a certeza de que sempre os respeitarei os motivos que tiverdes para não me transmitir ainda a solução das perguntas que eu puder dirigir-vos. Há, por exemplo, uma enorme quantidade de pontos importantes nos capítulos 17 e 19 do *Quadro Natural*, sobre as quais, se um dia o permitirdes, tomarei a liberdade de fazer-vos diversas perguntas. Mas rogo-vos que a nossa correspondência não dependa disso; um simples silêncio sobre esses pontos será uma resposta suficiente e não impedirá que o resto de vossa carta tenha um preço mui alto para mim.

A indicação das obras saídas de vossa pena foi muito interessante para mim; confirmou minhas próprias idéias sobre tais assuntos. Espero com ansiedade o *Ecce Homo* e o *Novo Homem*, que acabo de solicitar por carta aos editores da tipografia do Círculo Social. Irei a Berna no dia primeiro para tentar descobrir as obras de Jacob Böhme. O que dissestes de bom sobre elas fará com que eu

⁵ João Batista, falando de Jesus: “mas no meio de vós está quem vós não conheceis, o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias”. (João, 1:26-27.)

as leia com cuidado; sua língua é a minha língua materna; e, durante alguns meses de permanência no campo, aqui, em Morat, espero encontrar tempo suficiente para lê-las com atenção. Jamais as vi, a não ser por acaso, na juventude, mas sem as compreender e, o que não deveria ser mérito algum, sem as julgar.

Antes de entrar nas ocupações da vida pública, dediquei uma parte do meu tempo ao estudo da natureza, e é por esse quadro natural que aprendi que os fenômenos físicos podem algumas vezes servir de tipo às verdades intelectuais.

Relatarei duas observações semelhantes, que servirão pelo menos para expor-vos as idéias que faço da regeneração do homem, idéias sobre as quais peço-vos apresentar-me vosso julgamento.

Quando queremos unir duas substâncias que por sua natureza estão por demais afastadas para se unirem, é necessário juntar a elas uma terceira que tenha afinidade e analogia com ambas. Assim, se quisermos unir óleo e água, é necessário juntar-lhes um álcali fixo, e então o óleo e a água se misturam intimamente.

Esse fato parece-me o tipo dos agentes intermediários; é necessário que os agentes participem na natureza dos seres que devem unir e sejam a ela assimilados. O principal, o mais sublime, e, em certo sentido, o único agente intermediário, é a causa ativa e inteligente. (I Carta a Timóteo, 2:5.)⁶

Além disso, creio-o eu, e fundo a minha crença não apenas na analogia da natureza, mas nas Sagradas Escrituras mesmo, que a sabedoria divina serve-se ainda de agentes ou de *virtudes* para que as palavras do Verbo sejam ouvidas no nosso interior. Uma das passagens mais marcantes sobre este assunto é o versículo 20 do Salmo 103, que, segundo creio, é o de número 104 na versão da Igreja católica romana.

A doutrina dos agentes intermediários é, na minha opinião, tratada de maneira superior no *Quadro Natural*, e também, mas não de maneira tão detalhada como nas obras de uma senhora francesa que, durante a vida, foi cruelmente perseguida, ridicularizada e caluniada por ter sido amiga de Monsieur de Fénelon⁷, arcebispo de Cambrai, cuja retidão e talentos feriam a ambição de Madame de Maintenon⁸ e o amor-próprio do Monsieur de Maux. Essa mulher extraordinária diz coisas admiráveis sobre as virtudes no oitavo volume de sua *Explicação do Novo Testamento*, p. 114, obra bem pouco conhecida.

Como a ação dos agentes, ou das virtudes, é necessária para preparar nossa alma para a união total com o Verbo, prova-se, segundo creio, ainda muito bem por uma passagem do profeta Malaquias, 3:1, pela Epístola aos Hebreus, 1:14 e pelo versículo 12 do Salmo 90, segundo vossa versão. Mas creio que seja principalmente em nossos corpos que eles exercem seus poderes; pois, se agem em nossos espíritos, é também por causa da união da alma e do corpo que podem produzir, nas almas que lhe são unidas, efeitos próprios a favorecer a eficácia da graça: uns nos fornecendo pensamentos, os outros mostrando sua presença em nosso coração, tomado no sentido físico, através de uma sensação agradável, um calor suave que traz calma e tranqüilidade à alma. Há pessoas que chamam a essa sensação de sentimento da presença de Deus. Poderíamos chamá-lo, penso eu, com mais precisão, de sentimento da presença dos agentes intermediários que fazem a vontade de Deus. Creio que nos apercebemos dessa reação das virtudes também quando buscamos o Verbo, não fora

⁶ “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus homem”.

⁷ Prelado e escritor francês (1651-1715). Conhecido por sua ação apostólica e seu *Traité de l'éducation des filles* (*Tratado sobre a educação das moças*). *Suas Maximes de saints* (1697), favoráveis ao quietismo foram condenadas pela Igreja. O quietismo é uma doutrina mística baseada nas obras de Molinos, padre espanhol, a qual fazia consistir a perfeição cristã no amor de Deus e na quietude passiva e confiante da alma. Foi difundido na França por Madame de Guyon.

⁸ (1635-1719) Preceptora dos filhos do rei Luís XIV, casou-se com ele após a morte de Maria Teresa, em 1684. Morto o rei, retirou para a casa de Saint-Cyr, que fundara para a educação de jovens nobres e pobres.

de nós, mas dentro de nós mesmos, e lançamos um olhar intelectual no templo que ele habita.

João,

14:20; I Coríntios, 6:19. Creio que com o tempo, continuando nessa adesão ao Verbo, podemos, com a ajuda dessas mesmas virtudes, ultrapassar a sensação da presença percebida e nos unirmos ao próprio Verbo. I Cor., 6:17. Creio também que, durante os momentos da presença percebida, não seríamos capazes de fazer qualquer coisa que pudesse desagradar à causa ativa e inteligente e que esse exercício nos ofereça a nutrição da alma, que nos vem pelo canal das virtudes. Para nos facilitar o mais possível nossa união com os agentes intermediários que são nossos amigos, nosso auxílio e nossos condutores, creio que é necessário haver uma grande preza do corpo e da imaginação, um distanciamento de todo o que possa nos degradar, assim como uma grande sobriedade física e moral, que todo homem sensato já se esforça em observar por hábito, enquanto que, por outro lado, um uso prudente dos objetos da natureza aumente, talvez, as nossas faculdades da alma em vez de determiná-las. Por exemplo: a respiração do ar puro, vital e deflogístico que sai das folhas de uma árvore iluminada pelo sol da manhã reanima nosso ser; além do fato de que sempre me pareceu a luz natural elementar podia talvez se tornar o envoltório dos agentes benfazejos em algumas de suas manifestações; mas a respeito disso apenas balbucio. Se julgardes conveniente, dai-me vossa opinião a respeito desse objeto. Ao lado dos cuidados físicos, há qualidades habituais da alma que me parecem ser as disposições mais essenciais para entrar em ligação com os seres benfeitores que, desde a queda do homem, tornaram-se tão necessários à sua reabilitação. A principal parece-me ser um aniquilamento profundo diante do Ser dos seres, não conservando outra vontade além da sua, entregando-nos a ele com um abandono sem limites e uma confiança sem fronteiras; não tendo senão um único, mas indestrutível, desejo de superar todos esses obstáculos que há entre a luz e nós.

Podeis ver, senhor, que vos faço uma profissão de fé ao vos expor minhas idéias sobre o caminho a ser feito para atingir nosso grande alvo. Vossa experiência, que vos torna capaz de conhecer os escolhos da estrada, vossos sentimentos respeitáveis e vosso desejo de estender o reino de nosso Chefe, asseguram-me que não vos recusareis a nos indicar e considerarei cada uma de vossas cartas como um favor. Vossa imagem dos jardineiros, daquele que planta e dos que regam é consoladora e sublime porque, para felicidade da humanidade, é verdadeira. Reservo para outra carta, pois esta já vai um tanto longa, uma segunda observação sobre a natureza elementar, que forma um tipo mais impressionante ainda para produzir um efeito oposto, ou seja: para dividir o que está unido, e pode tende a separar o homem do zero no qual está encravado.

Aguardando uma palavra de vossa parte, permiti-me que vos diga que minha alma sente-se atraída para a vossa e que nada é mais sincero do que os sentimentos de respeito que sempre nutrirei por vós.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 4

Paris, 12 de Julho de 1792

Certamente, senhor, há graus medianos em que os conselhos e os livros são úteis, mas eles o são somente para descobrir-nos o lugar que ignoramos; compete em seguida aos nossos esforços e à nossa experiência conduzir-nos a ele. Farei tudo o que estiver em mim para responder às vossas perguntas e minha reserva, se um dia a tiver, será sempre para o vosso maior bem. Não tenho diante de mim o *Quadro Natural*, mas tende a bondade de citar por inteiro as passagens sobre as quais desejais esclarecimentos.

Encanta-me saber que estais ocupado com as ciências naturais. É uma excelente introdução às grandes verdades. É por esse meio que elas transpiram e, além disso, as ciências naturais

acostumam o espírito à precisão e à exatidão, o que é muito importante nos objetos superiores que, pelo distanciamento em que nos encontramos no mundo, podem expor-nos a equívocos bem perniciosos. Vossa lei de afinidade química é uma lei universal que já sentistes muito bem para que eu tenha necessidade de fazer-lhe o desenvolvimento. A natureza, o espírito, o reparador, eis os diferentes álcalis fixos que nos são dados para nossa nova união com Deus, pois o nosso pecado primitivo fez de nós uma substância bem heterogênea para o supremo princípio. Creio como vós, senhor, que a sabedoria divina se serve de agentes e de virtudes para que seu verbo seja ouvido no nosso interior; também devemos acolher com cuidado todo o que é dito em nós. Madame Guyon⁹, de quem me falais, escreveu muito bem sobre isso, segundo que se diz, pois não a li. Acreditais que é principalmente no nosso corpo que eles agem. Há alguns desses agentes e virtudes para essa parte interior de nós mesmos, mas a obra deles detém-se aí, devendo limitar-se à preservação e à manutenção da forma em bom estado, coisa na qual os ajudamos muitos pelo nosso regime de sabedoria física e moral. Mas evitemos depender por demais neles, pois possuem vizinhos que agem também nessa mesma região e que só desejam apoderarem-se de nossa confiança, coisa que estamos bem dispostos a outorgar-lhes em razão dos socorros exteriores que nos fornecem, ou que, com mais freqüência ainda, contentam-se em nos prometer. Não considero, pois, tudo o que se relaciona a essas vias exteriores senão como prelúdios de nossa obra, pois como nosso ser é central, deve encontrar, no centro em que nasceu, todo o socorro necessário à sua existência. Não vos escondo que caminhei outrora por essa via fecunda e exterior pela qual me abriram a porta da carreira. O que aí me conduzia tinha virtudes mui ativas e a maior parte daqueles que o seguiam comigo receberam confirmações que podiam ser úteis à nossa instrução e ao nosso desenvolvimento. Apesar disso, sempre senti em mim um pendor muito grande para a vida íntima e secreta, já que a via exterior de outra forma não me havia seduzido, mesmo em quando eu era muito jovem, pois foi na idade de 23 anos que tudo sobre isso me foi revelado. Assim, no meio de coisas tão atraentes para os outros, entre os meios, as fórmulas e os preparativos de todo gênero, aos quais nos entregavam, por várias vezes aconteceu-me dizer ao nosso mestre: Como, mestre, é necessário tudo isso para chegar ao bom Deus. E a prova de que tudo aquilo não passava de substituição, é que o mestre nos respondia: É preciso contentar-se com o que se tem. Sem querer, pois, desprezar a ajuda que podem vir de tudo o que nos cerca, cada uma em seu gênero, exorto-vos somente a classificar as potências e as virtudes. Todas têm o seu departamento. Somente a virtude central estende-se por todo o império. O ar puro, todas as boas propriedades elementares são úteis ao corpo, mantendo-o numa situação vantajosa às operações de nosso espírito. Mas depois que o nosso espírito conquistou, pela graça do alto, suas próprias medidas, de simples servidores que eram anteriormente, os elementos tornam-se seus súditos, e até mesmo seus escravos. Vede o que eram os apóstolos.

Não creio como vós, senhor, que a luz elementar se torne o envoltório dos agentes benfeitores em suas manifestações; eles têm a sua própria luz, que está escondida nos elementos. Nosso amigo Jacob Böhme nos dá sobre isso tão grandes perspectivas que vos remeto a ele com confiança, estando bem certo que elas vos satisfarão. É um dos pontos de sua obra que maior prazer me causou e que concorda perfeitamente com as instruções que recebi outrora em minha Escola.

Mas concordo inteiramente convosco sobre as disposições essenciais para progredir na carreira, as quais, como muito bem dizeis, consistem num aniquilamento profundo diante do Ser dos seres, não conservando outra vontade senão a sua, entregando-nos a ele com um abandono sem limites e uma confiança sem fronteiras. E acrescentarei, suprimindo em nós qualquer boa tendência do homem e reduzindo-nos (permiti-me a comparação) ao estado de um canhão que espera que alguém lhe venha colocar a mecha.

⁹ Jane-Marie Bouvier de la Motte (1648-1717), mística francesa, acusada de quietismo quando da publicação de sua obra *Moyen court et très facile por l'oraison* (Um método curto e simples para a oração). Defendida algum tempo por Fénelon, foi presa em 1698 e exilada em 1703.

Quanto ao assunto de Böhme, senhor, presumo que tereis alguma dificuldade em acompanhá-lo no que ele chama de *primeiro princípio*: ainda mais que ele se anuncia para falar como criatura de uma coisa que não é criatura e que, além disso, expõe algumas vezes esse *primeiro princípio* de uma maneira que me pareceu revoltante. Mas, para ajudar-vos, eu vos rogo, quando estiverdes em dificuldades, para reler sua obra “Os Três Princípios da Essência Divina”, cap. I §§ 4, 5 e 6. Estes três números costumam ser-me são muito úteis e imagino que o serão também para vós, e é por isso que vo-los indico.

Receberei com prazer a carta que me prometeis, com a vossa segunda observação sobre a natureza elementar. Darei a minha opinião sobre ela, como sobre a primeira, submetendo o todo ao vosso bom e sábio julgamento. Estou feliz de ver que minha alma encontra uma amiga agradável junto à vossa. Retribuo-vos com toda sinceridade. Adeus, senhor, deixo-vos sem cerimônia para indicar, no pouco espaço que me resta, duas obras sobre o caminho íntimo e secreto. São ambas escritas em vossa língua, e ambas estão na *Histoire de l'Église e des Hérétiques*,¹⁰ de Arnold, 3 volumes, in-fólio.

O primeiro chama-se *Récit de la Direction spirituelle d'un grnd témoin de la vérite, qui vivait dans les Pays-Bas, vers l'an 1550, et qui, par ses écrits, est connu sous le nom hébreu de Hiel*¹¹. Tomo II, de Arnold, 3a parte, cap. 3, §§ 10, 27, p. 343. O segundo chama-se *Discurso de Jane Leade* (de nacionalidade inglesa) sobre a *Diferença das revelações verdadeiras e das revelações falsas*, encontrando-se no prefácio do dito “Fonte do Jardim”, que apareceu em Amsterdã em 1697. Tomo II, de Arnold, 3a parte, cap. 20, p. 519. Foi um conhecimento fraternal que fiz em Estrasburgo quem me enviou essas duas obras traduzidas em francês por sua própria mão. Não sou muito forte em alemão para lê-las no original. Causaram-me grande prazer, sobretudo a última.

Podeis escrever-me diretamente a Paris, para o endereço que já vos dei, sem que as cartas passem por Lyon. Datei como Paris, embora neste momento esteja no campo. Envio-vos também esta carta a Berna, embora a vossa esteja datada de Morat. Se for preciso corrigir isso, digei-me, por favor.

SAINT-MARTIN

CARTA 5

Morat, 25 de Julho de 1792

Recebi meus agradecimentos, senhor, pela interessante carta que houvestes por bem me enviar no dia 12 deste mês. Fiquei extremamente tocado pela presteza com a qual respondestes à minha. A indicação de um país novo pelo qual se pode passar para se atingir o alvo é já um benefício muito grande para o viajante. Certamente cabe-lhe superar os obstáculos que encontra no caminho, sendo por demais feliz se esses lhe foram anunciados da mesma forma que os encorajamentos que pode esperar. Creio que se, segundo as indicações de um observador experimentado e profundo, o viajante que empreender a passagem da Baía de Hudson para Nootka-Sund, a princípio encontrará gelos que deverá romper a golpes de machado, ou talvez bancos de areia, dos quais só conseguirá afastar-se com alavancas; mas, uma vez que estiver em plenas águas, terá apenas que abrir as velas para vogar. Todo o risco que correr serão ainda alguns pequenos escolhos e ventos que são quase como o verdadeiro bom vento e que poderiam desviá-lo; mas, com a ajuda das indicações recebidas, com um bom piloto e uma bússola, saberá discerni-los.

Falei-vos das obras de Madame Guyon, sem as quais creio não me teria sido de modo algum

¹⁰ Em francês no original. O título completo é: *História imparcial das Igrejas e das Heresias*. Arnold, Gottfried, pastor e historiador alemão (1665-1714).

¹¹ Idem: Narrativa da Direção espiritual que uma grande testemunha da verdade, que viveu nos Países Baixos cerca de 1550 e que, por seus escritos, é conhecido pelo nome hebraico de Hiel

possível compreender várias passagens de *Dos Erros e da Verdade* e do *Quadro Natural*. Isto é tanto mais notável por jamais as haverdes lido; mais que isso: encontra-se uma conformidade perfeita entre a explicação importante do quadro de Elias, pp. 7 e 8, Tomo II do *Quadro Natural*, e várias passagens de Madame Guyon. Eis como é explicado o *Quadro Natural*: “Estando Elias na montanha, reconheceu que o Deus do homem não estava no vento violento, nem no tremor do ar, nem no fogo grosseiro e devastador¹², mas numa brisa doce e suave, que anuncia a calma e a paz cuja sabedoria preenche todos os lugares de que se aproxima; e realmente é um dos mais seguros sinais para se desenredar a verdade da mentira”. Ora, isso é o resumo do tudo o que Madame Guyon diz de melhor sobre a instrução de Elias. Existe a mesma conformidade sobre outros pontos essenciais entre Madame Guyon e Jacob Böhme, do qual consegui descobrir um volume in-quarto. Tal semelhança me surpreendeu muito, pois estou moralmente certo de que Madame Guyon jamais soube uma palavra de alemão e que é impossível que nosso amigo Böhme tenha lido Madame Guyon, pois ela nasceu uns vinte anos após a morte de nosso filósofo teutônico. Existem pessoas para quem a leitura das obras teosóficas seria um alimento por demais forte, e às quais se poderia, caso haja ocasião, indicar as obras de Madame Guyon para fazê-las amar o espírito do cristianismo; mas creio que as obras começam a se tornar raras na França. Fiquei sabendo que pessoas bem intencionadas, na Suíça, mandaram reimprimir uma edição completa há dois anos, encontrada na L. Lugiens, uma livraria em Lausanne. Parece-me que suas obras principais são suas cartas, sua explicação do Antigo e do Novo Testamento e sua vida, escrita por ela própria. Um intervalo ainda mais ao alcance das pessoas do mundo do que as obras de Madame Guyon parecem ser as *Cartas Espirituais de Fenelon*, impressas em quatro volumes, em 1767, encontradas em Paris e Lyon. Essa coleção contém algumas cartas do duque de Borgonha¹³ ao duque de Beauvilliers, que, segundo minha opinião, são obras-primas para que aqueles que estão no meio do mundo e dos negócios amem e pratiquem a religião. Monsieur de Fenelon não foi canonizado pela cúria de Roma, mas sê-lo-á no coração de todas as pessoas decentes que lerem suas obras.

Tivestes a gentileza, senhor, de dizer-me em vossa última carta coisas muito interessantes sobre as potências e a necessidade de classificá-las; mas, para classificá-las, seria necessário enumerá-las. Ora, isso para mim é um domínio inteiramente novo no qual não conheço ninguém. Assim, receberia com reconhecimento todos os ensinamentos que julgásseis adequados transmitir-me sobre tais assuntos. A observação sobre as visões surpreendeu-me sobretudo. Não duvido de que, na escola de que me fazeis menção, o mestre não tenha dado idéias suficientes para se discernirem as potências favoráveis daquelas que não o são. Imagino que haja manifestações exteriores e interiores e que em ambas podem as visões insinuar-se; assim é importante poder discerni-las são. Creio que o melhor remédio para nos pormos ao abrigo de qualquer influência desfavorável é a confiança total no amor e no poder do grande princípio, confiança diante da qual as visões desaparecerão como as sombras diante da aproximação do sol. A escola pela qual passastes durante vossa juventude lembra-me uma conversa que tive, há dois anos, com uma pessoa que vinha da Inglaterra e que tinha relações com um francês, Monsieur de Hauterive, que lá habitava. Esse Monsieur de Hauterive, de acordo com o que ela me disse, gozava do conhecimento físico da causa ativa e inteligente, que atingia depois de uma seqüência de diversas operações preparatórias, e isso durante os equinócios, mediante uma espécie de desorganização na qual via seu próprio corpo sem movimento, como que desligado da alma; mas que essa desorganização era perigosa por causa das visões que têm então mais poder sobre a alma assim separada de seu envoltório que lhe servia de escudo contra a ação delas. Poderíeis dizer-me, pelos preceitos de vosso antigo mestre, se os procedimentos de Monsieur de Hauterive são erro ou verdade? Outro fato é o da senhora marquesa de Lacroix, que deve ter apresentado manifestações. Disseram-me que elas lhe aconteciam mesmo em sociedade e que ela interrompia a conversa para escutar o que lhe era dito por amigos de outro círculo. Certamente já ouviste falar de Madame de Lacroix. Estava ela na ilusão ou na verdade?

Estou inteiramente de acordo convosco: “Como nosso ser é central, deve achar no centro em que

¹² O livro de I Reis, 19:11-12 fala de um forte vento, terremoto e fogo.

¹³ Fénelon foi seu preceptor

estão todos os socorros necessários à sua existência”. O alvo de nossos desejos é nos aproximarmos desse centro nesta vida mesma; entre esse centro e nós, há intermediários, obstáculos a vencer e socorros a receber. A voz íntima e secreta, certamente é essa a grande questão. Uma disposição que me parece propícia a isso é encarar as virtudes secundárias como agentes, e não como distribuidoras das graças, receber o que nos dão com reconhecimento pelo grande doador, mas dirigir nossa alma e nosso culto à fonte, ao próprio grande princípio.

Um dos grandes meios de reconciliação, segundo penso, que ele nos indica, é fazer-lhe a vontade. Ora, fazer-lhe a vontade é precisamente assimilar-se aos seus agentes, facilitando-lhes com isso as suas operações em nós. Quanto às manifestações, sejam interiores ou exteriores, considero-as como meios para aumentar a nossa fé, nossa esperança e nossa caridade, que são as vantagens de um preço inestimável; mas, ainda a respeito disso, entreguemo-nos à vontade suprema. Se ela julgar adequado abrir-nos os olhos, fá-lo-á; caso contrário, o caminho da fé sem uma luz distinta não pode desagradar ao grande princípio. Felizes daqueles que não viram e creram. Dizeis-me extremamente bem: “Depois que o nosso espírito conquistou, pela graça do alto, suas próprias medidas, de simples servidores que eram anteriormente, os elementos tornam-se seus súditos; e até mesmo seus escravos”. Nosso espírito conquista suas próprias medidas, o que me parece, quando não vivemos mais de nossa própria vida e o Verbo vive em nós em toda a sua plenitude, absorvendo todas as nossas faculdades, que nosso espírito se perde, por assim dizer, no seu.¹⁴ É o grau mais elevado atingido pelo homem a que podemos chamar *consumação em unidade*. Então não mais somos nós que agimos, mas é o Criador quem age por nós, quem comanda os elementos. Que esse estado apostólico se torne possível ainda em nosso tempo é coisa de que não duvido um só instante; não somente a razão, mas também a experiência no-lo prova. Citarei apenas um exemplo: Quando o padre Lacombe atravessava o lago de Genebra, ergueu-se uma tempestade tão violenta que os barqueiros não tinham esperança alguma. Então o padre Lacombe ordenou que as ondas se acalmassem, e ao mesmo tempo elas se acalmaram. Esse fato foi relatado por uma testemunha ocular, cuja probidade está acima de qualquer suspeita.¹⁵ Veja a vida de Madame G., que não está comigo agora, mas creio que se encontre no segundo volume.

Destes-me conhecimento de uma idéia muito interessante informando-me de que os agentes benfeitores se servem de uma luz deles mesmos para suas manifestações, luz que está oculta nos elementos. O pouco de conhecimentos físicos que tenho proporciona-me essa abertura que não se poderia desejar mais verossímil. Tende a bondade de indicar-me o tratado particular de Jacob Böhme onde se encontra tal asserção. Recebei meus agradecimentos mais sinceros pela indicação de suas obras. Mais acima eu vos indiquei que havia descoberto um volume in-quarto de suas obras, numa edição de 1675; mas no momento em que escrevo, acabo de receber ainda três volumes in-oitavo de uma bela edição de 1682. Transcreverei os títulos de cada tratado que possuo para que possais buscar referências neles para os esclarecimentos que julgardes adequado transmitir-me, e também, caso encontréis algumas linhas ou expressões que vos chamem a atenção, que eu vos possa, da melhor maneira possível, traduzi-las em francês, embora para bem traduzi-las seja difícil e talvez, em vários aspectos, acima de minhas forças.

Edição de 1675, publicada por Franckenberg

- I. Jacob Böhme Lebensbeschreibung. (Descrição da vida de Jacob Böhme)
- II. Weg zu Christo in sechs Büchern. (O caminho para Cristo em 6 livros)
- III. Pforte von göttlicher Beschauligkeit. Was Mysterium Magnum sey, etc. (A porta da contemplação. O que é o Mistério Magno, etc)
- IV. Trost-Schrift. Von der Vier complexionen.

¹⁴ Observação da tradução: Este trecho remete a São Paulo: “...logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim, e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no filho de Deus...” (Gálatas, 2:20). E em Atos: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”. (At 17:28).

¹⁵ Veja-se o ocorrido com Jesus. (Mateus, 8:23-27; Lucas, 8:22-25).

- V. Send-Brief: 1º Was ein Christ seye; 2º Von Tödtung des Anti-Christis in uns selbst.
 VI. Zwey von Chisti testamenten: 1º Von der Heil. Tauffe; 2º Von dem heil. Abendmahle.
 VII. Von sechs Puncten. Hohe und tieffe Gündung. Eine offene Pforte aller Heimlichkeiten des Lebens.
 VIII. Clavis oder Schlüssel etlicher wornehmen Puncten und Wörter, so in Allen des Authoris Bücheren zu finden.
 IX. Tabula principiorum, von Gott und von der grossen und kleinen Welt. (Vêm anexadas três tabulas.)
 X. Weissagungen as der glorwürdigen Jesu-Monarchie, aus L Böhmes Schriften gezogen von Kulman.
 XI. Beschreibung des dreyfachen Lebens des Menschen.
 XII. Dialog zwischen einer dürstenden Seelen nach der Quelle des Lebens und einer erleuchteten Seele. (Este último tratado parece ser de Franckenberg.)

Edição de 1682, da qual só tenho presentemente 3 volumes in-quarto.

- I. Von der Genade-Wahl, das ist: wie der Mensch zu göttlicher Erkenntnüss gelangen möege.
 II. Von den sechs Puncten.
 III. Die kleine Puncten.
 IV. Vom irdischer und himmlischen Mysterio, in 9 Texte.
 V. Betrachtung göttlicher Offenbarung in 177 Teosophischen Fragen vorgestellt.
 VI. De signatura rerum.
 VII. Clavis oder Schlüssel etlicher wornehmen Puncten und Wörter, so in Allen des Authoris Bücheren zu finden.
 VIII. Einige speziale claves velche J. B. senen vertrauten Freuden mitgeththeilet hat.
 IX. Tabula principiorum.
 X. Viertzig Fragen von der Seelen.
 XI. Vom Dreyfachem Leben des Menschen, (Muito mais extenso do que na edição de 1675.)
 XII. Teosophische Send-Briefe.
 XIII. Bedencken über Esaiae Stiefel Büchlein.
 XIV. Apologien wider Es: Stiefel, wider Balthasar Tilken, wider Gregorius Richter

O pouco que vi nessa obras me surpreendeu. Encontrei, sobre pontos diferentes, uma solidez e uma clareza notáveis; sobre outros assuntos, uma obscuridade que me teria detido imediatamente se não houvésseis encorajado. É verdade que Jacob Böhme é o homem mais espantoso de seu século. Falta-me ainda a 1ª *Aurora*, sua obra *Von den 3 Principien*, recomendada por Arnold como a verdadeira introdução às suas obras; — *Die 3 Bücher von der Mensch werdung Jesu-Christi*¹⁶. Encarreguei alguém na Alemanha para descobrir para mim. Hiel e Jane Leade, que tivestes a bondade de indicar-me, são dois novos conhecimentos pelos quais peço que aceiteis meus agradecimentos. Além disso, Arnold contém coisas muito notáveis em sua *História da Igreja e dos Hereges*; ele próprio era um homem muito interessante e instruído. Já li uma de suas obras com o título “O Mistério da Divina Sophia”, 1700, in-oitavo, que me parece ter saído de boa fonte. Sua *História da Igreja* é incomparavelmente mais fácil de ser compreendida por um estrangeiro do que os escritos de nosso amigo B. minha edição de sua *História da Igreja*, que adquiri por indicação vossa, é em 4 volumes, in-fólio, 1700. O quarto volume contém documentos e tratados seja por inteiro ou em citações. Nesse 4º tomo, seção 3, § 9, encontra-se um resumo de várias obras de *Hiel*, cujo nome verdadeiro é *Henri Janson*, nascido nos Países Baixos. Viveu por volta de 1550. Toda esta parte dos conhecimentos humanos é tão interessante que me proponho destinar-lhe todo o tempo que me for possível; e se não deixardes de me proporcionar vossas orientações, espero que, com a ajuda de Deus, isso não deixe de ter resultado. Vós aprovais a regra que creio ser a mais essencial para prosseguir na luz; é esta a porta estreita pela qual pouca gente passa. Madame Guyon chama o que se opõe a essa supressão de *propriété*, e nosso amigo B. da “Individualidade”. Peço-

¹⁶ Os Três Livros sobre a Encarnação de Jesus Cristo – Traduzido e publicado pela SCA.

vos observar que há semelhança entre essas duas terminologias sem que eles tenham sabido quem quer que coisa um do outro. Receberei com reconhecimento tudo o que quiserdes indicar-me sobre esses assuntos e os caminhos que a eles conduzem. Minha presente carta já está tão longa que deixarei as citações do Quadro Natural e minha segunda observação sobre a natureza elementar para outro correio. Hoje me entreguei ao prazer de conversar convosco. Não conheço outro maior, senão o de receber vossas cartas.

Dada a bondade com a qual entraís em cada detalhe que tomo a liberdade de vos propor, ousou esperar que nossa correspondência não termine tão cedo. Sinto-me feliz igualmente por acalantar com uma esperança bem doce, a esperança de que “o mesmo centro nos aproximará cada vez mais”, com a certeza de que as verdadeiras ligações e as únicas duráveis neste mundo, são aquelas que se fundam no amor do grande princípio, que adoramos a ambos.

P.S.: Tende a gentileza de endereçar vossas cartas a Morat. Permaneço aqui durante a primavera e o verão. E até o fim do outono, somente assuntos essenciais é que me farão deixar este local e isso nunca tomará mais do que por um pequeno intervalo de três ou quatro dias.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 6

Paris, 11 de Agosto de 1792

Só posso escrever-vos uma palavra, senhor, nas circunstâncias presentes que o rumor público certamente fará chegar ao vosso conhecimento.¹⁷ Encontro-me sem poder sair de Paris, tendo vindo aqui para prestar assistência a uma irmã que tenho e que aqui passava, e não sei quando sairei daqui nem se sairei. Preciso de todas as minhas faculdades para enfrentar à tempestade. Também não tenho tempo para responder à vossa carta de 25 de Julho, o que ficará para outra ocasião. Dir-vos-ei somente que conheci Monsieur de Hauterive e que fizemos um curso juntos. Também conheci Madame de Lacroix. Ambas são pessoas de grande mérito.

Quanto ao assunto da luz oculta nos elementos, lede a epístola de nº 47 de Böhme, 13, 16. Quando tiverdes os Três Princípios, lede o cap. 15, nº 48, 52 e caps. 10, 41.

Adeus, senhor, em outra ocasião falarei mais longamente sobre isso. Podeis, no entanto, escrever-me se tiverdes qualquer coisa a e comunicar, e receberei vossas cartas com prazer. Mas nelas falai apenas do nosso objeto.

SAINT-MARTIN

CARTA 7

Sábado, 25 de Agosto de 1792

A última carta que tivestes a bondade de enviar-me livrou-me de grande inquietação. Tende a certeza, senhor, de que senti todo o valor do momento em que a escrevestes. Eu estava pouco a pouco me acostumando a receber notícias vossas quase à mesma época, de modo que cada remessa de correio que não me trazia nada teria aumentado ao infinito a minha inquietação. Não tenho necessidade de dizer-vos, senhor, quantas preces fiz por vós e pelos vossos. Iniciarei a presente carta com uma segunda observação sobre a natureza elementar. Minha primeira observação exprimia uma lei que indica a junção de duas coisas separadas; a segunda parece-me ser o tipo da separação de duas coisas unidas. Quando queremos decompor uma substância cujas partes

¹⁷ Estamos em plena Revolução Francesa (1789-1795).

integrantes então em união íntima e em proporção completa, então essa união resiste a todos os meios analíticos usuais, parecendo uma exceção às leis conhecidas das afinidades. Em semelhante caso, não resta ao artista tomar outra atitude senão alterar as proporções dando preponderância prévia a uma de suas partes constituintes. Feita a alteração, são aplicadas as afinidades e executada a decomposição. Eis um exemplo: o vidro, como todos sabem, compõe-se de álcali fixo e de terra vitrificável. Embora o álcali tenha uma afinidade bem maior com os ácidos do que com a terra vitrificável, seria, no entanto, em vão que exporíamos o vidro à ação dos ácidos com a intenção de decompô-lo. Porque essas duas partes integrantes adquiriram, através da ação do fogo, uma proporção exata e uma ligação tão íntima que ele resiste a todos os meios ordinários. Para se conseguir êxito, é preciso alterar as proporções pulverizando-se o vidro, cozendo-o e macerando-o em óleo de tártaro. Pouco a pouco o álcali torna-se fosco com o vidro, então aproximamos os ácidos e a decomposição se faz porque a proporção original foi alterada. O ácido se apodera não somente do álcali adicionado, mais ainda daquele que se encontrava primitivamente no vidro, de modo que todas as partes salinas separam-se da terra que as mantinha como que acorrentadas. O meio, aliás, é assaz pouco conhecido e não há, talvez, quatro químicos franceses que tenham ouvido falar nesse assunto, pelo menos jamais encontrei qualquer vestígio a respeito disso. Deixo para vós a aplicação às verdades intelectuais e vossa explicação me dará grande prazer. Quanto às perguntas sobre o *Quadro Natural*, começo a perceber que ainda sou por demais ignorante para fazê-las, deixando a vossa bondade para outras ocasiões. Como ainda não recebi os *Três Princípios*, de nosso amigo B., não pude comparar as passagens sobre a luz oculta nos elementos, que tivestes a gentileza de me indicar. Mas, nessa ocasião, encontrei, epístola no 46 de B. 37, 38, um artigo que me parece muito importante: é uma espécie de eucaristia intelectual que me impressionou muito porque encontrei vestígios dela em outros locais. É a fome e a sede da alma que, havendo entrado na graça do reparador, e sendo por ele recebida, tornou-se *substancial*. B. chama a essa substância de *Sophia*, a sabedora essencial ou o corpo do reparador. Pordage, médico inglês e discípulo de B., cujas obras recebi acidentalmente quando indagava acerca das obras de nosso amigo, crê que essa sabedoria substancial é o precursor de Jesus Cristo na alma, uma virtude separada do ternário sagrado, que, no entanto, só age pela vontade desse sagrado ternário, e, em consequência, age somente por essa sabedoria. Essa sabedoria, diz Protage, não é um anjo, mas uma virtude Angélica, e ultrapassa todas as virtudes dos anjos e dos homens. É ela que destrói nossas impurezas, nossa vaidade nossa propriedade. É ela que nos regenera. Tem origem diretamente no princípio eterno. É o espírito reparador do qual nos fala São Paulo (Romanos, 8:9)¹⁸. Rogo-vos dizer-me o que pensais dessa passagem de B., epístola 46, §§ 37,38, edição de 1682.

Tivestes a bondade de dar-me esclarecimentos referentes a Monsieur de Hauterive e Madame de Lacroix que me deram grande prazer, porque, de acordo com opiniões recebidas, havia concebido uma alta estima por Madame de Lacroix.

A partir da minha carta de 25 de Julho tive uma grande satisfação. Recebi o *Ecce Homo*; ao lê-lo, agradei do fundo do coração à boa Providência por haver posto em vosso coração escrever-me, e gostaria de agradecer-vos em nome de meus irmãos aos homens, por lhes terem tão bem detalhado seu aviltamento e sua vergonha. De todo o mal que haveis falado sobre a espécie em geral, tomo de muito boa vontade o que me toca, achando que dissestes a verdade e toda a verdade. Permiti-me que vos peça esclarecimentos sobre algumas passagens: a facilidade que tendes para dizer muitas coisas com poucas palavras, unida ao vosso hábito de remissões, seja às vossas próprias obras, seja às de nosso amigo B., talvez tornem minhas perguntas menos indiscretas.

1ª: Qual é o sentido preciso em que tomais o termo *espírito* na acepção desta palavra, às pp. 54, 68, 78 e 79?

2ª: Quais são os escritores zelosos e veementes, p. 65?

¹⁸ “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”.

3ª: Quais são os juízes, p. 129, e como podemos tomar conhecimento de seus julgamentos?

4ª: Esta é a mais importante de todas as perguntas: Em que consiste nosso principal trabalho para nos reaproximarmos de Deus? Qual é o caminho que nos conduz aos deleites que podemos tirar de nosso próprio fundo e, de nossa parte, qual é a principal causa que nos torna tão fatigante esse caminho? Quais são as precauções para abrir em nós a via direta de nosso interior? Como podemos ler na nossa sublime fonte e como pôr em atividade e desenvolvimento os germes diversos que nos constituem? Em suma, em que podemos contribuir para que o dia comece a surgir e a estrela da manhã se erga no coração do homem? pp. 20, 61, 109, 110, 154.

5ª: Como o conhecimento íntimo e perfeito do “*desnudamento espiritual*” é da mais absoluta importância, ousou perguntar-vos em que sentido exato tomais esse termo. A isso se junta a questão subsequente: podemos desnudar-nos por nós mesmos? p. 56.

6ª: Para nos despojarmos, é suficiente ter o sentimento salutar de nosso lamentável estado? O homem não pode ter o sentimento de seus defeitos sem que possa livrar-se dele? Não pode perceber que é vazio e cheio de si e que sempre como tal permanece? p. 110.

7ª: Supondo que a pessoa que me falou sobre o procedimento de Monsieur de Hauterive haja dito a verdade, esse procedimento pelo qual Monsieur de Hauterive se despoja de seu envoltório corporal para gozar da presença física da causa ativa e inteligente não seja uma obra figurativa que indica a necessidade de um despojamento interior para chegar um dia à presença da palavra inata em nosso centro?

Aqui estão, certamente, perguntas bem importantes que vos rogo perdoar por causa de meu desejo de me instruir. Presumo que várias dessas perguntas serão tratadas em *O Novo Homem*. Peço que me informeis as adjunções ou as mudanças referentes a essas perguntas que teríeis desejado fazer depois da leitura das obras de nosso amigo B.

Ouso ter a esperança de que jamais deixareis extinguir-se o interesse que tomais por meu adiantamento e que estareis, a vida toda, certo de meus sentimentos de respeito e reconhecimento.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 8

25 de Agosto de 1792

Quando de meu último bilhete, senhor, não me foi nada possível escrever-vos mais longamente. As ruas que cercam o hotel em que me hospedo eram um campo de batalha; o próprio hotel era um hospital para o qual eram trazidos os feridos e, além disso, estava ameaçado de ser invadido e pilhado a qualquer momento. No meio de tudo isso, era preciso que eu fosse, com risco de vida, ver minha irmã e cuidar dela, a uma meia légua do lugar onde moro. Felizmente a Providência me susteve de maneira forte em todo esse caos. Há alguns dias, saí para retornar ao campo, de onde é com verdadeiro prazer que retomo nossa correspondência.

Não vos surpreendais, senhor, com as semelhanças que percebeis entre minhas idéias e as de Madame G., e até mesmo entre as dela e as de nosso amigo B. A verdade é uma só, sua língua também é uma só, e todos os que marcham nesta carreira dizem a mesma coisa sem se conhecerem e sem se verem, embora, uns digam coisas maiores ou menores coisas do que os outros, segundo o caminho maior ou menor que percorreram. Tomai como exemplo as nossas Sagradas Escrituras. Vemos nelas, por toda parte, a mesma idéia e a mesma doutrina, apesar da diversidade dos tempos e

lugares onde viveram os autores sagrados. Posso garantir que eu, indigno, inseri em minhas obras grande número de germes cujos desenvolvimentos eu mesmo não conhecia e dos quais, todavia, sentia a verdade; esses mesmo germes encontro-os eu todos os dias em plena relação em meu caro B., o que me cumula de alegria: 1º, por causa da semelhança; 2º, porque isso me proporciona fazer prazerosas colheitas que eu jamais poderia ter feito sem ela. Há cinco ou seis anos que recebi de maneira bem natural em minhas especulações uma abertura sobre a geometria e os números, o que me causou um transporte do mais vivo êxtase. Muito bem! Um ano depois, descobri esse raio de luz esboçado ao longo das tradições chinesas relatadas nas cartas edificantes de nossos missionários. Isso fora escrito há quatro mil anos e a quatro mil léguas longe de mim, relação que não fez mais do que decuplicar meu êxtase, em vez de humilhar-me, pois a primeira coisa que havia a saber é que nada podemos inventar e que tudo recebemos. Creio, como vós, que as diferentes obras das quais me falais podem ser uma excelente introdução. Mas as introduções verbais das pessoas experientes pareciam-me ser ainda mais proveitosas do que os livros, a menos que eles sejam da ordem dos de meu amigo B.; ainda assim eu preferiria escutá-lo a lê-lo. Estou em uma casa onde Madame G. está muito em voga. Deram-me a ler algum texto de sua autoria. Nessa leitura percebi como a inspiração feminina é frágil e vaga se comparada à inspiração masculina, tal como a de J. B. Em uma, encontro hesitações, moral e misticismo em lugar de luzes; algumas interpretações felizes, mas muitas outras que são forçadas, enfim, mais afeto e sentimentos do que demonstrações e provas, medida que serve à verdadeira instrução daquele que a busca. Em outra, encontro um equilíbrio de uma solidez inabalável; encontro-lhe uma profundidade, uma elevação, uma substância tão plena e constante que, confesso-vos, creria estar perdendo tempo se buscasse em outro lugar. Assim, abandonei as outras leituras. Entretanto, deixo-as às pessoas da casa que delas se ocupam, escondendo-lhes mesmo meu autor predileto, porque elas não seriam capazes de segui-lo e porque, além disso, eu teria trabalho demais em traduzi-lo.

Se a enumeração das potências e a necessidade de classificar é para vós um domínio novo, o amigo B. vos será de grande ajuda nesses assuntos, e não duvido nada de que, se continuastes a lê-lo, já tenhais dados alguns passos a respeito disso desde a vossa última carta. A Escola pela qual passei deu-nos também uma boa nomenclatura nesse gênero. A de B. é mais substancial do que a nossa e conduz mais diretamente ao alvo essencial; a nossa é mais brilhante e mais detalhada, mas não a considero tão proveitosa, tanto mais que ela é somente, por assim dizer, a língua do país que é preciso conquistar, e falar línguas não deve ser o objeto dos guerreiros, mas na verdade submeter as nações rebeldes. Por fim, a de B. é mais divina, a nossa é mais espiritual; a de B. pode e deve tudo fazer por nós, se soubermos com ela nos identificar, a nossa exige uma operação prática e operativa que lhe rende frutos mais incertos e talvez menos duráveis; ou seja: que a nossa está voltada para operações nas quais nosso Mestre era competente, ao passo que as de B. estão inteiramente voltadas para a plenitude da ação divina, que em nós deve ocupar o lugar de tudo; e é sob esse aspecto que ela arrasta todas as faculdades de meu ser, nunca havendo eu sentido grande gosto nem grande talento para as operações. Monsieur de Hauterive, que teve o mesmo mestre que eu, entregou-se mais do que eu a essa parte operativa e, embora tenha colhido dela mais frutos do que muitos de nós, confesso-vos, no entanto, que nunca vi frutos de sua autoria que me tenham levado a mudar de idéia. A meus olhos, ele possui muitos outros méritos. Madame de Lacroix é também uma pessoa muito recomendada e tida por muita gente como detentora de dons espirituais eficazes. Tentou exercê-los diante de mim, mas de sua parte tive somente provas negativas. Porém, senhor, o capítulo das comunicações livres não é uma coisa suficientemente rara para não abrir todas as probabilidades sobre as comunicações forçadas pelas operações. O mundo está cheio dessas duas ordens de fatos e não duvido de que Madame de Lacroix não as tenha podido ter como tantas outras pessoas. Mas seria uma imprudência tola de minha parte tentar discernir todos esses fatos estranhos a mim. Independentemente das inúmeras dificuldades que neles seriam encontradas, somente as que nos são próprias e pessoais é que nos realmente importam, e creio já vos haver dito que nesse gênero a luz deve acompanhar-nos em todos os passos se soubermos, por nossa humilde e atenta simplicidade, ser fiéis aos nossos progressos se não dermos passadas grandes demais. Quanto à persuasão da existência de todas essas coisas, ela se baseia na persuasão de nossa natureza espiritual

e de todos os direitos e relações que esse título de Espírito estabeleceu em nós e ao nosso redor. Tendo uma vez sentido a nossa alma, não podemos ter qualquer dúvida sobre todas essas possibilidades e é nas provas desse divino caráter de nosso ser que a Escola pela qual passei era preciosa, porque oferecia-nos as demonstrações mais convincentes. Mas como já ultrapassastes essas dificuldades que detêm a tantos, segui o movimento de vossa fé; dirigi, como costumais fazer, vossa alma e vosso culto à fonte e ao próprio grande princípio; ele não vos dará serpentes quando lhe pedirdes pão¹⁹, e podereis comer em paz e com confiança o alimento que ele vos der. Todos os fatos e todas as maravilhas parecer-vos-ão simples, porque isso não será para vós mais do que uma seqüência na natureza de nosso ser, do qual somos uma digressão, e porque a mão divina só podia restabelecer através do órgão do Reparador, profundezas sobre as quais eu estaria apenas balbuciando em comparação com nosso amigo B., ao qual vos remeto.

Dizeis-me, senhor, que Arnold é mais fácil de entendido do que B., mas eu nem seria capaz de fazer essa comparação aqui. Tentei-o em Estrasburgo e via que B. me embaraçava com menos freqüência. Isso advém, talvez, do fato de que, tratando sempre o mesmo objeto, ele fica circunscrito a um certo número de palavras, ao passo que Arnold é mais variado e emprega mais palavras diversas. Quando possuídes a obra dos *Três Princípios* de Böhme, eu vos ficarei grato se me disserdes o que significa o vocábulo *Rähs*, que encontro no cap. 25, n° 27, sexta linha. Em inglês traduz-se como *predominante*, mas não sei se o vocábulo alemão quer dizer alguma coisa mais.

Tenho apenas um pobre dicionário alemão que não traz o vocábulo *Rähs*. Quanto ao vocábulo *Selbheit*, que Madame G. traduz como *propriedade*, ele traduz perfeitamente, nas duas línguas, os obstáculos que nós mesmos colocamos ao nosso progresso. Mas penso, nesse ponto, que Madame G. tendia a uma posição que me parecia excessiva (talvez por não ser digno de compreendê-la). O amigo B. torna-me a coisa simples e sensível mostrando-me todas as cadeias sobre nós colocadas por aquele que ele chama de espírito deste mundo. Eis a verdadeira morte que é preciso sofrer, a verdadeira *propriedade* (autopropriedade) que é preciso expulsar de nós. Mas quando a propriedade divina se digna substituí-la em nós, é-nos permitido conservá-la com grande cuidado, e é sobre isso que não acho Madame G. nem clara nem equilibrada. A via das operações parciais e espirituais está muito próxima do espírito deste mundo, e sobretudo da região astral onde ele tem sua morada e que é quase universalmente empregada pelas operações, sem excetuar o mestre que tive e os discípulos que seguiram essa via operativa. Ela é, por isso, mui suscetível de aumenta em nós essas *propriedades* das quais devemos defender-nos, vistas as vantagens e os prazeres que nos proporciona. Também estou certo de que é esta a principal das *Selbheit* contra a qual devemos estar em guarda, um sentido que eu jamais teria compreendido sem as aberturas do amigo B. Adeus, senhor, recomendo-me às vossas preces. Se encontráis, como dizeis, algum bom sentimento em nossas relações, quanto a mim posso garantir-vos que o encontro bastante, e espero que isso aumente para nós dois, graças ao alimento que ambos nos propusemos tomar. Ouso até mesmo ter a certeza antecipada do direito à vossa amizade por causa dos bens que para vós fui capaz de conseguir na leitura em questão.

No meu bilhete eu vos rogava me falardes apenas desse assunto porque em Paris as cartas estavam sendo abertas e eu não gostaria de perder as vossas se quisésseis falar de outra coisa. Porém, confesso-vos que, excetuando-se o meu assunto, além do meu assunto, envolvo-me muito pouco com o resto. pois não passo de cidadão, De agora em diante, peço-vos suprimir o título e até mesmo o nome de minha anfitriã nos endereços, e não me envieis mais cartas a Paris até novo aviso. Este é o meu endereço no momento: *Castelo de Petit-Bourg, près de Ris, em Ris, estrada de*

¹⁹ Referência a Mateus, 7:9-10: “Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra. Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra”. — Imagem tirada do Sermão da Montanha. E Lucas 11:11-12: “Qual entre vós é o pai que, se o filho lhe pedir (pão, lhe dará uma pedra, ou se pedir) um peixe, lhe dará em lugar de peixe um cobra. Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião”. (Algumas traduções trazem *serpente* em vez de cobra.)

CARTA 9

7 de Setembro de 1792

Vi com grande satisfação, senhor, pela vossa carta de 25 de Agosto, que, no mesmo dia em que eu pensava em vós, pensáveis em mim. Se por acaso não recebestes minha carta, escrita nesse mesmo dia 25 de Agosto, tende a bondade de informar-me. De qualquer forma, o mal não será muito grande nem difícil de reparar. As mesmas razões que causaram embaraços também me impuseram obstáculos que me impediram de ler nosso amigo B. Não obstante, de maneira bem completa, o pouco que li dele confirma o vosso julgamento sobre ele e a comparação que fazeis entre seus escritos e os de Madame Guyon. Nele encontro uma precisão, uma firmeza e uma solidez inabaláveis. Adoto, como vedes, o vosso julgamento, todo o vosso julgamento, e nada mais que o vosso julgamento. Sem a luz do alto, esse homem, desprovido de instrução e de estudos, seria incompreensível. Ignoro se a vida de nosso amigo é relatada na edição que possuí; se ela aí não se encontra, eu vos informarei sobre as principais épocas e minha afirmação sobre seus talentos inconcebíveis tornar-se-vos-á lúcida. Presumistes muito bem as perguntas que tentei fazer-vos sobre o *Quadro Natural*; mas como sou obrigado a concentrar minhas faculdades em um único ponto, somente no único necessário, no grande mistério que São Paulo confiou ao Colossenses, cap. 1, versículo 26²⁰, reservo minhas perguntas para uma outra ocasião. Enquanto espero, sou realmente grato para convosco pelos esclarecimentos sobre vossas duas nomenclaturas e prevejo que terei bastantes perguntas a fazer-vos sobre a nomenclatura de nosso amigo quando posto em paralelo com as vossas.

Creio nas comunicações livres, mas meu gosto não pode estar mais distante daquilo que se refere às comunicações forçadas, isto é: às que não são uma seqüência natural e espontânea do estado de nossa alma quando atingiu os graus superiores. E depois, quando sentimos muita sede da fonte, nem pensamos em nos determos nos caminhos agradáveis que parecem conduzir a ela, sem falar dos perigos para o nosso pobre ser interior que podem acompanhar esses tipos de comunicações, perigos que muito bem descrevestes em *Ecce Homo*, p. 24. Uma obra talvez interessante de se compor, e à qual se pudesse dar um cunho histórico para ser lida com avidez por todos os homens de desejo, seria a vida de um amigo da verdade, que faríamos passar pelo labirinto de todos os erros modernos que dizem respeito à falsa maçonaria e à incredulidade, antes de fazê-lo conhecer um eleito respeitável que o conduzisse no bom caminho. Poríamos na boca desse eleito a quintessência de vossas obras e das de nosso amigo B., que, entre os homens de letras e os homens do mundo, são atualmente tão pouco conhecidas como e ele as houvesse escrito nos confins da Arábia há 4000 anos. Os barões de Homed, os Schroeffer, os Gregomas, os Gabrielis, os Sarpelli, os Cagliostro, e como se chamam todos esses prestidigitadores, serviriam de enchimento à falsa maçonaria; os Nicolai, os Biester, os Gedicke, os Voltaire e os Boulanger às falsas idéias religiosas e filosóficas, e conduziríamos nosso biógrafo até que a sede e a fome da verdade houvessem assumido maior proporção no seu espírito. Então o eleito lhe indicaria a estrada do *centro*, sem qualquer desvio e com todas as suas vantagens. Com isso seria colocado, nas mãos de muitas pessoas que não abordam com facilidade as obras teosóficas, um livro essencial. Certamente é uma idéia que poderá sofrer muitas modificações, de acordo com o alvo proposto. Graças a cuidados, e negociações mesmo, cheguei, não a possuir, mas a tomar emprestado o volume do nosso amigo B., que contém os *Três Princípios*. Apenas nas casas dos pastores do Alpes é que se encontram suas obras. A princípio, procurei no cap. 23, n° 27, ao vocábulo *rähs*. O escritor inglês que a traduziu como *predominante* confundiu o gênero com a espécie. Todo o que é *rähs*, ou *räss*, conforme escrevemos, é *predominante*; mas nem tudo o que é *predominante* é *räss*. O sentido próprio e primitivo desse

²⁰ “O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos”.

vocábulo significa um pouco mais do que salgado, aproximando-se de *schärfe* que, para os objetos que afetam o sentido do gosto, quer dizer *âcre*²¹; no sentido figurado diríamos “uma mulher rabugenta”. Parece-me que nosso amigo o adota num sentido figurado que se aproxima do de cáustico (*ätzend*). O vocábulo *ätzend* é empregado para a sensação produzida pela cristalização da prata no espírito de nitro sobre a pele, despojada pela fusão de toda sua água de cristalização, a que chamamos de pedra infernal. *Räss* é empregado muito pouco no estilo moderno, mas em nossa terra, afastados do centro da Alemanha, temos conservado uma grande quantidade de vocábulos antigos, e *rähs* é muito usado entre nós. Se alguma palavra vos causar dificuldades, dizei-me quais são que tentarei explicá-las. Em lugar de vocábulos, vós me explicareis as coisas; então eu farei a mesma troca feita outrora pelos europeus com os habitantes do novo mundo: em troca de lingotes de ouro, davam-lhes pregos de ferro.

Já que ficarei um pouco menos ignorante, eu vos pediria que me falásseis de vossa descoberta sobre os números que posteriormente encontrastes nas “Cartas Edificantes”. Vossa observação sobre Madame G., no tocante à sua expressão de propriedade, é importante. Ela não teve o cuidado de tornar essa idéia principal luminosa o suficiente para seus leitores, mediante o quê é provável que tenha ficado sem produzir frutos em muitos deles. Nesse sentido, parece-me que jamais podemos ter luzes em demasia. Quando, em minha carta de 25 de Julho, fiz menção a luzes distintas que não me pareciam essenciais à nossa obra, eu falava das manifestações, das visões físicas, das comunicações que incidem sob o sentido exterior, e acho, assim como vós, que Madame G. não é bastante clara nem bastante segura sobre a propriedade que é preciso conservar e sobre aquela da qual é preciso defender-se.

Remissões ao nosso amigo B. e explicações sobre o espírito do mundo e sobre a região astral ser-me-ão muito preciosas. Conheço o nome de uma obra francesa que fala muito do espírito astral, sem que eu jamais tenha conseguido descobrir de onde foi que o autor, que não conhece alemão, tirou esse espírito astral. Parece que muita gente, em quase todos os países, ocupa-se de idéias semelhantes. Não somente mereceis, senhor, o direito à minha amizade, mais também o direito ao meu reconhecimento. Ambos os sentimentos estão em mim, não é preciso afirmá-lo, muito vivos e sinceros. Devo-vos mais do que poderia dizer e rogo todos os dias ao nosso grande Benfeitor que vos recompense por tudo. Estou suprimindo de minha carta o título de vossa anfitriã, assim como seu nome, mas permiti-me dizer-vos que tenho dela uma opinião muito elevada. É bem raro haver pessoas de sua idade e posição que levem tão a sério as ocupações.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 10

Petit-Bourg, 6 de Setembro de 1792

Talvez estejais aguardando uma segunda carta minha, senhor, antes de me escreverdes, e por isso retomo a pena para responder à vossa de 25 de Agosto.

Nada mais correto do que a vossa observação química sobre a alteração das proporções. É por essa lei que a natureza caminha universalmente, tanto a organizada quanto a não organizada. Não duvidamos de que o espiritual seja dirigido pela mesma lei. Podemos fazer essa experiência em nós mesmos, seja para melhorar nossas afeições morais, seja para esparzir nossas luzes. Em ambas as classes, é preciso que afastemos os objetos contrários e que fortaleçamos, pela aproximação dos objetos favoráveis e análogos ao nosso desígnio, as nossas faculdades que se encontram entravadas em obstáculos e obscuridades. O amigo B. vos dirá muito sobre isso quando vos falar de vossa regeneração e da encarnação do Salvador, que a ele posso confiar sem receio.

²¹ Acre, áspero.

Li a passagem dele que me citastes: Ep. 46, §§ 37 e 38. Quando houverdes lido os *Três Princípios*, encontrareis muitas outras maravilhas sobre esse assunto; vereis com bastante clareza aquilo que se chama sabedoria, ou *Sophia*, e não tereis a mesma opinião de Pordage, que diz ser ela o precursor de Jesus Cristo na alma, uma vez que eles só podem vir juntos, visto ser nela que ele está envolvido para incorporar-se no elemento puro e de lá descer à região dos elementos mistos e corruptíveis ou ao seio de Maria, para em seguida, através da morte que todos trazemos em nós, arrebatá-la consigo a alma humana purificada e regenerada em sua vida divina. Mas concordareis com Pordage quando representa essa sabedoria como sendo não um anjo, mas uma virtude angelical, superior a todos os espíritos dos anjos e dos homens. Assim, não posso considerá-la como o espírito do Reparador do qual fala Paulo em Romanos, cap. 8, versículo 9²², pois esse espírito de Reparador é Deus, assim como o próprio Reparador. Enfim, ele é a luz divina que ilumina todas as maravilhas da imensidão divina, ao passo que sabedoria não é mais do que o vapor ou o reflexo dele. Ela deixa passar através de si todas essas maravilhas e é propriamente a preservadora de todas as formas dos espíritos, assim como o ar é o preservador de todas as formas materiais. Ela habita sempre com Deus e, quando a possuímos, ou antes, quando ela nos possui, Deus também nos possui, já que os dois são inseparáveis em sua união, embora distintos em seus caracteres. Vamos a *Ecce Homo*. p. 54: “*Neste espírito*” quer dizer: “*neste sentido ou nesta intenção*”.

P. 68: “O testemunho de *Espírito*” significa aqui os espíritos particulares, anjos ou homens, já admitidos às regiões da outra vida.

P. 78, Id. P. 79, Id.

P. 65: *Escritores Zelosos*. Tenho em vista Monsieur Dutoit²³ em sua obra “Abuso e origem da razão das religiões e das superstições”, título que traduzo talvez mal, mas que basta para vos pôr no caminho. Essa obra me surpreendeu em alguns pontos, mas não me convenceu de tudo, longe disso, sem falar da dureza de seu estilo. P. 129. Os *juízes* serão a própria justiça divina, como anunciado pelo Evangelho, quando do juízo final; e os *juízos*, não duvidemos de que não sejam bastante claros para os entendermos quando nos forem pronunciados, uma vez que serão as nossas próprias obras que farão as vezes de ouvidos.

Pp. 20, 61, 109, 110, 154: sobre o trabalho interior e os meios de despojamento e avanço. Em vão eu escreveria volumes para tornar mais claras estas coisas, uma vez que elas só podem ser esclarecidas na atividade do desejo e na experiência de nossos progressos pessoais. Já vos disse o bastante em minhas cartas anteriores para ter que precise voltar a elas. Além do mais, o amigo B. vos ajudará tanto nisso que posso confiar nele.

P. 56: O *desnudamento espiritual* é o sentimento vivo de nossa privação divina neste mundo, operação que se combina, 1º: com o desejo sincero de nos encontrarmos em nossa pátria; 2º: com os reflexos interiores que algumas vezes o sol divino tem a bondade de nos enviar até o centro de nossa alma; 3º: com a dor que experimentamos quando, depois de haver sentido alguns desses diversos reflexos tão consoladores, tornamos a cair na região de trevas para nela continuarmos nossa expiação. Assim, não pretendo dizer que nós mesmos podemos dar-nos essa vantajosa afeição, mas podemos pedi-la por nossa conduta e nossos desejos, e tudo o que Deus quer é fazê-la chegar às nossas almas.

P. 110: perguntais-me se não é possível que o homem tenha a consciência de seus defeitos sem poder livrar-se deles. Certamente, se ele não continuar a pedir socorro; mas a mesma mão que lhe enviar a consciência de sua miséria também poderá, se ele lha implorar, administrar-lhe os remédios

²² “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”.

²³ Dutoit, Jean-Philippe (1721-1793). Adepto do quietismo. Grande admirador de Mme de Guyion, publicou uma edição completa de seus escritos.

curativos. Vossa 7ª pergunta, sobre Monsieur de Hauterive, força-me a dizer-vos que existe algo de exagerado nas narrativas que ele vos fez. Ele não se despe do envoltório corporal: todos aqueles que, como ele, gozaram, para mais ou para menos, dos favores que vos relataram sobre ele, também não saíram desse envoltório. A alma deixa o corpo somente na morte, mas, durante a vida, a faculdades podem estender-se para fora da pessoa e comunicar-se com seus correspondentes externos sem deixarem de permanecer unidas ao centro, assim como nossos olhos físicos e todos os nossos órgãos correspondem a todos os objetos que nos cercam, sem deixarem de permanecer ligados ao seu princípio animal, foco de todas as operações físicas. Não é menos verdade que se as experiências de Monsieur de Hauterive forem de ordem secundária, só são figurativas com relação à grande obra interior de que falamos; e se forem da classe superior, são a própria grande obra. Ora, isso é uma questão que eu não resolveria, ainda mais que ela de nada vos adiantaria. Creio prestar-vos mais serviço dirigindo vossa atenção aos princípios do que querendo deter-vos nos detalhes dos feitos de outrem.

Quanto ao “*Novo Homem*”, rogo-vos perdoar-me se eu não puder fazer o trabalho que me pedis nem vos comunicar os acréscimos ou alterações que creio lhes possam ser feitas desde que li B. Vós mesmo fareis essa tarefa com facilidade à medida que avançardes em nosso caro B., que não devemos esperar conhecer em pouco tempo e após uma leitura ligeira. Para mim, o trabalho que me propondes está acima de minhas forças. Já permaneci por assaz longo tempo em meu escritório; não devo mais me aprofundar nesse tipo de preocupação e de agora em diante só gostaria de escrever sobre minha *substância*. Assim, com relação às obras, deixo hoje descansar a pena. Além do mais, a obra em questão é mais uma exortação e um sermão do que um ensino, embora aqui e ali haja algo a considerar. Escrevi-o por solicitação de alguém que queria que eu escrevesse nesse gênero exortativo. Fiz o trabalho às pressas, que foi impresso a partir do rascunho, e regojizo-me por me haver livrado dele. Devia estar acabado, mas as ocupações com meu país me fazem parar com tudo; assim, não sei quando o vereis.

Adeus, senhor, felicito-vos por habitar em lugares onde reina o repouso político. Embora comigo ocorra justamente o contrário, submeto-me, procurando louvar a Deus por tudo o que ele me envia, seja satisfação ou contrariedades. Não lhe peço senão a graça de fazer de ambas um emprego mais justo e mais salutar para meu progresso.

SAINT-MARTIN

CARTA 11

Amboise, 28 de Setembro de 1792

Mais um novo endereço, senhor. Depois de minha carta de princípio de Setembro, na qual eu vos falava da vossa de 25 de Agosto, fui chamado por meu pai à minha terra natal e não sei por quanto tempo ficarei lá. Estou passando por uma privação quase absoluta, mas o amigo B. e as nossas Sagradas Escrituras são o meu consolo e o meu sustentáculo. A idade de meu pai não mais permitirá que eu me separe dele. Nossos acontecimentos políticos não dão muita vontade de sair daqui e voltar para a capital a qualquer momento. Assim, senhor, dirigi vossas cartas de agora em diante a Amboise, departamento do Indre-et-Loire, tendo a precaução de acrescentar ao meu nome a palavra *filho*, para que vossas cartas não caiam nas mãos de meu pai. É uma graça da Providência o haver-me feito conhecer B. antes de ser confinado no exílio em que hoje me encontro. Sem isso, eu só poderia esperar para mim a ruína espiritual num lugar pequeno como esse, em que os espíritos estão a mil léguas daquilo que nos ocupa.

Agradeço-vos a oferta que me fizestes em vossa carta de 8 de Setembro, com relação às diversas épocas da vida de B. Isso pode ser encontrado na edição que possuo, que é a de 1682. Tendes razão em insistir no mistério confiado aos Colossenses, cap. 1:26. É esse o *unum necessarium*. Quanto à

obra que sugeris para facilitar aos olhos do mundo a idéia da verdade, creio-a útil e me parece concebida de maneira sábia. Mas não estou em posição favorável para empreendê-la e, se usasse o pouco de forças que me restam nesse gênero, emprega-las-ia em outra coisa, seja para produzir algo de novo, como o que se encontra em germe nas anotações diárias que tenho o costume de coletar desde que aprendi a pensar, seja para traduzir em minha língua algumas obras de B., desconhecidas em minha nação. Mas em nada me preocupo a respeito de tudo isso. Por um lado, espero que os movimentos sejam mais determinados para eu me entregar as minhas produções pessoais; por outro, espero ter lido B. por inteiro para tornar-me mais familiarizado com sua doutrina.

Estou deveras satisfeito com a explicação que me destes do vocábulo *rähs*. Eu não estava errado em desconfiar do meu inglês; ele me falha em muitas outras ocasiões e parece que o tradutor seguiu um outro texto diferente do que possuo, pois na tradução há frases inteiras no passado e, além disso, a divisão dos números é totalmente diferente; é o que me faz preferir o alemão. Tenho um pouco mais de trabalho por não contar com o auxílio de ninguém, mas, pouco a pouco, habituar-me-ei a ele. A descoberta sobre os números, da qual falastes, exigiria explicações verbais preliminares e as cartas dificilmente preencheriam nosso objeto.

Julgai por vós mesmo os elementos em que essa descoberta se baseia. São eles: 1º: nossa doutrina particular sobre as causas finais da existência dos seres; 2º: essa mesma doutrina demonstrada pela ciência dos números; 3º: o conhecimento pelo menos dos primeiros princípios da geometria elementar; 4º: o conhecimento mais amplo e mais aprofundado da geometria espiritual. Eis os ingredientes que entram no desenvolvimento que recebi. Sabeis que Pitágoras mandou imolar cem bois por haver descoberto a hipotenusa; afaço-vos, senhor, que se deveriam imolar mais de mil se ele houvesse tirado dessa hipotenusa tudo o que ela já me deu. Mas deixemos isso para os tempos futuros. As montanhas não se encontram, mas os homens não são montanhas e talvez um dia a estrela da paz e da liberdade se eleve sobre minha pátria e minha existência. Então não vos digo o que farei, mas meu coração o sabe e podeis confiar nele.

Não conheço a obra francesa que, segundo vós, fala muito do espírito astral, a menos que seja a de Monsieur Dutoit, da qual vos falei em última carta enviada do Petit-Bourg. Sei, realmente, que em quase todos os países muita gente se ocupa com semelhantes idéias. Há certamente uma fermentação espiritual da qual deve resultar uma explosão, mas qual será. É o que ignoro. Para esse espírito astral, não tenho necessidade de dar-vos referências do nosso amigo B.: vós o estareis sempre encontrando. Além disso, tomai o Segundo Índice, que está no fim do décimo volume da edição de 1682. Procurai aí Espírito, Estrelas, Selo, etc., e cada um deles vos remeterá à passagem do autor que desejardes e que vos satisfará.

Tendes razão, senhor, de haverdes formado uma boa opinião sobre a anfitriã²⁴ que acabo de deixar. Não se pode elevar a maior grau as virtudes da piedade e o desejo por tudo o que é bem. Ela é verdadeiramente um modelo, sobretudo para uma pessoa de sua posição. Apesar disso, acreditei que nosso amigo B. fosse um alimento por demais forte para seu espírito, sobretudo por causa do pendor que ela tem por tudo o que é maravilhoso na ordem inferior, como os sonâmbulos²⁵ e os profetas do momento. Assim, deixei-a como está, depois de haver feito tudo o que acreditei ser de meu dever para adverti-la, pois o *Ecce Homo* foi um pouco dirigido a ela, assim como a algumas outras pessoas entregues ao mesmo exercício. Adeus, senhor, agradeço-vos pelas preces dirigidas por minha causa ao grande Remunerador. Retribuo-vos com a mesma sinceridade.

Ainda não vos perguntei quais são as pessoas a quem devo esse presente que é a vossa correspondência. Muito gostaria de saber como se deu o fato de nos encontrarmos.

SAINT-MARTIN

²⁴ Duquesa de Bourbon.

²⁵ Médiuns que entram em transe.

CARTA 12

Terça-feira, 16 de Outubro de 1792

Vossas duas cartas, uma do dia 6 e a outra do dia 28 de Setembro, chegaram bem às minhas mãos e recebi-as com o mesmo prazer que acompanha sempre a recepção das vossas. Eu já teria respondido à primeira se não estivesse tão mergulhado numa quantidade enorme de assuntos causados por vossa nação e isso, como prefiro acreditar, unicamente por causa de mal-entendidos. Se de uma vez para sempre vosso governo se convencer de que os suíços são bem pouco inclinados a fazer uma incursão na França como na China, e que tudo o que se comenta sobre uma coalizão com as potências são calúnias atrozes — pois disso posso falar-vos com conhecimento de causa — suponho que então nos deixariam, a nós e a nossos aliados, em paz. Queremos a neutralidade, toda a neutralidade e nada mais do que a neutralidade. Mas a Suíça inteira está de pé para defender-se até o último dos homens se quiserem tocar em nós ou em nossos aliados. A Providência traçou-nos limites, que são intransponíveis se nos quiserem expulsar deles; além do que, não vejo o que a França ganharia tornando-se um inimigo a mais. Perdoai-me esta explosão política; eu estava com o espírito cheio dela, era necessário aliviar-me.

Em vossa primeira carta deixaste-me entrever uma idéia muito apropriada para diminuir minhas preocupações, uma esperança lisonjeira para o porvir, pois nesse momento, nenhum francês, de que partido seja, e mesmo que não seja de partido algum, poderia encontrar satisfação no nosso país. Mas, se prouver a Deus, essas nuvens políticas dissipar-se-ão, permitindo que nos entreguemos tranqüilamente às doçuras do estudo e aos encantos da amizade. Este momento, em que fazeis esperar com que eu tenha, talvez, a felicidade de vos ver, será um dos mais felizes de minha vida. Agradeço-vos pelos esclarecimentos sobre *Ecce Homo*. Conheço a obra de Monsieur Dutoit e formei sobre ela o mesmo julgamento que vós. Quanto ao artigo de Monsieur de Hauterive, ele ainda é bem de acordo com as minhas idéias. A separação da alma e do corpo certamente não é real; a idéia que tenho dela é como um sonho no qual podemos muito bem ver nosso próprio corpo sem movimento. Dizeis-me que, caso os feitos de Monsieur de Hauterive sejam da classe superior, eles são a própria grande obra. Eis aí, talvez, uma verdade bem grande, é a te...²⁶ dos antigos, e semelhante fato bem averiguado equivale a um princípio. Se puderdes fazê-lo sem indiscrição, dissei-me se conheceis, com certeza total, alguém que tenha atingido a esse grau. Ao lado disso, certamente os princípios serão mais instrutivos para mim do que as façanhas dos outros. Vós me felicitais por habitar em lugares onde reina a paz política. Neste exato momento, só vejo os dias ininterruptamente como batalhas e trens de artilharia que passam diante de minha janela para irem defender sua pátria, caso seja ela atacada. Uma súplica em particular que tenho a fazer-vos, cujo cumprimento vos ajudaria, talvez, com nosso amigo B., é traçar um paralelo entre a nomenclatura de vossa escola e a terminologia de B. qual é o sentido, por exemplo, que atribuí à palavra *lança* composta de quatro metais. (*Dos Erros e da Verdade*, p. 35.) Com que termo corresponde B. a essa *lança*. Em qual passagem corresponde B. à p. 38 de *Dos Erros e da Verdade*, onde dizeis: “O homem extraviou-se ao passar de 4 para 9 e jamais poderá reencontrar-se a não ser passando de 9 para 4. Esta lei é terrível, sei disso, mas não é nada em comparação à lei do número *cinquenta e seis*, lei assustadora e espantosa para aqueles que a ela se expõem, pois eles só podem chegar a 64 depois de se haverem submetido a ela em todo o seu rigor”.

A obra francesa que mencionei é a de Monsieur Dutoit, mas não vos falarei dela porque já estamos de acordo nesse ponto.

Pedis-me contar como ocorreu nossa correspondência. São os sentimentos de benevolência espalhados em vossas obras, os quais não podem ser ignorados quando na alma possuímos cordas, afinadas no mesmo tom, que me atraíram para vós. Vosso nome não era mistério para mim, pois

²⁶ Talvez *théorie*, (abreviada como “thé.”..), ou mesmo alguma palavra que o autor queira deixar encoberta.

gozais da reputação mais merecida junto aos verdadeiros pensadores em toda a Alemanha. Vossa obra *Dos Erros e da Verdade* é não somente conhecida e estimada, mas também comentada por um sábio anônimo, juntamente com o *Quadro Natural* sob o título: *Das geheime system einer Gesellschaft unbekannter Philosophen, unter einzelne Artikel geordnet, durch Anmerkungen und Zusätze erläutert und beurheilet, und dessen Verwandtschaft mit ältern un neuren Mysteriologen gezeigt, 2 Theilen* in-oitavo, 1784, em um volume.

Se me indicardes uma via conveniente, eu vo-la enviarei. Ela talvez vos interesse e vos facilite usar a língua alemã. Tenho, além disso, na corte de Munique, um amigo que me disse já leu o *Quadro Natural* mais de vinte vezes, etc. Faz poucos dias, quis a Providência que eu descobrisse no seio de minha cidade natal um velho eclesiástico que leva uma vida obscura e retirada e que, ignorado de todos, há quarenta anos se ocupa com a leitura de nosso amigo B. Foi ele próprio que acabou de entregar-me as obras *Três Princípios* e a *Aurora*, e que quer tentar completar os poucos tratados que ainda me faltam.

Percebo também todos os dias com que bondade e cuidado a providência me conduz em minha vida privada e pública. Dela tenho tido provas recentes e tão marcantes que não pude deixar de vos participar isso para a glória de nosso grande Benfeitor, diante do qual me prosterno em meu nada.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 13

Amboise, 6 de Novembro de 1792

Se uma nação fosse tão pacífica como eu, senhor, ela deixaria a vossa bem tranqüila. Além do mais, bastar-me-ia ler o amigo Böhme, cap. 12, nº 40, da *Vida Tríplice*, para que me impedir de amar a guerra. Mas espero, assim como vós, que as coisas se arranjem. Felicito-vos de todo o coração pela descoberta que fizestes. Dizei-me, rogo-vos, em vossa próxima carta, se vosso bom eclesiástico sabe francês tão bem quanto vós e, sobretudo, se o fala como suponho que falais, pois é difícil escrever francês da maneira como o fazeis sem o haver triturado através da palavra falada. Julgai como essa descoberta desperta as idéias e projetos que meramente vos sugeri. Mas, independentemente das dificuldades que vosso país pudesse oferecer hoje a um francês, nesse momento tenho outras bem me afligem o coração. Meu pai sofreu nesses últimos dias um violento ataque de paralisia, que, se não parece ainda ameaçar-lhe os dias, pelo menos não nos deixa qualquer esperança de restabelecimento, haja vista sua idade avançada. Minha vida está, pois, de agora em diante, consagrada ao dever filial e a todos os cuidados que o estado de meu pai exige necessariamente.

Em meio às minhas tristes ocupações, vou responder da melhor maneira possível a todos os assuntos de vossa carta.

Tive a honra de informar-vos que não duvidava de que tivesse havido, e ainda houvesse, homens privilegiados que tenham tido, e ainda tenham, vislumbres da *grande obra*. Não tenho dúvida alguma de que meu primeiro mestre e vários de seus discípulos tenham desfrutado de alguns desses favores. Mas uma afirmação sobre isso não vos adianta grande coisa. Entretanto, como poder fazer com que tais sejam fatos indubitáveis para um terceiro e para ele comprovados. As próprias histórias que lhe fossem relatadas poderiam ocupar sua curiosidade por um momento, sem dar-lhe convicção. Volto, pois, aos princípios, que prefiro, convidando-vos a aprofundá-los, de maneira a que não mais fiquéis surpreso de que semelhantes fatos às vezes existam; porém, ao contrário, com o fato de não existirem universalmente, já que tais são os direitos e os elementos de nossa verdadeira natureza. Aliás, há graus inumeráveis na distribuição desses favores; aqueles que conheci só usufruíram deles parcialmente, como fruto de seus trabalhos. Os eleitos de uma outra

ordem usufruem pela ação gratuita e voluntária da sabedoria que está acima de nós; deveis sentir a diferença. Enfim, senhor, se quiserdes detalhes amplos sobre esses objetos, abri as Sagradas Escrituras, que nada mais são do que uma reunião das obras do espírito sobre os eleitos. E essas obras, ou comunicações, oferecer-vos-ão toda espécie de cores e de nuances, sem receio das alianças que com tanta freqüência se encontram entre os eleitos de classe menor. Vede o que foi recomendado a Böhme quando de sua eleição: ler com cuidado as Escrituras.

O paralelo que me pedis para fazer entre sua nomenclatura e a nossa seria um pouco longo para ser dado por escrito. Vou limitar-me ao ponto que citais. A lança, composta de quatro metais, não é outra coisa senão o grande nome de Deus composto de quatro letras. É o extrato desse nome que constitui a essência do homem. Eis por que somos formados à imagem e semelhança de Deus, e esse quaternário que trazemos em nós, e que nos distingue com tanta clareza de todos os seres da natureza, é o órgão e a marca da famosa cruz na qual o amigo Böhme nos representa de maneira tão magnífica a eterna geração divina, e a geração natural de tudo o que recebe a vida, seja neste mundo ou no outro.

Extraviado ao passar de 4 a 9 significa “ir do espírito para a matéria”, que, segundo os números, dá 9 na dissolução. Böhme dá ao 9 outro significado ao considerá-lo como o primeiro número depois do 10. Nem ele nem nós nos enganamos; ele representa esse número na ordem divina e nós, na elementar. E a inteligência aprova mui prazerosamente todas essas diferenças de relações porque sabe que cada número é universal, verdade das mais certas, mas que requer concepções bem calmas para ser apreendida e que exigiria muitos volumes para ser desenvolvida. Böhme disse a mesma coisa que os meus 4 e 9, em outros termos, quando disse que o homem extraviou-se ao passar do segundo princípio, que é o amor da luz, para o primeiro, que é a angústia e as trevas.

Quanto à lei 56, dela ainda não encontrei, numericamente, qualquer vestígio em Böhme e confesso-vos que isso foi uma revelação que recebi pessoalmente quando das instruções em Lyon, há vinte anos. Ela reside no conhecimento das propriedades e progressos do número 8, coisa que eu não creria ser proveitoso falar-vos antes de estardes familiarizado com a nossa língua numérica, familiaridade que não pode ser adquirida através de cartas. Assim, deixemos esse ponto para os tempos favoráveis que ousou esperar do porvir. Mas se Böhme não fala deles numericamente, fala de maneira muito clara em sua doutrina. Pois, de que é que ele não fala. E quando nos representa o ser perverso e todos aqueles que se assemelharão a ele, mergulhados para sempre depois deste mundo nos horrores do fogo do Primeiro princípio acendido pelo próprio prevaricador, ele me mostra tal o estado do número 56, no qual os pecadores permanecerão, enquanto que os seres purificados e justos chegarão a 64, que é a unidade. Não ousou aceitar o livro alemão que tivestes a bondade de me oferecer, a não ser sob a condição de que me indiqueis os meios de vos enviar o montante, prevenindo-vos de que só temos *assignats*²⁷ e que deveis ter a bondade de me declarar o preço do câmbio, a fim de que isso não vos cause despesas. Possuo recursos pecuniários além das minhas necessidades; assim, não me poupeis. Felicito-vos mais uma vez, senhor, pelas graças que me dizeis receber diariamente. Espero que a Providência continue aumentando-as para vós, é o que peço a ela com grande empenho.

Rogo-vos que procureis saber de vosso eclesiástico se ele conhece o suficiente do sistema de Böhme sobre a geração da alma dos homens para não ter dúvida alguma sobre esse assunto. Vejo que Böhme distingue bem a alma animal da alma divina, na natureza de ambas, mas não o vejo distingui-las com muita clareza na geração delas. Ora, temos sobre isso grandes bases, o que me deixa com uma certa cautela. É o único ponto sobre o qual tenho necessidade de escrutar esse divino autor. Estou aos pés dele em todos os pontos de sua doutrina.

Adeus, senhor, lembrai-vos de mim em vossas preces.

²⁷ Tipo de papel-moeda da época da Revolução Francesa.

CARTA 14

M., 26 de Novembro de 1792

Vossa interessante carta de 6 de Novembro causou-me ainda mais prazer porque temia que a minha de 16 de Outubro se houvesse extraviado. Perguntais se meu velho amigo eclesiástico, que deixou o hábito há muito tempo porque seus confrades o magoaram, fala francês. Ele não o fala. Em nossa capital, a língua francesa é a língua do mundo e da sociedade; o alemão, a dos estudos, dos negócios e do governo. Quanto a mim, falo francês; é um antigo hábito meu. Se executardes vosso projeto, que, segundo o que me fazeis esperar, torna-se o meu, encontrareis não somente em cada cidade, mas quase em todas as casas, alguém que fale francês, e ousou gabar-me de nosso país vos interessará. E se minhas esperanças para o futuro se realizarem, ninguém conhecerá melhor do que eu o preço da execução de vosso projeto. Sofreis por causa de vosso pai e eu, por minha filha que, por causa de uma enfermidade ligada ao seu sexo, já esteve algumas vezes à beira da morte. Muitas vezes fui obrigado a deixá-la durante semanas inteiras para assistir às sessões de nosso grande Conselho na capital. Esse sacrifício custa-me muito porque ela confia inteiramente em mim. Voltando à vossa carta, agradeço-vos pelo presente da lança composta de quatro metais e pela vossa grande idéia de que cada número é universal. Esse pensamento da universalidade dos números germinou em mim e vou transcrever-vos a seqüência das reflexões que me ocorreram a mente sobre esse assunto. Não é somente plausível, mas, de acordo com as Sagradas Escrituras, é fora de dúvida de a sabedoria divina tenha disposto todas as coisas de acordo com sua medida, seu número e seu peso (Sabedoria, 11:24²⁸).

Não é somente possível, mas, de acordo com a nossa razão, muito verossímil, que todas as coisas que formam juntas uma mesma classe, um mesmo gênero mais ou menos extenso, levam um signo, um caráter comum, pelo qual a soberana sabedoria julgou adequado distingui-los dos seres inteligentes, como pertencentes a uma classe comum. Ainda é possível, pensei eu, que esse signo comum a toda uma classe seja um número. Nessa hipótese, cada número talvez designe uma idéia geral, ou seja: designe uma idéia que encerre todas as outras da mesma classe. Tal hipótese tem uma bela qualidade a seu favor: o testemunho sucessivo de homens instruídos e virtuosos de cada século, desde pelo menos dos mil e quatrocentos anos. Mas para mim ainda não passará de uma hipótese até que eu tenha provas mais fortes do que a simples tradição. É preciso que a gente mesma tente uma chave, antes de poder estar certa de que ela abra tantas portas.

Para saber se os antigos tiveram uma chave semelhante, abro os versos dourados de Pitágoras, onde descubro que ele jura pelo sagrado quaternário. Abro Hiérocles, seu comentador, e vejo que Pitágoras, tendo aprendido no Egito o nome dos nomes explicado em quatro letras, havia-o chamado de Tetractis, quaternário, que significava: *fonte de toda a natureza, que flui continuamente*. Precisaria mais do que isso para colocar-me no caminho. Num momento de silêncio e meditação, descubro que o número 4 bem poderia estar ligado a tudo o que sai imediatamente dessa fonte, aplico-lhe minha hipótese e encontro o Reparador que surgiu na terra, depois de quatro vezes mil anos. Quatro evangelistas e, o que ninguém parecia ter observado, 22 epístolas dos apóstolos, nelas incluído o Apocalipse, dois mais dois são quatro. Profetas, 22 livros no Velho Testamento. Aplico minha hipótese às invenções mais engenhosas e encontro 22 letras no alfabeto e os dez números no quaternário: 1, 2, 3, 4. Não li de B. senão o início da conversão e algumas epístolas. Ignoro a nomenclatura de seus números. O velho eclesiástico também não mais me falou de números. Ele me deu como resposta à vossa pergunta uma hipótese por demais longa para que no momento eu possa falar dela. O pequeno livro alemão do qual vos falei é raro, mas seu valor mercantil é mínimo e, para mim, nulo porque, acidentalmente, possuo dele dois exemplares, e tomo

²⁸ “Sim, tu amas o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito”.

a liberdade de enviar-vos um deles através de Lyon, por intermédio de Monsieur Willermoz. Remetê-lo-ei depois de amanhã à diligência que passa aqui a caminho de Lyon.

Graças aos cuidados de meu velho amigo eclesiástico, estou de posse de um exemplar completo de nosso amigo B., e recebi da Alemanha um comentário interessante, in-quarto, desse autor.

Adeus, senhor, crede em minha amizade, em meu reconhecimento por vós, assim como credes em vossa própria existência. Não me escrevais até receberdes outra carta de minha parte, pois sem isso vossa carta correria o risco de perder-se.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 15

M., 14 de Dezembro de 1792

De volta de uma viagem, e ao lado do quarto de minha filha bem enferma, continuo minha carta de 28 de Novembro, que fui obrigado a interromper subitamente. Faríeis a gentileza de informar-me, na vossa próxima carta, se me enganei sobre meu cálculo sobre 28 de Novembro. A ligação das verdades, a extensão surpreendente de algumas, a possibilidade de uma aritmética *universal*, mais bela ainda do que a projetada por Leibniz; um *Novum Organum* para descobrir a verdade, melhor do que o do chanceler Bacon, tudo isso são perspectivas que, segundo meu modo de ver, têm um fundo de realidade na ciência dos números naturais. Mas confesso-vos que meu coração, ávido da fonte, sonha principalmente com o caminho que a ele conduz, e por causa disso, de boa vontade deixaria de lado todo o resto. Os ensinamentos das diferentes passagens de B., que achastes mais equilibradas sobre esse assunto, dar-me-iam o maior prazer.

Na minha penúltima viagem a B., o velho eclesiástico, a quem chamarei de nosso abade, para abreviar, falou-me de sua teoria sobre a origem da alma divina e animal do homem. Detalhou até às últimas nuances essa matéria, mas vos relatarei apenas os traços principais que me restaram. Espero que com o tempo vós mesmo faleis com ele, que entende um pouco de francês, embora não saiba expressar-se nele: servir-vos-ei de intérprete. Segundo ele, antes da origem do mundo existiam três hierarquias: a primeira, de *Michael*, formada segundo as propriedades do Pai, repleta de desejos, cheia de fogo e devorada pela fome de Deus, buscando sempre se aproximar dele cada vez mais.

A segunda, de *Lúcifer*, formada segundo as propriedades do Filho. O caráter dessa *hierarquia* era um pendor imperioso de penetrar em todos os mistérios da divindade, uma sede inesgotável de conhecimentos e de luzes.

A terceira, de *Uriel*, segundo as propriedades do Espírito Santo. Seu caráter é um desejo insaciável de usufruir Deus e deleitar-se nele. Lúcifer caiu porque queria saber por experiência e de maneira empírica o que eram o fogo e as trevas. Nem toda a sua hierarquia caiu inteiramente com ele, mas todos foram expulsos, e é da parte restante e não tão culpada e nem tão degradada que foi formado o sopro divino que animou nosso primeiro pai. O estado de encarnação devia servir de prova a essa classe de seres, e se Adão, pela obediência, houvesse vencido a prova, então regressaria a todo o esplendor do qual Lúcifer gozava anteriormente. Depois da queda de Lúcifer, foi criado um novo universo e desse universo Adão recebeu sua alma animal. Com a queda, ele perdeu a luz divina, recebendo, no lugar dela, o espírito astral ou a razão como guia.

Não cabe a mim, de maneira alguma, dar minha opinião sobre essa hipótese, além do fato de que minha atenção e meus desejos estão voltados principalmente para outro lado, em direção a um mistério bem mais importante, em direção ao que São Paulo confia aos Colossenses. De todas as coisas, a mais necessária, a mais sublime e talvez a mais rara, e o verdadeiro *Cristianismo*; e a

maneira de atingi-lo e, segunda minha própria terminologia, a *grande obra*. Os escritos de nosso amigo B., sobre os quais eu jamais deixaria de ter gratidão para convosco, contêm coisas sublimes sobre esse assunto. As Sagradas Escrituras, que foram a fonte onde B. hauriu seu tesouro, e vossos escritos encerram ainda, ao lado dos princípios de vossa escola que se inclinam para a obra das comunicações físicas, verdades da maior importância sobre meu assunto predileto. Além de todas essas riquezas, só nos resta desejar uma mão prestimosa que nos indique a ordem na qual devemos empregar e aproveitar esses materiais e, sobretudo, que dirija nossa atenção para a ordem das partes integrantes que constituem a operação da grande obra, para que, na idéia que formamos sobre essas operações, não caiamos num círculo vicioso. Se tiverdes a bondade de me escrever sobre isso, já que nos entendemos, não será preciso mais do que uma página.

Espero que tenhais recebido o livrinho alemão que vos enviei via Lyon. Dizei-me, por favor, o que pensais sobre o que o autor entende, informai-me também sobre a edição e a página da obra *Cartas Edificantes*, que confirmou vossa descoberta sobre a hipotenusa. Esse mesmo quadrado da hipotenusa proporcionou-me certa vez uma satisfação do mesmo tipo, embora não da mesma espécie. Quando chegarão os tempos felizes em que iremos trabalhar juntos na aritmética. Peço-vos fazer chegar a mim as vossas cartas sobre o primeiro endereço em B.

Continuai a vos lembrar de mim diante de nosso divino mestre e estejais certo de que ninguém é mais ligado a vós do que eu.

P.S.: Antes de fechar esta carta, sucedeu-me um fato que muito feriu minha sensibilidade. É a perda de minha filha. Meu coração estava talvez muito ligado a ela e Deus tirou-me esse bem. Ela sofreu durante vários anos com paciência e doçura angelicais. Seu sofrimento levou seu caráter a um grau de bondade e amabilidade extraordinárias.

Perdoai-me a pressa com a qual fui obrigado a escrever-vos essa carta.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 16

Amboise, 1º de Janeiro de 1793

Recebi vossas duas cartas, senhor. A última causou-me tristeza ao ver a aflição que vos aconteceu. A mesma dor aguarda-me a cada dia, pois não há esperança de restabelecimento para meu pai e até o presente ele só tem resistido à morte que o assedia de todos os lados por causa da forte constituição com a natureza o dotou; nisso somos totalmente diferentes, pois meu físico, embora sadio, é tão frágil quanto foi bem cuidado o seu por nossa mãe comum. Certamente um de meus desejos mais ardentes é o de ir até vossa terra, assim como às margens do Reno, onde tenho preciosas amizades. Mas não posso pronunciar-me sobre nenhum desses projetos enquanto estiver ligado, como estou, seja pelos deveres sagrados que me mantêm aqui, seja pelos entraves que nosso governo opõe às viagens dos cidadãos franceses. Esperemos que a Providência há de dispor tudo em sua sabedoria e entreguemo-nos em suas mãos.

A visão que me expondes sobre os números contém muito de verdade, particularmente no que se refere às propriedades do universal quaternário, mas tem também algo de convencional, o que não deve haver nessa ordem de coisas. Ora, o que há de convencional são as vossas relações dos quatro evangelistas, das vinte e duas epístolas dos apóstolos, das vinte e duas letras, etc. A quantidade admitida dos evangelistas podia ser mais considerável do que é, sem que o número quatro perdesse alguma coisa. Sabeis que houve talvez cinquenta evangelistas; sabeis que se discute a autenticidade de algumas epístolas; sabeis que a quantidade das letras hebraicas tem variado, etc. Mas o que é uma base real é o surgimento do Reparador à época do 4º milênio. É, acima de tudo, a redução de 1,

2, 3, 4 ao denário, todas elas sendo coisas que nem volumes inteiros bastariam para desenvolver completamente. O que me perguntais quanto às *Cartas Edificantes* encontra-se no volume vinte e seis, in-12º, p. 146, edição de Paris, por Merigot, 1783. Não posso citar com exatidão as citações de nosso amigo B. sobre os números, mas, enquanto isso, procurai na *Vida Tríplice*, cap. III, nºs 17 e 18, sobre o ternário e as seis e sete formas na natureza. O capítulo VI. nº 65, sobre o *Quaternário* ou a cruz; cap. XVI, nº 49. Sobre o número 9 e número 10; cap. X, nºs 31 e 32, sobre os dois senários e o número 12. Cap. XI, nº 94, sobre os *turcos*, que atingiram o número 1000 (coisa que me bem espantou, e que ainda não entendo muito bem para saber se devo crer nela ou rejeitá-la), etc. Em vossas leituras vós mesmo fareis muitas descobertas desse gênero, visto que ele fala de tudo em cada uma de suas obras, com maior ou menor extensão. Quanto à via que buscais para atingir o que é verdadeiramente a grande obra, lede a décima segunda das *Quarenta Perguntas*, e do nº 12 ao nº 22, inclusive, e vereis então a quem deveis dirigir-vos e se é possível mostrar aos homens, de maneira mais clara, o alvo, o caminho que a ele conduz e os tesouros que aí nos aguardam, se tivermos coragem de nos renovarmos o suficiente para aí chegar.

O que o abade vos disse sobre as almas é uma citação literal da doutrina do autor sobre os *Três Tronos*; mas ainda não vi em parte alguma, nesse autor, que *foi da parte restante e menos culpada* da hierarquia decaída que foi formado o sopro divino que animou nosso primeiro pai.

Copio vossas palavras e elas me parecem tão distantes do espírito do autor e dos verdadeiros princípios que suponho que não as apreendestes da boca do abade tal como ele vo-las disse, o que verificareis que puderdes. De resto, tudo o que me expondes de sua parte não responde à minha consulta. Pergunto somente se o autor dava provas convincentes daquilo que adianta sobre a geração sucessiva das almas humanas, que ele faz provir umas das outras e gerar umas às outras como se isso acontecesse pela ordem física. Minha pergunta recai sobre as almas espirituais e não sobre as almas animais. Disse-vos que o autor distinguia bem esses dois tipos de almas, quanto à sua natureza, mas que temia que as confundisse quanto à lei de sua geração. É um ponto que ainda não consegui esclarecer bem na doutrina de nosso querido autor, tão profundo é o assunto. Contava com socorro de vosso abade, já que ele o lê há longo tempo, mas aguardarei circunstâncias mais favoráveis, pois ireis ficar, parece-me distante dele, já que retornareis a Berna, e sabeis que não podemos jamais tratar as coisas com tanto proveito através de cartas como através da conversação.

Ainda não recebi o presente que me fizestes do livro alemão. Eis tudo o que sei sobre sua história até o momento. A pessoa que havíeis encarregado de remetê-la à diligência de Lyon entregou-o ao correio; a taxa foi de apenas 45 libras e 12 *sous*. Monsieur Willermoz fez representações que foram enviadas à nossa administração geral dos correios em Paris, a qual decidiu que se o pacote não continha artigos de valor, seria preciso aplicar-lhe a taxa ordinária de livros e folhas impressas. Monsieur Willermoz abriu o pacote na presença do diretor que, vendo apenas um livro, reduziu a taxa para 48 *sous*. De lá ele mo enviou pela diligência, não para aqui, porque não sabia que eu aqui estava, embora o endereço que lhe indicastes devesse servir-lhe de guia, mas para Paris, onde temo que lhe tenha acontecido algum problema, seja da parte dos funcionários das diligências, que não são tão atentos nem tão experientes como os nossos distribuidores de correspondência, seja por parte das pessoas da casa onde me hospedo em Paris, e que, para enviar-me aqui o pacote, tenham escrito, como devem tê-lo feito, o meu endereço, isto é; que o terão escrito mal, pois a princesa está no campo com todo a sua corte e só deixa em Paris os empregados de segunda categoria, que comumente não são hábeis no manejo da pena. Vou ordenar que tomem informações sobre isso em Paris e, tão logo o livro me alcance, acusarei seu recebimento. Adeus, senhor, deixo-vos para voltar para junto de meu enfermo, mas não quero deixar-vos sem formular-vos os votos de todas as satisfações que podeis desejar, à frente das quais vós e eu certamente colocaremos todas as bênçãos divinas da qual temos necessidade. Seria assim o bom ano que vos desejo. Desejai-me, em troca, a felicidade de poder um dia abraçar-vos e travar conhecimento convosco, e vos agradecerei antecipadamente.

Não me dissestes se recebestes *O Novo Homem*. Ficai à vontade sobre a opinião que fizerdes sobre ele. Sabeis o que eu mesmo penso disso. E sempre é bom rebaixar o amor-próprio dos escritores.

SAINT-MARTIN

CARTA 17

B., 23 de Janeiro de 1793

Se não tivesse tido uma multidão de ocupações de todo tipo, eu não teria demorado até hoje, senhor, a responder à vossa interessante carta de 1º de Janeiro, recebida no dia 11, ao lado das sessões de nosso Grande Conselho. Colocaram-me em dois comitês, um dos quais é da maior importância; o trabalho tomou quase todo o meu tempo e absorve quase todas as minhas forças. A perda que tive é talvez mais sentida aqui do que em Morat: a alma de minha filha estava intimamente ligada à minha. O que a princípio me deu forças para suportar o choque foi a leitura de algumas passagens de B. Desde meu retorno a B. (Berna) havendo-me afastado dessa leitura, não tive o mesmo socorro para combater as imagens dolorosas que se apresentaram ao meu espírito; e se alguma vez em minha vida tive o desejo de gozar das comunicações físicas de um certo gênero, essa idéia me teria vindo depois dessa triste separação, tanto mais que nosso amigo B. acreditava que tal coisa fosse possível, embora difícil, numa passagem notável das *Quarenta Perguntas*, pergunta 26, nº 13. O desejo de saber se seu espírito correspondia ainda aos sentimentos de meu coração, o desejo de ser tranqüilizado sobre seu estado atual, etc., teriam com certeza predominado em mim, mas confiei-me à vontade de Deus, que é ilimitada, e esforcei-me para perder nesse ponto, como em todos os outros, minha própria vontade para aceitar somente a dele.

Se puderdes prever o tempo em que estareis livre para executar vossos projetos de viagens que não me saem do pensamento, tende a bondade de me avisá-las sobre elas logo que possível.

A parte essencial de minha visão sobre os números naturais é a base, isto é, a idéia de que a Providência quis ligar um número como um signo característico a todas as manifestações, efeitos e resultados de uma mesma causa, o qual estaria à frente dessa classe de idéias para que o homem atento pudesse, ao perceber esse número (já que não foi ele mas a Providência que o traçou sobre o objeto), reconhecer que essa idéia pertence ao mesmo gênero. É sobre isso que uma palavra de retificação de vossa parte me daria o maior prazer. Eu também já fiz a observação que tiveste a bondade de me transmitir sobre o que era convencional em alguns de meus exemplos. A primeira Igreja, creio eu, guardou os quatro Evangelhos; a Providência, numa ocorrência essencial, não teria orientado essa escolha, etc. Sobre esse assunto, só me resta uma pergunta a vos fazer, a qual é: se admitis minha maneira de calcular, ou seja, se admitis que 22 seja igual a 4, o que serviria, em nossa aritmética, a fazer reduções e talvez descobertas. Segundo esse cálculo, o 13, assim como 22, 31, 40, 112, 121, 202, 211, 301, 400, 1003, 1111, 1102, 1120, 1300, 4000, daria 4.

Agradeço-vos muitíssimo pela indicação das *Cartas Edificantes*. Sua coleção completa está tornando-se rara entre nós, de modo que não consegui ainda o 26— volume. Quanto ao número do amigo B., como ele se serve de uma chave toda própria, sou obrigado a suspender mais uma vez nossas pesquisas sobre esse assunto. Devemos sempre ir o mais rápido possível nessa curta vida, sobretudo a minha, partida em mil pedaços pela minha posição atual. Agradeço-vos também de todo o coração pela indicação dos nos de 12 a 22, da 12ª pergunta das *Quarenta Perguntas*. A importância desses poucos números exige um estudo profundo. Proponho-me a escrever, para uso pessoal, um resumo sobre esse assunto, o qual submeterei ao vosso julgamento e à vossa correção. Enquanto isso, vou traçar-vos o primeiro esboço dos contornos de minha hipótese. Dizei-me, por favor — o que me lisonjeia — onde é que ele se afasta da verdade e se pode, com algumas correções, aproximar-se de nosso amigo B., que ainda não me é conhecido porque jamais consegui

encontrar tempo necessário para apreender o conjunto de suas idéias. Conheço-o somente por fragmentos bem distantes um dos outros.

Afigura-se-me que existe em nossa alma, no mais secreto de nossa razão, um santuário, um *espelho* que, apenas ele, recebe os raios da luz celeste que ilumina cada homem que vem ao mundo. Essa luz celeste, esse sol, brilha sempre, sem interrupção: é o verbo, o *logos*, que, em seu tempo, encarnou-se para manifestar-se de maneira mais admirável ainda aos pobres mortais. No espelho que recebe seus raios vemos todas as coisas, até mesmo os objetos exteriores que, em estado de vigília, nos são transmitidos pelos sentidos. Não é que tenhamos necessidade dos sentidos para ver os objetos exteriores nesse espelho, a experiência prova o contrário; mas no estado ordinário e vil do homem, os sentidos, enfraquecidos ou destruídos, impedem que as impressões exteriores alcancem o espelho. Enquanto apenas vimos as coisas exteriores nesse vidro e regarmos a conservação de nosso corpo e de nossa vida temporal a partir dessa visão, as coisas irão bem e o espelho permanecerá puro; mas, a partir do momento em que nossa vontade captar as imagens que se apresentam no espelho, que as desejar, que quiser unir-se a elas e as vir como seu soberano bem ou que tiver medo delas, então nossa imaginação as fixará, corporificando-as, por assim dizer, porque tem a mesma têmpera que o espelho. Essa corporificação cobre o vidro de nuvens como se um hálito impuro houvesse passado por ele; e embora o sol resplandeça sempre acima, o espelho, obscurecido e manchado, não reflete mais do que os objetos mais grosseiros dos sentidos. Somente desviando-nos dessas imagens e fixando nossa atenção nas partes do espelho que não estejam sujas, desejando com ardor unir-nos ao verbo que aí resplandece, é que os vestígios do hálito impuro irão pouco a pouco desaparecendo. E graças à nossa forte vontade, pelo nosso desejo de união, os raios do sol, fixando-se assim como as imagens dos objetos exteriores e sensuais, fixaram-se pelo nosso desejo de união. Então esses raios, havendo-se tornado substanciais, unem-se à nossa alma e lhe servem de alimento, indo pouco a pouco a iluminando não somente por esse espelho, mas imediata e diretamente e em toda a sua plenitude. Minha hipótese, para a qual muito desejaria vossas observações, tem alguma relação distante com o sistema do P. Malebranche²⁹ em sua “Busca da Verdade”, no início de sua moral, e nas suas “*Meditações Cristãs*”. As passagens de São Paulo em I Coríntios 13:12³⁰ e Cor. II 3:18³¹ parecem confirmar minhas idéias sobre esses assuntos. No capítulo 33 do livro do Êxodo, versículo 20, diz o Senhor a Moisés: “*Homem nenhum verá a minha face, e viverá*”. “*Quando só tememos a Deus e se desejamos intensamente somente a ele, quando não estivermos mais vivos com relação ao mundo, e se o espelho de nosso coração for puro, poderemos esperar essa felicidade*”. Mateus, 5:8³². Estou muito aborrecido com os contratemplos acontecidos ao livro alemão; espero que ele chegue logo ao seu destino. Encarreguei o livreiro Luguiens, de Lausanne, de trazer-me a Paris *O Novo Homem* e todos os dias o aguardo.

Adeus, senhor, estais mais próximo de meu coração do que o podeis imaginar; e rogo que divino Mestre vos cumule com suas bênçãos. No curso desse ano que acaba de escoar-se vós me revelastes tesouros. O pouco que deles já pude fruir bastaria para sustentar-me numa perda à qual eu poderia, talvez, ter sucumbido sem esse socorro, por causa das circunstâncias. Espero que a Providência permita que um dia nos encontremos para que eu possa gozar em paz de vossa amizade e de vossas luzes.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

²⁹ Malebranche (Nicolas de), orador e metafísico francês, nascido em Paris (1638-1715). Sua metafísica idealista, saída do cartesianismo, resolve o problema da comunicação da alma e do corpo pela visão em Deus e as cuasa ocasionais. Publicou *De la recherche de la vérité* (1674-1675) e *Entretiens sur la métaphysique e la religion* (1688).

³⁰ “Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face: agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido”.

³¹ “E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, com espelho, a glória do Senhor, somos transformadores de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”.

³² “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus”. (Sermão da Montanha.)

CARTA 18

Amboise, 13 de Fevereiro de 1793

Não tive pressa em responder-vos, senhor, crendo que dentro em pouco receberia uma segunda carta vossa agradecendo-me por um presente que vos enviei através da pessoa do senhor conde Divonne. Esse jovem está mais adiantado que eu nos favores interiores e divinos, porque vale mais do que eu, porque merece um tratamento melhor. Não vos contarei sua história, porque ele mesmo o deve ter feito. Aguardo com impaciência saber se vos encontrastes; enquanto aguardo, vou responder à vossa carta de 23 de Janeiro. Lamento as tristes privações que sofreis. Quanto a mim, a Providência também me trouxe aflições levando-me o mais terno e mais respeitável dos pais. Perdi-o mês passado. Desde esse momento, vivo extremamente ocupado e assim não sei quando terminarão meus negócios, haja vista mil troços, cujos detalhes enfadonhos vos pouparei. Se estivesse livre, iria por minha vontade de preferência a Berna, coisa que expliquei claramente ao amigo Divonne, mas nossas dificuldades dentro do país interiores sobre os certificados e passaportes são um obstáculo. Além disso, ignoro se nós outros, os franceses que não emigraram, podemos gabar-nos de sermos bem vistos no estrangeiro depois do que se passou aqui. Lembrai-vos do que vós mesmo me dizíeis, há dois ou três meses, e tende a bondade de dizer-me com franqueza o que me aconselharíeis a fazer ou não, nestas circunstâncias. A Providência não ligou o número aos seres como signo. Ela deu a cada ser a propriedade, propriedade que se manifesta pelo número que, como vedes, é fruto dela, a língua interna e natural, em vez de ser apenas a seu selo. Sem isso, os números seriam uma coisa externa e morta. É possível que a Providência haja presidido à conservação dos 4 evangelhos, como não se pode negar que haja presidido a tudo, mas não creio que haja presidido diretamente a essa conservação e insisto em não ter confiança nessa relação. Vossa redução dos números 22, 31, etc., está muito bem baseada nos princípios, mas devemos abster-nos de confundir-lhes os resultados, uma vez que os seus elementos são diferentes. Assim, admito que o número 4 governe na série que me oferecis, mas vejo-o governando em toda parte com um caráter diferente; esta é uma das atenções indispensáveis que é preciso ter se não quisermos tudo desnaturar. Tudo se assemelha e nada é igual — eis um axioma fundamental. Vossas idéias sobre o espelho da alma parecem-me muito sólidas e sê-lo-ão ainda mais quando tiveram passado pelo crivo da regeneração. Ledo a primeira parte de *Encarnação*, cap. 13, v. 1, e vereis de onde devemos tirar nossas instruções. Assim, desde que li nosso delicioso Böhme, considero tudo o que escrevi como brincadeiras de minha infância na sabedoria, embora já seja cinquentenário e me proponha, para o futuro, caminhar com mais circunspeção. Há um mês recebi vosso livro alemão. Passei-lhe a vista no que pude, em meio às minhas ocupações e com meu parco conhecimento de vossa língua. O autor pareceu-me um homem de bem e bastante erudito. Creio que ele faz mais caso da obra em questão do que ela o merece. Mas, além disso, como me vejo em circunstâncias mais favoráveis para estudá-lo com mais proveito, recebi meus agradecimentos por este presente, duplamente caro pelo fato de me vir de vossas mãos. Já que estamos tratando de livros, tende a bondade de procurar no volume que possuí da *História Eclesiástica*, de Arnold, in-fólio, 2—volume, 3. parte, cap. 26, pp. 556, 558 e 559, onde encontrareis coisas que vos surpreenderão, com relação aos acontecimentos que acabam de passar-se em nosso país, e particularmente sobre a queda de nossa dinastia real. *Joachim Greulich* previu-a em 1653, e há quase um século que foi impresso. A vós que gostais de encontrar tais testemunhos em favor das comunicações, sinto grande prazer em indicar-vos esta como das mais impressionantes que já vi.

Adeus, senhor. Possa a Providência fazer com que eu tenha a oportunidade de aproximar-me de vós, o que será para mim um dos maiores sinais de sua bondade. Envio mil recomendações a Monsieur Divonne.

SAINT-MARTIN

(Falta a carta de Kirchberger de Fevereiro de 1793.)

CARTA 19

Amboise, 6 de Março de 1793

Ireis achar-me talvez bem difícil de agradar, senhor, mas as 36 L. impressionam-me menos do que ao vosso abade. O cálculo romano tem algumas bases verdadeiras, como tudo o que ocorre nesse mundo, mas está tão misturado ao que é convencional que pouco rende. Tudo o que dele tirais por vossa operação são os 18 séculos; e pela soma de 3 e 6, de 1 e 8, o número 9 que, segundo a figura, é o quadro das duas coroas, ou antes, das três cruces. Enfim, vejo somente uma época de tempo, e nenhuma abertura sobre a ação do espírito que deve concorrer com essa época. O cálculo arábico vai mais longe, sendo assim um guia melhor. Ele nos descreve as passagens fielmente: *mil anos são como um dia*, pelos três zeros que seguem a unidade e nada mais são do que a imagem desse mundo passageiro e aparente, que está como que nulo diante da viva e eterna unidade. Descreve-nos com isso o desenvolvimento da obra de seis dias, o que induziu vários sábios a não atribuírem mais do que 6000 anos de duração a esse transitório fenômeno, conduzindo-nos à 7. operação que, quando da criação do mundo foi apenas o *sabbat* do espírito, enquanto que no fim ela será o *sabbat* de Deus. Creio, pois, que o cálculo arábico vai um pouco mais além do cálculo romano em questão, estando convencido de que os grandes golpes só serão desfechados depois do nosso sexto milênio, ou seja: depois dos dois mil anos da nossa época atual. Não estou menos convencido de que as coisas já tenham começado e nisso o vosso cálculo romano tem uma espécie de coincidência com os acontecimentos de nosso tempo, o que é sempre uma visão que não prejudica nada, contanto que seja mantida dentro de limites. Mas quanto às três coroas, parece-me não existir aí relação alguma e, para achar-se o sentido delas, creio ser preciso ir acima do cálculo romano, e mesmo acima do cálculo arábico. É necessário erguer os olhos até a marcha do Espírito de vida que, desde o início das coisas procura entrar novamente em todos os reinos que deixamos perder e nos quais só pode reentrar de maneira progressiva. Esses três reinos eram descritos em minha primeira escola com os nomes de *natural*, *espiritual* e *divino*, e, no homem, com os de *pensamento*, *vontade* e *ação*. Böhme no-los descreve com os nomes do *fogo*, da *luz* e da *natureza*, pelos nossos três princípios, nossa tríplice vida; é somente aí que podemos encontrar o sentido das três coroas. O reino natural e figurativo durou até Jesus Cristo e o espírito que atravessou esse reino recebe aí sua primeira coroa. De Jesus Cristo até ao 7º milênio, é a época do reino espiritual ou da luz, segundo Böhme, e é nesse intervalo que se obtém a 2ª coroa. A terceira só pode ser mostrada pela conquista do reino de Íris ou do fogo, e tudo parece anunciar que essa terceira, ou tríplice, coroa somente pode aparecer no *sabbat* de Deus, tanto em geral quanto em particular, porque sabeis que tudo se repete tanto no indivíduo como na espécie, desde que sejamos homens de desejo. Sobre isso o amigo Böhme diz coisas tão profundas, e ao mesmo tempo tão surpreendentes, que podeis nele beber em longos haustos. Lede os números que se seguem ao 44, cap. 30, do *Mysterim Magnum*, lede em geral tudo o que ele diz dos progressos da Igreja de Enoque, e vereis como ele mesmo nos põe no caminho e, ao mesmo tempo, como nossas instruções e as suas têm laços de parentesco. Não posso, numa carta, estender-me sobre esses grandes assuntos, pois vos confesso ser isso uma senda que é um abismo de maravilhas. Passemos à comunicação física da causa ativa e inteligente.

Creio que ela seja possível, e vós também, senhor, assim como todas as outras comunicações. Quanto ao meu testemunho pessoal, não teria grande peso, uma vez que esses tipos de provas devem ser-nos próprios e pessoais para obtermos seu efeito pleno e inteiro. Todavia, como creio estar falando a um homem comedido, calmo e discreto, não vos esconderei que na escola pela qual passei, há mais de vinte e cinco anos, as *comunicações* de qualquer tipo eram numerosas e freqüentes e nelas tive minha participação, com em muitas outras, e que nessa participação estavam compreendidos todos os sinais indicativos do Reparador. Ora, não mais ignorais que esse Reparador e a causa ativa são a mesma coisa. Apesar disso, como para aí eu fora conduzido através de uma iniciação, e como o perigo das iniciações é o de entregar-nos aos violentos espíritos do mundo, o que sucedeu a Adão quando se iniciou em sua própria imaginação, *Encarnação* (3. parte, cap. 6, nº

1) e como seu desejo não era totalmente de Deus, não posso responder que as formas que se comunicam comigo não fossem formas enganadoras, pois a porta está aberta a todas as iniciações, e é o que torna essas vias tão errôneas e suspeitas. Sei que a Alemanha está cheia dessas iniciações, sei que o gabinete de Berlim só é conduzido, e só conduz ao seu rei, por esse meio. Ora, até o presente ele não tem do que se gabar. Sei, por fim, que a terra inteira está coberta desses prodígios, mas repito-vos que, a menos que as coisas partam do próprio centro, não confio nelas. Posso garantir-vos que já recebi, através do caminho interior, verdades e alegrias mil vezes acima do que já recebi do exterior.

O interior, ou o centro, é o princípio de tudo; enquanto esse centro não estiver aberto, as maiores maravilhas externas podem seduzir-nos em vez de nos fazer progredir. E, até ousar dizê-lo, é o nosso interior que deve ser o verdadeiro termômetro, a verdadeira pedra de toque do que se passa fora de nós. Se nosso coração estiver em Deus, se estiver realmente divinizado pelo amor, pela fé e pelo ardor da prece, ilusão alguma nos tomará de surpresa. *Se Deus é por nós, quem é contra nós.*³³ Não teremos senão as comunicações úteis, senão aquelas que devemos ter; ao passo que pelas iniciações temos aquelas das quais não sabemos o que fazer, e isso porque não há mais iniciação além da de Deus e de seu Verbo eterno que está em nós e porque tudo deve manifestar em nós e por nós, segundo sua vontade. Ocupemo-nos apenas em fazê-la renascer.

Há muito tempo não tenho tido notícias do conde D. Raramente escrevemos um ao outro. Devo prevenir-vos de que ele se acha entre o número dos emigrados a fim de agir de acordo. Quando lhe escrevo, dirijo minhas cartas aos cuidados de Madame Rasumuski, em Lausanne, a quem conheço muito bem. Além do mais, ele está ligado, creio-o, a uma princesa russa que não conheço — e até mesmo reside com ela — mas que, sem me conhecer, dá-me, assim como vós, a honra de ter um pouco de amizade por mim. Foi com ela que ele veio a Berna e sei que algumas vezes ele viaja até aqui, mas sei também que ele espera muito ver mudar sua triste sorte, este mês, sem que nem ele nem eu saibamos como. Essas poucas informações podem ajudar-vos a descobrir, se o desejardes, e podereis escrever-lhe, se vossa prudência o permitir. Quanto aos meus projetos de viagem à vossa pátria, estou sempre ocupado com eles, mas sem poder prometer-me nada de positivo, nem sobre o tempo, nem sobre o modo de executá-los, talvez nem mesmo sobre sua execução. Nossas convulsões políticas influem de maneira grave sobre os meus negócios familiares, cujo termo é-me impossível prever. Os oferecimentos generosos que me fazeis aumentam minhas queixas sobre todas essas dilações e os aborrecimentos que tenho com as incertezas que me acabrunham neste momento; mas eu só poderia tirar proveito disso quando arranjassem as coisas de maneira a que eu não vos fosse motivo de embaraço, já que meus meios pecuniários permitem-me a possibilidade de assumir a despesas. Estou encantado por a união estar restabelecida entre vossa nação e a minha. Também não tenho dúvida alguma de que teria tido muito prazer em percorrer vosso país, do qual só conheço uma parte bem pequena, a região de Vaud. Mas para mim tudo está subordinado aos acontecimentos e ao tempo. Não vos perturbeis em nada com preparativos, terei mais do que o tempo necessário para prevenir-vos em caso de possibilidade; serei fiel ao anonimato que me recomendais. Entretanto, são menos as intrigas dos emigrados que me deixariam em guarda do que as suas importunações. Sou conhecido por um grande número deles. Alguns seguiriam aos tropeções as nossas atividades; milhares de outros perseguiriam minha bolsa e me seria duro deixar sem recursos pessoas que já conheci. E, no entanto, elas são tão numerosas que eu me arruinaria sem chegar a ser-lhes muito útil. Eis, para o momento, o estado das coisas. O tempo me ensinará talvez mais. Adeus, senhor, recebi a garantia de minha inviolável afeição e conservai-me no lugar honroso e lisonjeiro que tivestes a gentileza de dar-me em vossa amizade.

SAINT-MARTIN

Falta uma carta (Kirchberger de Liebistorf) de 15 de Março de 1793, que começava assim:

³³ Paulo: Carta aos Romanos, 8:31.

Foi dito que devo sempre ter obrigações. Vós me pondeis em contato com o senhor conde Divonne, etc. (*Isso parece espantoso, pois o correspondente suíço, na carta 21, responde, ao mesmo tempo, às cartas n.ºs 19 e 20.*)

CARTA 20

Amboise, 26 de Março de 1793

Fico encantado, senhor, por estardes contente com o conhecimento que vos prometi.

Quanto a vós, também lhe fostes bastante conveniente, o que me causa infinita alegria por haver feito algo tão bom. Gostaria de ter liberdade suficiente para responder ao vosso convite e ir encontrar-me convosco. Mas, independentemente das razões de negócios que vos aleguei em minha última carta, atualmente estamos, na região da França em que habito, em estado de requisição permanente³⁴ por causa das perturbações manifestadas nos departamentos vizinhos. Ninguém pode ter passaporte, nem mesmo para viajar na França. Creio que nossos reveses na Bélgica multipliquem ainda os impedimentos para viajar ao exterior. Começo a crer que vão realmente ocorrer os deploráveis tratamentos com os quais Joachim Greulich ameaçou meu país. Vede minha impotência e consolai-me nessas tristes vicissitudes que se opõem aos meus desejos.

Visto o estado de agitação em que nos achamos, serei breve nas respostas às vossas perguntas. Aliás, minhas cartas anteriores vos teriam ajudado, quando não a resolver as dificuldades, pelo menos a não encontrar tantas.

1º: Creio, como vós, que os pontos de proposição podem estender-se a muitos objetos, uma vez que é verdade não haver um ponto que não esteja ligado ao infinito. Cabe a cada um haurir dessa fonte segundo suas forças e a nela enxergar segundo seu modo de ver. Creio que já vos indiquei algumas passagens de Böhme que teriam podido ampliar vossas idéias sobre o número 12 e suas correspondências. Procurai-as em minhas cartas, pois não me lembro mais.

2º: *O trigo, o vinho, o óleo.* Senhor, se pelo caminho simples de vosso coração chegardes a considerar a sublimidade da obra universal e particular de Deus, vereis que esses conhecimentos não podem jorrar senão de sua própria fonte. Eu mesmo estou bem longe de os possuir em sua integridade e espero com paciência. Meu primeiro mestre, a quem na juventude eu fazia perguntas semelhantes, respondia-me que, se ao sessenta anos eu houvesse atingido o termo, não mais deveria queixar-me. Ora, por enquanto só tenho cinqüenta. Procurai sentir que as melhores coisas são aprendidas, e não ensinadas, e sobre elas ficareis sabendo mais do que os doutores. Além disso, remeter-vos-ei sempre a Böhme que, em todos os pontos, está dez milhões de vezes acima de um escrevinhador como eu, e eu, quando escrevi, escrevia pior do que hoje.

3º: *Os números.* É possível que cada autor haja bebido isso em sua fonte e que, entretanto, eles se expliquem de maneira diversa. O único meio de não aceitar a linguagem deles é recorrer aos princípios. É aí que se encontra o espírito e, como consequência, o meio de retificar a letra. Compete ao princípio conduzir os números e não aos números conduzir os princípios. Por exemplo: leio todos os dias no amigo Böhme que há quatro elementos e, no entanto, estou geométrica, numérica e fisicamente certo de que só existem três. Isso não impede que ele e eu nos entendamos, porque vejo que nossa diferença só está na expressão e que ele mesmo concorda comigo pelos soberbos princípios que expõe. Repito, portanto, que é no estudo e na instrução sobre os princípios que se pode encontrar um regulador. E enquanto não formos conduzidos até ele por alguns exames severos, será uma atitude sábia não nos aproximarmos demais dos resultados decorrentes, porque, não lhes sendo conhecida a ligação, eles poderiam alterar a fé nas bases alterando a coragem, que

³⁴ Leva em massa, decretada a 23 de Agosto de 1793 pela Convenção (assembléia que estabeleceu a república na França em 1792, durante a Revolução, e que exerceu plenos poderes até 1795).

não tem chama própria.

Convido-vos, pois, a tomar de todas as coisas aquilo que se apresentar naturalmente ao vosso espírito, a nada esconder nessa ordem de ciência antes de haverdes recebido socorros, mas a buscar continuamente na renovação de vosso ser, que vos tornará capaz de tudo ver quando tudo vos for apresentado. Esse trabalho e a leitura do eleito Böhme pode preencher grandemente o vosso tempo até que as circunstâncias me permitam ir transmitir-vos os frágeis socorros de que for capaz, e que até mesmo não serão nada, pois tereis aproveitado das belas lições de nosso amigo B. Convido-vos a ler o seu “*Sexto Tratado sobre a Vida Suprasensual*” e o “*Sétimo tratado, sobre a contemplação divina* “. Creio que neles encontrareis amplas messes a colher, tanto pela simplicidade da via como pela sublimidade dos termos.

Adeus, senhor, deixo-vos por agora e, não podendo por hoje conversar por mais tempo convosco, peço que não vos esqueçais de mim. Se por acaso encontrardes Monsieur Di., transmiti-lhe minhas recomendações.

SAINT-MARTIN

CARTA 21

B..., 5 de Abril de 1793

Eu já teria respondido, senhor, à vossa importante e interessante carta de 6 de Março se não tivesse sido obrigado a fazer uma viagem a serviço de nossa república, da qual só retornei há poucos dias. Apesar da aquiescência do abade, não dou à minha observação mais valor do que ela merece e acho que vossos comentários sobre esse assunto não podem ser mais justos e o que dizeis sobre as três coroas é muito profundo e interessante. Passo à parte importante e confidencial de vossa carta, a que trata da comunicação física da causa inteligente, isto é, do Reparador. Não duvideis um instante sequer do peso de vosso testemunho pessoal com relação a mim: os fatos acontecidos em vossa escola, os quais tivestes a bondade de me citar, não me deixam qualquer vestígio de dúvida quanto à sua existência e a todos os sinais indicativos que os acompanham.

Mas uma observação essencial, e que em mim continua a ser importante até me convencerdes do contrário, é que as manifestações que se comunicavam com vossa escola eram provavelmente formas enganadoras. Eis o motivo em que me baseio: desde o momento em que essas comunicações caem no sentido externo da visão, creio que podem tomar contornos tão superiormente delineados, de formas tão imponentes e sinais tão augustos que não é absolutamente possível não admiti-las como verdadeiras, mesmo sendo apenas contrafações. Um exemplo marcante nesse gênero, e que aprendi há alguns anos, é o que aconteceu na consagração da loja da maçonaria egípcia em Lyon, a 27 de Julho de 5556, segundo o cálculo deles, o qual me parece errado. Havia vinte e sete membros reunidos. Assim como não basta ter probidade e nem mesmo religião para nos resguardarmos do erro nesse gênero, a maior felicidade que poderia acontecer a um mortal seria, sem a menor dúvida, a comunicação física da causa ativa e inteligente, mas vós admitis juntamente comigo que a ilusão e o erro tomam quase sempre as formas da verdade em uma manifestação tão importante. E como distinguir a verdade das formas enganadoras. Vós me dizeis: “A menos que as coisas partam do próprio centro, não confio nelas”. Sobre essa afirmativa, que me parece tão veraz e importante, tomo a liberdade de fazer-vos uma única pergunta: há manifestações visíveis que possam partir do centro. Ou, em outras palavras, estando o centro aberto, somos ainda capazes ter comunicações visíveis.

Não poderíamos nomear como *natural*, *astral* e *divino* os três reinos designados por vossa escola como *natural*, *espiritual* e *divino*?

Todas as manifestações que se seguem a uma iniciação não seriam do reino astral, e, desde que colocamos os pés nesse domínio, não entramos em contato com todos os seres que o habitam, dos quais a maior parte — se em semelhante assunto me é permitido servir-me de uma expressão trivial — são má companhia. Não entramos em contato com seres que podem atormentar, até o excesso, o operador que vive nessa multidão a ponto de provocar nele o desespero e inspirar-lhe o suicídio, conforme testemunham Schröpfer e o conde de Cagliostro. Na certa aos iniciados restarão meios com maior ou menor eficácia para eles se protegerem das visões, mas em geral parece-me que essa situação, que está fora da ordem estabelecida pela providência, pode antes ter conseqüências mais funestas do que favoráveis para o nosso progresso. Repito minhas perguntas: credes nas comunicações físicas emanadas pelo centro ou produzidas por ele. Em minha nomenclatura limitada, chamo centro ao interior de nossa alma, porém ignoro ainda se o sentimento, seja qual for, pode ou não penetrar até ele.

Encaro essa parte divina de nós mesmos como o veículo, o berço do Reparador que deve ser gerado em nós. Uma vez gerado em nós o Verbo, creio que é por ele que temos comunicação com o Pai e que é pelo fluxo e o refluxo de comunicação entre o Verbo e o Pai que é feita em nós a procriação do Espírito Santo, que então nos introduz em toda a verdade. Assim, penso eu, tudo depende do único necessário, do nascimento do Verbo em nós. Daí a importância de todos os meios que podem facilitar e preparar esse nascimento; daí a importância de não nos enganarmos sobre o significado da palavra centro; daí a necessidade de nos recolhermos em nós mesmos; daí a necessidade de nossa cooperação ao aspirar com nossa alma em direção ao Pai, mergulhando novamente em direção ao centro, em direção ao coração junto ao Verbo. Nosso amigo B. diz em favor de minha última opinião uma coisa bem profunda e geralmente pouco conhecida: “A Imaginação traz a Essência”, cap. 10: 48; cap. IV: 45. *Encarnação*, parte 1, cap. 3: 6,68”. Ou seja, que a imaginação transforma as idéias em substâncias. Isso é diametralmente oposto à opinião vulgar, a qual crê que a imaginação toma as idéias por substâncias e que é por isso que se torna uma fonte de erros e ilusões. Como conseqüência desses princípios, ao nos ocuparmos constantemente de Deus e desejando somente a ele, devo crer que o Verbo nascerá em nós e que a correspondência infável da Santíssima Trindade operar-se-á em nossa alma. Na passagem da Encarnação, parte 3, cap. 4:1, que tivestes a bondade de citar-me em vossa carta do dia 6, há uma linha que confirma muito bem minha asserção. Diz nosso amigo B.: “*Denn die Lust ist eine Imaginirung, da die imagination sich in alle Gestalten der Natur einwindet, dasz sei allda geschwängert werden mit dem Dinge daraus dei Lust entstehet*”. (A luxúria é um modo de imaginar, onde a imaginação serpeia ou se insinua em todas as formas da natureza, de modo que todas ficam impregnadas com isso, e por isso existe a luxúria.) Como o espírito exterior do homem é uma figura do interior, creio que é também o caso e o modo da condição de permanência do Verbo do qual acabo de falar.

Informais-me que pela via do interior recebestes verdades e alegrias acima daquilo que havéis recebido pelo exterior. Para a glória de Nosso Senhor, não oculteis de mim os prazeres que recebestes pela via do interior. Peço, pela vossa amizade, informar-me quando e como atingistes o centro e se tivestes manifestações exteriores a partir daí.

Acabo de receber vossa carta de 26 de Março. As circunstâncias desfavoráveis que vos cercam ter-me-iam causado muita inquietação por vós se minha confiança na Providência tivesse limites. Continuo esperando que a calma renasça em vosso país: o estado de guerra é um estado tão pouco natural que obrigatoriamente os homens se cansam dele. Rogo que vos esforceis para cumprir vossa promessa, tão obsequiosa para mim, logo que os acontecimentos o permitam. Estejais certo de que com a execução de nosso projeto e hospedando-vos em minha casa, não me impondes outro encargo além da gratidão que terei para convosco. Como na Suíça vivemos sem luxo e os próprios chefes de nossas repúblicas habitam em pequenas casas burguesas, nossas posses, embora limitadas, bastam para proporcionar-nos grande comodidade.

São excelentes os vossos conselhos no fim da carta do dia 26. Ser-me-á muito fácil segui-los, pois

nesse gênero o que propriamente me interessa é somente meu grande alvo, e eu sacrificaria de boa vontade todos os conhecimentos que não ajudam ou que não conduzem a ele, assim como não buscaria objeto algum sem auxílio, desde que esse objeto me lançasse na circunferência. Voltando-me com todas as minhas forças para aquele que é a fonte da vida, terei feito o pouco que posso fazer para a renovação de meu ser. No mais, rendo-me ao nosso grande Benfeitor. Se devo permanecer na obscuridade, que seja feita a sua vontade. Não peço luz, mas somente a ele.

Lerei com cuidado os dois *Tratados* de B. que tivestes a bondade de indicar-me. Eles já me haviam atraído sem que eu os conhecesse; até aqui, não os havia lido. Recebi meus agradecimentos sinceros pelo interesse que demonstrais pelo meu progresso e pelos testemunhos de vossa amizade. Tende a certeza de que conheço todo o valor de vossos conselhos, de que farei tudo o que me for possível para segui-los. Adeus, senhor, rogo-vos não vos esquecerdes de mim em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 22

Amboise, 5 de Abril de 1793

Tomo da pena, senhor, para rogar-vos um pequeno favor. Gostaria de ter, em inglês, as obras de Jane Leade, da qual se fala em vosso *Arnold*, tomo II, parte 3, cap. 20, p. 519. Segundo fui informado, essas obras, traduzidas em alemão, são “A Fonte do Jardim”, in-oitavo, e, além disso, três volumes do diário de todas as suas visões, cuja leitura recomendaram-me com muito empenho. Mas como nossas relações com as potências inimigas estão todas interditas, e sendo-me o inglês mais familiar do que o alemão, ousou dirigir-me a vós pedindo que empregueis todos os meios que estiverem ao vosso alcance para que vos enviem de Londres as obras em questão; em seguida, tende a bondade de enviá-las a Berna. Não façais economia, pois satisfarei a todas as despesas, quaisquer que sejam. Vossa posição política e vossas relações científicas vos permitem conseguir-me essas obras que dizem ser um tesouro, pelo que vos ficarei inteiramente agradecido.

Rogo-vos além disso, fazer chegar o bilhete anexo à pessoa cujo conhecimento vos proporcionei e cujo endereço seguramente possuí.

Perdoai-me se tomo essa liberdade, mas não posso mais me servir da via costumeira para escrever-lhe, e depois, pretendo que isso não seja muito freqüente.

Adeus, senhor, felicito-vos mais do que nunca por respirardes o ar da paz política. As circunstâncias querem que eu respire outra; submeto-me e adoro. Então, encontro uma paz que vale bem a da terra, mas é preciso velar para que ela me seja duradoura.

SAINT-MARTIN

CARTA 23

B..., 18 de Abril de 1793

Recebi, senhor, vosso bilhete de 5 de Abril. Podeis ter a certeza de que não pouparei qualquer esforço para conseguir-vos as obras de Jane Leade. Tenho motivos para crer que a pessoa que vos teceu elogios sobre elas deu-vos uma excelente indicação. Jane Leade era amiga do doutor Pordage e o que dela se encontra em *Arnold* é somente um trecho do prefácio do *Gartenbrunn* (*A Fonte dos Jardins*). Esse *Puits du Jardin* contém três partes que formam um diário de todas as comunicações e manifestações de que ela usufruiu. No fim do prefácio mencionado, ela indica e louva uma obra intitulada “O Mistério das Manifestações e Revelações”, de um médico inglês. Julguei que esse

médico só podia ser Pordage. Efetivamente, encontrei o tratado em questão na coleção alemã que possuo desse autor. Nessa obra, Pordage mostra a importância e as diferentes espécies de comunicações e manifestações. Faz menção do estado de enfraquecimento em que a Igreja se viu quando esse gênero de revelação foi suspenso e interrompido e fala de várias manifestações com grande respeito. Eis o título das obras compostas por Jane Leade, além do Puits du Jardin, ou de eu diário, o que é a mesma coisa.³⁵

1ª. *La Nuée Celeste/ The Heavenly Cloud* (A Nuvem Celeste), ou *L'Échelle de la Résurrection/ Resurrection Ladder* (A Escada da Ressurreição), impressa na Inglaterra em 1682. In-quarto.

2ª. *La Révélations des révélations/ The Revelation of Revelations* (A Revelação das Revelações); in-quarto, 130 p.

3ª. *La Vie Hénochienne/ The Enochian Life* (A Vida de Enoque) e *le Cheminemt avec Dieu/ Walking with God* (O Caminhar com Deus); in-quarto, 1694. 38 páginas.

4ª. *Les Lois du Paradis/ The Laws of Paradise* (As Leis do Paraíso), 1695. In-oitavo, 69 páginas.

5ª. *Les Merveilles de la création divine, en huit mondes différents, tels qu'ils on été montrés à l'auteur/ The Wonders of Divine Creation! In eight different worlds, as they were shown to the author* (As Maravilhas da Criação Divina, em oito mundos diferentes, tais como foram mostrados à autora). 1695. In-oitavo, 89 p.

6ª. *Un Message pour la commune de Philadelphie/ A Message to the Philadelphian Community* (Uma Mensagem para a Comunidade de Filadélfia). 1696. In-12, 108 páginas.

7ª. *L'Arbre de foi/ The Tree of Faith* (A Árvore da fé), ou *L'Arbre de vie, qui croît dans le Paradis de Dieu/ The Tree of Life, which grows in the Paradise of God* (A Árvore da Vida, que cresce no Paraíso de Deus). In-12, 122 páginas.

8ª. *L'Arche de la foi/ The Ark of Faith* (A Arca da fé). 1696. 33 páginas.

Todos esses tratados foram traduzidos em alemão em Amsterdã, em 1696, e é de acordo com os títulos alemães que vos indico os títulos franceses.

Certamente já tereis recebido minha longa carta de 29 de Março. Desde então, li nos livros de B. por vós indicados (sabeis como amo e respeito B.), a passagem que deve a passagem que deve servir de explicação para a figura que está no início do tratado, *Vom übersinnlichen Leben*, é, na minha opinião, uma obra-prima; e mesmo no início do tratado B. remete à melhor de todas as provas: a experiência. Mas com isso sempre há grandes dificuldades, não tenho necessidade de vo-las indicar. Deus quer que as superemos. Jane Leade, no trecho de discurso que se encontra em *Arnold*, 3ª parte, cap. 20, § 23, diz, em poucas palavras, uma coisa bem profunda: “Precisamos zelar pela abertura de *cada centro*, pois a serpente tem sempre uma sutileza pronta para introduzir-se em toda parte onde puder”. Isso é geral, mas Jane Leade acrescenta uma observação particular que se refere à grande questão inserida em minha carta de 29 de Março: “De todas as manifestações, a mais segura é a manifestação intelectual e divina que se abre nas profundezas do *centro*. Entretanto, isso não deve significar que devemos permanecer sempre nesse ponto e aderidos a ele sem irmos além, pois existe um outro centro mais profundo ainda no qual a Divindade, despojada de qualquer figura e de qualquer imagem, pode ser conhecida e vista em seu próprio ser e em toda sua simplicidade. Esse modo de se manifestar é a mais pura e, sem exceção, a menos sujeita a erros, na qual nossos espíritos podem repousar eternamente, como no centro deles, e gozar de todas as delícias das quais se nutrem os Anjos, mesmo diante do trono do Eterno”. Vede até que ponto vai a sublimidade de Jane Leade! Na incerteza sobre qual dos tratados dessa autora eu conseguiria em Londres, encomendei todas: uma exemplar de cada uma delas para vós e outro para mim; podeis deixar para mim aqueles que não vos interessarem.

Tomo a liberdade de rogar-vos que soliciteis ao vosso correspondente em Estrasburgo, o que vos recomendou as obras de Jane Leade, pelo amor da boa causa, que dê a um livreiro dessa cidade a ordem de enviar-me todas as obras Jane Leade que possua em alemão. Poderá enviá-las a Basileia, à

³⁵ Os títulos serão citados em português com os títulos franceses e ingleses em itálico.

viúva do livreiro Auguste Serini, recomendando-lhe que as faça chegar a mim.

Soube com pesar do dissabor acontecido a uma de vossas conhecidas, a cidadã B. Sabeis por minhas cartas anteriores que tomei interesse por ela. Ela tem um parente próximo que prova realmente que as *virtudes* nem sempre são os melhores guias de nossas ações, mas mui provavelmente as ciências eram de uma espécie muito má. A partir disso, não poderíamos concluir que a natureza das *virtudes* que se aproximam de nós está em razão direta da nossa pureza. Adeus, senhor, lembrai-vos de mim em vossas preces. Encerrais vossas cartas com um conselho admirável, o da vigilância. *Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem, sed adversus principes et potestates, adversus mundi rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequitiae in caelestibus.*³⁶

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 24

Amboise, 24 de Abril de 1793

Realmente recebi, senhor, vossa excelente carta de 29 de Março e, para responder a ela, esperava esta que acabo de receber. Passo em seguida à vossa pergunta: Há comunicações físicas emanadas do centro ou por ele produzidas. Descubro que não somente Jane Leade responde a isso de maneira perfeita na passagem que me enviastes, mas que vós mesmo não deixastes de responder igualmente bem a essa pergunta ao dizerdes que tudo dependia do único necessário, do nascimento do Verbo em nós. Acrescentaria minha opinião pessoal: é que, por si só, esse centro profundo não produz forma física alguma, o que me fez dizer, no homem de *desejo*, que o amor íntimo não possuía forma e que, assim, homem algum jamais vira Deus. Mas o Verbo íntimo, quando desenvolvido em nós, influi e aciona todas as potências de segundas, terceiras, quartas, etc., fazendo-as produzir suas formas segundo os planos que tem com relação a nós: eis, na minha opinião, a única fonte das manifestações. No entanto, não direi por isso que todas aquelas que não venham por essas sendas sejam formas enganadoras, porque cada espírito produz a própria forma a partir da essência de seu pensamento, mas diria que são formas de imitação que buscam arremedar as verdadeiras. Ajuntai a isso tudo o que o astral puder introduzir-lhe e tudo o que a serpente opera nesse astral, e vereis mais do que nunca que esse centro é o nosso único porto e a nossa única fortaleza. Eu sabia por escrito de todos os acontecimentos de Lyon dos qual me falais e não hesito em situá-los na classe das coisas mais suspeitas, embora as boas almas lá presentes tenham podido receber felizes transportes como frutos de sua piedade e de seus verdadeiros desejos; Deus está sempre tirando o bem do mal. Sabia também das histórias de Schröpfer e de muitas outras desse tipo, sobre as quais o julgamento definitivo foi dado há muito tempo.

Quanto às manifestações que aconteceram em minha escola, creio-as muito menos falsificadas do que as citadas. Ou, se o eram, havia em todos nós um fogo de vida e de desejo que nos preservava e que até esmo nos fazia caminhar na graça, mas então conhecíamos pouco o centro. O que eu tive de conhecimento desse centro, e sobre o quê me questionais, limita-se a transportes interiores deliciosos e a bem mais doces instruções esparsas em meus escritos, quer impressas, quer em manuscrito. Estou bem longe de estar muito adiantado nesse centro, que até agora mais percebi do que toquei. Assim, não permaneci preso a ele, como espero estar um dia pela graça de Deus. Também tive comunicações físicas desde essas afeições centrais, mas em menor abundância do quando seguia os procedimentos de minha escola; e ainda, quando dos procedimentos de minha escola, eu tinha menos das comunicações físicas do que maior parte de meus camaradas. Pois me foi fácil reconhecer que minha parte estava mais na inteligência do que na operação, o que B. me

³⁶ “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”. Paulo aos Efésios, 6:12.

fez compreender em seu *Fünffter Punct*, sobre a magia, no qual vi claramente a diferença entre *mago* e *magia*. Esse parte física que tive, embora raramente desde minhas afeições centrais, não atrai mais a minha confiança do que o resto, dou-lhe pouca atenção. Assim, seja sobre isso, seja sobre minhas aberturas centrais, não satisfaria vossa curiosidade. Além do mais, já vo-lo disse mil vezes, é a vossa obra pessoal que vos importa mais. A obra dos outros não pode entrar em vossa substância nem sair dela e tudo o que não for de vossa substância é para vós perda de tempo, e repito-vos essas verdades com tanto mais prazer porque vejo que vós mesmo estais convencido delas, uma vez que buscais atirar-vos de corpo e alma nos braços de nosso Benfeitor e Salvador. Amém. Vamos à vossa carta de 18 de Abril.

Não recusarei nenhuma das obras de Jane Leade e rogo que me indiqueis os meios para vos reembolsar. A vida de Monsieur Willermoz parece-me mais cômoda, pois tenho dinheiro investido com ele, do qual me entrega juros, e é certo que ele tem relações com banqueiros ou negociantes de vosso país.

Não deixeis, suplico-vos, de dizer à pessoa que vos fiz conhecer que ela tenha a prudência de não me escrever se não me quiser expor. Se tiver qualquer coisa a me informar, escrevei vós mesmo o que ela vos ditar. Além disso, seja em seu nome ou no vosso, quando me escreverdes, não digais uma palavra sobre nossos assuntos políticos. Felicito-vos por terdes a oportunidade de vos ocupardes em paz com as coisas de Deus. A Providência julga oportuno condenar-me ao isolamento no que concerne a isso, não sei por quanto tempo. Seja feita sua vontade, orai todos um pouco por mim.

Quanto à vossa incumbência para o livreiro de Estrasburgo, não poderei chegar a vos satisfazer, apesar de todo o desejo que tenho. A pessoa com quem me correspondo não conseguiu a tradução alemã de Jane Leade, embora tenha feito algumas buscas em todos os livreiros; é um amigo que lhas empresta. Terá de procurá-las no estrangeiro e será preciso que façais o mesmo.

Adeus, senhor, recebi sempre as garantias de minha inviolável amizade.

SAINT-MARTIN

CARTA 25

Amboise, 2 de Maio de 1793

Rogo-vos, senhor, dizer ao nosso amigo comum que não tenho qualquer notícia direta da pessoa de quem ele me fala e que é impossível ele saiba mais do que eu. As que recebi demonstram tranqüilidade de resignação, mas, ao mesmo tempo, tristeza, coisa inevitável nessas circunstâncias; queira Deus que, se pela cruel duração que devemos temer, essa tristeza não se transforme em amargor, pois é preciso estar forte e bem privilegiado para resistir-se a tão longas provas quando, depois de Deus, só temos a nós próprios como consolador.

Em minha última carta eu vos rogava que solicitásseis a nosso amigo comum que não me escrevesse até que as tempestades que ameaçam minha pátria se dissipassem. Todas as cartas são abertas e eu já fui chamado diante de nossas autoridades constituídas para prestar contas sobre uma carta vossa que haviam retido no correio. Minhas respostas pareceram satisfatórias e entregaram-me vossa carta. Mas eu poderia ser novamente interpelado se recebesse as de nosso amigo, e talvez a última dele não me teria chegado às mãos se o que aconteceu à vossa não a tivesse como que coberto com suas asas. Foi somente depois que a sua presente carta partiu que deveis ter recebido a minha onde está o veto sobre a nossa correspondência; assim, ele não podia ter instruções quanto a isso. Mas, daí em diante, vamos conservar essa posição, ele e eu. Dizei-lhe que não pude dar explicação alguma de meus princípios numéricos sobre a nota que me havia enviado porque não

havia nela uma palavra sequer que me indicasse de que se tratava a sua idéia e que, por conseqüência, eu não podia julgá-la. Rogai-lhe para ditar-vos bem resumidamente o que quiser de suas concepções sobre esse assunto e prometo remeter-vos prontamente a minha resposta. Ele queria que fôssemos suíços como vós e ele, Ai de mim!, e eu também o gostaria, para lavrarmos em paz e juntos no campo do homem e na vinha do Senhor, e estou certo de que o instante em que a divina Providência me permitir encontrar-me convosco será um dos mais belos dias de minha vida. Mas talvez eu ainda não tenha merecido tal felicidade, estando condenado a expiações de todo tipo, pois todas as faculdades temporais de meu ser estão constantemente angustiadas, e as angústias estão a todo instante em vésperas de se transformarem em torturas.

Mas, graças a Deus, o centro de meu ser recebe ainda doçuras e consolações e essas consolações estender-se-iam até mesmo à circunferência, se eu não fosse tão insignificante, pois não ousou dizer tão isolado, por medo de julgar-me com excesso de benevolência. Assim, no meio dos abismos sem fundo e sem número que me rodeiam e que a cada dia podem engolir-me, algumas vezes ainda como do *maná* e *minha saúde mantém-se*. Estou lendo agora a *Signatura Rerum*, de nosso amigo B. Que profundidade existe nesse homem ímpar! O cap. 4, sobretudo, é por si só uma mina universal. Mas como eu precisaria de apoio e de companheiros para nele penetrar! Vós principalmente, senhor, que tendes mais experiência do que eu nas ciências físicas, seríeis de grande utilidade nessa leitura porque vossos conhecimentos elementares ajudar-me-iam a desembaraçar um pouco as de ordem superior e, por sua vez, a ordem superior ajudar-me-ia a desembaraçar a ordem inferior. Mas deixemos tudo nas mãos de Deus, pois nosso amigo B. ensinou-me que até mesmo um desejo de nossa parte seria um pecado se não estivesse como que dissolvido, e fosse resultante do desejo eterno e divino ou desse fogo de amor que tudo abrasa, porque é um. Amém.

No cap. 4 de *Signatura Rerum*, nº 21, 37, há a palavra *Urstand*, que creio signifique *fonte*. Meu dicionário alemão é tão ruim que nem mesmo traz o verbete *Urstand*. Meu dicionário inglês o traduz como *inteligência*, o que creio ser um erro; disse-me se estou enganado. Também necessito de uma explicação de gramática acerca de uma passagem de *Fünffter Punct.*, cap. 8, nº 23: *Wenn das ander den Fluch erræget hat; lorsque l'autre a excité la malédiction*³⁷. Pergunto se universalmente, na construção alemã, o regente, que aqui é *das ander*, precede o regido, que é *Fluch*. Ser-me-ia útil possuir uma regra a esse respeito, pois quando os artigos não são tão claros como nesses exemplos para servir-me de guia, corro o risco de tomar o regido pelo regente, e vice-versa, o que me causa grandes atrapalhões, coisas das quais já tenho uma provisão bastante ampla por não conhecer vossa língua, e sobretudo nos gêneros, que são mais numerosos do que na nossa, e pela extrema complicação dos artigos declináveis. Disse-me sobre isso o que puderdes e vos ficarei agradecido. Adeus, senhor, meu coração e meu espírito estão convosco. Deus sabe quando minha pessoa o estará. Mil recomendações ao nosso amigo. Aguardarei em paz os livros ingleses.

SAINT-MARTIN

A resposta a esta carta é de 14 de Maio de 1793. Começa com: “Acabo de receber vossa carta de 2 de Maio e tomo logo da pena para tranqüilizar-vos, etc”..

CARTA 26

B..., 12 de Maio de 1793

Vossa carta de 24 de Abril, que lança tanta luz sobre os mais importantes assuntos, chegou aqui muito bem. Confirmais de maneira bem satisfatória as minhas conjecturas sobre a única fonte e a única via das verdadeiras manifestações. Essa via não está sujeita a perigo alguma e sempre nos conduz a um alvo sublime.

³⁷ ...quando o outro excitou a maldição

Podemos ousadamente colocar as teurgias de Lyon entre as coisas mais suspeitas. Há dois anos que as encontrei no processo jurídico de Cagliostro, instruído em Roma. Esses fatos são como barreiras ao longo de um precipício para evitar que o passante caia nele. Tenho motivos para crer que esse processo é bem verídico; assim, agradeço-vos pelo que me dizeis sobre vossa própria experiência. Além da passagem que me citais de nosso amigo B., há ainda uma que merece a nossa atenção nesse assunto e que se liga bem de perto aos meios que devemos empregar para adquirir o único necessário. De início encontrei nas “Perguntas Teosóficas” III, 33, 34, vossa lança composta de quatro metais. A grande questão é saber se essa lança não pode servir para golpear o rochedo do qual deve jorrar a fonte de água viva, ou seja: se não pode servir para abrir o centro. O que me leva a vos fazer esta pergunta é uma passagem de Jane Leade (nosso abade conseguiu-me uma edição alemã do *Gartenbrunn*), da qual vos faço, não uma tradução francesa, mas uma tradução literal para poder aproximar-me o mais possível do original. *Gartenbrunn*, p. 17:

“A sabedoria fez-me ver efetivamente com que chave o grande mistério que estava profundamente escondido em mim mesmo podia ser desatado. Essa chave era de um ouro muito puro, que havia passado por diversos fogos. Anteriormente eu havia tentado várias chaves, mas não pude conseguir introduzi-las nessa fechadura tão misteriosamente fechada, que resistiu a todos os meus esforços. Cri, entretanto, possuir uma chave composta de metais de tal natureza que eu não devia esperar encontrar resistência na abertura desejada, pois os materiais de minha chave eram a caridade, a fé, a paciência e a humildade, acompanhadas de ardentes preces, mas ela todavia continuou curta demais e insuficiente para atingir a entrada, de modo que eu perdia a esperança de abrir e a coragem de buscar. Eu havia contornado da Cidade santa, havia esperado; havia tentado ora uma senda, ora outra, havia passado de uma prece a outra e de uma crença a outra, até temer seriamente que jamais encontraria essa chave maravilhosa e que passaria toda minha vida num deserto e todos os meus dias a tatear na escuridão sem jamais encontrar a porta que encerra as ovelhas de meu verdadeiro e fiel pastor. Minha alma, plena de temor e terror, foi então deixada em perfeito silêncio e profunda tranqüilidade. A palavra da própria Sabedoria manifestou-se a mim dizendo-me: Espírito, tu que passas o tempo a perquirir e a buscar profundamente, não te espantes de que durante tanto tempo tua esperança tenha sido vã e ilusória; em tua eternidade não terias podido esperar-me em teu estado e teu presente serviço, pois meu nascimento em ti jaz tão profundo que teu presente e atual dom de fé não pode atingi-lo e abri-lo. Até o momento, estiveste mergulhado juntamente com muitos outros em grande erro; entretanto. Uma vez que reconheces tua ignorância e que dela te lamentas, far-te-ei conhecer a chave que pode abrir a grande roda de minha sabedoria para que ela possa se pôr em movimento e acionar todas as potências e nelas influir, e manifestar-se em ti mesmo sob todas as formas e propriedades de tua alma, contanto que estejas em condições de atribuir um preço proporcional ao seu valor. É preciso que saibas que essa chave é composta e soldada pelo ouro mais puro e que se encontra num forno aquecido por diversos fogos. Embora essa chave miraculosa seja, a bem dizer, a obra da própria Sabedoria mas se, entretanto, ela foi dada gratuitamente, ó espírito buscador, tu pagarás bastante caro por ela se algum dia a adquirirdes. A Sabedoria busca, no entanto, aqueles que são dignos delas para poder manifestar-se no recinto interior de suas almas e encontrar cada pensamento daqueles que prestam atenção à suas leis e aos seus conselhos. Ela traz consigo um reino que bem merece que vendas tudo para adquiri-lo. Mas a grande e principal obra-prima, diz a Sabedoria, consiste na direção e na instrução de seu espírito, para que se chegue a fazer um hábil artista e para que ele obtenha o conhecimento de qual matéria e em que número, peso e medida essa chave tão pura deve ser fabricada. — Essa matéria é a pura e sublime Divindade que há nos números *três*. Sua glória ultrapassa tudo e reside num círculo celeste, dentro do coração do homem, onde mede com sua potência o templo e o pátio interiores com aqueles que aí se encontram para adorar. — Quando abri com essa chave a porta secreta da Sabedoria, minha alma desvaneceu-se e não mais retive minhas forças; o sol de minha razão e a lua de meus sentidos enrolaram-se como um tapete e desapareceram. Eu nada mais nada em mim mesma sobre propriedades ativas da natureza e da criatura; a roda do movimento deteve-se e o fogo central fez girar uma outra, de modo que eu me sentia totalmente metamorfoseado numa chama. Então, a Palavra aproximou-se e disse-me: Isso nada mais é do que a porta de minhas profundezas eternas. Podes sustentar a ti mesmo

nessa região ignorada que é a morada e a residência da Sabedoria, onde ele lhe dá uma lei de fogo. Se prestares atenção e obedeceres às suas ordens, então mistério algum lhe será oculto. Até aí, foi-me permitido aproximar-me da entrada de sua casa, etc., etc.,”

Que dizeis, senhor, dessa chave, de seu *número*, de seu *peso* e de sua *medida*. Não vos lembra ela vossa lança composta de quatro metais e a passagem de B., que citei mais acima.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

(Falta a seqüência desta carta, visto que o papel foi rasgado e desapareceu.).

CARTA 27

Amboise, 21 de Maio de 1793

Respondi, senhor, às vossas duas cartas de 12 e 14 de Maio. Estou encantado com o fato de que minha lança de quatro metais se encontre em fraternidade com B. e Jane Leade. Eu só estava inquieto sobre o princípio quaternário fundamental, haurido em minha primeira escola e, embora vos haja escrito, já há muito tempo, que todos aqueles que marchavam na mesma senda diziam a mesma coisa sem se conhecerem, estou muito satisfeito por confirmar isso. Perguntais-me se a lança não pode servir para golpear o rochedo, do qual deve jorrar a fonte de água viva: disso não tenho dúvida alguma, nem Jane Leade. Mas se ela aqui estivesse, dir-vos-ia como eu que toda a virtude dessa lança encontra-se no princípio do qual deriva e que a engendra continuamente. Prouve a Deus gratificar-nos com uma parte dessa fonte e é a porção de fogo de amor que ele se digna acender em nossas almas, o qual, agindo então em concurso com o princípio eterno, deixa-nos em condições de obter a felicidade que só quer proporcionar-nos. Aqueles que, como os teurgos ordinários e os cabalistas mecânicos, crêem nas virtudes dos nomes destituídos desse fogo regenerador vivem em erros perigosos, seja para si mesmos, seja para aqueles que governam, pois esses nomes são formas que não podem permanecer vazias e, se as empregarmos antes de as enchermos de sua substância natural e pura, há outras substâncias que podem nela introduzir-se ocasionando grandes estragos. Assim, o ímpio e o justo podem pronunciar o nome de Deus, mas para um, isso é para a sua perda e para o outro, para sua salvação. Sobre esse assunto, cito, a propósito, alguns versinhos que fiz em Estrasburgo para uma pessoa que me pedia a chave do *homem de desejo*. Esses versos não convenceram a pessoa a quem os dei, pois ela estava totalmente imersa na torrente do mundo mais ignorante e frívolo, mas não deixo de crê-los por isso menos verdadeiros. Ei-los:

*Avant qu'Adam mangeât la pomme,
Sans effort nous pouvions ouvrir.
Depuis, l'œuvre ne se consomme
Qu'au feu pur d'un ardent soupir;
La clef de l'homme de désir
Doit naître du désir de l'homme.*³⁸

Talvez seja um tanto pueril de minha parte enviar-vos esta frivolidade. De qualquer maneira, não mais repetirei isso.

Não consigo exprimir-vos o bem que me fizestes com o envio da passagem de Jane Leade. É do mais puro ouro e ousa até dizer que é de uma qualidade bem nova, embora as mesmas verdades se encontrem nos nossos outros bons teósofos, mas em parte alguma elas me causaram tanta sensação. Oh!, quanto deleite espero do restante da obra! É preciso convir que essa passagem tem grande

³⁸ Antes que Adão comesse o pomo,/Sem esforço podíamos abrir./Desde então, a obra só se consome/No fogo puro de um ardente suspiro;/A chave do homem de desejo/Deve nascer do desejo do homem.

mérito para mim: o de estar escrita em minha língua. Tudo me fica mais aberto nessa língua do que em qualquer outra. Também, certas coisas que leio em Böhme não me trazem a metade do que trazem quando as leio nas traduções francesas que fiz aqui e ali, mas que não as levei muito longe, porque não sou um trabalhador muito robusto e, além disso, minha verdadeira maneira de aproveitar uma instrução não é traduzindo-a nem a copiando, mas falando-a. Ora, aqui estou sob os laços da potência muda. Vamos à vossa segunda carta.

Só existe uma espécie de maná. As Sagradas Escrituras estão cheias dele, Böhme o explica, Jane Leade torna-o bem tangível. Possa esse manjar fazer-se sentir em vosso coração. Fazeis muito bem em ocupar-vos com B., como o fazeis, isso terá seu lugar. Se eu não fosse tão insignificante, faria como vós, mas há pouco vos confessei minha incapacidade. Estou bem contente de não me haver enganado sobre a palavra *Urstand*. Quanto à regra pela qual vos perguntava, falar-vos-ei com mais clareza e amplitude de outra vez. Hoje quero falar-vos de uma idéia que já me ocorreu várias vezes sobre o assunto de nossos projetos comuns de aproximação. Sempre a repeli, tal é o medo que tenho de meu próprio desejo, mas ela sempre volta. Vou, pois, transmiti-la a vós.

Neste momento, é impossível viajar para fora de minha pátria. Os meios ordinários de passaportes estão como que universalmente interditados, sobretudo nos cantões que, como o meu, apresentam perturbações. Não quero, de modo algum, viajar como emigrado e permanecer fiel à minha pátria, seja qual for a sorte que o destino lhe reserve. Mas não será possível empregar meios extraordinários com êxito. Sois um homem considerável em vossa pátria, e deveis sê-lo aos olhos da minha pelo peso que tendes na vossa. Conheço um pouco Monsieur Barthélemy por havê-lo visto em Londres em 1787, onde lhe fui apresentado por um inglês chamado Mr. Bousie. Nosso embaixador, o conde de Adhémar, estava então ausente em licença. Pensaríeis que seria comprometedor testemunhar a Monsieur Barthélemy o vosso desejo de chamar-me por algum tempo junto de vós a fim de cultivarmos juntos objetos de estudo que temos em comum, e também me facilitar os meios de me fortalecer numa língua que me é necessária nesses mesmos objetos. Podereis dizer-lhe que minha idade, cinqüenta anos, faz com que todos os momentos sejam preciosos para mim, que não ocupo função alguma na República, que meu único estado é ser homem de letras, que já preenchi, além disso, todas as condições impostas pela República francesa a todos os cidadãos: que se, pelo que foi exposto, ele acreditar que pode encarregar-se de vossa solicitação junto ao nosso ministro de negócios estrangeiros, vós e eu lhe ficaremos gratos. Eis o que confio à vossa prudência e sabedoria. Se minha idéia não for apresentável, abandonai-a. Se virdes, de alguma forma, que podeis pô-la em prática, fazei o que o coração vos disser. Se a tentativa que fizerdes for pura perda, lamentarei o haver-vos comprometido, mas, se por vossos meios tiverdes êxito em obter a autorização de meu governo, essa minha viagem me dará todas as satisfações possíveis. O bom Deus fará o que quiser. Amém.

Haja o que houver, envio-vos meu nome completo e minha residência a fim de que, se Monsieur Barthélemy vos aceitar, possa fazer com que o ministro tenha condições de tomar todas as informações que quiser: Louis-Claude de Saint-Martin, nascido em Amboise em 1743 e aí residindo desde o último mês de Setembro; votado ao estudo das ciências desde a juventude; inscrito na lista dos candidatos, feita pela Assembléia Nacional em 1791 para escolher um preceptor para o filho de Luís Capeto. Acrescentai-lhe o que quiserdes. A vossa carta que se atrasou acidentalmente é a de 5 de Abril. A vossa última, de 5 de Maio, ficou também retida no comitê de supervisão geral, em Paris, de onde me deve ser enviada com um lacre vermelho em cima de vosso lacre negro. Sabeis o quanto é importante nos ocuparmos com as coisas que não são deste mundo.

Esquecia-me de dizer-vos que não deveis colocar *via* Paris nos endereços de vossas cartas. Isso me faz pagar por elas quase metade a mais por causa do desvio que teria de tomar. Chegarão com toda segurança simplesmente com: *Amboise, departamento do Indre-et-Loire*.

Adeus, senhor, agradeço-vos por vossas lembranças. Dai as minhas lembranças ao vosso amigo.

Quando me escreverdes sobre o projeto acima, não citeis ninguém: entenderei por minhas palavras.

SAINT-MARTIN

A carta que responde a esta é de 8 de Junho e começa assim: “De volta de minha incumbência, tive o prazer, senhor, de encontrar vossa carta de 21 de Maio, etc.”.

CARTA 28

Amboise, 21 de Junho de 1793

Tomei conhecimento, senhor, dos truques de aritmética de que me falais. Os primeiros dados eram letras hebraicas traduzidas em algarismos, segundo seu valor. Os resultados eram às vezes bem singulares, mas não se elevavam muito alto. Foi um alemão da Francônia quem me transmitiu os seus procedimentos. Não os conservei na memória. Como fiz pouco caso deles, faço agora menos uso. Os judeus são famosos por todos os tipos de cabala e podereis julgar quantas espécies há, desde os truques de carta até o grande Nome, que é a única cabala real e única digna do homem, porque é a única que pode ser digna daquele de quem o homem é a imagem.

Estou bem contente por meus pequenos versos vos terem agradado, mas podeis apostar que não voltarei a repetir isso. Essas tolices não são mais da minha idade.

Ninguém pode censurar-vos por considerardes a Virgem como um ser grandemente prestativo. Mas ela jamais será mediadora para ninguém, exceto para aqueles que não tomaram um impulso mais alto. Ela é pura, é santa, teve sua parte da Sophia como todos os santos e todos os eleitos. Devemos dar-nos por felizes quando Deus permite que ela nos faça companhia e venha ajoelhar-se conosco para orar a ele (expressão que ouvi de um pregador muito católico da Igreja romana e que inseri, creio-o, em *O Novo Homem* ou *no Ecce Homo*), mas jamais devemos crê-la indispensável a alguém. Sua obra está cumprida, já que ela deu nascimento ao Salvador, abrindo-nos a fonte eterna da vida. Com isso ela fez infinitamente mais do que poderia fazer a partir de agora. Além disso, ela não deu nascimento ao Verbo, mas ao Cristo; assim, nunca poderia dar nascimento ao Verbo em nós. Todavia, penso que é preciso deixar a cada um a medida de fé que pode ter. Quanto a vós, senhor, que só quereis considerar as vantagens que podemos obter de nosso relacionamento com ela, repito-vos, não creio que devais contestá-las. Foi dito: *Cum electo electus eris*³⁹; mas creio poder dizer-vos que conheceis um eleito maior do que ela: seu Filho. É este o único do qual podeis esperar vossa eterna eleição. Sois o irmão daquele que disse à Virgem: “Mulher que tenho eu contigo?”⁴⁰.

Felicito-me por não haverdes tomado providência alguma junto a Monsieur B., em primeiro lugar, porque que isso vos teria comprometido; em segundo, porque, no estado atual das coisas, qualquer tentativa teria sido completamente inútil. As tempestades acumulam-se de tal maneira a cada dia que passa que não deixam mais qualquer saída.

Uni-vos a mim para elevarmos todos juntos as mãos ao céu a fim de pacificar sua cólera, pois ela jamais foi tão ameaçadora e as coisas tomam uma feição totalmente oposta àquela da qual vossa amistosa esperança se compraz em nutrir. Não apenas antecipo o prazer que terei no momento em que vir chegar Jane Leade, mas falam-me também com tanto respeito do médico Pordage, que mencionaste em vossas cartas, que eu ficaria bastante encantado se ele pudesse participar da viagem. Também me fazem grandes elogios sobre Browne. Apresentam-me esses personagens como tendo sido contemporâneos de Jane Leade. Aquele, cujo nome escrevo Pordage, de acordo convosco, escrevem-no como sendo Pordaestsch; vede se é a mesma pessoa. Arnold vos explicará

³⁹ Serás um eleito com o eleito.

⁴⁰ Nas bodas de Caná: Evangelho de João, 2:4.

isso, pois é com toda certeza daí que foi tirado tudo o que me informaram sobre esses assuntos.

Pedir-vos-ia também informar-me que valor os nossos *assignats* perdem em vosso país, pois se não recorresse inteiramente à via de Lyon para o pagamento, temeria os atrasos. O estado em essa cidade que se encontra neste momento não permite que eu consiga receber de lá notícia alguma, nem mesmo para meus negócios. Então eu vos enviarei diretamente daqui a soma de *assignats* que necessitaríeis para desembolsar e para o que devo na balança. Tenho uma outra pergunta a fazer-vos quanto a alguém por quem me interesse, e que, quando as tempestades houverem passado, desejaria investir fundos em vosso país, em renda perpétua ou renda vitalícia, ou somente no banco, se houver um em vosso país, como em Gênova, Veneza, Londres, etc. Fazei-me, pois, esse favor, já que vos achais num momento de repouso, de me informar o que houver de praticável ou de impraticável em todos esses projetos e quais seriam as condições, assim como os juros dos fundos investidos em cada uma dessas três maneiras. Adeus, senhor, gozai em paz de vosso lazer e da calma do lugar feliz em que viveis. Espero bem que o céu me permita um dia ir partilhar vossa felicidade, mas talvez ele queira fazer com que eu a compre, seja feita a sua vontade. Rogo-vos dar muitas recomendações ao nosso amigo.

SAINT-MARTIN

CARTA 29

M..., 6 de Julho de 1793

Acabo de receber vossa carta de 21 de Junho e como conto partir em poucos dias para o balneário de *Loesch-en-Valais*, apresso-me, senhor, a responder a ela. Estamos inteiramente de acordo no tocante aos cabalistas que parecem ter sua sede particular na Alemanha. É o grande Nome, como dissestes perfeitamente bem, que é a única cabala digna do homem. Haveria coisas bem interessantes a dizer sobre seu emprego e as circunstâncias que permitem e autorizam seu uso. Vossa opinião sobre esse assunto me seria por demais preciosa. Como o assunto sobre a Rainha dos santos, como a chamais em vossa Igreja, é interessante sob diversos aspectos, tentarei expor-vos minhas idéias sobre esse assunto com mais detalhes ainda do que em minha última carta. Nenhuma precisão ou prudência seriam excessivas em semelhantes assuntos.

Concordo perfeitamente em que o conhecimento das opiniões das quais vos falei não é de maneira alguma indispensável a elas, e, mesmo que essas opiniões fossem justas e fundadas, exerceriam seu poder sem nossa ciência ou cooperação nossa. Nosso conhecimento e adesão a essas idéias poderiam, de qualquer forma, servir simplesmente para facilitar e abreviar a obra. Quando falei da sociedade desse ser puro e santo, entendia com isso a comunhão que pode existir entre seres intelectuais e que não se acha limitada pelo tempo nem por lugares. Salvo melhor juízo, temos, segundo penso, um órgão para dela usufruir: o centro interior de nossa alma; assim não entendo sua presença e sua comunicação física. Sabeis que jamais vos perguntei como alguém poderia tentar obter esses tipos de comunicação. Não que eu esteja disposto a desprezá-las, muito ao contrário: considero-as como favores diversos, muito próprias a imprimir marcas profundas em nossas almas e a nos proporcionar vantagens imensas para o nosso progresso. Apenas o perigo que acompanha essa região me tornou um pouco reservado sobre esse assunto, sabeis tudo o que eu poderia acrescentar sobre isso. Seria uma vantagem inexprimível se esse caminho pudesse ser preservado de qualquer intervenção e de qualquer imitação dos inferiores. A cena de Lyon durante a consagração da loja da qual vos falei é um exemplo bem marcante nesse gênero, o qual deve despertar-nos desconfiança. Dizeis, inteiramente de acordo com o que penso, que Maria não deu à luz o Verbo, mas o Cristo.

Eis, abreviadamente, a teoria que poderia servir de fundamento à opinião que vos transmiti em minha última carta. Informai-me, por favor, vossa opinião sobre a seguinte teoria.

“Assim como na ordem inferior e temporal nada é produzido a não ser numa base, numa virgem, assim também na ordem mais sublime e divina o Verbo é gerado numa base que, embora substância, é um nada infinito e a virgem é a sabedoria divina, Sophia. Foi essa virgem divina que se uniu hipostaticamente à humanidade de Maria e é nesse fundo divino que o verbo foi gerado em Maria, e é ainda a mesma virgem divina, unida à humanidade de Maria, que pode entrar nos corações e servir de fundo sobre o qual é gerado o Verbo”.

Confrontai essa teoria com algumas passagens de nosso amigo B., *Três Princípios* XXII, 38, 41, 43, 44, 45, 61, 71, 74, — 82⁴¹. Encarnação, 1. parte, cap. VIII, particularmente no capítulo IX, n°s 12, 21 e 22; cap. 10, n°s 1 e 7. E como prova que o nada infinito nada mais é do que Sophia, a sabedoria eterna, vede a 2ª pergunta teosófica 177, n°s 4 e 12, e a figura gravada no frontispício do tratado *Aurora*. Sophia é visível como um espírito puro; o elemento sutil é seu corpo, que se chama *Ternarius Sanctus*. Vede *Três Princípios* XXII, 72. E, o que é sobejamente extraordinário para um protestante, nosso amigo B. afirma que o corpo da Virgem não haja, depois da morte, sofrido a lei geral, que não tenha sofrido a corrupção. Vede o 1º apólogo contra Tilken, n° 334.

Pordage e Pordaetsch são exatamente o mesmo indivíduo. Vejo isso em seus próprios tratados, que estão diante de meus olhos. O primeiro nome é inglês e o segundo, que se acha em meu exemplar, foi escrito segundo a pronúncia alemã. Entre outras coisas, ele escreveu sobre o mundo angelical de maneira bem digna de nota. Infelizmente, só nos resta pouca esperança de descobrir as obras de Jane Leade. Vede com isso como a língua alemã é útil nesse tipo de conhecimentos, porque na Alemanha, em Estrasburgo⁴² e em Frankfurt principalmente, as obras de Jane Leade e de Pordage podem ser encontradas em alemão nas livrarias chamadas antiquários, que só trabalham com livros antigos.

Minha opinião seria que vos désseis ao trabalho de traduzir para o francês as passagens mais fáceis de nosso amigo B. para que nesse gênero a língua alemã se vos torne inteiramente familiar. As passagens mais fáceis de B. são, indubitavelmente, as que se encontram na parte histórica *Myst. Mag.*; a história de José, por exemplo, no cap. 44. Se por acaso lêsseis B com familiaridade em alemão, descobriríeis que Jane Leade e Pordage são bem fáceis de se compreender.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 30

Amboise, 21 de Julho de 1793

Minha resposta à vossa primeira pergunta, senhor, será curta, mas creio que não será menos substancial.

Minha opinião, sobre o uso do grande Nome, é que jamais devemos empregá-lo por nós mesmos, esperando sempre que ele mesmo se gere, se forme e pronuncie a si próprio em nós. Penso ser esta é a única maneira de não pronunciá-lo em vão. Essa teoria é muito elevada, sei disso, mas é este o regime que adoto por minha própria conta. Assim, não vos direi nada de tudo o que daí provém. Trato-vos como a mim, ou seja: como amigo.

Quanto à Sophia, não tenho dúvida alguma de que ela não possa nascer em nosso centro. Não tenho dúvida alguma de que o Verbo divino possa nascer nele também por esse meio, como nasceu por Maria. Mas tudo isso nos acontecerá de maneira espiritual e, se pudermos senti-lo dessa maneira, então jamais o veremos, a não ser intelectualmente, língua não estranha para aqueles que estão um tanto a par das manifestações. Tudo o que se apresentar de maneira mais física e no exterior não

⁴¹ Significa “de 74 a 82”.

⁴² Hoje Estrasburgo pertence a França.

virá de nós nem do nosso próprio centro, embora nosso centro seja com isso realçado e se rejubile. Assim, o Verbo, Sophia e a própria Maria, que pedem manifestar-se no exterior, serão o Verbo, a Sophia e a Maria já formados, todos eles, antes de nós, e buscando revivificar-nos e a nos encorajar na nossa obra pessoal, que é fazer em nós essas coisas, não através de uma geração em ser externo, como aconteceu quando de *Encarnação*, mas pelo renascimento íntimo de nós mesmos, o deve tornar-nos semelhantes a todos os seres pela santidade, pela pureza e pela luz.

Creio, senhor, ter respondido de maneira bem clara a esse assunto para considerá-lo encerrado daqui por diante, pois compete à prática ou à prece dar-nos sobre isso as demonstrações que não podem vir da mão humana. Não receio que nosso amigo Böhme me desminta neste ponto.

Estou sinceramente consternado por vossas buscas com relação às obras de J. Leade não terem obtido êxito, é o que concludo de vossa carta, embora vos tenhais esquecido de inserir nela a resposta recebida de Londres, a qual iríeis acrescentar-lhe, pelo que me dissetes. Por meu lado, enquanto aguardo o momento agir para tê-las em inglês, ousou dirigir-me ainda a vós para tê-las em alemão. Espero tirar partido disso, pois entendo Böhme correntemente sem ter necessidade de traduzi-lo para aprender sua língua, empresa acima de minhas forças físicas, que se esvaem a olhos vistos; empresa que não levarei longe, sobretudo nas circunstâncias amargas e desastrosas que me cercam.

O me obriga a recorrer a vós é que minha correspondência predileta, em Estrasburgo, está suspensa. Lá todos os destinatários de cartas são obrigados a comparecer diante de comissões nomeadas *ad hoc*, as cartas são lidas na presença delas e somente entregues quando nada contêm de suspeito. A pessoa com quem me correspondo não pode submeter-se a esses usos e combinamos que eu só lhe escreveria quando ela pudesse ler minhas cartas sem sair de casa. Rogo-vos, pois, senhor, encarecidamente, fazer tudo o que estiver ao vosso alcance para conseguir-me as obras em questão em alemão.

Não me preocuparei em nada com as despesas. E mesmo, através de entendimentos de família, acontece-me ter algum numerário da herança de meu pai, o que afasta qualquer embaraço e evita qualquer atraso no pagamento.

De acordo com os detalhes financeiros que tendes a gentileza de me dar, a pessoa não pensa mais em seu projetos de investimento.

Agradeço-vos com toda sinceridade, senhor, pelos votos que fazeis pela minha tranqüilidade. Ouso crer que o céu atende a eles, pois, apesar dos espinhos de todo tipo sobre os quais me fazem dormir noite e dia, ainda conheço algumas vezes o leito de rosas, e apesar do exílio em que me encontro, e que é pior do que o dos judeus em Babilônia, pois pelo menos eles estavam juntos e eu estou sozinho, o Deus de bondade não está longe de mim e, se eu tivesse menos preguiça de procurá-lo, nem notaria a falta de companhia. Devo confessar-vos, além disso, como um tributo de reconhecimento pelas bondades desse Deus supremo, que, em meio às perturbações que angustiam de maneira tão cruel minha infeliz pátria, fui absolutamente preservado, como se a mão que vela sobre mim temesse afastar-se por um instante sequer. Enfim, se é necessário que eu vo-lo diga, em comparação com todos os meus concidadãos, tratam-me como criança mimada. Lembrai-vos sempre de mim e rezai por mim. Eu vos rogaria a gentileza de, na próxima carta, me esclarecerdes sobre as seguintes dificuldades de nosso amigo Böhme:

Apologia wider Stiefel, nº 423, linha 5, *Auffgehoben*.

Christi Testamenta, 2. *Büchlein*, cap. 4, nº 31, p. 78, l. 12. *Auffschlagen*, idem nº 36, linha 16 *verwegen*.

Nem meu dicionário nem meu inglês me dão sobre essas palavras um sentido satisfatório.

Depois dos dois Testamentos, há no mesmo volume, edição de 1882, um pequeno tratado em três capítulos intitulados *Eine einfältige Erklärung von Christi Testament der Heyl. Tauffe*. Nesse pequeno tratado, cap. 3, nº 7, linhas 4 e 5, há *Dieses Zorn-Feuer gibt Er mit seinem Eintaucham Seiner feüer-brennenden Liebe*. Acho que *Dieses* deveria estar no dativo, e não no nominativo. Parece-me um erro, dissei-me se estou enganado, mas sem o dativo nada consigo entender.

No fim desse mesmo pequeno tratado, à página 180, nas últimas palavras da nota histórica da morte de Böhme, *Dann er anno Christi 1624, etc., etc., eingegangen*. Não sei por que não acrescentaram *ist*⁴³. Parece-me que *ist* é necessário para completar o sentido da frase; dissei-me igualmente se me enganei.

Sabeis como me será útil a companhia de pessoas instruídas em vossa língua, uma vez que uma única palavra me removeria dificuldades que, embora sejam frivolidades, exigem páginas de escrita.

SAINT-MARTIN

CARTA 31

Balneário de Louesch-en-Valais, 1º de Agosto de 1793

Foi com a mais viva satisfação, senhor, que recebi vossa sublime carta de 21 de Julho. Vossa teoria sobre o emprego do Nome dos nomes é muito elevada. entretanto, parece-me clara e inteiramente de conformidade com minhas próprias idéias. A distinção que ainda fazeis entre a visão intelectual e a visão exterior e física parece-me clara e nítida, embora eu não passe de um profano. A Sophia pode manifestar-se tão bem exterior e fisicamente que a primeira manifestação física da qual Jane Leade gozou foi a de Sophia. Ela descreve essa comunicação ao longo do *Gartenbrunn*. Se não conseguir descobrir logo suas obras, aproveitarei alguns momentos de lazer para traduzir-vos essa passagem. Em seu “*Mundo Angélico*” Pordage insiste muito na utilidade e na importância das comunicações físicas. O grande ponto consiste em evitar os tropeços. Quanto a mim, encaro as manifestações, quando verdadeiras, como um excelente meio de adiantar nossa obra interior, e creio que uma elevação ao Ser supremo, uma adesão do fundo da alma à causa ativa e inteligente, uma pureza de vontade que não deseje senão aproximar-se da fonte de toda luz e unir-se a ela, sem um único movimento de retorno em direção a nós mesmos, enfim, o Nome dos nomes, tudo são meios infalíveis de receber esses dons sem mistura de erro e de ilusão. Pordage fez-me sentir a importância das comunicações físicas, mas o que os ingleses de hoje — não Pordage — chamam de *second sight* (segunda visão), que adquiriram por tradição ou iniciação, parece-me conduzir-nos a uma região em que a classe boa e a má se misturam para entrar em contato conosco. Imagino classes diversas de adiantamento entre os homens de desejo, dos quais cada um produz efeitos ora mais ora menos elevados, e ora mais ora menos puros. Mas será necessário passar pela segunda visão para se chegar às comunicações puras. É sobre isso que vossa opinião me será muito preciosa.

Não fiqueis penalizado por eu não ter tido êxito na Inglaterra no tocante às obras de Jane Leade. Vi com prazer, pelas vossas observações sobre algumas passagens de B., que fizestes bastante progresso na língua alemã, mediante o que, se continuardes assim, a compreensão de Pordage e de Jane Leade em alemão não passará para vós de um brinquedo. Podeis ter toda a certeza de que nada deixarei de fazer para achá-las para vós; precisarei somente de um pouco de tempo. Comecei escrevendo a Basiléia sobre esse assunto. Talvez eu seja enviado a Basiléia para comandar as tropas de nosso contingente que faz parte daqueles que o corpo helvético mantém deste lado para assegurar a neutralidade. Tomarei então informações quanto a Estrasburgo, Frankfurt e Leipzig, que são os depósitos de livros antigos. Quanto ao pagamento das obras, não vos preocupeis e, como princípio, tomo a liberdade de pedir-vos que jamais vos sintais embaraçado comigo sobre assuntos

⁴³ É , está.

de dinheiro, e mesmo que a situação deplorável das circunstâncias atuais vos façam perder a maior parte de vossa fortuna, sempre vos restará o recurso do qual já falamos nas nossas cartas anteriores, e considerarei esse recurso como um favor que me proporcionais. Em minha última carta eu me havia esquecido de ajuntar o recibo vindo de Londres e que deixei em M..., o qual me informava que as buscas das obras de Jane Leade foram infrutíferas. Do fundo do coração agradeço à Providência a proteção especial que vos outorga e ergo as mãos aos céus para que ela continue a fazê-lo, esperando que minhas preces não de ser ouvidas. Acrescento aqui duas palavras de resposta às perguntas sobre gramática que me dirigis sobre nosso amigo Böhme.

Auffgehoben apolog. *Stiefel*, nº 423: é o antigo infinitivo do verbo *sich hebe auf*. Hoje dizemos *aufgehoben* e esta palavra geralmente toma um sentido figurado. Dizemos diariamente *Dieses Decret is aufgehoben*, assim como em francês se diria *ce décret a été rapporté* (esse decreto foi revogado) como sinônimo de *suspende*, *anular*. Na passagem citada, o vocábulo significa que, apesar do estado glorioso no qual Jesus Cristo se encontra, sua *humanidade*, sua *criaturalidade* continua subsistindo, e que ele não foi despojado dela. *Auffschlagen*, Christi Testam.⁴⁴, linha 12, cap. 4, § 31. Expressão figurada. Dizemos *ein Zelt, eine Hütte ausschlagen*, isto é, *construir uma tenda, uma cabana*. Nosso amigo fala de um palácio, acepção que somente a ele pertence e que não passa da imitação dos exemplos que acabo de citar. *Verwegen*⁴⁵, nº 36, linha 16: a acepção deste vocábulo é uma licença tomada por B... em relação à língua alemã. Empregou o termo como verbo. É como se alguém dissesse em francês *se téméraireiser*⁴⁶. *Dieses Zorn-Feuer*⁴⁷. *Erklär. von Christi Test.*, cap. 3, § 7. É um dos números mais sucintos e mais densos de nosso amigo, sendo preciso considerá-lo somente como título, como resumo das palavras que se seguem. Mas é indispensável que o nominativo permaneça, que seja *dieses* e não *diesem*.

Há um erro de imprensa no nº 10, linha 5: em vez de *Ich gehe ihnen*, leia-se *Ich gebe ihnen*⁴⁸.

Mais do que um erro, a emissão do verbo auxiliar *ist* à página 108 é um caso de elegância e precisão de estilo, porque o infinitivo *eingegangen* refere-se de maneira quase imperceptível a *ist*, que se encontra na primeira linha, embora haja um ponto entre os dois.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

Esta carta vem seguida de outra datada de 6 de Setembro de 1793, que começa assim: “Escrevi-vos do balneário de Louesch a 8 de Agosto, e, não havendo recebido notícias vossas, no tempo costumeiro, senhor, etc.”.

CARTA 32

Petit-Bourg, près de Ris, em Ris, departamento de Seine-et-Oise,

21 de Maio de 1793

Eis-me de volta por alguns momentos, senhor, à casa de campo onde estive no ano passado. Embora a dona da casa não esteja presente, vim ver alguns amigos que estão morando aqui na sua ausência, cuja companhia me distrai um pouco da tristeza em que passei onze meses em meu país, tanto pela enfermidade e pela morte de meu pai, quanto pelas questões de sua herança. Como, provavelmente, não ficarei aqui por muito tempo, endereçai vossas cartas a Amboise, como de costume, pois tenho todos os motivos para crer que não tardarei a regressar.

⁴⁴ H. Abendmahl. (Nota dos editores franceses).

⁴⁵ Temerário, ousado.

⁴⁶ Em português seria: temerizar-se (tornar-se temerário).

⁴⁷ Este fogo da cólera.

⁴⁸ Eu vou a eles — Eu dou a eles (eu lhes dou).

Vossa carta de 8 de Agosto, endereçada à minha casa, foi enviada para aqui. Vejo nela que o ponto das comunicações é o que mais vos preocupa e que desejais encerá-lo em definitivo. Sabeis tudo o que vos informei sobre isso. Vós concordastes, e assim não voltarei a esse assunto. Mas, para não deixar sem resposta vossa última pergunta sobre a *segunda visão*, dir-vos-ei que não conheço lei geral alguma sobre essa parte e uma resposta afirmativa ou negativa seria uma lei geral. Creio então que as vias são tão variadas nesse gênero quanto os pontos de onde podem partir os diversos viajantes. Creio que a própria Chose pôde conduzir de maneiras diferentes os seus eleitos, dando a uns as comunicações puras interiores sem as exteriores; a outros as comunicações puras exteriores sem as interiores; e a outros ambas. — Creio que as tradições ou iniciações chamadas *segunda visão* podem ter desviado certos homens e que tenham sido úteis a outros, porque, com as iniciações corretas e um coração bem disposto, Deus nos conduz algumas vezes à luz, deixando-nos mesmo atravessar abismos. Mas, instruído como o sois hoje, deveis estar certo de que qualquer tradição ou iniciação dos nomes jamais poderá ser responsável por levar-vos às comunicações puras, porque é somente Deus quem as dá. Mantende-vos, pois, no ponto em que estais, não busqueis senão despojar-vos de qualquer Egoísmo, de qualquer Individualidade; não empregueis vossas faculdades senão para pô-las inteiramente na mão que só deseja governar a todas, e deixai-a agir: ela saberá, melhor do que todos os sábios do mundo, conduzir-vos aonde vos for necessário ir, e como for necessário ir.

Agradeço-vos a boa intenção de traduzir-me algumas passagens das obras de Jane Leade. Para evitar trabalho duplo, devo dizer-vos que há seis meses enviaram-me de Estrasburgo alguns trechos dessa autora traduzidos em francês. Envio-vos a essa observação para empregardes vossa boa vontade para comigo em outras passagens.

Discurso de Jane Leade sobre a diferença entre as revelações verdadeiras e das revelações falsas, encontrado no prefácio do assim chamado *Poço do Jardim*, obra in-oitavo surgida em Amsterdã no ano de 1697, traduzida de alemão e tirada da História da Igreja e dos Hereges, de Arnold, tomo II, 3. parte, cap. 20, p 519.

Tenho trechos traduzidos desse discurso, do nº 18 até o 26, inclusive; e foi acrescentado em nota, no fim, que essas coisas se acham mais detalhadas num tratado intitulado “*O Mistério das Visões e das Revelações*”, de um doutor inglês, anexado à sua *Theologiam Mysticam*, in-oitavo e publicado em Amsterdã em 1698. Talvez essa obra seja a do vosso doutor Pordage. Quanto ao mais, o pouco que possuo nos trechos que me enviaram enche-me de admiração, e tudo o que eu vir desse autor, seja em inglês, seja em alemão ou em francês, não pode deixar de aumentar o prazer que já experimentei com a leitura do que está tenho em mãos. Se em vossa procura nas livrarias estrangeiras descobirdes as obras em questão, tende a bondade de avisar-me de as enviar porque, nas circunstâncias atuais, é preciso que nos esforcemos por evitar acidentes que podem acontecer durante o percurso.

Adeus, senhor, recomendo-me sempre à vossa amizade e às vossas preces. Estou atualmente ocupado com a leitura do *Mysterim Magnum* de nosso amigo Böhme. Que profundidades esse autor me faz descobrir! Se ele não houvesse condenado até o menor desejo do homem, eu concederia tais desejos para poder conversar sobre ele com as pessoas que tivessem conhecimento de sua doutrina e de sua língua, pois não tenho nada disso ao meu redor. Mas seja feita a vontade de Deus! Não há situação alguma da qual não possamos tirar algum fruto, pois Deus está em toda parte, e não há um só ponto da atmosfera que não encerre a terra vegetal do jardim do Éden.

Escrevo hoje somente um pouco sobre tudo isso. São as portas da cólera que estão abertas sobre a terra neste momento. É preciso esperar que os dias de paz nos abram novamente as porta do amor. As misturas nesse gênero podem ter seqüências por demais funestas. Exorto-vos a ter a mesma reserva.

CARTA 33

M..., 18 de Setembro de 1793

Vossa carta de 9 de Setembro, senhor, trouxe-me grande satisfação porque tirou-me da inquietação em que me encontrava com relação ao vosso silêncio. Julgá-lo-eis pelo bilhete que vos dirigi no dia 6 deste mês.

Sinto como vós a necessidade do despojamento. O extenso artigo, com relação a essa idéia, é de dar-lhe a determinação e a medida necessárias, pois, sem isso, cai-se num labirinto que pode levar ao desencorajamento. Não ter outra vontade senão a de Deus exige o conhecimento e o discernimento prévio da vontade de Deus. É um meio que nos defende das inquietações, dos desejos, das reprovações interiores amargas, das vontades próprias, das tentações, etc., o que, pelo que creio, nos faz avançar grandemente na via do desapego e do despojamento porque anula e mata as seduções exteriores que desejariam que ficasse duvidosa a consecução desses bens que nos aguardam em uma outra região. É a volta, o refúgio no nosso dentro, no nosso coração, no interior da nossa alma. Se aí buscarmos aquele que caminha sobre a cabeça da serpente e a esmaga com os pés, se o deixarmos combater em nosso lugar, ele o fará com muito mais êxito.

Nosso sublime B. indica tudo isso com uma só palavra energética, chamando ao nosso herói *Ein Schlangentreter*⁴⁹. Não terei tempo de vos traduzir a relação feita por Jane Leade em sua primeira comunicação exterior com Sophia, mas em lugar dessa narrativa, traduzir-vos-ei Pordage, amigo e diretor de Jane Leade, que vos dará a conhecer em parte os princípios desse homem.

O fragmento que se segue é tirado do início do prefácio do tratado da *Sophia*, Amsterdã, 1699. Este prefácio é um resumo da própria obra.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede ardente de possuir a Sophia, uma vez que se verá, no tratado seguinte, que ela promete descer sobre eles com seu divino princípio e seu mundo luminoso. Entretanto, pode passar um tempo considerável, às vezes vinte anos ou mais, antes que a sabedoria eterna se transmita realmente e se revele para expandir a tranqüilidade e o repouso na alma daquele que a deseja, pois depois de haver buscado em vão diversos caminhos para aproximar-se dela, a alma, privada de suas esperanças, cai por fim numa dilapidação de forças, na lassidão e no desencorajamento. Se então nem a oração mais ardente nem as meditações religiosas puderem efetuar algo eficaz, e se nenhuma instância e nenhuma prece produzir o menor efeito sobre ela para incitá-la a descer e permanecer em nossa alma, então estamos convencidos por nossa própria experiência de que, pelos nossos esforços, atos de fé e de esperança, pela atividade de nosso espírito, é-nos completamente impossível atravessar o muro de separação que se encontra entre nós e o Princípio divino, sendo todas as chaves por demais frágeis para abrir a porta desse princípio. E como nossa alma descobre então que até aqui, seguindo a via da *Ascensão*, ela sempre errou o alvo, conclui que não está aí o verdadeiro caminho (mesmo que nesse caminho tivesse sido gratificada com comunicações e revelações celestes), mas que a única senda para chegar à sabedoria divina e ao seu princípio é *descer*, mergulhar interiormente em próprio fundo e não mais olhar para fora de ali.

Uma vez que a alma segue esse caminho e mergulha em si mesma, então abrem-se as portas nas profundezas da sabedoria e ela é introduzida no sagrado e no eterno princípio do mundo luminoso; na nova terra mágica, na qual a virgem Sophia, ou a sabedoria divina se manifesta a ela e lhe descobre suas belezas.

⁴⁹ Esmagador da serpente.

Mas, se nesse ponto a alma não está bastante vigilante e bem firme para recolher-se continuamente ao centro da natureza (*Centrum naturæ*), e se, por essa tranqüilidade passiva ela não pode mergulhar totalmente nesse abismo e nesse caos, do qual é formado o novo paraíso, se ela não torna a subi e não voa no alto, fica então no maior perigo de ser cercada e tentada cruelmente por uma multidão inumerável de espíritos, tanto do mundo tenebroso como princípio elementar e astral. Mas, nessa precisão extrema, a protetora celeste reaparece, fortalece-a e repete-lhe e confirma-lhe a primeira lição, etc., etc.”.

Pois bem, senhor, que dizeis do doutor Pordage? Ele era chefe de uma pequena escola de eleitos no número dos quis encontravam-se Jane Leade e Thomas Browne. Todos gozavam das manifestações superiores mais notáveis.

Vereis, pelo meu bilhete de 6 de Setembro, que previ vossa observação sobre a necessidade de fazer chegar a vós a obra em questão com alguma certeza e espero vossa orientação.

No fim da carta de 9 de Setembro falais-me da terra vegetal e dizeis que não há um só ponto da atmosfera que não a encerre. Tende a bondade de me transmitir alguns detalhes sobre a natureza dessa terra e a maneira de consegui-la. Seria a luz oculta nos elementos, da qual fizestes menção em uma das vossas cartas do ano passado? É uma substância real, ou apenas uma força, uma representação intelectual? É o *Ternarius sanctus*, o elemento sagrado, a terra santa de nosso amigo B.? Informai-me por favor, se a possuíis e o caminho mais curto para consegui-la, se ela é visível e palpável aos nossos sentidos exteriores ou se pode ser vista, tocada e sentida apenas em nosso homem interior. Talvez a doutrina dessa terra vegetal pudesse realmente ter alguma relação com as passagens mais admiráveis do cap. 6 do Evangelho de São João e do versículo quinto do capítulo 5 do Evangelho de São Mateus. O que me faria crer que a terra vegetal ou elemento puro seja alguma coisa que lembre uma matéria sutil é uma passagem de nosso amigo B. em seus *Três princípios*, cap. 14, nº 54. Em geral, tudo o que julgardes oportuno informar-me sobre vossas experiências com essa terra maravilhosa dar-me-á mui grande prazer. Lembrai-vos de mim em vossas preces para que eu seja amparado nos combates aos quais incessantemente temos de nos entregar. *Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem, sed adversus principes et potestates, adversus mundi rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequitiae in celestibus.* (Paulo aos Efésios, 6:12.)⁵⁰

P.S. Não posso encerrar esta carta sem rogar-vos esclarecimentos sobre a primeira parte da passagem da vossa carta do dia 9, na qual dizeis: “Não há um só ponto da atmosfera que não encerre”, etc. Se vossa terra vegetal é o elemento puro e se os elementos grosseiros encerram o elemento puro, o ar atmosférico deve encerrar o elemento puro, o *Ternarius sanctum*, o corpo da Sophia, a terra vegetal. Por consequência, respirando esse ar, devemos poder alimentar-nos, fisicamente mesmo, do corpo celeste da causa ativa e inteligente, etc., etc., etc. E se nosso coração se abrir, ele poderá e deverá, a cada respiração, receber o alimento espiritual encerrado nesse maná divino. Assim, o ar seria o grande Veículo.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 34

Paris, 23 de Outubro de 1793

Vossas duas cartas me alcançaram, senhor, embora um pouco tarde, porque eu estava ainda no campo e elas foram por Amboise e logo voltaram. Vim logo a Paris, um pouco pelas consequências

⁵⁰ “Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares”.

dos negócios da herança de meu pai e muito para procurar os meios de conseguir as obras de Jane Leade que me recomendais. A via das livrarias que me indicais é bem longa e tenho pressa em desfrutar da leitura. De acordo com todas as informações que tomei, a via postal seria terrivelmente cara e vejo que somente a diligência de Basileia é que pode melhor satisfazer-me. Mas é preciso que tenhais a bondade de entregar o volume a essa diligência através de um portador seguro.

Mandai envolvê-lo com um tecido encerado e escrever em caracteres bem visíveis: *Ao cidadão Saint-Martin, rua Faubourg Saint-Honoré, 66, Paris*. Não pagueis o porte, que o pagarei aqui. Recomendai bem à pessoa que encarregardes do embrulho que o registre nos livros da diligência de Basileia. Ela chega aqui todos os domingos. Recomendai também à pessoa que escrever o endereço que siga exatamente o que está acima, pois se não for escrito *rua Faubourg Saint-Honoré, 66*, mas somente *rua Saint-Honoré*, o embrulho estará perdido para mim, por se tratar de duas ruas bem diferentes. Eis todas as precauções por mim tomadas. No momento, seja o que Deus quiser! Se eu vos dever algum desembolso por esse objeto, dizei-me, que o satisfarei logo que possível. Apresentando-vos antecipadamente meus agradecimentos, agradeço-vos também sinceramente pelo amável oferecimento que me fizestes em carta anterior com relação aos reveses que minha sorte poderia sofrer. Espero ter sempre mais daquilo de que precisar e, se um dia a Providência nos reunir, terei, além disso, o prazer de não vos ser oneroso. Também vos devo agradecimentos pelos detalhes gramaticais que ultimamente me enviastes sobre o alemão, em resposta às minhas perguntas *böhemicas*. Permiti-me pagar hoje todas essas dívidas. Eu teria, talvez, algumas outras perguntas a fazer-vos sobre o mesmo assunto, mas no momento não disponho de tempo livre para isso e ficará para outra vez. Hoje só posso dizer-vos uma palavra sobre as duas passagens importantes de vossa última carta: uma é o despojamento. Acho que o descreveis perfeitamente bem e posso assegurar que nossas incertezas sobre a vontade de Deus, com relação a nós, dissipam-se gradativamente à medida que o buscarmos e o desejarmos com todas as nossas faculdades e dirigirmos todos os atos de nossa conduta para esse alvo. O segundo é a terra vegetal, que é ao mesmo tempo, tudo o que vós mesmo descreveis.

Na minha carta eu me referia apenas à Sophia e ao corpo glorioso do qual vos falei anteriormente, e já conheceis o suficiente para ver que é essa a verdadeira terra prometida ao homem. Isso não impede que a expressão terra vegetal se estenda a todas as regiões. Assim, há uma terra vegetal material, que é a de nossos campos; há uma terra vegetal espirituosa, que é a do Elemento puro; há uma terra vegetal espiritual, que é a Sophia, e há uma terra vegetal divina, que é o Espírito Santo e o *Ternarium Sanctum*. Vede, senhor, que sobre esse assunto temos as mesmas noções e as mesmas idéias.

Quanto à posse dessa terra santa, não posso indicar-vos nenhum meio de atingi-la além dos já citados, dos quais amplamente vos tenho falado em toda a nossa correspondência. É a ela que vos remeterei sempre para que continueis a buscar tudo em Deus, de tal modo que tudo espereis dele, porque somente ele faz vegetar essas terras diversas e ele próprio envia a cada um a porção delas que lhe for necessária, seja quanto ao espaço e à extensão do terreno, quanto ao clima que lhe é próprio habitar. Vigiai e orai, e não duvideis, se pertenceis a uma tribo de Israel ou vos conformais à lei do Espírito que governa o povo santo, de que obtereis admissão em seu seio e de que tereis, como esse povo, a vossa porção na herança de Abraão. Adeus, senhor, peço-vos que façais sempre algumas preces por mim e que vos lembreis de mim. Avisai-me quando tiverdes expedido o livro. Remetei vossa carta a Paris, para mesmo endereço do livro. Provavelmente permaneceré aqui por algum tempo ainda, mas mesmo que não ficar, há alguém que receberá tudo para mim e que me remeterá a todos os lugares em que eu estiver. Peço-vos também suprimir, no endereço de minhas cartas, a palavra *Monsieur* e substituí-la por *Cidadão*. É a denominação atual de tudo o que compõe a nação francesa e faço questão de obedecer a isso.

Aguardo impaciente o bom alimento que ireis enviar-me. Quando ela chegar, talvez eu já tenha terminado a leitura de todo o meu bom Böhme (exceto as cartas) e então me darei por inteiro a Jane

Leade. Falastes-me de um registro de Böhme, bem mais extenso do que o que se encontra no fim de minha edição de Amsterdã, 1682. Se houvesse um meio de conseguir-me um exemplar, prestar-me-feis um serviço. Poderíeis encomendá-lo pela mesma via de Basiléia, assim como tudo o mais que teríeis para me enviar.

SAINT-MARTIN

CARTA 35

M..., 30 de Setembro de 1793

Vossa carta de 23 de Outubro, senhor, tirou-me de grande inquietação, pois eu não sabia se vos acontecera algum acidente. Eu mesmo enviarei o volume de Jane Leade à diligência de Basiléia. Conto com dirigir para lá no meado do próximo mês pela razão que encontrareis em minha carta de 8 de Agosto, caso a tenhais conservado. Assim, durante três meses receberei vossas cartas em Basiléia. Nada deveis mudar em meu endereço, exceto meu local de alojamento, e deveis indicar nele que estou alojado na casa de Monsieur Lucas Serazin. Nada perdereis com o pequeno atraso que for sofrido pela remessa de Jane Leade, porque tenho a esperança de acrescentar-lhe alguns tratados importantes de Pordage. Se eu chegar a conseguir o registro de Böhme, não deixarei de vo-lo mandar, mas todas as obras de B., e sobretudo as de Jane Leade e de Pordage, são *raríssimas*, não podendo ser encontradas a preço algum, a não ser por uma sorte excepcional. Empreguei um agente que mora nos confins de nosso cantão e que andou procurando em Schafhausen, Zurique e Basiléia para desencavar essas obras; e foi ele que me deu esperanças de obter alguns tratados de Jane Leade, obras bem notáveis. É a Providência e a vós, Monsieur, que devo o conhecimento desses eleitos e ainda estou surpreso por ter podido descobrir suas obras, tendo em vista sua excessiva raridade. Contai, Monsieur, no número das boas ações de vossa vida, o cuidado que tivestes de me inserir na companhia deles. É um dos maiores benefícios que já recebi. Agradeço-vos também pelos esclarecimentos no tocante às diversas espécies de terra vegetal dos quais me falais em vossa última carta e, para não haver qualquer mal-entendido entre nós sobre nossas idéias e terminologia, traçar-vos-ei resumidamente o encadeamento de minhas noções sobre esse assunto.

Nosso sublime Reparador, cujo nome jamais pronuncio sem que meu espírito se prosterne diante dele, diz: “Aquele que crê em mim tem a vida eterna”.⁵¹

Em sua epístola nº 46 nosso amigo B. explica o que é a verdadeira crença. A prova de como é justa essa explicação encontra-se imediatamente depois da passagem que acabo de citar. Diz Jesus Cristo: “Eu sou o pão da vida”.⁵² E no versículo 54⁵³ do mesmo capítulo, João 6, acrescenta o Reparador: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”. E no cap. 3, v. 36: “Quem crê no Filho (de Deus) tem a vida eterna; o que, todavia se mantém rebelde⁵⁴ contra o filho, não verá a vida”. Assim, vê-se a identidade dos meios para se ter a vida e a justeza da explicação de B. Fica a grande pergunta: como podemos atingir esse alimento celeste. É sobre esse ponto importante que nosso amigo B. se torna luminoso: chama ao Corpo sagrado de *Sophia*. Vede a carta 46, nº 40. Esta Sophia, que é animada pelo Espírito Santo, é substancial, sem ser corporal como o nosso corpo. *Vida Tríplice*, V, nº 50. A substancialidade lhe vem do elemento ao qual serve de invólucro. Vede nº 53. Ela é o espírito do Elemento puro (*Três Princípios*, 22, nº 26). O Elemento puro é o que existe de mais próximo do nosso mundo (*Clavis*, nº 106). Por mim, creio que o ar sutil, ou éter, é o que existe de mais próximo do Elemento puro

⁵¹ João 6:47.

⁵² João 6:48.

⁵³ Na Bíblia de Jerusalém, este é o versículo nº 53. João 6:54 diz: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

⁵⁴ Tradução literal do francês: “e aquele que não crê no Filho não a verá”.

porque é nesse ar que se oculta o Espírito Santo, assim como em seu céu, pela gradação que acabo de indicar; e o céu está em nosso coração. V. *Aurora* 23, n^{os} 70 e 71. O ar é a causa de toda a vida e de todo movimento e o Espírito Santo domina na doçura do ar. V. *Aurora* 1, n^{os} 15 e 16. Assim, cada vez que respiramos com abandono e confiança totais na misericórdia de nosso divino Mestre, recebemos o Corpo sagrado, espalhado por toda parte, e saturamos nosso coração com o Elemento puro, no qual e pelo qual somente podemos renascer para uma nova vida.

É uma das verdades mais importantes e mais ocultas à maior parte dos homens. Está fundada não somente na doutrina de nosso amigo B., mas também na experiência.

Adeus Monsieur, conservai-me sempre em vossa lembrança e vossas preces. Depois que houver enviado Jane Leade pela diligência de Basileia, avisar-vos-ei.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

A carta que se segue a essa é de 20 de Novembro de 1793 e começa assim: “Acabo, Monsieur, de remeter pela diligência de Basileia um volume de Jane Leade, etc”.

CARTA 36

(Sem data.)

Os dois volumes citados chegaram, Monsieur. Recebi meus agradecimentos por esse precioso presente. Já os perlustrei o suficiente para ver o trabalho terei para entendê-los e para prometer-me felizes frutos dessa leitura. Meu caríssimo Böhme nada perderá em meu espírito nessa nova circunstância e vejo com prazer que o tradutor o havia lido e tinha muita consideração por ele.

Tenho de reprovar-me por não haver respondido mais cedo à vossa carta de 30 de Outubro, ainda mais pelo fato de que ela me interessa de maneira singular pela visão do progresso que vos vejo fazer na compreensão de nosso amigo B. Minha única desculpa é que eu contava que Jane Leade e Pordage chegariam cedo o suficiente para que eu pudesse acusar o recebimento em minha resposta. Houve mais atraso do que eu esperava e mesmo depois que chegaram, fui obrigado a esperar quatro dias pelo correio de Basileia, e isso me aflige, tendo em vista a solicitude, que me testemunhais, para receberdes notícias minhas e considerando a inquietação em que vossa amizade por mim pode deixar-vos nas nossas circunstâncias atuais. Graças a Deus sou ainda tratado com o mesmo cuidado de antes, pelo que rendo graças à Providência sem deixar de manter-me, tanto quanto possível, pronto para tudo. Vossa descrição da terra vegetal e vossa progressão de diferentes regiões e operações do espírito convêm-me muito. É somente no éter que meu olhar não parece ainda tão fixo quanto o vosso. O éter não passa de uma modificação de elementos mistos e, como tal, não convém mais do que eles à morada do Espírito Santo. Dissestes tudo, ao que me parece, ao colocá-lo no elemento puro por meio da Sophia. Ele não pode habitar essencialmente em outro lugar e o que dele reponta, nos elementos vivos e no éter, nada mais é do que uma ramificação de suas potências, pelas quais tudo se move e existe no universo⁵⁵. Infelizmente, são influências corrompidas e bem inferiores que residem em todas as regiões elementares aéreas. Como nos diz São Paulo, isso não impede que nossa alma possa recebê-lo essencialmente do Espírito Santo porque tem também a Sophia e o elemento pelo qual, ele e nós, podemos unir-nos e, mesmo sem respiração, aquela que concerne somente ao ser animal. Isso, entretanto, são apenas observações que vos apresento, sobre as quais refletireis.

Como creio que tendes um volume duplo de Jane Leade: “Revelação das Revelações”, dissei-me, por favor, se apreendi bem ou mal a décima-segunda linha do título *Welch bis auf den heutigen Tag so ferne, etc.*, achei que *só ferne* quisesse dizer *longe*, que essa revelação não fora ainda feita até o

⁵⁵ Paulo; “Nele vivemos, nos movemos e existimos”.

presente *com bastante amplitude*, ou *de maneira bastante extensa* para dar uma medida particular, a abundância necessária para conduzir ao grande mistério, a compreensão. Meu pobre dicionário só explica *so ferne* como *au cas que, dans le cas que* (no caso em que), etc.; achei que aqui eu deveria dar-lhe outro sentido. Vede como avanço devagar neste trabalho em que estou absolutamente sozinho; vede também como me apego principalmente ao sentido literal em minha grosseira tradução antes de pensar em fazer uma tradução mais apresentável.

Continuo esperando que a Providência nos traga dias mais felizes e que não nos tenha ligado pelas relações de nossos desejos e pela identidade de nossas pesquisas para nos abandonar. Assim, tenho confiança de que, se ela nos permitir que um dia nos vejamos, eu possa aproveitar vosso auxílio num estudo e numa língua que me serão caros para o resto de meus dias, e que ela me torne capaz de exprimir-vos meu reconhecimento pelos tesouros que me obtendes, pois, se sois sensível ao bem que pude fazer-vos ao vos fornecer a ligação do amigo Böhme, não o sou menos à maneira pela qual reconheceis esse benefício. Adeus, Monsieur, vivamos pois nessas doces esperanças e, enquanto aguardamos, trabalhemos sem descanso para restabelecer em nós a cidade santa, amém.

Continuai escrevendo para Paris, pois minha partida ainda não foi marcada. O grande cenário de nossa espantosa revolução me prende. Aqui, tenho mais condições de contemplá-lo como filósofo. Nem por isso suspiro menos pela cabana que tenho no departamento⁵⁶, e à qual posso voltar quando a estação⁵⁷ o permitir. Mas quando vier a paz e nós, franceses, pudermos viajar, voarei para junto de vós e então, estudaremos tudo quanto quisermos.

SAINT-MARTIN

CARTA 37

P..., perto de Basileia, 4 de nevoso (24 de Dezembro de 1793, v. est.)

Sobrecarregado de uma multidão de negócios, e sobretudo de uma multidão de ocupações outras, muitas vezes lamentei, Senhor, não encontrar um momento tranqüilo para conversar convosco sem correr o risco de ser interrompido. Estou muito satisfeito de que o pequeno pacote de livros tenha chegado sem tropeços às vossas mãos e, como só viajo na companhia de nossos amigos B..., Pordage em Jane Leade, posso responder à vossa pergunta com relação ao título do tratado *Revelação das Revelações*. *Ferne*, tomado no sentido próprio, significa *longe* e o que está *in der ferne* significa que está situado à distância. Desse modo, interpretastes bem a passagem em questão, já que o autor quer dizer *até esse dia não se chegou ainda tão longe* na explicação dos mistérios, etc. Tendes toda a razão em começardes pelo sentido literal; é o sentido próprio que vos sempre conduzirá com mais segurança ao sentido figurado.

Embora o horizonte dos negócios públicos da Europa pareça, infelizmente para a humanidade, ainda bem nebuloso e eu não veja como possa esclarecer-se imediatamente, todavia penso como vós que a Providência há de querer reunir-nos um dia. Será um dos maiores prazeres de minha vida se eu poder gozar à vontade de vossas luzes e de vossa amizade. O que me impressionou acima de tudo na doutrina do ar e da terra vegetal, que vos mencionei na carta de 30 de Outubro, é o número 10 do 6º capítulo da *Aurora*. Segundo essa passagem, as próprias potências são obrigadas a receber seu alimento celeste, assim como todos os homens, através da respiração. Parece também que a parte mais pura dos elementos mistos, o ar respirável o ar deflogisticado, o ar ígneo, sem mistura alguma do ar mefítico, do ar fixo e de todas as espécies de gases, seja a substância que se mais se avizinha do *elemento puro* do qual derivam todos os outros. Um de meus amigos, cuja inteligência respeito enormemente, que me contou-me a 6 de Setembro de 1792, de Petit-Bourg, que Jesus Cristo se envolvera na Sophia para incorporar-se no elemento puro e daí descer à região dos

⁵⁶ Divisão política da França.

⁵⁷ É inverno.

elementos *mistos e corruptíveis*.

Ao reler essa carta, encontrei nela exatamente a minha doutrina. Se seguirmos a gradação, veremos que de todos os elementos mistos e corruptíveis, o ar ígneo, ou o ar respirável, ao qual chamei éter em minha última carta, é realmente a substância mais pura, sem a qual homem algum poderia viver. O que nosso amigo B. parece dizer de maneira positiva, 15, *Perguntas* 13, 2 é que a incorporação do Espírito Santo nos elementos mistos nos é necessária para no nosso alimento espiritual. Vemos mesmo no nº 3 que ele é tentado a ficar descontente com aqueles que não crerem crê-lo. Resta-me uma única observação a fazer sobre a passagem em questão da vossa carta de 1º de Dezembro, a qual é: que nenhuma alma, mesmo as boas, possui a Sophia. Vede 15, *Perguntas* 21-7. Encontrei, além disso, depois de vos haver escrito a carta de 30 de Outubro, numa noite de Jane Leade, alguns vestígios de minha opinião sobre o ar puro considerado como veículo da Sophia. Entretanto, continuo pressupondo que o grande meio de dela gozar seja mágico. Vede a sublime passagem do nº 119 ao 125, *in den Bedenken über Stiefels Büchlein*.

Neste momento encontro-me aquartelado numa aldeia para defender nossas fronteiras e fazer com que nossa neutralidade seja respeitada. Tenho mais tempo de lazer aqui do que na cidade, pois durante um mês não tive um só instante livre para ler uma passagem de nosso amigo B. e considero-me bastante feliz por poder gozar desse retiro. Em Basileia encontrei alguns antigos conhecidos que, para grande surpresa minha, estão muito adiantados na teoria e na prática das comunicações. Informaram-me sobre um fato que acaba de acontecer a um eclesiástico célebre de Zurique que conheci outrora. Chama-se L... (Lavater) Esse eclesiástico recebeu um convite para ver algumas pessoas de elevada posição numa corte do norte. Não é aquela da qual me falastes em uma de vossas cartas e cujo gabinete não dá um passo sem fazer consultas psíquicas. A corte de que se trata está situada mais ao norte (Copenhague). L... (Lavater) chegou lá no verão passado. Encontrou homens instruídos, envolvidos com negócios e com o mundo, ocupando postos elevados, de probidade reconhecida e que, ao convidá-lo, só podiam ter como motivo a beneficência, pois eles mesmos pagaram-lhe as despesas de viagem. Esses homens lhe garantiram que tinham comunicações imediatas com a causa ativa e inteligente, garantiram-lhe que um de seus amigos, embora morto há algum tempo, entrará, através desse meio, na companhia deles. Esses homens prometem dar-lhe esclarecimentos para os quais ele já havia rogado a Deus durante longo tempo. Esclarecimentos sobre a doutrina do alimento celeste, sobre o grande mistério, onde se diz: “Comei, isto é o meu corpo; bebei, isto é o meu sangue. Aquele que não come a carne que dei para a vida, o pão vindo do céu, não terá vida em si”.⁵⁸ Na relação de L. (Lavater), datada de 26 de Outubro de 1793, que me foi remetida para aqui, e que está diante de mim, diz ele a esse respeito: “Aquele que compreende estas palavras compreende o mistério mais profundo e a parte mais essencial do cristianismo, estará perfeitamente convencido de uma união real, positiva e íntima com a pessoa do homem crucificado, Jesus Cristo“. Esses homens lhe dizem que, quando estão reunidos, e mesmo quando alguns deles estão a sós, recebem a princípio respostas sobre as perguntas que fazem, quando nada um *sim* ou um *não*, que não deixa margem a qualquer equívoco e que, muitas vezes mesmo, sem qualquer pergunta preliminar, recebem comunicações e revelações pelas quais vários pontos importantes lhes são esclarecidos. Também lhe disseram, o que é digno de ser notado, que todas as vezes que se encontravam juntos, tinham uma experiência bem íntima da verdade da promessa: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”⁵⁹, pois descia então uma nuvem branca como a neve, de um brilho quase ofuscante e, depois de havê-los rodeado por cerca de meia hora, pousava sobre eles. Ficaram persuadidos de que essas manifestações eram sinais e emanações da causa ativa e inteligente:

1º Porque essas comunicações aconteciam sempre depois da prece dirigida a Ela e porque as

⁵⁸ Baseado em: “Eu sou o pão vivo que desceu dos céus; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo, e a minha carne”. (João 6:51). E: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”. (vers. 53)

⁵⁹ Evangelho de Mateus, 18:20.

repostas chegavam também depois às perguntas feitas a Ela.

2º Porque essas manifestações os fortaleciam no amor por Ela.

3º Porque a manifestação, a qual chamavam de *Senhor, Espírito do Senhor, Imagem e Símbolo do Senhor*, recebia adoração, o que nenhuma virtude benéfica ousara fazer.

4º Porque o que respondia fazia-o ao mesmo tempo, em diversos lugares, a diversas pessoas, da mesma maneira.

5º Porque os julgava com severidade e, depois de um arrependimento sincero, abençoava-os prontamente e maneira bem visível.

6º Porque a cada vez que perguntavam “És tu a causa ativa e inteligente?” recebiam a resposta: “Sim!”, o que potência alguma, fosse boa ou má, teria ousado dizer.

7º Porque puderam distinguir perfeitamente entre os seres bons e os maus que a cercavam.

Eis aí caracteres e sinais bem indicativos. A única coisa que embaraçava infinitamente nosso eclesiástico era uma doutrina singular que se acha estabelecida neste círculo: a doutrina da relação das almas. Todos os homens atualmente vivos, disseram-lhes os membros dessa escola de neopitagóricos, já viveram sob várias formas e vários nomes diferentes; os homens mais santos são obrigados a aparecerem ainda uma vez nesse mundo sob a forma dos homens mais comuns. Confesso que me vejo no mesmo caso que o eclesiástico de Zurique. Essa doutrina da parte de uma sociedade de eleitos que estão convencidos de viverem numa união real e íntima com a causa ativa e inteligente embaraça-me também, pois, apesar de todo o bem que o autor do *Manual de Hefoluis* diz dessa doutrina, ela em nada me parece análoga ao espírito de nosso amigo B. teria a escola do Norte compreendido mal seu oráculo. ou o que é essa anomalia.

Adeus, senhor, lembrai-vos de mim algumas vezes em vossas preces e crede que jamais esquecerei o bem que vos devo. Aguardo sempre as vossas cartas com a maior ansiedade. Meu endereço não mudou: permaneço em Basileia ou nas cercanias até o meio de Fevereiro.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 38

Paris, 17 Nevoso, 1794

Eu andava um tanto inquieto, senhor, sobre a sorte de minha última carta e vossa resposta chegou bem oportunamente para tranquilizar-me. Eu sabia da viagem de vosso amigo de Zurique à corte da Dinamarca, mas não lhe conhecia a finalidade. Essa pessoa e eu só nos conhecemos de nome e como me confere, como vós, a honra de sua grande amizade. O que ele aprendeu em sua viagem deve ter-lhe causado prazer sem o surpreender, pois, há muito tempo ele devia saber de todas essas coisas.

Não posso formar uma idéia bem determinada sobre esse novo ramo de comunicações que me dais a conhecer. Apenas creio ver nele grandes relações com o de Avignon, do qual ouvistes falar. Embora todos os caracteres desse novo ramo não me pareçam defeituosos, parece-me, no entanto, que isso poderia tornar-se mais central e são as nossas leituras queridas que me ensinam a pensar assim. Então a doutrina reinante nesse círculo purgar-se-á da parte da metempsicose das almas, sistema que jamais deixa de ser ensinado nas escolas inferiores, e que o é diariamente por nossos sonâmbulos, mas que não convém a nenhum dos grandes princípios da teoria espiritual divina, a

menos que não chameis de metempsicose ao retorno possível e repetido dos grandes eleitos de Deus, tais como Elias, Enoque, Moisés, etc., que realmente bem podem aparecer em épocas diversas para atestar de maneira sensível no avanço da grande obra e nele concorrer, porque o bem sempre flui pelos canais que ele para si escolheu, mas o mal e a podridão encontram, ao saírem deste mundo, novas regiões mais vivas que a terra, as quais nos purificam ou nos mancham ainda mais, de maneira que as provas terrestres não poderiam mais ser suficientes para o grau em que nos encontramos. O que me determina, mais do nunca, a lamentar essa espécie de metempsicose, a qual não me parece ser mais do que um refluxo das diversas faculdades siderais que a zona astral faz passar sobre nós, e que com isso nos mostra a nós mesmos, são as diferentes formas que ela nos imprime e que não nos pertencem mais do que os nomes, títulos e diversas honrarias dos papéis de teatro próprios ao ator que deles está revestido no momento. Uma carta apenas não me permite estender-me mais sobre este assunto. Todavia, fico muitíssimo contente com o que me ensinai. Gosto de ver pessoas de bem voltando-se para as santas regiões e a alma delas só pode ganhar infinitamente com isso. É realmente possível conciliar os favores e a marcha espiritual com os empregos da vida civil, e até mesmo na lei antiga, era uma coisa indispensável, uma vez que a lei civil só era conduzida pelo espírito e seus enviados, como se vê no tempo de Moisés e de Josué, etc. No tempo dos profetas, vêm-se também grandes figuras, tais como Isaías e Baruc, e ministros, como Daniel.

Mas então essa junção do civil com o espiritual não passava de secundária. Com a lei do Cristo, tornou-se ainda mais estrangeira porque nosso reino não é deste mundo, porém é bom permanecer no estado em que Deus nos chama, como diz São Paulo⁶⁰.

Para não deixar dúvida alguma sobre a vossa opinião e a minha, com relação ao ar, torno a repetir o que vos informei em minha carta de 6 de Setembro. Mas acrescento que os elementos mistos são o caráter de médico que o Cristo devia assumir para vir até nós, ao passo que nós devemos quebrar, atravessar esses elementos para chegarmos até ele; e enquanto repousarmos nesses elementos, ainda estaremos muito atrasados.

Mesmo que o ar mais deflogisticado, segundo nós mesmos, seja ainda bem grosseiro com relação ao próprio espírito deflogisticado quanto lhe aprouve preenchê-lo com sua presença; mesmo que essas considerações físicas estejam abaixo dele e dele dependam e que, mesmo que o ar da sala onde estavam os apóstolos fosse um pouco mefítico, tendo em vista seu número e o calor da estação e do clima, nada disso impediu o Espírito Santo de fazer realizar a mais característica das manifestações. Eu diria, além disso, que, na ordem dos elementos princípios o fogo parece-me ser espírito ao ar, o qual, realmente nada mais é que seu filho e ministro. Assim o fogo desempenhou o maior dos papéis nas manifestações, boas ou más, das quais está cheia a terra, o que faz com que tenhamos visto e que vejamos ainda a idolatria do fogo reinando entre os homens, ao passo que não vemos a idolatria do ar, embora vejamos a dos ventos, mais para aplacar sua cólera, do que para implorar seu favor. Perdão, senhor, se me apoio nesses objetos: é o pavor do que é mecânico que impele minha pena, é o sentimento profundo de é preciso nos *desterrestrizar* completamente se quisermos chegar a dizermos a Deus: *Habitavit in nobis, amen*⁶¹.

Continuo avançando bem devagar na leitura dos dois volumes que me enviastes porque não tenho nenhuma ajuda. Descubro em Jane Leade a vivacidade do mais sublime e doce amor. Bem-aventurados aqueles que chegarem, mesmo de longe, à sua altura, sobretudo no que ela diz sobre o magismo da fé! Ainda estou apenas na metade do livro. Acho-lhe o estilo um pouco prolixo e linguagem antiquada, o que aumenta minhas dificuldades.

Ainda não fiz mais do que passar os olhos em Pordage. Pareceu-me dedicar –se mais à parte científica do que Jane Leade e creio que foi uma outra pena que o traduziu. Confesso-vos que meu

⁶⁰ “Irmãos: cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado”. (I Coríntios, 7:24)

⁶¹ Habitou entre nós, amém. (“O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. – João, 1:14.)

caríssimo Böhme parece-me ser como o príncipe de ambos, como de todos os que andam nesse caminho. Mas, como são todos os três muito profundos, eu os casarei a todos eles imediatamente e espero filhos dessa união.

Não tendo socorro para o alemão, bati a todas as portas para pedi-lo, mas inutilmente. Enfim, nesses últimos dias lembrei-me de ir à casa de Madame Schweitzer, sobrinha de nosso amigo de Zurique⁶², que eu vira uma única vez, há dois anos, numa casa. Ela me acolheu muito bem, mas não é bastante forte na língua francesa para poder ajudar-me. Para suprir essa falta, imaginou apresenta-me um de seus amigos, que conhece perfeitamente ambas as línguas, e que terá grande prazer em me ajudar. Aceitei-o com gratidão. Assim, espero em pouco tempo não estar tão abandonado. Ela me teria oferecido a ajuda de seu marido, que certamente me teria prestado o mesmo serviço, mas agora ele está na Suíça, com uma missão do nosso governo. Espero, senhor, que o horizonte político não vos pareça completamente tão negro como algum tempo atrás. Para mim, jamais duvidei de que a Providência se ocupasse com a nossa revolução e que fosse possível ela recuar. Creio mais do que nunca que as coisas chegarão a seu termo e terão um final bem importante e instrutivo para o gênero humano. Estou encantado com a conduta mantida por vossa pátria com relação à minha.

Estou encantado com o fato de que sois hoje dela o órgão ativo e de que defendais com vossas armas a neutralidade.

Adeus, senhor, recomendo-me às vossas preces.

SAINT-MARTIN

CARTA 39

P..., *près* de Basiléia, 26 de nevoso (15 de Janeiro de 1794, v. st.)

Recebi, Monsieur, ainda em meu quartel, vossa interessante carta de 17 de nevoso.

Amanhã serei substituído e retornarei ao tumulto de Basiléia, onde perderei muito tempo. Agradeço-vos pelos esclarecimentos sobre o novo ramo de comunicações que se estabelece no *Norte*. Resta a grande dificuldade sobre as conclusões de nosso amigo de Zurique: “És tu a Causa ativa e inteligente? Tiveram como resposta Sim!”, *o que potência alguma*, nem boa nem má, *teria ousado dizer*”. Essa conclusão é justa ou não? Ser ou não ser, eis a questão. Vi acidentalmente, diga-se entre nós, uma carta de vinte páginas em que a filha de nosso amigo de Zurique escreveu a um de seus amigos próximos, por ocasião da viagem de C. (Copenhague), aonde ela acompanhou seu pai. Essa moça é um anjo, mas como não crê mais na metempsicose de vós e eu, encontra-se, com respeito a tudo isso, na maior perplexidade. Estou mais próximo de vossa de vossa opinião sobre a escala descendente, da Sophia, do elemento puro, do que talvez o creiais. Quanto à teoria do ar, nós a adiaremos para uma discussão verbal. Enquanto aguardamos, não tendes receio, por minha causa, do que é mecânico.

Daqui onde estava, escrevi ao abade para que me conseguisse para vós o diário de J. Leade, a mais interessante de suas obras, mas fiquei sabendo que o pobre abade morreu durante minha ausência.

Nosso amigo B. é, certamente, em todos os sentidos, o príncipe de ambos, mas isso vem em parte do fato de que possuímos suas palavras tais como saíram de sua pena sem passarem pelas traduções.

Certamente a Providência dirige os grandes acontecimentos da Europa, mas, falando humanamente, parece-me que seria esse o momento de fazer a paz. Os romanos somente a faziam quando eram vitoriosos.

⁶² Lavater.

Estou encantado de ver que vosso argumento faz justiça ao nosso. Havendo a nossa nação declarado publicamente sua neutralidade, não se deixou abalar por intrigas nem por ameaças. A prudência nos guardou das primeiras e nossos rochedos, com 300.000 homens para defendê-los, em caso de necessidade, garantiram-nos contra as outras. A nota do ministro britânico não poderia ter sido recebida de maneira pior em Berna. Essa nota é de 30 de Novembro.

Adeus, senhor, lembrai-vos de mim em vossas preces e procurai dar-me notícias vossas com freqüência.

P.S. Há aqui iniciados que afirmam que a nuvem de brancura ofuscante que apareceu no fenômeno do Norte é um sinal característico e *inimitável* da verdade do fenômeno. Achar mesmo que o viram também uma vez, com os algarismos 4 e 8, ou seja: do quaternário e do duplo quaternário. E não são somente algarismos, mas ainda algarismos *arábicos* para mim. E por que não deveriam ser imitados.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 40

Paris, 17 de pluvioso⁶³ (26 de Janeiro de 1794)

Para satisfazer então, senhor, à vossa dificuldade sobre a causa ativa e inteligente, eis a resposta.

Creio que aqueles que são chamados à obra, diretamente e do alto, não terão embaraço algum para julgar tudo o que recebem, e mesmo sem outra operação da parte deles que a do desenvolvimento de seu sentido íntimo divino. É um crisol universal que purifica tudo e não se deixa corroer por nada.

Creio que aquele que entra na obra através das iniciações, sejam elas humanas ou espirituais, pode chegar também à elucidação do que recebe, mas para isso é-lhe necessário um grande trabalho. E tal é o fruto dos trabalhos e operações teúrgicas, quando dirigidas por mestres puros, esclarecidos e potentes. Mas, ai! como são raros! Quanto a mim, estou bem longe de ter qualquer virtualidade nesse gênero, pois minha obra volta-se toda para o lado interno.

Creio que aqueles que recebem comunicações externas e gratuitas como em Copenhague, podem muito bem não se ter enganado, mas não tenho meio algum de garantir esse fato. Os de Co... não me parecem ter provas suficientes para justificar sua confiança: 1º: não creio que foram eleitos do primeiro grau, acima mencionado, sem o qual não teriam incertezas e não precisaram fazer perguntas; 2º: vejo que são passivos em sua obra: vejo-os como operados e não operantes, e assim, não tendo a ativa virtualidade necessária para amarrar o forte a fim de pilhar-lhe a casa e deixá-la convenientemente limpa para nela hospedar pessoas honestas; 3º: a resposta que recebem ao perguntarem: “És tu a causa ativa e inteligente”. nada me prova, pois o inimigo pode imitar tudo, até nossas preces, conforme já disse em *O Homem de Desejo*; e o uso e a prática das verdadeiras operações teúrgicas conduzem ao discernimento dessas terríveis iniciações, quando, após todos esses fatos, não nos voltamos imediatamente para o interno que tudo ensina e de tudo preserva; 4º: por fim, não vejo nesses eleitos de Cop... os sinais indicados no Evangelho para se caracterizar os verdadeiros missionários de Espírito. “Curarão os enfermos, expulsarão demônios, ingerirão venenos que não lhes farão mal algum”⁶⁴.

Eis, senhor, tudo o que minha inteligência me fornece para elucidar o ponto em questão. Não posso

⁶³ Pluviôse (chuvoso). Outro mês do calendário revolucionário.

⁶⁴ Evangelho de Marcos, 16:17-18.

ser o juiz, uma vez que não sou nem mesmo testemunha; limito-me a ser o relator, sem querer que minha opinião seja decisiva. Espero bem que a Providência abra os olhos a essas pessoas honestas quanto às ilusões das quais as sendas que seguem com tanta boa fé estão frequentemente cheias, mas é-me impossível nada afirmar sobre a natureza do que as ocupa sem haver feito antes um exame minucioso e uma confrontação. Ora, é isso que não está ao meu alcance fazer e, mesmo que o fizesse, não sei se minha extrema prudência contra o externo e meu gosto cada vez maior pelo interno não me proibiriam de aproximar-me desses objetos até eu ser enviado por uma outra ordem, que não fosse a do meu desejo e de minha curiosidade. Devo acrescentar que, se a potência má tudo pode, a potência boa intermediária fala frequentemente como a própria potência suprema. Foi o que se viu no Sinai, onde os simples *Elohim* falaram ao povo como sendo o único Deus, o ciumento, etc. Nova razão para nos mantermos em guarda contra a conclusão tirada de “Sim”. Se todas essas reflexões puderem ajudar a interessante filha de vosso amigo de Zurique a tomar uma posição firme a respeito de tudo isso, podeis fazê-las chegar a ela, assim como vos ficarei grato se continuardes a transmitir-me o que aprendeis de todos os lados.

Estou entristecido com morte de vosso amigo. Agradeço-vos os cuidados que tomais para descobrir para mim as obras que desejo. Estou quase no fim do volume de Jane Leade e, se quiserdes ler a nota da página 37, que tem como título *All hier folgt die Aufer Stehung*, vereis, segundo o que ela diz sobre o éter, como nos será fácil nos entendermos quando a Providência nos permitir que conversemos pessoalmente. A pessoa com quem Madame Schweitzer fez contato para mim ajuda-me muito a compreender certas palavras que me embaraçam de vez em quando. Mas ela está surpresa com minha paciência em prosseguir na leitura de semelhantes assuntos, escritos em semelhante estilo. Tudo o que lhe respondo é que: *Trahit sua quemque voluptas*. Certamente, se eu pudesse ler essa autora e Pordage em sua língua de origem, e principalmente na minha, tiraria melhor partido, pois costumo perceber coisas verdadeiramente divinas, mas ainda já é uma grande coisa poder abordar as fronteiras desses campos onde se encontram tão ricas messes. Devo agradecer e não me queixar.

Logo iniciarei a leitura de Pordage.

Gostaria, como vós, de que os tempos de paz houvessem chegado. Mas, a princípio, creio que isso não nos será pedido. Creio, além disso, que não temos grande intenção de concedê-la neste momento. Creio que a providência não ache ainda que a França esteja corrigida o suficiente para suspender assim os seus golpes. Resignação e paciência, é somente a isso que devo visar.

Tendes muita razão para não crerdes, como os vossos iniciados, que a nuvem ofuscante e os algarismos 4 e 8 sejam prova características e inimitáveis da verdade do fenômeno. Eles podem se iniciados nos documentos de seus mestres, mas não o são na experiência da coisa. Adeus, senhor, deixais um turbilhão para entrar em outro. Apesar disso, gosto de acreditar que encontrareis o momento de me enviardes vossas notícias, o que será sempre para mim verdadeira satisfação.

SAINT-MARTIN

CARTA 41

Paris, 15 de pluvioso (3 de Fevereiro de 1794, velho estilo)

Embora tenha tido a honra de escrever-vos há poucos dias, senhor, tomo da pena para transmitir-vos alguns ensinamentos que podem ser-nos úteis em nossas pesquisas a respeito de Jane Leade e Pordage e das quais fazeis para mim tanta gentileza. O Sr. Forster, que deu a volta ao mundo com o capitão Cook, acaba de morrer aqui, para onde havia vindo de Mogúncia a fim de solicitar a anexação dessa cidade à França. Antes de morrer, ele disse a alguém que conheço que tinha as obras de Jane Leade e de Pordage em inglês e que as deixara em Mogúncia. Acrescentou que,

depois que os prussianos retomaram a cidade, haviam selado sua biblioteca e que um príncipe da Prússia lhe havia tirado várias obras impressas e, além disso, todos os seus manuscritos. A pessoa que me narrou isso informou-me ainda que a viúva de Monsieur Forster morava em Neuchatel, na casa do intendente Andrieux, à rua des Moulins, ou então em Zurique, sem me dizer a rua. Eis aí, pois, senhor, todo o objetivo desta carta: oferecer às amistosas solitudes que tendes para comigo o meio de fazer pesquisas que, mesmo que fossem infrutíferas, não deixariam por isso de assegurar-vos novos direitos à minha gratidão. O *“Mundo Tenebroso”*, de Pordage, que estou lendo atualmente, causa-me uma impressão que não posso relatar-vos. Se o tivesse em inglês, creio que não hesitaria em empreender sua tradução em minha língua, mas como tenho apenas a tradução alemã, temeria não poder sair-me bem com tão fielmente como se tivesse o texto diante de mim.

Adeus, senhor, não vos preocupeis em nada com as despesas das obras em questão.

Proverei a tudo, se todavia for possível chegar até elas na situação atual, do que duvido um pouco. Apesar disso, eu me reprovava se não fizesse ao menos a tentativa. Conto sempre com vossa amizade.

SAINT-MARTIN

CARTA 42

Basiléia, 29 de pluvioso (12 de Fevereiro de 1794, velho estilo)

Recebi perfeitamente, senhor, as duas cartas que me endereçastes e que me foram enviadas de Berna.

Vossas observações sobre as comunicações do Norte parecem-me mais do que justas. Há uma, entre outras, que, segundo penso, mereceria ser gravada em letras de ouro: “O interno tudo ensina e de tudo preserva”. O substancial dessa teoria foi transmitido à interessante moça de Zurique. Foi o pai de seu amigo, que está aqui, que me mostrou suas cartas. Nelas reina uma franqueza e uma pureza de alma que me proporcionaram a maior satisfação. Ganhei a confiança das duas irmãs, das quais sobretudo a mais velha, com vinte e um anos, tem contatos com nossa amiga de Zurique; elas mesmas foram iniciadas e assistidas em todas as operações. Seu tipo de comunicações fazia-se por meio de uma pupila que era consagrada em cada sessão e que, depois de feita a prece, entrava sozinha em comunicação imediata. O mestre da loja fazia a pergunta e a resposta era comunicada à pupila que era a mais nova das três irmãs.

Cheguei a experimentá-las e a *convencê-las* de que, apesar das aparências brilhantes desse negócio, ele costumava ser um pouco duvidoso e às vezes muito perigoso. Fi-las também com que elas percebessem, até ficarem convencidas, de que o caminho central, o caminho do amor, era infinitamente preferível a essas ilusões exteriores. O pai, apesar do apego a essas iniciações subalternas, deixou-se convencer pouco a pouco à minha opinião através de suas filhas. E o que acabou por ganhar-me a confiança dessas duas jovens, susceptíveis ainda de abrir a alma à verdade, foram os caps. 12 e 13 da 1ª carta aos Coríntios, que a mais velha abriu por acaso⁶⁵. Mas, com os outros homens membros dessa sociedade, que já têm uma certa idade, nada havia de essencial a fazer. Eles estão envaidecidos com o privilégio desse relacionamento mediato com as potências. O primeiro mestre que todos tiveram foi o conde de Cagli..., intimamente ligado ao pai das pupilas. O pai é o irmão mais novo do Sr. S... (Serazin), a quem fornecestes meus endereços. Remexendo hoje na loja de um antiquário, descobri alguns pequenos tratados de Thomas Browne, membro da sociedade presidida por Pordage. Como amostra, juntarei aqui um trecho sobre a eucaristia espiritual e os sinais que distinguem o beber o sangue do comer a carne. A obra está escrita em alemão. Se tivesse mais tempo livre, eu vos teria traduzido essa passagem.

⁶⁵ Os Dons do Espírito Santo.

Não deixarei, depois de voltar para minha casa, de fazer procurar saber algo sobre a viúva de Forster. Parto daqui na próxima quarta-feira e espero que antes de minha partida ainda recebamos uma carta de Zurique.

Adeus, senhor. Recebi meus agradecimentos pela vossa bela carta de 7 de pluvioso. Só anseio pelo repouso. Assim que o tiver conseguido, mesmo em parte, entrarei em maiores detalhes. Enquanto aguardais, tende a certeza de que vossas cartas me serão infinitamente preciosas e que me parece que o meio que nos une estreita-se todos os dias ainda mais.

P.S. Chegou a carta de Zurique. Foi o P. ou S. quem a recebeu e sua filha mais velha que a leu para nós. Contém detalhes muito exatos e muito detalhados das comunicações do Norte. Com o tempo, conseguirei uma cópia de que vos darei conhecimento. Ela conterà, talvez, circunstâncias suficientes para capacitar a julgar em definitivo o processo.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 43

Paris, 27 de ventoso

Recebi vossa primeira carta, senhor. Para responder a ela, esperava, o fruto de vossas buscas sobre as obras inglesas e sobre a jovem de Zurique. Os novos achados que me anunciais haver feito das traduções alemãs poderão chegar a mim pela mesma via do primeiro pacote. Mas, mas para expedirlos, aguardai até receberdes novo aviso de minha parte. A casa em que estou passou a pertencer ao governo; é preciso deixá-la imediatamente. Não sei ainda para onde irei e será a minha primeira carta que vos dará instruções sobre isso e que vos indicará um novo endereço para os livros em questão.

Recebi antecipadamente os meus agradecimentos e dai informações sobre como de pagar as despesas que houverdes feito.

De acordo com os detalhes de vossa carta anterior, vejo mais do que nunca que estou certo em minha opinião sobre a má qualidade das coisas. De outra vez vos direi mais coisas sobre esses assuntos filosóficos.

Saúdo-vos e abraço-vos de todo o coração. Não tenho tempo de dizer-vos mais nada.

SAINT-MARTIN

CARTA 44

B..., 11 de Março de 1794

Eis-me de volta, senhor, à minha cidade natal depois de algumas semanas. Não tendo ainda recebido vossa resposta à minha carta de 29 de pluvioso, começo a temer que ela não tenha chegado até vós. Escrevi à viúva de Forster e mesmo que não tenha sorte em minhas pesquisas junto a ela, posso dizer-vos que descobri em outro lugar, e em alemão, as cartas de Browne, quatro tratados de Pordage sobre a Encarnação do Verbo, a Fé, etc., item, sua *Theologia Mystica* e seu *Mundo Angelical*, que vos enviarei logo que tiver vossos ensinamentos sobre o comentário.

Estou muito contente por terdes ficado satisfeito com seu *Mundo Tenebroso*. Recebi, depois disso, alguns novos detalhes sobre as comunicações do Norte. Senti-me muito feliz na família dos S..., em

Basiléia por fazê-los provar, graças à providência, um caminho melhor.

Adeus, senhor, lembrai-vos sempre de mim em vossas preces.

Escrevo-vos com muita pressa.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 45

Paris, 30 de germinal

Não sei, senhor, se recebestes a carta que vos escrevi há um mês, na qual eu vos indicava o endereço para onde poderíeis enviar os livros que me destinais. Desde essa época não tive notícias vossa e estou inquieto por isso. Previno-vos, hoje, que parto daqui a pouco para Amboise, departamento de Indre-et-Loire, para onde podeis dirigir-me essa remessa pela diligência de Basiléia que a levará a Paris, de onde os diretores a fariam passar para minha casa, e peço que tenhais a bondade de avisar-me.

Adeus, senhor, só tenho o tempo de vos saudar e de recomendar-me às vossas lembranças e a vossa amizade.

Parto em virtude do decreto sobre as castas privilegiadas e proscritas; é entre elas que a sorte me fez nascer. Não falaremos dos negócios públicos em nossas cartas. Sabeis que normalmente não trato disso e ainda menos agora.

SAINT-MARTIN

CARTA 46

Basiléia, 30 de Abril de 1794 (10 de floreal, novo estilo)

Acabo de receber, senhor, vossa carta datada de Paris, de 30 de germinal. Ela causou tanto mais prazer porquanto vosso silêncio começava a inquietar-me. Desde a carta de 27 de ventoso, não recebi mais outras. Nessa carta de 27 de ventoso vós me informais: “As traduções alemãs poderão chegar a mim pela mesma via do primeiro pacote. Mas, mas para expedi-los, aguardai até que receberdes novo aviso de minha parte”. Desde então não tive notícias vossas. Assim, se escrevestes entre essas duas cartas, vossa carta ter-se-á perdido. Isso me muito aborrecido, porquanto esperava vossa opinião sobre o texto alemão de Browne, que me parece ser muito afim ao sistema de B. sobre a regeneração do homem. Esperava, da mesma forma, a vossa opinião sobre os estudos feitos na casa de Basiléia, os quais vos indiquei, e sobre a nova direção dada por mim a esses estudos. Desde então, pelo canal dessa mesma casa, tive notícias de nossa amiga de Zurique: seu pai (Lavater) continuava encantado com sua viagem, embora no fundo ainda lhe restem algumas dúvidas. Essa escola do Norte (Copenhague) leva tão longe a idéia da metempsicose que afirma que São João ainda vive com eles em forma corpórea. Até mesmo anunciaram que provavelmente ele fará uma viagem a Zurique para visitar o pai de nossa jovem. A partir disso Julgai o que pensam. Recebi um caderno detalhado que contém as experiências feitas em C... Continuam muito engrandecidos com o fato de que a luz que depois das perguntas indica o sinal *sim* ou o sinal *não* é de cor esbranquiçada e fosforescente, e não vermelha, porque a cor do fogo, ou avermelhada, é a indicação de uma espécie má... Como se não fosse tão fácil macaquear uma cor esbranquiçada como se fosse uma cor de fogo.

Algumas vezes percebem uma estrela ao lado da luz que é o oráculo. Sabem que essa estrela

representa uma *virtude*. Então perguntam: “Ela ousa permanecer lá?” depois da resposta *sim* ou *não*, os estudantes ordenam e a estrela obedece. Fazem perguntas frequentes com relação ao ponto de doutrina. Perguntam, por exemplo: “Existe alguma passagem nas Sagradas Escrituras que prove a metempsicose de maneira incontestável? *Sim* e *não*”. Isso quer dizer que, para alguns, encontram-se passagens no Velho Testamento, mas não para todos. Então continuam: “Existem no Novo Testamento? *Sim*. — Nos quatro Evangelistas? *Sim*. — Em São Mateus? *Sim*. — No primeiro capítulo? *Não*. — No segundo? *Não*. — No terceiro? *Não*. — No quarto? *Não*. — No décimo-primeiro? *Sim*... — Nos quatro primeiros versículos? *Não*. — Nos quatro seguintes? *Não*. — ... No catorze? *Sim*”.⁶⁶

A princípio, fiz-lhe a objeção de essa maneira de perguntar e responder de maneira alguma me parecia conforme à dignidade do ser que criam interrogar. Os que têm permissão de fazer perguntas recebem, juntamente ou em separado, em lugares diferentes, respostas inteiramente conformes. Os sinais que acompanham a luz principal variam de acordo com a pessoa que interroga, mas o exterior e a manifestação da luz principal não variam. O que contribuiu sobremaneira a tornar-lhes as inabaláveis crenças, no tocante à natureza da luz miraculosa, que tomam como a causa ativa, etc., foi o cumprimento de várias predições que lhes pareciam inverossímeis, de modo que encaram como temeridade qualquer dúvida sobre esse assunto.

Recebem também um sinal de bênção e o oráculo aprova os procedimentos ou os empreendimentos que querem fazer. Esses detalhes são uma peça a mais o processo para facilitar vosso julgamento. Recebi uma resposta de Madame Forster, que está atualmente em Zurique. Ela espera receber livros da herança de seu marido. Quando os tiver, avisar-me-á. Monsieur D(ivonne), que me apresentastes no ano passado, deixou a Suíça. Escrever-me-á quando tiver chegado ao seu lugar de destino. Ao partir, encarregou-me de dar-lhe notícias vossas. Comuniquei-lhe, durante sua permanência em B..., meu gosto pelas obras de nosso amigo B. Ele encomendou uma edição inglesa, soberba, in-quarto. Já percorri um volume e o pouco que vi pareceu-me estar traduzido com fidelidade. Desde de ler B., ele renunciou, pelo que me garantiu, a todas as manifestações exteriores. Ensinei-lhe, por acaso, que as obras de nosso amigo B. era a leitura favorita do grande Newton, que dela tirava simples passagens. O que há de bem verdadeiro é que encontrei a teoria da atração dos corpos celestes claramente expressa em B. Esqueci-me de anotar a passagem, se não fosse isso, eu vo-la indicaria, mas creio que se encontra na *Signatura rerum*. Ora, como sabeis, nosso amigo viveu cem anos antes de Newton.

A menos que sejam leituras de dever e vocação, todas as leituras que não tenham relação alguma com as Sagradas Escrituras e com o gênero de B. me desagradam. Desde então, as obras teosóficas chegam a mim quase sem que eu as procure. Tomei conhecimento, dentre outras, com as obras de um autor francês chamado de Marsay, que foram impressas sem o nome do autor na Alemanha, em Berleburg, em 1738, 1739 1740, com o título *Testemunha de um filho da Verdade*⁶⁷. É simples, franco e bem claro; vê-se facilmente que ele fala de experiência própria. Não consegui descobrir vestígio algum de que tenha conhecido as obras de nosso amigo B. Entretanto, embora ele ignore a divisão dos três princípios nos resultados, está bem de acordo com B.

Possuo dez volumes desse autor e, como amostra, acrescentarei seu “*Tratado da Magia divina, natural e carnal*” às traduções alemãs de que vos falei em minhas cartas anteriores. O pacote chegará a Basileia no próximo domingo e partirá pela diligência de Paris. O diretor dos correios de Paris receberá a recomendação de vo-las enviar a Amboise. Tende a bondade de acusar o recebimento e dar vossa opinião sobre essa obra e sobre os outros pontos de minha carta, tão logo vossas ocupações vo-lo permitam.

⁶⁶ “E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar”. Mt 11,14.

⁶⁷ Esse título vem citado em francês: *Témoignage d'un Enfant de la Vérité*. Não há indicação se as obras foram impressas no original francês ou em tradução alemã.

Abraço-vos de todo o coração e rogo do fundo de minha alma ao nosso divino Mestre que ele se una todos os dias mais intimamente a vós, que vos proteja e vos conserve.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 47

Amboise, 24 de floreal (14 de Maio)

Vossa carta de 30 de Abril veio encontrar-me aqui, senhor, mas em vão espero, todos os dias, os pacotes que me anunciais, assim como não recebi a obra alemã de Browne, que certamente me enviastes a Paris. Vou escrever a Paris para pedir que se dêem buscas nas agências de correio. De vossa parte, se puderdes fazer quaisquer investigações em Basileia, talvez isso sirva para alguma coisa. Nesses tempos de agitação é preciso ter mais cuidado do que em outros tempos. Eu ficaria bem aborrecido se os livros em questão se perdessem sobretudo porque vos privastes por minha causa, dentre outros, do livro escrito por de Marsay. Não posso, como vedes, dar-vos resposta alguma sobre os objetos contidos na encomenda, principalmente nos que concernem às diversas instruções das escolas do Norte. As novidades que dela me contaís nada modificam em tudo o que vos escrevi sobre esse assunto, ao qual vos remeto sem preocupações. Previno-vos somente de que vossa carta foi lida no Comitê de Supervisão Geral em Paris, da qual me foi remetida com o sinete do comitê. Entretanto, embora ela nada contenha de repreensível, peço que vos estendais menos sobre os detalhes das coisas particulares de que tratais nela, porque devem parecer obscuras para aqueles que não conhecem esse tipo de estudo, e o que é obscuro poderia ser visto como suspeito.

Deixo-vos, senhor, abraçando-vos de todo o coração e recomendando-me à vossa amizade. Peço-vos o mesmo para nosso amigo comum, D., quando lhe escreverdes.

SAINT-MARTIN

CARTA 48

M..., 24 de Maio de 1794

Acabo de receber, senhor, vossa carta de 23 de floreal com um sinete diferente do que comumente empregais. Mesmo antes de abri-la, causou-me uma sensação agradável, pois cada testemunho de vossa lembrança e de vossa amizade enche-me de alegria. Mesmo que a remessa dos livros não vos tenha alcançado, espero que não demoreis a ter notícias deles. Enderecei-os a Basileia, a um homem de probidade, que o remeteu a diligência de Paris depois de os ter registrado na agência. Desagradame crer que tenham sido interceptados na agência de Paris. Via-se que ele vinha da Suíça. Supondo que o pacote tenha sido aberto, teriam encontrado uns velhos livros ininteligíveis, que tratam de ciências abstratas, de valor completamente nulo para todos aqueles que não tenham feito os mesmos estudos e, retendo-os deliberadamente, os burocratas só teriam cometido um ato imoral em uma operação ilegal, sem ganhar com isso outra coisa além do triste prazer de perturbar uma ligação de amizade entre um francês e um suíço. Prefiro acreditar, o que me parece bem mais natural, e sobretudo bem mais honesto, que essa pequena encomenda tenha ficado na agência de Paris porque os dias de chegada não coincidiram com os dias de saída. Ou então que simplesmente tenha ficado num canto. A obra de Browne em alemão está nela, porque fiz apenas um envio de Pordage e de Marsay. Tão logo tendes recebido esse pacote, tende a bondade de avisar-me. Desde que fui substituído nas fronteiras que separam a Suíça do território austríaco, para onde nossa república me enviara para manter a neutralidade helvética, vivo no campo, onde estou no meio de minha família, da natureza, de minha biblioteca e de meu repouso. Cada vez mais descubro todos os dias que Jean Jacques Rousseau, que na juventude testemunhou-me alguma amizade, não errou ao escrever: “É preciso que vossa casa vos baste, ou jamais coisa alguma vos bastará”. Encontrareis essa carta em

suas *Obras Póstumas*, tomo II, edição de Genebra, 1782. Vi com prazer, em suas *Confissões*, que ele continuou a lembrar-se de mim por muitos anos ainda, depois de haver saído da Suíça. Percorrendo nosso autor favorito, encontrei uma passagem, em sua *Vida Tríplice*, cap. 10, n.ºs 48, 49 e 50, que me causou verdadeiro prazer. Não somente esses números contêm a mais sólida indicação sobre os meios de manter a paz nos diversos acontecimentos da vida, mas ensinam-nos ainda o caminho para fazer os progressos mais notáveis nas ciências superiores. Essas passagens confirmam de maneira brilhante o que me escrevestes certa vez sobre esses assuntos.

Dai-me notícias vossas com a maior freqüência que puderdes e não deixeis de querer-me bem. Abraço-vos de todo o coração.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 49

Amboise, 3 de prairial (23 de Maio)

Acabo de receber por fim, senhor, a obra de Marsay, impressa em 1739, os dois volumes de Pordage e o volume de Browne. No primeiro, só pude dar uma olhada, e no entanto, vejo como sua doutrina está de acordo com a de nosso caríssimo Böhme. Espero ter pelo menos o mesmo contentamento com os outros. Mas durante algum tempo não poderei ocupar-me com eles de maneira tão assídua como anteriormente, pois fui encarregado pelo distrito em que estou de apresentar um relatório, manuscritos e outros monumentos das ciências e das artes que a Lei dá à nação neste território, operação feita, às vezes, em toda a república, e do qual cada distrito terá, como resultado, uma biblioteca nacional. Isso vai desviar-me um pouco de meus trabalhos, mas, uma vez que não estou em condições de servir à república de outra forma, é necessário que eu lhe consagre os poucos meios de que disponho. Sempre terei tempo bastante, senhor, para agradecer-vos por esse novo presente filosófico. Só uma coisa me inquieta: é que vos privastes da obra de Marsay para enviá-la a mim. Rogo-vos, quando não tiverdes duplicatas, que não me façais tais envios. Eu bem gostaria de que houvesse chegado o momento de testemunhar-vos pessoalmente meu reconhecimento. Enquanto aguardo, rogo a Deus recompensar-vos de todos os tesouros que me conseguis. Nada vos digo da escola do Norte, da qual me falais em vossa última carta. Eu mesmo já vos falei disso em minha carta anterior e devemos andar na mesma cadência, vós e eu, sobre essa parte de estudo filosófico. Os erros deles sobre a metempsicose têm um fundamento que a torna escusável, e Jane Leade os defenderia eles, mas os homens se apressam sempre demais para irem da possibilidade ao fato, e esses em questão não calcularam a que preço se compram os favores de que falam. Não me pergunteis sobre isso, uma carta não bastaria para responder-vos.

Em também tenho o exemplar de Böhme, in-quarto, em inglês. A obra não está completa, tendo sido o tradutor interrompido pela morte, o que creio já haver dito a vós ou uma outra pessoa da qual não me lembro. Falta, dentre outros, o *Send Brief*, que, a meu ver, é um de seus mais preciosos escritos.

Graças a Deus, começo a familiarizar-me um pouco com o alemão de nosso autor. Também continuo, quando tenho tempo, a tradução para o francês da *Vida Tríplice*, que empreendi como provisão para a velhice, pois minha vista diminui com a idade e se eu viesse a perdê-la e as circunstâncias me fizessem entrar novamente em meu país, não encontraria ninguém que me pudesse lê-la em alemão.

Não ficaria surpreso de que o grande Newton se ocupasse com a leitura de Böhme, mas creio que ele não tirou dela o seu sistema da atração⁶⁸, mais ainda que esse sistema é todo físico e não passa da superfície, enquanto o de Böhme vai ao centro.

⁶⁸ Isto é: gravitação universal.

Adeus, senhor, recomendo-me sempre às vossas preces. Toda a minha pessoa vos segue em coração e espírito e Deus é o nosso ponto de encontro.

Eu estava com muita pressa na última carta. Nossa nova era me enganara e eu não havia calculado que, que vos escrevi para dizer-vos que a encomenda não havia chegado, ela não tinha tido tempo ainda de chegar.

SAINT-MARTIN

CARTA 50

M., 25 de prairial (14 de Junho, velho estilo)

Vi com muita satisfação, senhor, pela vossa carta de 3 de prairial, que recebi com o sinete intacto, que meu pequeno pacote de livros vos chegou em boas condições, como presumi em minha carta de 24 de Maio. Agrada-me saber que ficastes satisfeito com a obra de Marsay. Por causa de vossa delicadeza ficastes constrangido com esse pequeno envio. Para tranqüilizar-vos, posso informar-vos de que, por acaso, recebi mais um desse mesmo tratado de de Marsay, cujas obras, exceto essa, são exatamente raras.

Se for da vontade de Deus, ele saberá aproximar-nos e fazer-me gozar de vossa amizade e de vossas luzes. Enquanto aguardo, submeto-me a essa vontade com confiança e resignação. Informai-me, por favor, se por acaso uma carta que vos escrevi de Basileia, na qual vos enviava um trecho de Browne sobre comer carne e beber sangue, etc., etc. Também vos informava de que havia dado outra direção aos estudos de uma escola na Basileia, instituída por Cagl... Jamais me dissestes se fiz bem em empreender essa espécie de retificação de loja: certo é que as pessoas mais interessantes dessa casa, assim como a jovem de Zurique, estão, no momento, inteiramente de acordo com minha opinião, embora eu jamais tenha visto essa última. Não faz muito tempo, vi o tio dessa jovem. É um homem de muitos conhecimentos e, talvez, o primeiro maçom da Suíça. Esteve no congresso de Wilhelsbad e conhece todas as ramificações da maçonaria. Há pouco, ele encontrou-se com um certo senhor de Gleichen, de viagem pela Suíça. Como, talvez, esse senhor de Gleichen venha ver-me quando passar por M., digei-me o que pensais disso, se o conheceis e, quanto mais depressa me chegar vossa avaliação, tanto mais prazer me dará.

A respeito de maçonaria, tenho ainda uma pergunta a fazer-vos: conheceis uma loja chamada Loja do *Espírito Santo*? Ela possui um sol em lugar do fogo fosfórico da loja do *Norte*, e esse sol tem as mesmas funções da luz fosfórica de C(agliostro). Se conheceis essa loja, informai-me em que país ela se encontra. Fiquei encantado por haverdes empreendido a tradução da *Vida Tríplice*. Esse tratado e o *Caminho para o Cristo*, já traduzido em francês, poderão tornar-se muito úteis daqui por diante. Fazei-me o favor de dizer-me o que pensais do conteúdo e da fonte que produziu duas obras de Emmanuel S.: (Swedenborg), uma, intitulada “*As Maravilhas do Céu do Inferno*”, em 2 volumes in-oitavo, Berlim, 1786; a outra, “*A Sabedoria Angélica, Sobre o Amor Divino*”, etc. Vossa opinião detalhada sobre essas duas obras, como quiserdes, ser-me-á infinitamente preciosa.

Se eu encontrar a passagem de nosso amigo B. sobre a atração, vo-la indicarei. Encontra-se em um de seus tratados que se ocupa de física, tomada no sentido literal.

Abraço-vos de todo o coração e rogo que continueis com vossa amizade e vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 51

Amboise, 5 de messidor (23 de Junho)

Ia eu tomar da pena para escrever-vos, senhor, quando vossa carta de 14 de Junho entrou em meus aposentos. Ela me servirá de guia.

Recebi no devido tempo vossa carta de Basiléia com o trecho de Browne sobre o Corpo e Sangue de nosso Redentor. Fiquei contente com isso, mas não me surpreendeu, pois a maior parte dos efeitos que relata são-me conhecidos, quer através da experiência de alguns amigos, quer através da minha própria, em circunstâncias semelhantes.

Sabia que havíeis dado uma outra direção a Basiléia, mas não sabia em quê vossa obra consistia nem o que era a escola na qual ela se classificava.

Mas informais-me que estão de acordo convosco, e alegro-me com isso.

De acordo com o que me dizeis, tio da jovem deve ter muitos conhecidos aqui, Talvez fosse esse o caminho que lhe faltava. Mas, pelo bom coração que sei que tem, lamento que ele não haja subido mais alto; precisaria de um caminho mais útil à obra, aos outros e a si.

Conheço muito a pessoa que ele viu e da qual me falais. É um homem que tem muito espírito, sobretudo espírito de coração e espírito de mundo. Bateu a todas as portas, ouviu falar de tudo, tudo leu. Com isso, eu não poderia dizer-vos ainda em que é que ele entrou. Creio que ainda esteja por demais dentro do histórico da coisa para vos ser de grande utilidade e não sei se irá mais longe aqui nesse mundo. Não quero dar-me o direito de julgar vossa força, mas temo que vos afasteis um do outro. Em suma, se é preciso que vos diga, ele é um homem habituado de tal maneira a ver o que é falso e o que é errado que isso é a única coisa que busca entre os melhores alimentos, o que me fazia dizer outrora ser ele um homem que daria trinta verdades por uma mentira. Talvez tenha mudado a partir de então, é o que desejo. Quanto à maç... de que me falais, não a conheço e nada posso dizer-vos sobre isso. Conheceis o meu gosto pelas coisas simples e sabeis como esse gosto se fortalece todos em mim os dias através de minhas leituras prediletas. Assim, tudo o que se liga ainda aquilo que devo chamar de *la chapelle* torna-se, a cada dia, mais distante do meu pensamento e acabará por não lhe deixar o menor vestígio. Não deixei de instar convosco para que caminheis nessa direção. Nosso amigo B. mantém a mesma linguagem o tempo todo. Assim, recolhendo-se todos esses acessórios, apraz-me crer que o fundamento é, tanto para vós quanto para mim, o objeto exclusivo, quando não o primeiro.

Isso não foi suficiente, pois é este o caso de se dizer: *unum necessarium*. Dizeis-me que o *Caminho para Cristo* está traduzido em francês. Poderíeis dizer-me onde encontrá-lo? Minha tradução da *Vida Tríplice* vai indo bem devagar por causa de todas as minhas outras tarefas; além disso, não é para publicá-la que a encetei, é só para mim. Quanto às obras de Swedenborg, minha opinião foi impressa em *O Homem de Desejo*, nº 184. Vossas noções sobre a vida astral devem fazer às vezes daquilo que eu poderia acrescentar, pois me parece que hoje, vós e eu só podemos dizer a mesma coisa e eu creia ser bem supérfluo o estender-me mais sobre isso, tanto mais que, em sã consciência, não teria mais tempo.

Passo às vossas cartas anteriores. Ainda não li a obra de Browne recebida de Basiléia, a não ser algumas de suas cartas tomadas ao acaso, nas quais vejo como esse homem era favorecido. Dei-vos minhas opiniões sobre a escola do Norte. Não tenho necessidade de voltar a elas. Li com prazer a obra de Marsay; li, também com prazer, até a página 106, a *Teologia Mística* de Pordage. É, até o momento, todo o que pude fazer com vosso belo presente. Que tesouros, senhor, tendes nas mãos! Como vos lamentaria se, com tais minas, que estão todas abertas, ainda vos divertísseis em perder

tempo com buscas inferiores, em conversações ociosas ou ruinosas com os extraviados deste mundo, que só querem passar os dias em coisas tolas! Esta primeira parte de Pordage não vos agrada na unidade simples e até não vos situa além da Natureza Eterna. Passeemos em seguida nesta *Ewige Natur*, que é nosso elemento, e só nos aproximemos das outras regiões para as retificar e dos outros homens para avisá-los dos tesouros que têm em si. Confesso-vos, senhor, que depois de semelhantes magnificências que vos foram abertas, e das quais podeis gozar à vontade, por causa de vossa língua e de todas as vantagens que a paz política vos concede, sofro às vezes ao vos ver consultar-me sobre lojas e outras ninharias desse tipo. Eu que, nas situações penosas em que me encontro, teria necessidade de que me transportassem a mim mesmo, imediatamente, para esse país natal onde todos os meus desejos e necessidades me chamam, mas onde todas as minhas forças reunidas mal bastam para levar-me, às vezes, visto o isolamento absoluto em que vivo, considero-me aqui como o Robinson Crusó da espiritualidade; e quando vos vejo fazer-me perguntas nestas circunstâncias, parece-me ver um fazendeiro geral de nosso antigo regime, bem gordo, indo consultar o outro Robinson sobre o capítulo da subsistência. Devo dizer-vos o que ele lhe responderia: “Senhor, viveis na abundância e eu na miséria. Dai-me de preferência, uma parte de vossa opulência”.

Uma outra consideração, sobre a qual me apóio, é que neste momento é pouco prudente estender-se sobre esses assuntos. Os jornais públicos devem ter-vos instruído sobre as extravagâncias espirituais que uns loucos e imbecis acabam de expor aos olhos de nossa justiça revolucionária. Esses imprudentes atos de ignorância estragam a profissão e os homens mais equilibrados nesses negócios devem eles mesmos prepararem-se para tudo. É o que faço, porque não duvido de que tudo tenha a mesma cor aos olhos dos que foram designados como juízes dessas coisas e que não têm as noções essenciais para fazer delas o seu ponto de partida.

Mas, ao mesmo tempo que prevejo tudo, estou bem longe de não me queixar de nada. O círculo de minha vida está preenchido de tal forma, e de maneira tão deliciosa que, se provesses à Providência fechá-lo neste momento, do jeito que fosse, eu só teria de lhe agradecer. Todavia, como somos responsáveis por nossas imprudências, façamo-las o mínimo possível e em nossas cartas só falemos de tudo isso de maneira sucinta.

Felicito-vos do fundo do coração, senhor, por viverdes em paz em vossos campos e no meio de vossa família. Eu também irei viver nos meus, às portas da cidade, quando terminar a tarefa da qual o governador me encarregou. Mas estarei aí sem família, com uma simples criada, e sempre de olho em tudo o que possa acontecer a cada minuto. Pois bem! aí estarei feliz, pois devo sê-lo em toda parte, visto que meu reino não é deste mundo.

Não tenho as obras póstumas de Rousseau e por isso não posso ver as verdades que ele vos escreveu. Tenho suas *Confissões* e irei relê-las para encontrar nelas os lugares que vos dizem respeito. Esse homem inspirou-me fortes reflexões e, entre as principais, foi ver como ele e eu passamos por vicissitudes na moral e no físico: seu talento estava muito acima do meu. E se esse belo gênio e essa bela alma tivessem recebido os socorros espirituais dos quais fui cumulado, que fruto a coisa não teria retirado disso, em vez da frágil cultura que recebeu de minhas mãos!

Adeus, senhor, recomendo-me à vossa lembrança e às vossas preces. Mesmo que vá logo para o campo, meu endereço permanece o mesmo.

Eu não havia mudado o sinete da minha carta de 22 de floreal. Certamente foi uma consequência da supervisão necessária do governo.

Por preguiça, quis economizar o envelope. Mas voltarei ao assunto. Assim, não vos surpreendais com as dobras de minha carta.

CARTA 52

M..., 12 de Julho de 1794 (24 de messidor, novo estilo)

Vossa interessante carta de 23 de Junho chegou-me, senhor, no melhor estado possível.

Talvez tenhais ficado surpreso com a frivolidade que reinava nas minhas duas últimas, porém peço-vos considerar que, de vez em quando, acontece que as pessoas que conheceis estão desejosas de ter informações a meu respeito e pareceu-me conveniente satisfazê-las em todos os sentidos.

Isso se refere a duas passagens de minha última carta. Quanto às lojas, importa-me muito pouco saber como elas se chamam e o que é feito nelas, mas havia um conhecido meu que, sem saber que eu mantinha correspondência convosco, desejava ardentemente ter a solução da pergunta que fazíeis. Para Monsieur de Gl(leichen)., de qualquer forma só o verei mui rapidamente, porque ele perto da estrada no percurso de uma viagem que pretendo fazer. Se ele me falar sobre ciência, lerei para ele o v. 15 do nº 8 de *O Homem de Desejo*. Se não quiser saborear essa passagem, deixarei de falar-lhe e procurarei guardar para mim o espírito do que está contido nesse número. É na mesma carta que vos trouxe a passagem de Browne sobre *Leib und Blut*, etc., que se encontra em detalhes os estudos feitos na casa de Basiléia em questão. Era uma escola precisamente do mesmo gênero da que existia, há oito ou dez anos, em Lyon, da qual falamos uma vez em nossas cartas, mas, temo bastante que tenha retomado opiniões semelhantes durante minha ausência, e isso pela influência do pai de nossa jovem de Zurique (Lavater), que se interessou por tudo o que é ensinado no Norte e que, sistemática e deliberadamente, afasta-se de tudo o que poderia conduzi-lo ao centro e à luz. Creio que em seus erros ele aja de boa fé, mas, infelizmente, é eclesiástico, isto é, de uma classe de homens que dificilmente volta atrás em suas convicções. Em compensação, as novas cartas de sua filha que ele me passou aumentam ainda mais o respeito que concebi por essa interessante pessoa, que jamais vi, e que talvez não veja em minha vida. Gostei muito de saber de que o livro de Marsay vos agradou. É verdade que fico muito feliz por possuir tesouros de ciência nas obras que sabeis que possuo e, neste sentido, já sou bem rico, mas, quanto à apropriação dos conteúdos podeis estar certo de que sou ainda bem pobre. *O Caminho de Jacob Böhme para se ir ao Cristo* foi impresso em francês pela Gotthard Schlechtinger, impressor da Academia de ciências, em Berlim, 172, in-oitavo. Se houver um meio, procurarei consegui-las para vós. O nº 184 do *O Homem de Desejo* satisfaz-me plenamente com relação às obras do respeitável sueco⁶⁹, sobretudo o v. 7, que diz: “*Mil provas* nas suas obras de que ele foi freqüente e altamente favorecido... *Mil provas* de que só viu o meio, não conhecendo nem o princípio nem o fim”. O começo bem poderia ser indicado no versículo 14 do nº 28 de *O Homem de Desejo*.

No v. 10 desse mesmo número 184 encontram-se as palavras: “*Provai* o princípio “pela lógica”, etc”. Essa passagem tem algumas relações com uma obra na qual trabalho e minhas horas de lazer, já faz vinte anos. Não se tratará somente de uma lógica, mas de novos meios para se encontrar a verdade e discerni-la do erro. Minha intenção inicial era compor preceitos para meu próprio uso. Posteriormente, havendo percebido as aplicações que não são encontradas em livro algum desse tipo, acreditei que talvez a publicação dessa obra, que será muito prática, poderia tornar-se útil, tanto mais que eu atacaria alguns erros modernos essenciais que desviam do bom caminho e combateria os sofistas com sua própria arma: a dialética. Mas quando penso no argueiro no olho de meu irmão⁷⁰ e no caminho que ainda me resta a percorrer para o meu próprio progresso numa carreira *completamente diferente*, então a pena cai-me das mãos. Embora minha obra, que será assumirá toda a roupagem da filosofia moderna, haja de custar-me um tempo imenso antes de haver

⁶⁹ Emmanuel Swedenborg.

⁷⁰ Mateus, 7:3. No texto original lê-se *paille*, que a versão portuguesa dá como argueiro (“Partícula leve, separada, de qualquer corpo; grânulo; cisco”. — Aurélio.)

conquistado sua medida, a Providência saberá bem fornecer-me tempo, depois de haver atingido meu alvo pessoal, *se ela o julgar conveniente*. Pois, aplicando-me a ele cedo demais, eu poderia prejudicar-me em minha própria carreira, embora tenha intenções puras e apenas a visão do mal incalculável que se faz neste mundo, por falta de conhecimento dos caminhos que conduzem à verdade, me tenha posto as armas na mão. Meu objeto é fazer aos outros o que eu teria querido que fizessem a mim colocando semelhante livro diante de meus olhos. Não espero qualquer sentimento de reconhecimento por parte da multidão, pois prevejo por antecipação que a maioria, que pouco se preocupa com a verdade, me apedrejará a guisa de agradecimentos. Mas, para voltar a *O Homem de Desejo*, em vos confessaria ingenuamente que considero essa obra como a mais consoladora e a mais rica em pensamentos brilhantes já surgida neste século. A cada passo dado nesse livro encontra-se um tesouro. No momento sou mais capaz de saboreá-lo e conhecer-lhe as belezas do que quando ele me caiu nas mãos há três ou quatro anos.

Tende a bondade de dizer-me se o termo “águas benfazejas”, que se encontra no versículo 4 do nº 36 não significa as virtudes. Embora eu tenha uma opinião bastante boa das pessoas estabelecidas para crer que elas não irão confundir homens prudentes e virtuosos com imbecis e os habitantes das Petites-Maisons⁷¹, há ainda um outro princípio que deve tranquilizar-me a respeito do fato que me informais: é que não se quer mais confundir o erro com o crime.

Peço que continueis a orar por mim e crede que todos os dias dirijo minhas preces por vós ao *Ser supremo*. Tenho certeza de que não vos acontecerá mal algum porque dissestes: “Senhor, sois a minha esperança” e porque tomastes o *Altíssimo* como refúgio, etc., etc. Salmos 90: 19, 11-12.⁷²

P.S. Acabo de receber mais um volume das obras de Jane Leade.

Tende a bondade de enviar-me a relação dos pequenos tratados que possuis dessa autora.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 53

13 de termidor, ano 2

Quando vos escrevi minha última carta, senhor, estava um pouco aborrecido de todas as privações que sofro e, por causa de meu mau humor, talvez, pinte de maneira viva demais aquilo que poderia dizer-vos de maneira mais branda. Peço-vos perdão hoje, garantindo-vos que já me reprevei por essa petulância desde o momento em que ela me escapou e que meu ato de contrição é muito sincero. Realmente, nada de mais natural do que as vicissitudes que as circunstâncias vos causam. Tendes a base sobre a qual repousa todo o edifício e assim devo ficar tranqüilo quanto a vós. E se me permito falar-vos algumas vezes sobre esse ponto, é para advertir-vos como irmão, e não para reprender-vos.

Lembro-me de me havéis falado em detalhe sobre o assunto de Basiléia, mas, tendo em vista sua semelhança com o da outra cidade da qual me falastes também em detalhes há algum tempo, deveis fazer facilmente uma idéia da minha maneira de pensar; e isto basta. Quanto à loja sobre a qual pedis minha opinião, eu vos disse que não a conhecia. Posso acrescentar que, de acordo com o retrato que me fizestes, não tenho mais confiança nela do que nas outras. Nada mudou, a não ser o modo do maravilhoso, e a forma astral revela em que região a coisa acontece. Vejo que não será

⁷¹ Antigo hospital psiquiátrico de Paris.

⁷² Parece que a criação está truncada. O Salmo referido é o de número 91 (90 na Vulgata). Diz o versículo 9 (e não o 19): “Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio”. “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos. Para não tropeçares nalguma pedra”. (11-12). A propósito, na tentação de Jesus, o tentador cita-lhe esta passagem.

fácil lidar com vosso amigo eclesiástico. Mas por que não veríeis sua filha, que dizeis ser tão interessante. Sois livre como um pássaro, estais em vosso terreno e num terreno pacífico. Quanto a mim, se eu estivesse ao alcance de uma pessoa tal como essa que me descreveis, seria difícil para mim de não travar conhecimento com ela.

Agradeço-vos antecipadamente por tudo o que puderdes conseguir-me, em francês, das obras de Böhme e de outros autores do mesmo gênero, embora como vós eu possa dizer que sou rico em propriedades dessa espécie, mas extremamente pobre em colheita. Minha língua natural rende-me o triplo das línguas estrangeiras: acabo de ter disso uma pequena prova. No trabalho bibliográfico do qual fui encarregado por meu distrito caiu-me nas mãos “*A Vida da Irmã Margarida do Santo Sacramento*”, nascida na França no século passado e nela morreu como religiosa num convento de carmelitas. Não pude deixar de fazer uma pausa por causa dessa obra na qual, graças às luzes fornecidas por nossas caras leituras, encontrei coisas deliciosas mais deliciosas para o meu coração do que para o meu espírito. Essa pessoa surpreendente passou por todos os tipos de estados extraordinários, cuja chave podemos ter hoje, de acordo com tudo o que ficamos sabendo. Ela manifestou desenvolvimentos magníficos sobre princípios espalhados em todas as obras que se encontram em nossas mãos. É verdade que não chega às regiões elevadas onde Browne, Leade, e, sobretudo Pordage, parece haver estabelecido suas moradas, mas, na ordem da regeneração e das virtudes do amor, ela me transporta e sinto que deveria ser essa a principal obra dos humanos. Quanto às outras regiões que os grandes autores nos abrem, parece-me às vezes que essas viagens deveriam ser deixadas para quando estivermos despojados da massa terrestre que nos tira toda a agilidade. Quereis que vos cite um episódio de seu heróico devotamento e de sua santa paciência? Nos diferentes estados pelos quais passava, acontecia muitas vezes que seu físico ficava afetava e a cabeça, sobretudo, causava-lhes dores terríveis. Ela sabia bem que tudo isso não passava de uma consequência da ação espiritual inimiga que atormentava tanto quanto podia em sentido contrário ao da mão divina que a escolhera por esposa, mas os médicos julgavam o fato à sua maneira e, depois de haverem esgotado os remédios da farmacopéia, decidiram aplicar-lhe um ferro em brasa ao crânio. A superiora da comunidade consentiu nisso, embora com pesar, o que bastou para que a boa Santa Marguerite se submetesse. Ela sofreu três vezes a aplicação do ferro sem proferir a menor queixa. Isso não é tudo. Não tendo esse remédio tido êxito algum, os médicos imaginaram fazer-lhe uma trepanação; ela submeteu-se com a mesma resignação e não emitiu um único suspiro na operação. Disse mesmo às companheiras que esses males nada eram em comparação com os que sofriam pelos pecadores por causa da união que tinha com Jesus Cristo. Quanto aos médicos, acharam o interior de sua cabeça tão sadio que, não podendo atribuir a causas desconhecidas as dores que ela sofria, desistiram. Confesso-vos, senhor, que depois de Jesus Cristo, que se deixou crucificar, conheço poucos sacrifícios tão corajosos e tão admiráveis como o dessa santa jovem. Não quero examinar aqui a ordem científica. Se essa jovem gozasse de seus direitos, teria podido derrubar os médicos, como Jesus Cristo derrubou os arqueiros que vieram prendê-lo no Jardim, mas ela me manifesta o complemento da doçura e da virtude. Para mim, é isso pelo menos tão importante quanto as manifestações das potências. Se eu tivesse tudo isso e várias outras passagens numa outra língua que não fosse a minha, não teria ficado surpreendido da mesma maneira.

O v. 14 do nº 28 de *O Homem de Desejo* é realmente um começo, mas, como tudo o que lestes sobre a origem das coisas, podeis saber que existe uma ainda mais anterior, desconhecida de Swedenborg, e é dessa que quero falar. O versículo 14 do nº 3 significa, talvez, as virtudes, mas, entretanto, qualquer coisa a mais, uma vez que é apenas dessas águas benfazejas que nossas virtudes podem receber irrigação e crescimento. Vede pois, caro irmão, o que os nossos sublimes autores nos dizem sobre a água viva e sobre o óleo, e dançai de alegri por haver no mundo tais magnificências. Além do mais, agradeço-vos pelo cumprimento lisonjeiro sobre *O Homem de Desejo*. Sei que é o julgamento vosso amigo de Zurique (Lavater) lhe fez em um de seus últimos números do ano de 1790 ou 1791. Sei, admito-o, que há germes semeados nessa obra, cujas propriedades eu mesmo ignorava ao semeá-las, e que para mim se desenvolvem a cada dia, graças ao socorro da Providência e de nossos autores. Glória somente a Deus, em tudo e em toda parte. Se

tiver a felicidade de concorrer em qualquer coisa para o progresso de seu reino, devo agradecer-lhe e rojar-me ao pó.

Vosso projeto de uma obra sobre a lógica prática parece-me bem louvável. Espero que a Providência vos forneça todos os meios de completá-lo e que vossas boas intenções tenham sua recompensa, não no reconhecimento dos homens, mas num valor financeiro mais alto. Eu poderia falar-vos também de um empreendimento meu que provavelmente só terminará com minha vida e que desenvolvo, como fazeis com o vosso, como fazeis com o vosso, com bastante lentidão, porque parece-me que minha obra de regeneração deve vir antes de tudo. Mas isso ficará para uma outra carta.

Perguntais-me como estão as obras de Jane Leade que tenho em meu poder. Creio que já enviei antes uma pequena nota do que tenho em francês. Não tenho esse texto aqui comigo; tudo o que me resta na memória é que se trata nele de sua entrada na região espiritual e das provas que ela sofreu para chegar ao seu termo. Depois disso, enviaram-me uma tradução francesa manuscrita com o título: *Comunicação entre os Santos do alto e os Santos deste mundo*, tirado da tradução alemã dos seis tratados místicos de Jane Leade, p. 60 a 80. A obra contém 24 páginas e divide-se em 38 números. Há realmente coisas maravilhosas. Tenho, além disso, o volume impresso que me enviastes e que contém: *Offenbarung der Offenbarungen* (Revelação da Revelações), etc.; *Die nun brechende und Zertheilende himmlische Wolke...* etc.; *Einleitung zum geistlich oder mystischen Tod und Sterben*, etc. Tudo impresso em Amsterdam em 1694 e 1695.

Adeus, senhor, recomendo-me sempre à vossa lembrança e às vossas preces. Creio, como vós, que a mão que velou por mim de maneira tão manifesta continuará a fazê-lo. Mas seja feita a sua vontade. Não pensemos jamais em permanecer aqui no mundo por um tempo maior ou menor, mas trabalhemos sem cessar a fim de ficarmos prontos para sair dele. Amém. Se me falardes do B. de G., rogo-vos que seja sempre sem citar-lhe o nome, e sobretudo que ele evite escrever-me. Não receber cartas dele nesse momento.

SAINT-MARTIN

CARTA 54

M., 30 de Agosto de 1794

Sinto-me bem envergonhado, senhor, porque, em vossa carta de 13 de termidor acreditastes haver errado em relação a mim. Podeis ter certeza de que nenhuma de vossas cartas diminuiu meu apego por vós.

As circunstâncias não me permitem ir a Zurique. Contento-me com dirigir humildemente minhas preces à divina Providência para que o bom grão germine e brote no coração da pessoa que nos interessa. E apesar dos obstáculos encontrados por essa sementeira, na qual tocastes em vossa última carta, recebi as declarações que me provam, graças ao Senhor, que meus fracos desejos não vos inteiramente infrutíferos. Vejo pouco, e de uma maneira certamente imperfeita, a possibilidade de agir de modo mais perfeito sobre o espírito e o coração dos outros, sem sinal exterior, e sem que as distâncias lhes oponham qualquer obstáculo. Esse conhecimento experimental, por mais fraco que seja, não deixa de encorajar minhas esperanças, e não podemos agradecer o suficiente ao nosso mestre sublime que dá auxílio de acordo com a nossa fraqueza. Compreendo o prazer que a vida da irmã do Santo Sacramento deve ter-vos feito. Nela encontrastes riquezas verdadeiras, pois nem todas as idéias transmitidas por Pordage e Jane Leade consideram todas — longe disso —, a única necessária. É um luxo espiritual ao qual renunciei completamente. A vida é tão curta e as coisas indispensáveis já exigem tanto tempo e tantos combates que é preciso não perder força e tempo de lazer com objetos menos essenciais. Volto sempre ao nosso amigo B. Ele é, sem dúvida alguma,

entre Jane Leade, Pordage e Browne, o príncipe por excelência.

Desde minha última carta tive esclarecimentos sobre Jane Leade dados por um autor contemporâneo, digno de fé, repleto da verdadeira luz e grande admirador de nosso amigo B., uma vez que ele dirigiu a edição de 1682. Era, segundo ele, uma mulher piedosa, mas comprimida numa esfera limitada. Ele acha que suas manifestações são apenas um efeito astral, que não tiveram nascimento no fogo da ansiedade, que esse gênero não dá força alguma ao homem interior; que não se pode haurir qualquer fundamento sólido em seus escritos, que se encontram até mesmo erros, como por exemplo, a reabilitação dos espirituais rebeldes, o que é uma antiga opinião de origem. Esse autor rejeita de modo geral todas as manifestações que antecedem nossa regeneração e o fato do nosso inteiro revestimento de Jesus Cristo. Pretende afirmar que o princípio mau, percebendo que seu reino é curto, trata de reter as almas no astro exterior para impedir que penetrem mais profundamente e que ele ainda pode empregar seu jogo na *Tinctura solis*. Assim como vossa irmã carmelita, o meu autor tem idéias sublimes sobre os sofrimentos aos quais ele mesmo ficou exposto por causa dos pecadores. Também experimentou males físicos produzidos por uma ação espiritual inimiga que a atormentava o mais que podia no sentido contrário à ação da mão divina. De ordinário, curava-se de suas enfermidades, que eram ou dores de cabeça ou de dentes, etc., com a *magiam fidei* (magia da fé), que, neste sentido, foi uma idéia totalmente nova para mim. Era um emprego local do que se chama tintura do fogo da alma; ele empregava esse remédio para si e para os outros. Imagino que, para o conseguir, ele se servia dos momentos em que se encontrava em *comunicação sensível com o elemento puro e o que o anima*, e que, por sua imaginação, conduzia essa substância à parte sofredora.

Vossa irmã carmelita é de uma sublimidade bem rara entre os mortais. Como a língua francesa tem mais efeito sobre vós do que as outras, tentarei conseguir-vos um volume de nosso amigo B. em francês. Desde minha última carta, recebi também uma obra que talvez conheçais, a de Maria de Ágreda⁷³. Ainda não a iniciei. Ficaria muito feliz se Maria de Ágreda me der a mesma satisfação que recebeste de vossa irmã carmelita. Sou-vos muito grato pelos esclarecimentos que dizem respeito a algumas passagens de *O Homem de Desejo*. Tanto quanto vós, estou decidido a suspender minha obra filosófica até que tenha avançado ainda mais nos trabalhos mais necessários.

Tende a bondade, caro irmão, rogo-vos, de contribuir nisso com vossas preces. Mateus 18: 19⁷⁴.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 55

25 de frutidor

Tenho a mesma opinião que vós sobre a supremacia de nosso amigo B. sobre todos os seus confrades. Em todos eles vejo magnificências do mais alto valor; somente ele me parece verdadeiramente nascido para esse trabalho. Os outros dão às vezes a impressão de serem maiores do que seu próprio negócio; nele, o negócio da sempre a impressão de ser maior do que ele. É o bom israelita por excelência. Ainda não terminei Pordage. Quanto a Jane Leade, eu tinha uma tradução do artigo em que ela fala da regeneração universal futura. Embora essa idéia agrade mais ao meu coração, mantinha-me em guarda porque me parece que, enquanto o mundo existir, os selos não serão levados a essa profundidade. Amo vosso autor que redigiu a edição de B. em 1682. Parece-me ter bons e sábios princípios. Maria de Ágreda é conhecida entre nós. Ela tem seu mérito,

⁷³ (1602-1665) Religiosa franciscana, célebre por suas visões. Seu livro *Mística Cidade de Deus* é uma vida da Virgem Maria, composta em parte como fruto de suas revelações pessoais, foi condenado pela Igreja, que não admite revelações particulares.

⁷⁴ “Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, será-lhes concedida por meu Pai que está nos céus”.

mas sem em nada prejudicar àquela da qual vos falei na última carta.

Como tendes a intenção de enviar-me um volume de B. em francês, devo avisar-vos de que nessa língua já tenho a *Signatura rerum*, traduzida por um médico chamado Jean Mandé, o qual deu á obra o título “Espelho Temporal da Eternidade”, Frankfurt, 1664. O estilo e as expressões são quase insuportáveis, e a edição é bem ruim. Apesar disso, visto o conhecimento que adquiro a cada dia do sistema do autor, ainda encontro mais facilidade em remover os obstáculos nessa tradução do que no texto. Quero pedir-vos, senhor, que me ajudeis em algumas passagens da minha tradução da *Tríplice Vida*.

Cap. 5, v. 21, 7ª linha: *Und sie hat ihn inficiret, DER hält sie gefangen*. Pareceu-me que o *der* sublinhado deveria estar no acusativo. Não é o relâmpago, conforme penso, que mantém a matriz prisioneira; colocando-se *der* no acusativo, seria a matriz quem mantém o relâmpago prisioneiro. Rogo dizer-me se estou enganado.

Mesmo cap., vers. 61, última linha: *Seynd ihr mit Lucifer*, etc. Não sei como aplicar o pronome pessoal *ihr*; é uma interpelação. Peço que me digais também se a palavra *seynd* está escrita de maneira correta. Encontro, na nova ortografia, *seyn, sind, seyd*⁷⁵, mas nada encontro de *seynd*.

Estaria errado em traduzir “Foi porque caíste num círculo inteiro com Lúcifer”, o que pode fazer um sentido verdadeiro, mas não constitui uma dicção adequada?

Id. V. 65: *Es sitzet so balde ein Furst des Teuffels zu warten*, 146 etc. Eu pediria que vós mesmo me traduzísseis essa frase. Eis a minha, com a qual não estou satisfeito, embora creia ter-lhe captado o sentido: “É possível que um príncipe governe para servir na obediência do demônio, bem como um simples camponês”.

Por fim, mesmo cap. vers. 85, penúltima linha: *Dann ihrer sind*, etc., deve-se dizer: “Eles são *por eles três*, ou *deles três* ou *eles são três*?”

Perdão, senhor, se vos importuno com essas coisas sem importância, mas sois meu único recurso nesta ilha deserta. Como vedes, avanço lentamente, em minha tradução. A verdade é que ela é para mim um trabalho mecânico do qual não tiro absolutamente nada enquanto me ocupo e dele os frutos que dele espero me virão apenas pela leitura. Para mim, é quase como se fizesse um cópia. Se não tivesse necessidade de preparar também os materiais de minha subsistência espiritual, caminharia com mais rapidez nos outros empreendimentos nos quais também gostaria de prosseguir. Mas, no estado atual das coisas, tudo deve estar em suspenso e, sem ter idéias ainda piores que as dos outros, presumo que esse estado de coerção continuará a crescer, e eu não gostaria de estar encarregado de traçar-lhe os limites. Creio ver o Evangelho ser pregado hoje pela força e pela autoridade do espírito, uma vez que os homens não o quiseram escutar quando ele lhes pregou com doçura, e que os sacerdotes no-lo tinha pregado somente com hipocrisia.

Ora, se o espírito prega, ele o faz na verdade e certamente reconduzirá o homem a esse termo evangélico onde não somos mais absolutamente nada e onde Deus é tudo. Mas a passagem de nossas ignorâncias, impurezas e impunidades a esse termo não pode ser suave. Assim, procuro estar pronto para tudo. É o que deveríamos fazer, mesmo quando os homens nos dessem sossego, com muito mais razão quando unem seus movimentos aos que naturalmente agitam todo o universo desde o pecado do homem. Nosso reino não é deste mundo, eis tudo o que deveríamos dizer em todos os momentos, excluindo qualquer outra coisa, sem exceção. Entretanto, é o que jamais dizemos, exceto da boca para fora. Ora, a verdade, que anunciou esta palavra, não pode permitir que seja uma palavra vã e ela mesma rompe as amarras que nos ligam por todas as partes a essa ilusória aparência a fim de nos entregar à liberdade e ao sentimento de nossa vida real. Nossa revolução

⁷⁵ Formas do verbo alemão sein (ser).

atual, que considero sob esse aspecto, parece-me um dos sermões mais expressivos já pregados no mundo. Oremos para que os homens o aproveitem. Não oro para não ser contado no número dos que lhe devem servir de sinal de justiça: oro para jamais esquecer o Evangelho tal como o espírito quer que nossos corações o concebam, e, em qualquer parte onde esteja, estarei feliz, pois estou ali com o espírito de verdade. Acabo de reler, em alemão, minha primeira passagem, nº 21. E creio que me enganei ao não querer dizer que o relâmpago mantenha a matriz prisioneira. Parece-me, ao contrário, que é o sentido dado pelo autor, embora em algumas outras passagens pareça que reste algo de relâmpago na matriz, uma vez que a própria tinta e todas as correspondências superiores aí se encontram também. Mas no momento da explosão, ou de *Schrack*, é certo que o relâmpago fica na primeira posição, e então *der* estaria no lugar certo, significando o pronome demonstrativo *aquela* (*celui-là*). Peço-vos julgar esse processo.

Tenho a soberba tradução inglesa que nosso amigo comum mandou vir, mas acho-a pouco exata em vários pontos. Ele tem certeza também de que ela foi feita a partir de um outro texto, e não da edição de 1682, pois há passagens inteiras que não se encontram em alemão, e vice-versa.

Por fim, no caso atual do meu número 21, ela é inteiramente inútil para mim, porque, como o inglês emprega o gênero neutro na grande maioria das palavras, essa tradução coloca *it* neste caso, sem que eu saiba a quem aplicá-lo, se ao relâmpago ou à matriz, já que convém igualmente a ambos.

Adeus, senhor, busquemos Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso espírito. Eis o verdadeiro reino.

SAINT-MARTIN

CARTA 56

30 de Setembro de 1794

Apresso-me, senhor, a responder às vossas perguntas gramaticais sobre a *Tríplice Vida*, v. 21. Pelo que vejo, julgastes perfeitamente vossa primeira dificuldade, na penúltima página de vossa carta.

Der está no lugar certo: é o relâmpago que mantém a matriz prisioneira. Para vos convencerdes disso, só tereis de consultar a nona linha do mesmo número, a qual apresenta a matriz como que assustada e vencida.

V. 61. *Seynd* não é desusado, mas provincial regional: numa parte da Saxônia superior pronuncia-se ainda *Seynd* em vez de *Sind*, mas escreve-se *Sind*. O impressor deve ter seguido sua própria pronúncia. *Sind ihr*, nessa linha, uma apóstrofe; e *Ihr*, nessa acepção, não significa *vós*, mas é simplesmente um torneio de frase que quer dizer: “E foi por isso que caiu um governo inteiro com Lúcifer”. *Regiment* significa aqui o conjunto de todos os indivíduos que formam a organização de um governo. Às vezes esse termo também é tomado no sentido abstrato. Traduzi essa passagem literalmente, pois em francês o vocábulo *hierarchie* talvez seja melhor do que *gouvernement*.

Quanto ao versículo 65, explico-o através do anterior. Lembrando-nos que se trata sempre da hierarquia do princípio das trevas, parece-me que se pode traduzir assim: “É muito possível que um príncipe do demônio seja obrigado a esperar em obediência como um pobre camponês”. Para o versículo 85, vossa última explicação é a verdadeira. “Pois são três que formam a palavra”. É o sentido literal e estrito. E confio a vós, senhor, o trabalho de traduzir minhas traduções em francês.

Estou bem satisfeito por vos ver ocupado com a tradução da *Tríplice Via*. Talvez com o tempo outras pessoas ainda venham a aproveitá-la. Enviei a Basileia um volume de B. que contém a tradução do *Caminho para Cristo*, com seis pequenos tratados de Jane Leade, em alemão, que ainda

não tendes. Esse pacote partirá de Basiléia a 1º de Outubro pela diligência de Paris; assim recebê-lo-eis por volta do dia 15. Creio que posso recomendar-vos com toda segurança o dicionário alemão de Adelung, do mesmo tipo que o da Academia francesa, exceto pelo fato de que é infinitamente melhor. Encontrareis nele os diversos dialetos e as diferentes acepções dos vocábulos detalhadamente. Essa excelente obra fixa o estado presente da língua alemã. É volumosa e cara, mas talvez, nesse momento, possa ser eventualmente comprada em Paris.

Penso como vós, senhor, sobre os grandes assuntos de que me falais em vossa carta. A ignorância e a hipocrisia dos intérpretes são uma das causas principais dos males que têm afligido a Europa desde muito séculos até os nossos dias.

Mas entreguemo-nos à divina Providência com confiança sem limites, e tudo resultará em bem.

Fico encantado, senhor, porque estais contente com o pouco que vos enviei sobre o redator da edição de 1682 das obras de nosso amigo. Considero-me bastante feliz por haver travado conhecimento com ele. Esse homem é ainda mais interessante, pois colocou em prática toda a teoria de B. Sua vida é uma demonstração *a posteriori* de todos os princípios de nosso amigo. Ele chegou a esse ponto através da leitura reiterada das obras de nosso teósofos e da perseverança e da prática de quarenta e cinco anos. Conheceu as manifestações reais e as que não o eram, e isso por sua própria experiência. Pelo fim da vida, viveu com Sophia em perfeita intimidade. Em lugar algum já vi, como nele, a diferença imensa que há entre os deleites e as carícias com as quais ela honra os que a buscam com a união total, a consumação em unidade somente concedida depois das provas; e pela qual somente a confiança permanente, a desapropriação e a cruz podem aplinar o caminho. Ele viveu retirado e em celibato, estado que acreditava ser necessário para exercer as sublimes funções às quais se devotara. Os sacerdotes, com suas perseguições, despojaram-no dos bens e da pátria. Passou a vida na maior pobreza, sem que jamais nada lhe faltasse. Não tinha um propriedade sequer. Mesmo assim, sempre encontrava a maneira de aliviar seus irmãos. Temos deles seis volumes de epístolas e um de seus amigos escreveu sobre sua vida. Embora leigo e luterano, esse homem raríssimo exercia o sacerdócio no sentido mais vasto e elevado. Tornou a si próprio anátema para livrar seus irmãos. Morreu em 1710 em Amsterdã, onde passou a vida fazendo o bem, sobretudo através de suas preces e o emprego das magníficos dons que havia recebido, mas que não eram deste mundo. Seu reino era tão pouco deste mundo que ele recusou vários partidos milionários. E mais ainda: recusou a solução do grande problema físico que uma pessoa de confiança lhe veio oferecer juntamente com a prova, e isso pela estima por suas virtudes e em consideração do bom emprego que ele poderia fazer da dessa solução. Como o segundo princípio era a sua morada habitual, ele via o que se passava em todas as regiões. Pela experiência dos seres a que isso se referia, teve a confirmação das verdades que se encontram no fim da vigésima-quarta das Quarenta Perguntas de nosso amigo B. Depois de um trabalho mantido durante sete anos, ele conseguiu retirar um de seus benfeitores de um estado mui penoso e sofredor, no qual o suicídio o precipitara depois da morte. Em suma, era um homem como houve poucos, daqueles que atraem a bênção sobre um país inteiro.

Adeus, senhor, concordo de todo o coração com a conclusão de vossa cara, e isso em toda a sua plenitude. Roguemos a Deus que nos faça chegar a esse termo.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 57

Amboise, 21 de vindimário

Já que sois tão complacente, senhor, por querer responder às minhas perguntas de escolar, vou tomar a liberdade de dirigir-vos ainda algumas palavras: é sempre sobre a *Tríplice Via*.

Cap. 4, v.44, linha 4: *Darumb sind der so viel*,⁷⁶ etc., etc. Não compreendo nada desse *der* e não sei a que se refere.

Idem, l. 13 *In Zeit* quer dizer, simultaneamente, *num tempo, naquele tempo, ou com o tempo?*

Cap. 7, vers. 46, l. 16: *Den Geist der Luft*. Vejo, por esta frase, que foi o espírito do ar que é despertado, ora por uma forma, ora por outra. Eu ficaria tentado a crer que é o espírito do ar que desperta as formas, mas sei que tanto uma como a outra são verdadeiras. Peço, porém, que me informeis se não há um erro nessa passagem.

Cap. 8, vers. 24, l. 4: *Welches alles wäre hingegangen*. Confio-vos inteiramente essa quatro palavras e peço que me envieis sua tradução.

Poderia deixar para fazer-vos estas perguntas numa outra ocasião, senhor, e esperar que a lista ficasse mais longa para vos escrever, mas não quis nem mesmo aguardar a chegada do novo presente que me fazeis, a menos que vos escreva vos novamente quando ele chegar. Estou impaciente por agradecer-vos pelo que me informastes com respeito ao editor de 1682. Confesso-vos que o que me narrastes sobre ele tocam-me profundamente, e, se puderdes acrescentar algum suplemento, assegurai-vos antecipadamente de todo o meu reconhecimento. Peço pelo menos que me deis seu nome, se o souberdes. Certamente ele era alemão e deve ter podido beber à vontade nessa fonte de vida que vós e eu temos nas mãos, pois a cada dia aumenta minha admiração por ele e sinto que bastaria um prodígio semelhante bem meditado para reintroduzir-se no molde naturalmente. Seu editor é uma prova disso, ao confessar, não obstante, que teve o mérito de acrescentar a essa leitura o seu trabalho e virtudes pessoais. Fico encantado por haver existido tais homens na terra. São os generais de primeira ordem, em torno dos quais o exército pode reunir-se nas derrotas. Confesso-vos senhor, que uma de minhas maiores alegrias é a de ter sido, embora bem escassamente, uma dos órgãos que vos proporcionou o conhecimento desses tesouros que podeis esquadrihar com tantas vantagens e delícias. Jamais tereis tanta satisfação desse tipo quanto vos desejo e, quanto mais tiverdes, mais aumentarão as minhas. Unamo-nos nesse espírito de amor divino. Quanto mais aumentarem as nossas riquezas, mais nossas relações se consolidarão. Penso como vós, senhor, que tudo acabará bem nos grandes assuntos que atualmente ocupam as nações. Acreditei nisso desde o momento em que a revolução começou e minha pessoa está pronta para todos os sacrifícios. Sinto mesmo que se sacrificaria com verdadeiro prazer para o progresso do bem público, mas tenho sido cumulado de tantas bondades que não posso deixar de crer que quererão dar-me mais ainda e que um dia me será permitido aproximar-me de meu associado para nisso trabalharmos juntos pelo nosso destino. Tomastes um caminho tão bom que posso facilmente calcular o quadro dos ganhos que serão tidos convosco. Além do mais, não estou assim tão avançado quanto o nosso editor com relação à solidão. Creio, como ele, que a sociedade mundana é perniciosa, mas creio que a *sociedade espiritual é útil*, e costumo ter necessidade dela, sobretudo neste momento, em que estou totalmente sozinho no campo. Mas acostumemo-nos a agradecer por tudo aquilo que é o mais sábio e mais seguro.

Li com muito prazer o que J. J. Rousseau diz sobre vós no suplemento de suas *Confissões*, que me emprestaram. Eras bem jovem, senhor, quando atraístes a atenção de um homem como ele. Recolheis hoje os frutos cujos germes ele já vira em vós.

Estimulais-me a conseguir o dicionário alemão de Adelung. Creio que já o vi em Estrasburgo e parece-me que essa obra serve somente para a correção da língua alemã e não dá o sentido dos vocábulos em francês. Ele é para o alemão o que é para o francês o nosso *Dictionnaire de l'Académie*, que não trata de outra língua. Se não me engano em meu julgamento, essa obra não preencheria meu objetivo. Dai-me a satisfação de dizer-me se minha memória está boa ou não e,

⁷⁶ Que são tantas.

caso a obra me convenha, e vos rogaria que me enviásseis seu título e local de impressão.

Adeus, senhor, lembrai-vos sempre de mim em vossas preces. Embora esteja no campo, meu endereço continua o mesmo. Estou a apenas meia légua de distância de Amboise, minha cidade natal, e vou lá com frequência.

SAINT-MARTIN

CARTA 58

M., 25 de Outubro de 1794

Seria para mim um prazer sempre grande, senhor, ser-vos útil em qualquer coisa e ajudar-vos o mais possível nas pequenas dificuldades que encontrais na língua alemã. *Tríplice Vida*, cap. 6, vers. 44, l. 4, *Darumb sind der so viel. Der* refere-se aqui à palavra *Sterne*,⁷⁷ que inicia o versículo, as quais nos parecem incontáveis. É como se houvesse dito: *Darum sind deren so viel*.

L. 13: *In Zeit*. O sentido mais verdadeiro dessa expressão parece ser com o tempo, mas então seria necessário traduzir como *na continuação*, pois duas linhas adiante vê-se que o desenvolvimento refere-se à eternidade. No entanto, não nego que essa passagem suporte uma interpretação diferente. Poder-se-ia aprofundar ainda mais o pensamento do autor traduzindo-a assim: “Pois de um único sentido podem desenvolver-se com o tempo vários outros sentidos, tanto quanto há de estrelas no firmamento. É nisso que podemos conquistar um conhecimento elevado de nossa eternidade e regozijar-nos muito por sabermos disso”.⁷⁸ Cap. 7, vers. 36, l. 12⁷⁹. *Das man deme Kan genug thun*, quer dizer: “Para que possamos satisfazer a elas⁸⁰,” ou seja, que a avareza e a falsidade são necessárias para se satisfazer às necessidades do luxo e do orgulho deste mundo. Com frequência, na língua alemã servimo-nos do singular em vez do plural, como *deme* aqui (hoje escreve-se *dem*). Em francês diz-se o mesmo: “*Il faut de l’avarice et de la fausseté pour satisfaire à cela*” (É preciso avareza e falsidade para satisfazer a isso), mesmo que *cela* (isso) se refira a muitos objetos.

Vers. 46, l. 16, *Den Geist der Luft*. O sentido do autor é manifestamente que é o espírito do ar, que tanto é despertado por uma quanto por outra.

Cap. 8, vers. 24, l. 4, *Welches alles wäre hingegangen* significa: “Tudo isso seria passado”, ou seja, que nada disso será levado em conta porque não era nisso que consistia sua queda, mas sua queda aconteceu porque ele despertou a matriz do fogo e quis dominar sobre a doçura do coração de Deus. Sabeis que na língua de nosso amigo o coração de Deus é sinônimo do Verbo.

O dicionário de Adelung é inteiramente em alemão e não traz o sentido das palavras de nenhuma outra língua, mas explica muito bem os diferentes significados e acepções do mesmo vocábulo, indicando também os diversos dialetos e os vocábulos em desuso. Como conheceis a nossa língua o suficiente para tirar proveito desse livro, creio que ele vos poderia ser útil. Tenho a ousadia de vo-lo aconselhar, contanto não sejais obrigado a pagar um preço exorbitantemente caro por essa utilidade. Seu título é: *Versuch eines Vollständigen grammatisch Kritischen Wörterbuches, der hochdeutschen mundar*. São cinco volumes in-quarto, impressos em Leipzig. O último volume surgiu em 1786, editado por Breitbopt.

Sinto-me encantado por ficardes contente com o pouco que vos falei sobre o editor das obras de

⁷⁷ Estrelas.

⁷⁸ “*Car d’un seul sens peuvent se developper dans le temps plusieurs autres sens, autant qu’il ya a d’étoiles dans le firmament; c’est en quoi nous pouvons acquérir une connaissance élevée de notre éternité, et de nous réjouir beaucoup que nous sachions cela*”.

⁷⁹ Não se encontra esta citação na carta de Saint-Martin.

⁸⁰ V. logo adiante: às necessidades.

nosso amigo B. Seu nome é *Johann Georg Gichtel*, nascido em Ratisbona⁸¹ em 1638, de pais piedosos, ricos e respeitados. Vós o comparastes bem a um general de exército, pois ele viveu e morreu de armas na mão. Não combateu somente a si mesmo, combateu pelos amigos, mas ainda postou-se várias vezes à frente do combate em prol de nações inteiras. Seu ardor em instruir-se foi mantido por várias oportunidades favoráveis, de maneira que ele se tornou, em sua época, um sábio reconhecido. Por causa de um escrito sobre o mau estado do clero de sua pátria, atraiu o ódio dos sacerdotes, e, como não quis retratar-se desse escrito, eles encontraram um meio de o expulsar ignominiosamente e bani-lo de Ratisbona, depois de o haverem despojado de tudo. Refugiou-se na Holanda na maior pobreza. Os sacerdotes o perseguiram mesmo em seu asilo. Foi até aprisionado e sofreu processo criminal, mas sua fé e sua constância tudo superaram. Retirou-se para Amsterdã, onde travou conhecimento com várias casas nas quais o mérito e a piedade eram considerados.

É de se notar que ele teve conhecimento de Sophia e que gozou de várias manifestações de um tipo sublime antes que os escritos de nosso amigo B. lhe fossem conhecidos. Foi a cruz que ele levou por seu divino Mestre e o apego inviolável que lhe devotara desde a infância que lhe valeram esses favores. Algum tempo depois de sua chegada a Amsterdã, as obras de B... caíram-lhe nas mãos, sendo que então eram raríssimas. *Os Três Princípios* e *As Sete Formas da Natureza* detiveram-no por longo tempo e foi somente depois de muitos exercícios e muitos combates que ele chegou a aprofundar-se nelas. Gichtel, embora muito sábio, perdeu o gosto de todas as leituras, exceto a das Sagradas Escrituras e das obras de nosso amigo B. Foi pondo seus preceitos em prática contínua que ele por fim chegou, depois de muitas repetições, a compreendê-las em toda profundidade. Estimava-as tanto quanto ao Velho e ao Novo Testamento e agradecia à Providência, do fundo da alma, por haver posto esses escritos sublimes em suas mãos. Não se cansava de ler a epístola 47 de nosso amigo. Gichtel chamava a oração de comida espiritual e a leitura de bebida da alma. As noites lhe pareciam por demais longas, de modo que só concedia algumas horas ao sono. Vivia quase sempre retirado, mas raramente em solidão: travou conhecimento com uma família estimável que lhe propôs, embora fosse tão pobre, um casamento bem rico, mas o nosso combatente o recusou. Os pais, no entanto, continuaram a estimá-lo e a cumulá-lo de benefícios.

Sua permanência em Amsterdã foi cheia de uma multidão de acontecimentos no gênero sublime e teosófico que eu preferiria transmitir-vos oralmente, em vez de fazê-lo por carta.

Conheceu uma viúva, mulher de mérito, embora enormemente rica. Depois de tê-lo conhecido bem, ela testemunhou-lhe francamente seu desejo de unir-se a ele de maneira indissolúvel. Ele a estimava e até sentia uma certa inclinação por ela, mas não lhe deu resposta alguma sobre a proposta. Retirou-se e permaneceu em casa, sem sair, durante quatro semanas, quando propôs o assunto a Deus.

Um dia, enquanto andava pelo quarto, viu, em pleno meio-dia, descer do céu uma mão que uniu a sua à da viúva. Ao mesmo tempo, ouviu uma voz forte e clara que dizia: “É preciso que ela seja tua”. Em seu lugar, qualquer outro teria tomado essa manifestação como uma manifestação divina, mas ele logo viu que era apenas o espírito da viúva que, no fervor das suas preces, havia atravessado até o céu exterior, penetrando no espírito astral. Desde então ele se entregou totalmente a Sophia, que não queria um coração partilhado. Viu que sua vocação era o sacerdócio no sentido mais elevado. Sem qualquer procura de sua parte, recebia cartas de vários senhores da Alemanha, e mesmo de vários soberanos, que o consultavam, mulheres de todas as classes buscavam seu conhecimento e sua mão. É notável que as preces que ele fazia por elas só atiravam lenha à fogueira, de modo que Sophia o aconselhou a interromper a oração por essas mulheres.

Em 1672, quando Luís XIV chegou às portas de Amsterdã, nosso general serviu-se de suas próprias armas e expulsou as tropas estrangeiras. Encontrou depois, nos documentos públicos, principalmente os regimentos de infantaria e os esquadrões que vira face a face ao persegui-los fora

⁸¹ Conhecida hoje por seu nome alemão: *Regensburg*.

do território da República. Sophia, sua cara e divina Sophia, que ele tanto amava e que jamais vira, veio, no dia de Natal de 1673, fazer-lhe a primeira visita: ele viu e ouviu no terceiro princípio essa virgem resplandecente e celeste. Nessa entrevista ela o aceitou como esposo e as núpcias foram consumadas com delícias inefáveis. Ela prometeu-lhe, com palavras distintas, fidelidade conjugal, jamais abandoná-lo, nem suas cruces nem na pobreza, na doença nem na morte, e que habitaria sempre com ele no fundo luminoso interior. Garantiu que o compensaria amplamente por tudo o que ele sacrificara ao renunciar por ela às alianças com mulheres ricas que o haviam buscado. Deu-lhe a esperança uma progenitura espiritual e, como dote, levou ao eu coração a fé, a esperança e a caridade essenciais e substanciais. As núpcias duraram até quase o começo do ano de 1674. A partir de então ele arranjou um alojamento mais cômodo: uma casa espaçosa em Amsterdã, embora não tivesse um centavo seu, embora não fizesse trabalho algum para ganhar dinheiro e que jamais houvesse pedido um óbolo a ninguém, nem para si nem para os outros, mas como vários amigos vinham vê-lo, exercia a hospitalidade. Sophia tinha também uma linguagem central, sem palavras exteriores e sem vibração do ar, que não se assemelhava a qualquer linguagem humana. Entretanto, ele a compreendia tão bem quanto a língua materna. Foi o que lhe garantiu que não fora seduzido pelo astro exterior, e confiou nela de todo o coração. Assim, sua vocação partia da fonte mais sublime e ele não trocava a pobreza de Jesus Cristo, que era parte do dote de Sophia, por todos os tesouros do mundo. Todos os mistérios mais ocultos lhe foram desvendados. Sua esposa revelou-lhe uma maravilha após outra, tanto o mundo luminoso interior quanto a natureza exterior; assim, vivia ele mais no céu do que na terra. Em tudo seguia a direção de Sophia e não tinha uma vontade própria sequer. Desde então deu-se como sacrifício em anátema por seus irmãos, mesmo quando eles não o conheciam, e tudo o que pedia em suas preces, e com frequência até mesmo com um simples pensamento, cumpria-se. Sophia insinuou-lhe que, se ele desejava gozar de seus favores sem interrupção, deveria abster-se de qualquer gozo e de qualquer desejo terrestre: foi o que ele observou religiosamente. No início de sua união com Sophia, ele acreditou descansar nela e quis simplesmente desfrutá-la. Ela lhe mostrou que isso não era possível, que era preciso combater também pelos irmãos e irmãs, que ele devia, enquanto se achava no envoltório terrestre, empregar o tempo para a libertação daqueles que não haviam ainda atingido sua herança e o repouso interior. Então aumentou seu desejo de ter associados nessa guerra espiritual. Entretanto, jamais buscou fazer novos conhecimentos: todos os seus meios se concentraram num só, na prece. Várias pessoas vieram, uma após outra, pedir-lhe conselhos e auxílio, dentre estas um doutor sábio chamado Raadt, que se achava temporal e espiritualmente num estado deplorável. Nosso combatente indicou-lhe a oração, prometendo acrescentar-lhe a sua. A partir daí, o coração de Raadt abriu-se para a graça e, como ele se queixava dolorosamente de que uma dívida premente de 2400 libras lhe tirava a tranqüilidade necessária, Gichtel, que de seu nada tinha, fê-lo receber de maneira miraculosa as 2400 libras. Como Raadt havia percebido que seu estado de homem casado era-lhe um obstáculo ao progresso, ele se impôs, de comum acordo com a esposa, a circuncisão espiritual. Sophia recebeu Raadt e todos aqueles que vieram ver seu esposo em boas intenções, perfeitamente bem, ou seja: segundo compreendo, que ela deixou cair alguns raios de sua imagem nas qualidades terrestres de suas almas, o que nosso amigo B. chama de *Tinctura Solis*. V. *Três Princípios*, 13:9. Essa acolhida causou rumor entre os conhecidos de Raadt. Cada um gabava-se das doçuras de Sophia, querendo adotar a circuncisão espiritual, de sorte que em pouco tempo Gichtel teve cerca de trinta adeptos, que prometeram, todos, mundos e fundos. Nessa ocasião, Gichtel observou de maneira notável como o espírito astral sente o desejo de gozar do leito nupcial com Sophia. Essas boas pessoas acreditavam, apesar de tudo o que vosso amigo combatente pudesse dizer-lhes, que bastava abaixar-se e pegar.

Foi por essa ocasião que Gichtel concebeu o projeto de redigir uma nova edição das obras de nosso amigo B., mais correta que as anteriores. Empregou alguns de seus novos amigos como colaboradores. Os fundos bastante consideráveis exigidos por essa empresa foram de início conseguidos fora da sociedade dos Trinta com um rico magistrado que os destinou generosamente a essa boa obra. Enquanto os Trinta, espalhados por diversas cidades, permaneceram unidos em espírito, obtiveram em suas preces todo o que quiseram. Se um deles não conseguia fazer tudo

sozinho, escrevia aos outros e nada no mundo resistia aos seus esforços unidos. Podeis imaginar o efeito causado por essa associação no princípio das trevas. Do modo como as coisas iam, seu reino arriscava-se a ser abalado. O que sobretudo o fez espumar de raiva foi o empreendimento de uma nova edição das obras de B. Ele girou ao redor dos Trinta como um leão rugindo e buscou aqueles quem podia devorar. Seus artifícios tiveram êxito espantosos. Mas os detalhes desse acontecimento e os meios empregados pelo inimigo para convencer as pessoas não caberiam mais no espaço de uma carta. Dentre outros, Raadt, o mais adiantado deles, depois de haver concluído de maneira feliz, em sua obra, as formas preparatórias, fracassou no fogo da purificação. Seu espírito vacilante e por demais leve não teve gravidade nem doçura, nem amor, nem perseverança suficientes para manter-se na prova. A partir daí, tornou-se inimigo de Gichtel. Os outros, que só procuravam deleites, abandonaram-no, chegando mesmo alguns a dizer que ele era mago. Mas apesar de todos os obstáculos, apesar de todos os esforços do trono tenebroso, a edição de 1682 foi completada e redigida por Gichtel, a partir dos próprios manuscritos do autor e as portas do inferno não lhe conseguiram tirar uma sílaba. Nosso Gichtel também teve o desejo de que B. fosse algum dia traduzido um francês. Era um espécie de testamento, e eu não me daria ao trabalho de encontrar-lhe um executor. A defecção da sociedade dos Trinta causou muitos sofrimentos e perseguições a Gichtel. Mas Sophia lhe havia preparado de longe um amigo e cooperador sólido e fiel que permaneceu unido a ele até à morte. Era um jovem negociante de Frankfurt, que recebera um depósito de duzentos exemplares da nova edição para distribuí-los. Esse jovem chamava-se Ueberfeld e já conhecia os escritos de B. e, quando os duzentos exemplares entraram em sua casa, foi a Arca da Aliança que entrou na casa de Abinadab⁸². Deus abriu seu templo no coração de Ueberfeld e no devido tempo ele recebeu Sophia como esposa, pois foi transportado aos graus mais sublimes. É a ele que devemos os seis volumes das cartas de Gichtel que possuo em alemão e considero um tesouro. Veio ver Gichtel em 1683 e encontrou um São Paulo. Decidiu-se desde então a permanecer com ele. À sua chegada Sophia manifestou-se no terceiro princípio aos dois amigos reunidos, da maneira mais gloriosa, e renovou com eles seus laços que duraram até 1685.

Ueberfeld, de quem colhi essas datas, diz em seu prefácio das cartas de G. que a boca não pode exprimir as delícias duradouras e permanentes neles causadas por essa manifestação. Em 1690 tiveram a manifestação do Reparador, com todos os sinais indicativos. Foram confirmados no estado adiantado em que então se encontravam.

Posteriormente passaram por muito sofrimentos ainda, mas superaram-nos a todos com fé e paciência.

Combateram também por aqueles que caminhariam nas pegadas da verdade após eles. Tiveram um pressentimento da revolução dos impérios nos tempos vindouros. Rogavam encarecidamente para que Deus despertasse muitos combatentes espirituais e capazes de levar o fardo dos pobres e dos fracos em sua fé em Jesus Cristo. O tradutor das obras de Jane Leade era um dos Trinta. Começou a traduzir oralmente o texto inglês para seus irmãos. Ueberfeld, estando uma vez presente a essas traduções, sentiu a princípio que Jane Leade ultrapassava a experiência e, assim sendo, apreendeu que tudo isso não passava de uma obra astral, tanto mais que Sophia jamais quis receber as palavras de Jane Leade e, quando Gichtel lhe solicitou esclarecimentos, Leade mudou completamente de sistema, embora dissesse ter recebido a primeira declaração através de uma manifestação. Então os dois irmãos viram que a declaração de Leade não passava de uma opinião piedosa e se esqueceram do assunto. O tradutor, ao perceber que eles não queriam partilhar a opinião que ele tinha sobre Jane Leade, disse-lhes que, se quisessem aderir à postura de Jane Leade, receberiam uma pensão do barão K., como ele receberia uma de oitocentos libras. Podeis imaginar que esse meio não era o que deveria obter sucesso junto a Gichtel. Assim, os dois irmãos lhe responderam com as palavras de São Paulo, cap. 8. V. 20⁸³. A partir daí, o tradutor L. J. tornou-se inimigo jurado deles. Chegou a

⁸² Habitante de Quiriat-Jearim, em cuja casa a arca da Aliança ficou guardada depois de retomada dos filisteus até Davi levá-la para Jerusalém. — O original traz, erroneamente, *Aminadab*, nome de outro personagem bíblico.

⁸³ Talvez Romanos ou II Coríntios, as únicas passagens possíveis.

arrastar a inocente Jane Leade em sua aversão contra os dois combatentes e o historiador de Gichtel diz que ela foi obrigada a passar pela prova do fogo antes da morte porque seu espírito só havia atingido a *Tinctura Solis*.

Pouco antes da morte de Gichtel, que ocorreu em 1710, Sophia manifestou-se aos dois irmãos, como em 1683, quando eles e viram pela primeira vez, e lembrou a ela seu fiel amigo. Em 1716 Ueberfeld teve a mesma manifestação, que lhe foi renovada a partir de então. A vida de Gichtel foi escrita por um de seus discípulos fiéis e foi por uma circunstância signa denota que esses escritos vieram ter às minhas mãos, o que prova que a Providência recompensa magnificamente as mínimas coisas que foram feitas por ela muitos anos antes. Mas, sem o conhecimento de B., eu não teria dado atenção alguma às cartas de G., e é a vós, senhor, que devo o conhecimento de B. Rogo ao nosso divino mestre que vos recompense por isso, neste mundo e no outro.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 59

6 de brumário, ano III

A encomenda chegou em bom estado, senhor, e é nos momentos em que vos digo sinceramente *quid retribuam domino por omnibus quae retribuit mihi*⁸⁴, que de vossa parte sempre me advêm novos benefícios. Quando será então que estarei em condições de vos testemunhar meu reconhecimento de maneira mais viva do que através de cartas. A tradução francesa do *Caminho para se ir a Cristo* parece-me estar em bom francês para o tempo em que foi feita e para o tradutor que, embora dizendo-se do país, tem, no entanto, uma forte aparência estrangeira. Essa obra deveria ser para todos o que os ingleses chamam de pocket-book e os latinos, *veni mecum*⁸⁵, e os alemães, por um nome que eu já soube mas esqueci, porque, exceto a caríssima companhia de nosso amigo B., não estou inclinado a fortalecer-me em vossa língua.

Os seis tratados de Jane Leade trazem títulos interessantes, dos quais com toda certeza terei colheitas úteis a retirar. Reconheci neles as vinte páginas, ou cerca disso, das quais me enviaram uma tradução manuscrita. É sobre a comunicação *der Heiligen droben und denen heiligen hieniden*, página 60. Creio, pelo formato e pela impressão, e mesmo por algumas frases, que é o mesmo tradutor e editor de *Revelação das Revelações* do qual me fizestes presente anteriormente. Assim, devo esperar um pouco de trabalho para poder acompanhá-lo.

Mas feliz demais ainda por ser admitido em partilhar tais tesouros a esse preço! Seguramente não devo queixar-me da raridade das sementeiras. Não devo mais pensar senão em pedir à Providência a graça de tirar proveito delas.

Adeus, senhor, recebi novamente meus sinceros e ternos agradecimentos por todas as bondades com as quais me cumulais.

Devereis receber uma carta minha em resposta à vossa última.

Esta carta não passa de um aviso, e eis por que não me estendo mais.

SAINT-MARTIN

CARTA 60

⁸⁴ Que darei ao Senhor por todas as coisas que me tem dado. (Salmo 116:12.)

⁸⁵ Forma do imperativo singular (vem comigo). Conhecemos mais a forma vade mecum (vinde comigo).

29 de brumário, ano III

Muito vos agradeço, senhor, por vossa amável carta de 25 de Outubro. Vossas soluções gramaticais são-me de grande utilidade, sobretudo a do cap. 6, nº 44. *Darumb sind der so viel*. Este *der*, que vem de *Deren*, trar-me-á grande auxílio, pois vejo que o amigo B. o emprega dessa maneira com freqüência.

Não tenho outras perguntas a fazer-vos sobre este assunto no momento. Estou no fim do cap. 2 de minha tradução e acho que nesse ponto meu jovem cochila um pouco, de tantas repetições e declamações sobre o clero. Experimento, no entanto, uma impressão que não o prejudica: é que, quando a coisa se apossa dele, ele é sempre grande, sempre surpreendente, e quando ela o deixa entregue a si mesmo, ele tagarela um pouco, mas nunca se engana por causa disso e apresenta somente a virtude: o que não seria sempre dito dos outros, que, quando entregues a si, apresentam o erro como verdade, deixando assim transparecer algumas vezes as paixões humanas.

Por enquanto só perlustrei vosso volume de *Jane Leade*. Minhas ocupações impedem-me de fazer todo o que desejaria, pois, independentemente de minha tradução, que me toma muito tempo, fiz um pequeno escrito sobre a época atual, a pedido de alguns amigos. Vai ser impresso em breve e terá cerca de 70 a 80 páginas. Tenho intenção de enviar-vos um exemplar. Informai-me a via, pois a postal será um pouco custosa e eu não gostaria de vos ser pesado e tentasse reconhecer, segundo meus poucos meios, todos os presentes com os quais me vindes cumulando. Meu nome não aparecerá. Assim, peço-vos o mais absoluto segredo sobre a pessoa, mas não sobre a produção. Consagro-me pouco a ela, como bem sabeis, mas nela vereis melhor do que outra pessoa aquilo que não quero dizer, e conhecereis claramente meu modo de pensar sobre a grande cena que se passa hoje no mundo, e em meu próprio terreno.

Tende a bondade de escrever-me logo, se quiserdes que eu receba vossa resposta aqui, pois é possível que eu parta para passar o inverno em Paris. Eis o motivo; todos os distritos da República têm ordem de enviar à Escola normal, em Paris, cidadãos de confiança para serem postos a par da instrução que querem tornar geral e, depois de instruídos, voltarão para seus distritos para formar professores primários. Deram-me a honra de ser escolhido para essa missão, e há somente algumas formalidades a preencher para minha própria segurança, tendo em vista meu labéu nobiliário, que me proíbe permanecer em Paris até a paz. Como não prevejo o que isso apresente de dificuldades, presumo que poderei estar em Paris dentro de três semanas, no mais tardar, talvez até encontre lá alguma facilidade para passar-vos, com poucas despesas, o pacote em questão. Mas peço-vos agir de modo que eu receba notícias vossas antes de partir. Essa missão não deixa de desagradar-me em certos aspectos. Vai sujeitar meu espírito às simples instruções da primeira idade, vai também lançar-me um pouco na palavra externa, a mim que não gostaria mais de ouvir nem proferir qualquer outra palavra que não a interna. Mas apresenta-me também um aspecto menos desagradável: o de crer que tudo está ligado nessa nossa grande revolução em que creio ver a mão da Providência. Então, nada mais é insignificante para mim. E mesmo que eu não passe (como não passo) de um grão de areia no vasto edifício que Deus prepara para as nações, não devo resistir quando me chamam, pois em tudo isso sou apenas passivo. Quando me escolheram, temiam que eu não aceitasse e tive a doce felicidade de ver o presidente do distrito derramar lágrimas de alegria quando declarei que aceitava. Só isso já me alivia o fardo. Mas o principal motivo de haver aceitado foi pensar que, com a ajuda de Deus, possa esperar, com minha presença e minhas preces, deter uma parte dos obstáculos que o inimigo de todo bem não vai deixar de semear nessa grande carreira que vai abrir-se e da qual pode depender a felicidade de gerações. Confesso-vos que essa idéia é consoladora para mim e, mesmo que eu não desviasse uma gota do veneno que esse inimigo procurará lançar até na raiz da árvore que deve cobrir com sua sombra todo o meu país, eu me acreditaria culpado por recuar e até me sinto honrado por semelhante emprego: é uma coisa inteiramente nova na história dos povos, levando-se em conta o caráter anterior e interior que constitui todo o meu ser e para o qual provavelmente eu não teria muitos colegas na escola em que

vou encontrar-me. Amparai-me, por vossa vez, com vossas preces, caro irmão, pois creio que assim fareis uma boa obra.

Li com enlevo os novos detalhes que me enviastes sobre o general Gichtel. Tudo nele traz o selo da verdade. Se estivéssemos próximos, eu também teria para contar-vos a história de um casamento em que os fatos seguiram para mim a mesma marcha, embora sob outras formas, e que acabou tendo o mesmo resultado. Tenho também numerosos testemunhos da produção divina com relação a mim, sobretudo durante a nossa revolução, que nem sempre me deixou sem sinais. Mas em tudo isso, sempre fizeram tudo por mim, assim como fazem pelas crianças, ao passo que o amigo Gichtel sabia atacar o inimigo de frente, coisa que eu não saberia cumprir como ele. Em suma, a paz passa por mim e encontro-a por toda parte. E no famoso 10 de Agosto, quando eu me encontrava encerrado em Paris, e onde passei o dia todo durante o tempo do maior tumulto, tive provas tão insignes de tudo o que vos disse que fui humilhado em meu orgulho; tanto mais que eu não tomava parte em nada e que por mim mesmo não tinha qualquer força física que pudesse dar-me o que chamo coragem física. Duvido bastante da pessoa sobre a qual quereis falar a respeito da execução testamentária de Gichtel. Se eu fosse vinte anos mais moço e estivesse ao alcance dos socorros dos quais tenho necessidade, é certo que faria tudo o que pudesse para responder às vossas expectativas. Mas, no estado atual das coisas, só posso responder-vos em parte. E mesmo que não termine a tradução da *Tríplice Vida* antes de partir, ela poderá sofrer atraso por causa das novas ocupações que vou ter. A vontade da Providência acima de tudo! Gozais, caro irmão, do vosso lazer. Por que não poríeis mão à obra de tempos em tempos? Conheceis o francês muito melhor do que eu conheço o alemão e, se vossas traduções precisassem de alguma revisão, as minhas, com toda certeza, precisariam de muito mais. Poderíamos, pois, ajudar-nos mutuamente e trabalhar assim de acordo para o bem comum. Ponderai sobre o que vos proponho. Logo teremos três obras de nosso amigo em francês, a saber; *o Caminho para o Cristo*, a *assinatura das Coisas* e a *Tríplice Vida*, pois apesar da incorreção do estilo de todos, eu consideraria como tarefa bem pequena a correção que fosse preciso fazer-lhes. Se, por vosso lado, empreendêsseis a tradução de algumas dessas obras, eu faria o mesmo quando terminasse a *Tríplice Vida* e pouco a pouco teríamos condições de dar à minha nação toda essa fonte de vida, coisa que me será provavelmente impossível empreender e completar sozinho, sobretudo com o enfraquecimento de minha vista, que vai aumentando a cada dia. Adeus, senhor; dissei-me o que pensais de vossas reflexões e ficarei encantado se minha proposta não vos desagradar e vos estimular para esse louvável trabalho.

Quando estiver em Paris, irei à procura do dicionário de Adelung.

Não sei ainda onde ficarei hospedado, pois a casa em que eu morava passou para o Estado. Enviar-vos-ei o depois de receber vossa primeira carta.

SAINT-MARTIN

CARTA 61

M, 29 de Novembro de 1794

Recebi ontem à noite a vossa carta de 5 de brumário e, no tempo aprazado, a do dia 6. Tirei um momento do qual posso dispor, senhor, para responder a ela, pois estou no meio da confusão de minha partida para Berna. Como vós, considero o *Caminho* de nosso amigo B. *para Cristo* como um manual para todos. Ficarei encantado em receber vossa obra sobre a época atual. Escrevi nela o meu endereço normal, pelo coche de Basiléia para Berna, com um envelope endereçado ao coronel Oser, em Basiléia, e enviei o pacote à diligência de Basiléia. Sinto-me encantado por haverdes aceitado o chamado de vosso distrito. Nessa carreira tereis, incontestavelmente, ocasiões de fazer o bem. Minhas débeis preces vos acompanharão. A parte de vossa carta em que me falais do general Gichtel causou-me grande satisfação. Conhecestes, pois, pessoalmente, a esposa dele. As cartas

desse homem raríssimo proporcionam-me grande prazer. Há muitas coisas que não incluí na de 25 de Outubro, dentre as quais que ele e seu irmão Ueberfeld conquistaram muitos êxitos na guerra de sucessão no início do século. Luís XVI estava bem longe de imaginar que seus numerosos exércitos tinham sido batidos em Hochsted (Hostêtt), Ramilies, Oudenarde e Malplaquet por generais que não saíam do quarto.

Quanto à proposta fraternal do projeto de tradução, aceito-a, contanto que nela possa contribuir, de todo o coração, porque conto com o auxílio da Providência e com o vosso. O que eu poderia fazer não será muita coisa, porque há tempos que vivo mergulhado nos negócios, dos quais tenho muito mais a resolver do que meus poucos meios podem prover e, se não confiasse na Providência, perderia a coragem. Para começar, depois de haver chegado em minha cidade natal, diversos reuniões irão tomar, juntamente com as reuniões do Grande Conselho, todo o meu tempo.

Um de meus princípios é: cada um seguir a própria vocação, mesmo quando os deveres que ela nos impõe deveriam parecer minuciosos. Mas, mesmo assim, há épocas do ano em que os negócios públicos não exigem um trabalho tão assíduo.

Contai então comigo. Creio que estarei empregando meu tempo de maneira superior ao vos ajudar da melhor forma possível em vosso louvável projeto. Abraço-vos de todo o coração e solicito-vos com insistência que não vos esqueçais de mim em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 62

Paris, 15 de nivoso (4 de Janeiro⁸⁶, v. est.)

Eis-me de volta ao meu destino, senhor, mas não ainda à obra, pois nossos empreendimentos de estudo só começarão dentro de quinze dias. Nem mesmo se sabe que feição eles irão tomar, pois o projeto maduro já se distancia do alvo simples de que foi instituído, o que era um atrativo para mim. Assim, não posso responder-vos nada sobre os resultados e para isso é preciso esperar que as coisas aconteçam. Enquanto aguardo, fico gelado aqui, por falta de lenha, ao passo que em minha pequena aldeia não passava falta de nada, mas não devemos preocupar-nos com essas coisas. Tornemo-nos espíritos e nada nos faltará, pois não há espírito sem palavra nem palavra sem poder, reflexão que me veio esta manhã em meu oratório e que vos envio imediatamente.

Realmente, creio ter conhecido realmente a esposa do general Gichtel, da qual me falastes em vossa carta de 29 de Novembro, mas não de maneira tão particular como ele. Eis o que me aconteceu quando do casamento do qual vos disse umas palavras na última vez. Orei com certa frequência por esse objeto e foi-me dito de maneira intelectual, mas com muita clareza: “Desde que o Verbo se fez carne, carne alguma deve dispor de si mesma sem que ele lhe dê permissão”. Essas palavras penetraram profundamente em mim e, embora não fossem uma proibição formal, recusei-me a qualquer consideração ulterior. Vossas ocupações vão atrasar vossos projetos de tradução e o mesmo vai acontecer comigo. Além do mais, repito-vos que esse tipo de trabalho é totalmente o inverso do que me seria necessário e jamais me entrego a ele senão contra a vontade. No momento estou relendo a minha tradução francesa da *Tríplice Vida*. É para mim como que uma região completamente nova em comparação ao alemão, e mesmo em comparação com o que nela aprendi traduzindo. Nele encontrei uma passagem que, por si só, bastaria para nutrir o espírito de todos, o nº 5, cap. 1º.

A pequena obra de que vos falei ficou atrasada por causa de minha partida e até as circunstâncias atuais me forçam a adiar ainda, haja vista as dificuldades dos impressores e a necessidade de se dar

⁸⁶ 1795, último ano da Revolução Francesa.

o próprio nome. Assim, ela ficará em suspenso até nova ordem. Quando estiver pronta, avisar-vos-ei a fim de saber se será preciso usar o mesmo endereço que me indicastes.

Adeus, senhor, endereçai vossas cartas para a rua de Tournon, Casa da Fraternidade, Paris.

Peço que oreis por mim. É sempre com prazer que vos ouço falar de Gichtel, mas sede bem reservado em vossas cartas.

SAINT-MARTIN

CARTA 63

B., 27 de Janeiro de 1795

Eu não teria demorado a responder à vossa interessante carta de 15 de nevoso, senhor, se depois de minha chegada à capital tivesse tido alguns momentos para mim. Três vezes por semana temos sessões do Grande Conselho. Além disso, assisto ao nosso comitê de saúde pública, que chamamos de *Stands-Commission*; a mesma coisa à superintendência de nossas moedas, à superintendência de nossas salinas no governo de Aigle; à superintendência dos correios, à superintendência de nossas minas em geral e a um comitê de finanças. Esses diversos departamentos exigem com frequência um trabalho que só pode ser feito em tranqüilidade e solidão perfeitas. Acrescentai a isso que a execução do trabalho das moedas exige algumas vezes a minha presença na própria casa das Moedas. Além disso, sou ainda presidente da nossa Sociedade Econômica e Física, que se reúne uma vez por semana em minha casa, de maneira que resta, ao lado de meus assuntos particulares, muito pouco tempo à minha disposição.

Agradeço-vos pelo belo pensamento: “Não há espírito sem palavra nem palavra sem poder”. Todos os esclarecimentos ulteriores sobre o poder da palavra ser-me-ão mui preciosos e os detalhes da aplicação que disso fazeis em vosso caso em particular irão interessar-me extremamente. Com relação à notável passagem do nº 15 da *Tríplice Vida*, creio simplesmente que Sophia é a sua base. Se pudermos obtê-la e nos unirmos a ela, teremos feito tudo. Ela é o lar, a morada, o templo e o elemento puro onde reside em toda a sua plenitude o que podemos imaginar de mais sublime.

Depois da última carta, minhas posses ficaram enriquecidas com os vinte e seis volumes de cartas edificantes e por um novo resumo das obras de nosso amigo B., impressas em 1700.

Recebi uma carta de nosso amigo D(ivonne), cujo conhecimento me proporcionastes. Ele é preceptor de uns jovens. Suas viagens levaram-no até Londres e ele me encarregou de dar-vos suas lembranças, da mesma forma que o barão de Silverhyelm, que é sueco, vosso amigo muito estimado e que se encontra junto dele.

Lembrar-vos-ei de que no último inverno vos falei de uma jovem muito interessante de Zurique como ela possuía uma terra muito boa, enviei-lhe o grão através de seu amigo de Basileia. Seu pai, que pretende ser jardineiro por contra própria, nada acrescenta a essa sementeira. Mas, para minha grande satisfação, recebi, no dia 8 deste mês, uma carta de Basileia, da jovem S... Eis o que ela me diz:

“Desejo que compartilheis minha alegria. E quem melhor do que vós poderia compartilhar essa alegria que semeastes e da qual Deus deu o aumento e o cumprimento? Pois bem! Sabei que N... tem por si mesma agora a certeza da bondade da via interior, da qual possui tanto a realidade quanto o gozo. Não tentarei descrever-vos o prazer que isso me causou. Não saberia dizê-lo com os lábios e muito menos ainda por escrito. Ela me manifestou imediatamente sua felicidade nos mais cálidos termos e, se fosse possível que eu estivesse em dúvida até então, certamente teria sido impossível

conservá-la por mais tempo. Ela continua agora, essa doce amiga, a ter esse gozo, não se interrompendo a sua felicidade senão por intervalos. Escrevemo-nos com muita frequência, e mesmo agora, mais do que antes, ambas temos necessidade contínua de falarmos uma com a outra”. Podeis ver por esse acontecimento quão verdadeiro é Providência poder servir-se de frágeis instrumentos para executar seus desígnios, uma vez que, sem eu haver jamais visto essa jovem, tudo sucedeu tão bem. Nem todas as sofisticções do pai, nem todas as maravilhas que vinham do Norte conseguiram impedir que o grão germinasse e nem mesmo que produzisse flores.

Eis uma passagem de minha resposta a M^{lle} S...: “Rogo informardes à vossa amiga sobre a viva satisfação que tive com sua felicidade, mas dissei-lhe, de minha parte, que é necessário que ela vele por sua alma, pelo menos por algum tempo ainda, até que ela esteja bem longe da fronteira da terra de Edom, pois o inimigo, quando alguém escapa de seu território, redobra os esforços e a astúcia para conduzi-lo a ele. A prudência de nosso amigo a assustará e, se ela permanecer em seu lugar até que o tentador se afaste, então sua vida estará segura”.

Abraço-vos de todo coração e rogo-vos com insistência que continueis a orar por mim. Informai-me de vossos sucessos na formação das escolas normais. Haveria belas coisas a fazer, mas tudo depende da base. O amor do Ser supremo, este é o grande ponto: *Timor Domini est initium sapientiæ*⁸⁷.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 64

Paris, 5 de ventoso (25 de Fevereiro, v. est.)

Não sei, senhor, como podeis atender a todas as ocupações que me narrais. No entanto, quero distrair-vos delas um momento para felicitar-vos de todo coração pelo sucesso de vossa amiga de Zurique. Ela é bem feliz por estar tão adiantada numa idade tão jovem! Que carreira percorreu! Acho muito sábios os conselhos que lhe dais e espero que, com a ajuda de Deus, que essa planta querida só venha a produzir bons frutos. O essencial é, como dizeis, atravessar a fronteira.

Concedei-me verdadeiro prazer em dar-me notícias do amigo sueco Silverhyelm e de seu companheiro. Se lhe escreverdes, dissei-lhe, de minha parte, tudo o que puderdes pensar de amistoso e gentil. Dissei-lhe também, por favor, que recebi seu bilhete no tempo aprazado por intermédio do embaixador da Suécia e que não respondi porque nossas autoridades suspeitaram da correspondência e, depois a terem aberto, mandaram chamar-me para aprestar contas. Embora não tivesse dificuldades em satisfazê-los e tudo haja acontecido de maneira amigável, eu, entretanto, não julguei adequado recomençar essas cenas desagradáveis e aguardo circunstâncias mais favoráveis para retomar nosso relacionamento. Se no entanto, por meio de vós, ele puder fazer com que cheguem a mim alguns dos detalhes que me contava em seu bilhete, recebê-los-ei com prazer, mas não lhe prometo ser muito exato nem muito detalhado em minhas respostas.

Quanto às nossas escolas normais, elas são ainda o puro Espírito do Mundo e vejo bem quem é que se esconde sobe esse manto. Farei tudo o que as circunstâncias me permitirem para cumprir o único objeto que tive ao aceitar.

Mas essas circunstâncias são raras e pouco favoráveis. Já é muito se, em um mês, consigo falar cinco ou seis minutos, e isso diante de duas mil pessoas, a quem seria preciso antes refazer os ouvidos. Mas deixo à Providência o cuidado de prover à sementeira e à cultura, só farei o que puder, e não posso fazer nada, se ela não julgar adequado que eu faça mais. Não espero mais disso, pois, tudo aquilo que esperava. Entretanto, sempre pode sair daí qualquer coisa, por pouco que seja, e não

⁸⁷ O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. (Provérbios 1:7)

é necessário que eu me recuse ao trabalho. Entre os meus camaradas há algumas pessoas de Estrasburgo e valho-me do auxílio deles para que me expliquem as palavras de nosso amigo B. quando não as entendo. Será ainda uma vantagem que tirarei de minha viagem.

Adeus, senhor, recomendo-me sempre às vossas preces e à vossa lembrança nos vossos momentos de lazer.

Avancemos, avancemos no interior. Sinto cada vez mais, a cada dia, que é esse o único país bom para se habitar.

SAINT-MARTIN

CARTA 65

B..., 10 (3 de Março de 1795)

Vossa carta datada de 5 de ventoso, senhor, serviu-me não somente de distração, mas também proporcionou-me, como todas as outras que me dirigis, um aprazer real. É verdade que a notícia que recebi de ..., no que se refere à nossa jovem de Zurique, trouxe-me uma satisfação bem doce, pois vi progressos tão rápidos e manifestos. Foi Gichtel quem primeiro me encorajou, dando-me esperanças de agir de longe. Mas quando a Providência quer uma coisa, é bem fácil ter êxito.

Aguardo uma resposta de nosso amigo comum (Divonne) para escrever-lhe. Então não deixarei de dar vosso recado a Silverhyelm. D... informa-me que no país onde mora nada é mais raro do que encontrar homens de peso e de medida a quem se possa aderir. Swedemb. é o que tem o maior número de partidários. Seus discípulos são numerosos; possuem um ofício público e um culto e um rito particulares. D... teve a curiosidade de assistir uma vez a um ofício deles. Nosso amigo B. é em geral um pouco profundo demais e, ao mesmo tempo, simples demais para eles. Entretanto, nesse país houve homens que souberam apreciá-lo, dentre eles um que se chamava Law. Nosso amigo D... está bastante contente com sua obras; acha que é o leite de B. expresso e tornado apto a ser bebido por todos. Foi esse mesmo Law quem compôs a maior parte das figuras encontradas na edição de B... in-quarto que possuís.

O que me informais sobre vossas escolas normais é um começo e compreendo bem o que está escondido sobre o manto. Mas, em geral, parece-me que vossa nação faz alguns progressos em direção à liberdade. Existe mais segurança para as pessoas e as propriedades do que um ano atrás. Todos têm a liberdade de seguir o culto que lhes convier; e é isso o que Hébert e Chaumette, ao mesmo tempo em que falavam de liberdade, não queriam. Também acho que, desde 9 de termidor, o segredo das cartas é mais respeitado, pois desde essa época nenhuma das minhas foi aberta.

Lembra-vos da passagem de Joachim Greulich, que me indicastes na *História Eclesiástica* de Arnold. Encontrei depois disso, num autor bem mais antigo, uma passagem que se iguala em importância à de Joachim Gr. Está na obra de um eleito do qual me falastes em uma de vossas cartas que recebi em B... Esse homem, que tem as mais raras qualidades de espírito e de coração, era primeiro ministro na corte de um antigo rei cujo nome esqueci. Seu mérito, como sempre acontece, provocou inveja e, por causa de uma intriga de corte, caiu em desgraça. Mas sua virtude recolocou-o no lugar. Esse senhor não apenas via perfeitamente o presente, mas, o que muitos ministros não sabem fazer, também previa o futuro. Deixou Memórias interessantes que encontrareis provavelmente entre os velhos livros da Biblioteca Nacional de vosso país. Sua obra está dividida em capítulos e é o parágrafo 23, e mais os seguintes, do cap. 7 que vos peço comparar com a passagem de Arnold e dizer-me vossa opinião.

Surpreendi-vos de ver como encontro tempo para ocupar-me das reuniões do Grande conselho e

aos nossos comitês, mas um antigo hábito de trabalho e uma familiaridade com os objetos de que tratamos facilitam isso: há vinte anos que assisto ao nosso Grande conselho; há quinze que estou na superintendência das moedas e dezoito na superintendência das salinas do governo de Aigle. Além de haver comitês que não são tão trabalhosos, como por exemplo, a superintendência dos correios, porque o governo se livrou de todos os conflitos de um monopólio dando aos correios uma concessão: de modo que a direção nada mais tem a fazer do que receber e julgar as queixas contra os responsáveis, se as houver. Quanto à Sociedade Econômica, que se reúne todas as semanas em minha casa, serve-me de distração e não deixa de produzir algum bem à nossa pátria. O que me ocupa mais é a superintendência das moedas, porque a maior parte do trabalho e dos cálculos recai sobre mim. É verdade que com o tempo minha saúde não agüentaria esse tipo de vida, mas no mês de Maio parto para minha terra, que fica a cinco léguas da capital e aí ficarei até o dia de Santo André: é lá que faço repouso, que aproveito o ar do campo e as comodidades da cidade, porque minha morada fica no final da cidadezinha de M... (Morat) Durante esse intervalo só vou a B... para tratar de assuntos mais importantes e para dar orientações onde minha presença for necessária.

Mas, no turbilhão em que me encontro atualmente, e onde vivi esse inverno todo, não deixei de passar um dia sem ler uma passagem de nosso amigo B. ou algumas cartas do general Gichtel. Fiz até mesmo resumos de ambos em formas alfabéticas, de modo que, sem o sentir, pouco a pouco um volume bem grosso, in-quarto, que pode ser considerado como um dicionário teosófico, pois, para gozar a leitura de nosso amigo B. e do general G..., é preciso estar familiarizado com a linguagem deles e, sobretudo com seus sinônimos. Eles velaram sua terminologia, provavelmente para que os profanos fossem descartados. E quem sabe se o trabalho que empreendi unicamente para mim poderá servir um pouco a outrem!

Estou cada vez mais satisfeito por haver conhecido nosso general. Ele tem a seu respeito algumas particularidades das quais ainda não vos falei, dentre elas que, depois da morte do esposo, a própria Sophia veio ordenar e dirigir o arranjo de suas cartas póstumas. Ela refez várias passagens que estavam indicadas de maneira imperfeita nos rascunhos que Gichtel enviara a seu amigo Ueberfeld e, à medida que este último ia trabalhando na redação, Sophia ia dirigindo-o pessoalmente. Realmente, ela veio ver Ueberfeld várias vezes. Uma vez permaneceu durante seis semanas. Foi um festim contínuo, durante o qual ela transmitiu ao redator e a alguns amigos fiéis do extinto, desenvolvimentos da santa organização, que ultrapassavam de muito tudo o que o mundo jamais foi capaz de imaginar. Em 1722 já tinha sido publicada em Leyde a terceira edição dessas cartas póstumas, todas escritas em alemão. Não podeis imaginar o prazer que ela me proporciona. Com um tom bastante simples e um estilo familiar, formam um excelente comentário dos escritos de nosso amigo B.... Ao lado de verdades essenciais, há várias das quais não vi vestígio algum nos escritos de B., como, por exemplo, o efeito de uma tintura espiritual, que Gichtel estimava, na medicina, em grau mais elevado do que o grande problema físico. Diz ele que essa tintura fazia na parte doente o mesmo efeito que se se passasse a mão sobre ela. Examinando-o de perto, pareceu-me que esse remédio era o nosso magnetismo moderno, com um nome diferente e qualidade bem superior ao de Mesmer. Mas não vi vestígio algum de sonambulismo. De acordo com essas conjecturas, nosso magnetismo teria sido conhecido há mais de um século. Tenho até algumas suspeitas de que Jane Leade encontrou um meio de hipnotizar a si própria e que com isso gozou de manifestações astrais, das quais nosso general fazia bem pouco. Em alguma parte de suas cartas ele diz “que as obras de Jane Leade só podem convir às mulheres que seguem o mesmo caminho”. Nada disso impede que o magnetismo superior, aquele que emana da simples vontade, possa ligar-se a coisas muito grandes.

O que me faz crer que o sonambulismo tem alguma ligação com as manifestações astrais é o seguinte fato: Há alguns anos que Monsieur Langhaus, um médico que conheço, ensinou-me que havia empregado o magnetismo para tratar uma senhorita minha conhecida, de uns quarenta anos, que, havia já bem longo tempo, era atormentada por um tumor e que se tornara sonâmbula durante o tratamento. Como vi logo que nesse caso não poderia tratar-se de charlatanismo por parte da

enferma, manifestei-lhe meu desejo de vê-la nesse estado. Ele prometeu satisfazer-me e, como a magnetizava em horário regulares, indicou-me o momento em que poderia vê-la na casa dele. Ela tinha essa singularidade: cada vez que caía no sono magnético, acreditava ver-se ao pé de uma montanha e somente o trabalho do magnetizador é que podia ajudá-la a galgar a montanha. E depois de ter atingido o cume, gozava da manifestação de uma virtude à qual fazia perguntas relativas às enfermidades de alguma pessoa. Recebia respostas. Mas quando fazia perguntas por pura curiosidade, sem ter como objetivo o tratamento do enfermo, não recebia resposta alguma. Não faltei ao encontro. A enferma chegou pouco depois de mim, acompanhada de uma senhora francesa, M^{me} de Créqui, que também tinha uma enfermidade crônica e que era magnetizada. Como ainda havia algumas pessoas da família do médico no mesmo apartamento, que era bem espaçoso, e o dia já começava a declinar, vi que a pessoa em crise não prestava atenção a mim e que, conseqüentemente, não me reconhecia. O médico começou a magnetizá-la e, alguns minutos depois, ela caiu, como de costume, um profundo sono. Quando já estava adormecida, aproximei-me deles e pedi ao médico que me pusesse em comunicação com ela, o que ele fez. Tomei seu lugar e comecei a magnetizá-la. Vi logo que meu fluido lhe causava mal, aparentemente porque era mais forte do que o de seu magnetizador costumeiro, que era mais velho do que eu. Entretanto, ela pouco a pouco foi se tranqüilizando. Perguntei-lhe como estava e onde se encontrava. Respondeu-me que estava um pouco melhor e que estava ao pé de uma montanha que procurava escalar, mas onde encontrava muitos obstáculos. Continuei a magnetizá-la e, ao fim de um certo tempo, ela me disse que esperava atingir o cume e, por fim, chegou a ele. E, primeiramente, viu ao lado a sua virtude, que me descreveu muito bem. Roguei-lhe que lhe perguntasse o que era necessário fazer para aliviar uma pessoa que me interessava e que me viera à idéia naquele momento. A resposta foi que era preciso empregar a decocção de uma raiz e de uma erva, cujo nome esqueci atualmente, mas que encontrarei novamente em M..., caso isso vos interesse. Como ela me disse o termo técnico, vi logo que a resposta estava além de seu alcance. Voltando à casa, folheei um velho autor de botânica e de medicina de grande reputação entre nós. É Zwinger, e encontrei minha erva perfeitamente bem descrita, com as propriedades indicadas pela sonâmbula. Mandeí usar o remédio que a aliviou, mas não a curou. Eis, pois, uma sonâmbula que gozava de uma manifestação com o auxílio de seu magnetizador. Talvez Jane Leade tenha caído por si mesma em estado semelhante.

Mas, é sobretudo tratando as grandes e sublimes verdades de nossa regeneração que Gichtel é forte e luminoso. Ele se apóia principalmente no princípio de que todas as obras devem sofrer a prova do fogo, no presente ou no futuro, e que vale infinitamente mais que essa prova seja feita neste mundo do que no outro. Ele chama de oitava forma ao fogo de prova deste mundo. Vede nisso a figura de nosso amigo B. em sua *Tríplice Vida*. Ele revela em termos claros que oitava forma é a nossa alma naturalmente ígnea: “*Unsere eigne naturliche feuer Seele*”, e que é por ela que a luz emana e se manifesta. Apóia-se principalmente sobre a necessidade de que nosso espírito se revista, durante esta vida, de um corpo espiritual novo, o único capaz de resistir inteiramente à prova do fogo, pela qual somos obrigados a passar depois de havermos deixado nosso invólucro terrestre. Sem esse revestimento da humanidade santa e do corpo glorioso. Nossa alma permanece completamente nua e desprovida da defesa mais essencial.

É uma carta bem longa, essa que acabo de vos escrever, com diversas interrupções. Informai-me, por favor, se ela vos foi remetida como espero, isto é: com o lacre intacto. Adeus, meu digno e respeitável amigo. Abraço-vos de todo o coração e recomendo-me encarecidamente que continueis com vossas preces fraternas por mim.

P.S. Aproveito ainda o espaço que resta nesta carta para informar-vos de que, por acaso, acabo de encontrar nas obras de nosso amigo B. uma teoria da vegetação. E o que é que não se encontra nela? Outrora ocupei-me muito com a cultura e sua teoria. Encontrareis uma amostra disso no diário do abade Rozier, do ano de 1774. São experiências que fiz com gesso, a pedido de nossa Sociedade Econômica. Mas, apesar de todos os meus esforços, jamais cheguei a formar uma idéia tolerável da vegetação. No momento, vejo que nossa alma explica esse mistério perfeitamente bem. Mais do que

isso, a solução dada por ele estende-se ainda por analogia à vegetação interior. A esse respeito, vede seu tratado intitulado *Clavis*⁸⁸, n.ºs 110 e seguintes. Neste momento, acabo de receber notícias interessantes de um amigo que tenho na corte de Munique, do qual me lembro que já vos falei. Mas esse assunto exige uma carta à parte.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 66

Paris, 29 de ventoso (19 de Março)

Uma vez que sois capaz de atender a tantas coisa, meu mui caro irmão em Deus, alongar-me-ei um pouco mais nesta carta do que na anterior. Começarei dizendo-vos que a vossa última carta chegou-me perfeitamente intacta, o que não impede que nossos progressos pareçam bem lentos em direção à *Liberdade* e às coisas necessárias à vida. Mas a Providência acima de tudo.

Estou a par do fato de que o nosso amigo D... vos informa com respeito à doutrina de Swedenborg. Fui testemunha disso no mesmo lugar, exceto no que se refere ao culto, que não vi; e julguei que esse caminho não os levaria muito longe. Entretanto, então eu só conhecia a minha primeira escola. Desde que conheço B., com toda certeza não mudei de opinião. Esse Law de quem falais sempre me passou pelo espírito como sendo o tradutor de B., mas vejo que ele á apenas o autor das gravuras. Lancei uma pedra na testa de um dos Golias⁸⁹ de nossa escola normal, em plena reunião e os que riram não foram a seu favor, por mais professor que fosse. Foi um dever que cumpri para defender o reino da verdade, não espero outra recompensa que a de minha consciência. Mas vejo que as nossas escolas normais não se sustentarão tanto quanto eu esperava. É preciso que todos os caminhos humanos sejam visitados e depois destruídos.

Instais para que eu me confronte com Joachim Greulich, um homem do qual dizeis que já vos falei e que fora ministro de um antigo rei, não tenho a menor lembrança desse homem e assim não posso fazer a confrontação.

Quanto aos nossos amigos de Estrasburgo, uso com eles da precaução que me recomendais; é justificada.

A tintura da qual Gichtel fala parece-me um corolário do que B. diz na *Tríplice Vida*, cap. 4, n.º 18. Só existe uma lei. Quando a conhecemos pela raiz, podemos acompanhá-la em todos os ramos, levando em conta as reduções que ela deve sofrer em seu curso. É isso o que faz o encanto das ciências espirituais e divinas, pois, com o fio que nos apresentam é impossível extraviar-se, por mais complicados que sejam os meandros do labirinto. Com toda certeza a tintura de que Gichtel fala está acima do grande problema físico, mas está acima do grande teorema divino, uma vez que age no tempo. Agradeço-vos pelos novos detalhes que me destes sobre a história póstuma de nosso general e sobre seu amigo Ueberfeld, que teve a felicidade de ser seu executor testamentário. Felicito-vos por terdes condições de ler as maravilhas por eles deixadas, mas aprendo todos os dias a ler as maravilhas que tenho em comum com todos os homens. E já fui suficientemente advertido pelos socorros recebidos, para ser bem culpado se não me lançasse na carreira.

Acompanhai-me, meu caro irmão, com vossas preces, pois não posso sê-lo por vossa presença e vosso exemplo. Não rogueis para que Deus me conceda novas graças; rogai-lhe somente que me conceda a de bem utilizar tudo o que ele fez para mim até hoje.

Fiquei encantado com o que Gichtel diz, que todas as obras devem passar pela prova do fogo, quer

⁸⁸ A Chave. Kirchberger dá o título em francês, seguido do original: la Clef (Clavis).

⁸⁹ História de Davi e Golias (I Samuel, cap. 17).

no presente, quer no futuro. Com isso ele me dá a fórmula das provas pelas quais passei algumas vezes e que, desde algum tempo, parecem crescer. Aprendi a fazer uma grande diferença entre os fogos empregados nessa operação. Quando sofremos por causa de nossas próprias obras, falsas e infectadas, o fogo é corrosivo e ardente, e no entanto deve sê-lo menos do que o que serve de fonte a essas obras falsas; foi o que eu disse, mais por sentimento do que por luz (em *O Homem de Desejo*), que a penitência é mais doce do que o pecado. Quando sofremos no lugar dos outros homens, o fogo é ainda mais próximo do óleo e da luz; assim, embora nos dilacere a alma e nos inunde de pranto, não passamos por provas sem delas retirar deliciosos consolos e as mais nutritivas substâncias.

Ouso confessar-vos, caro irmão em Deus e meu respeitável amigo na verdade, que é essa a espécie de serviço no qual, depois de muitas experiências, tenho a esperança de ser empregado no exército. Posso dizer-vos que nesse gênero os padres me movem campanhas bem rudes; mas cheguei ao fim; assim, não posso mais queixar-me disso. As ciências, os prodígios da inteligência que nos são prodigalizados em nossas leituras comuns, e mesmo em meus favores pessoais, não os comparo à essa via e peço a Deus que me faça desse ponto um centro de onde emanem e para onde retornem todos os raios de minha vida espiritual. Eu lhe diria: “Vejo todos os guerreiros ambicionando a honra de que seus braços e pernas sejam quebrados por seus mestres humanos, ou seja, de participarem na glória e na recompensa fantástica que eles podem dar; por que não ambicionaria eu a honra de servir em vosso exército e dedicar todos os membros de minha alma ao resultado dos combates para participar na vida encontrada junto a vós, que sois o primeiro e o príncipe dos guerreiros do espírito?” E essa doce idéia faz-me passar uma noite bem boa. Em suma, não conheço estado mais belo do que o de estar ocupado, como os Padres da Mercê, na libertação dos cativos.

Mas, voltando aos fogos de que falávamos, creio, de acordo com o que acabo de vos esboçar, porque as tinturas ajudam a construir e os fogos devem demolir. Presumis bem que só falo de tinturas verdadeiras, pois as falsas seguem a mesma ordem dos fogos, e o último termo dessa progressão, no sentido descendente, é que a tintura e o fogo estão totalmente separados, o que é o estado do demônio, ao passo que, na ordem pura e suprema, eles se acham sempre em harmonia e na mais íntima união, o que nos é representado pelo nosso caríssimo B. de maneira tão maravilhosa em vários pontos de seus escritos, pela aliança imortal que existe entre o fogo e a luz.

Também uma das magníficas leis que o espírito humano pode contemplar é a que ele expõe sobre a vegetação, nº 110, *De Clavi*, que me recomendais. Eis os sinais evidentes de sua divina inteligência e gloriosa eleição. Tais passagens bastam para levar um homem ano somente ao fim do mundo, mas também ao fim de todos os mundos. Amém.

Não tenho as cartas do Abade Rozier para pôr-me a par do que pensáveis outrora sobre esse assunto da vegetação; mas eu vos direi, a respeito disso, que o abade Rozier pereceu no último cerco de Lyon. Uma noite ele se oferece a Deus em sacrifício, resignando-se a permanecer na terra se for preciso, porém pedindo para ser retirado dela se não pudesse ser útil a nada, e depois se deita. À noite, enquanto dorme, cai uma bomba em seu leito e o corta no meio do corpo.

Quanto a todos os detalhes magnéticos e sonambúlicos que me enviastes, digo-vos pouco, porque esses objetos foram tão comuns e multiplicaram-se tanto entre nós que duvido de que em qualquer lugar do mundo tenham mais singularidade e variedade. E como o astral desempenha um grande papel nisso, eu não ficaria admirado que tivesse jorrado alguma fagulha desse astral em nossa revolução, o que influiu na complicação e na rapidez de seus movimentos.

Informais-me, caro irmão, que acabais de receber notícias interessantes de uma amigo que tendes na corte de Munique, do qual realmente me falastes antes, e que isso será assunto para uma outra carta. Recebê-la-ei com prazer, como tudo o me vem de vós. Enquanto aguardo, felicito-vos por irdes descansar no campo durante o bom tempo. Não sei se terei a mesma permissão. Tudo dependerá do

andamento de nossas escolas, que considero uma perda de tempo para aqueles que para elas foram convocados e perda de dinheiro para o Estado. Mas passo por cima de tudo isso com a idéia que tenho de que tudo está ligado à demolição de Babel. O que me custa mais um pouco a sacrificar é a felicidade que teria em partilhar de vosso lazer e de vossos estudos na tranqüilidade de vossos campos. Devo ainda concordar em que nosso bom mestre me ajuda a fazer esse sacrifício ensinando-me que pode acudir a todos os socorros dos homens e das circunstâncias.

Adeus, senhor e caro amigo. *Ora pro nobis.*

Quando derdes com paisagens tão belas como essa sobre a vegetação, tenha a bondade de recomendá-las.

SAINT-MARTIN

CARTA 67

B..., 12 de Abril de 1795

Demorei tanto tempo, meu mui respeitável irmão, a responder à vossa interessante carta de 29 de ventoso porque minhas ocupações ordinárias foram ainda aumentadas com a renovação do nosso governo, feita de dez em dez anos, que todos os membros são substituídos em massa.

Nosso amigo B. conhecia muito bem os escritos do ministro do qual vos faço menção em minha última carta. Vede seu *Erster Register*, em que ele é citado e nomeado ao pé da 8ª página e disse-me se a passagem das Memórias, das quais vos falei em minha última carta, não se refere à manifestação de Joachim Greulich.

A pedra lançada à testa de Golias deu-me grande prazer: ação alguma desse tipo cai por terra. Algumas vezes tornam-se sementeiras no coração dos que a testemunham e sempre são agradáveis àquele que as ditou.

Muito obrigado pelos detalhes sobre as tinturas e os diversos fogos; tratarei de tirar proveito disso.

A dissertação que compus a pedido de nossa Sociedade Econômica e que se encontra no diário do abade Rozier contém, além disso, experiências seguras e com a indicação daquelas com as quais podeis ser útil a qualquer um dos vossos conhecidos que goste de cultivar terras. Temos certeza, por esse meio, principalmente misturando as partes líquidas e animais com a gipsita, de triplicar pelo menos o rendimento dos prados artificiais. Desde então vi ainda efeitos em escala notável.

Passemos ao nosso amigo de Munique. Ele é um fenômeno digno de nota na época atual. É um homem da corte: a uma alma muito bela, une conhecimentos raros que, por sua extensão, surpreenderam-me. Maneja a língua materna com superioridade admirável. Porém, mais do que tudo isso, vai pelo caminho estreito da vida interior. Tudo o que fez e sofreu pela boa causa ligou-me a ele. Julgareis em que grau se encontra pela carta que ele acaba de me escrever e que vos copio literalmente, sem a tradução. Se houver passagens que vos embaracem, informai-me. Terei uma satisfação muito grande se a Providência me escolher para uni-lo a vós. Ele o merece. Disse-lhe que gozava do privilégio de vossa correspondência e de vossa amizade e, numa carta anterior, ele informou-me que, depois de muitos trabalhos e sofrimentos, chegara por fim ao termo e que estava agraciado por uma manifestação bem considerável. Parece-me que deve merecer toda a nossa atenção. Perguntei-lhe como chegara a isso, e a carta anexa contém a resposta. Anseio muito pela vossa opinião sobre esta carta. Será o cumprimento de um voto bem caro ao meu coração se a providência quiser permitir que nos encontremos em minha pátria. Enquanto aguardo, não me esqueçais em vossas preces.

P.S. A paz entre a França e a Prússia foi assinada em Basileia no dia 5 deste mês, à cinco horas da tarde, pelo cidadão Barthélemy e o conde de Hardenberg.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

Caro Amigo:

Munique, 19 de Março de 1795

Rejubilome de todo o coração por estardes em contato com o autor do *Quadro Natural* porque tenho profundo respeito por esse homem (cujos escritos certamente já li umas cinquenta vezes) como um homem verdadeiramente sábio, como um agente da *Cause active et intelligente*. É somente através do amor por essa *Cause active* que atingi àquela verdadeira manifestação sobre a qual lhe escrevi, pois somente Ele possui a chave de todos os segredos. Durante vários meses tenho recebido diversas instruções do Alto e, desde 13 de Março elas vêm-se tornando mais notáveis a cada dia que passa. Não tenho palavras em nossa língua para explicar o que acontece, pois os segredos do mundo dos espíritos não podem ser concebidos pelo entendimento, a não ser que também sejam vistos. Normalmente o homem pensa por comparação de idéias, mas no mundo dos espíritos há novas idéias e novas línguas, novos objetos, novos trabalhos, mas, porquanto tudo se funda na mais pura razão, podemos convencer os outros através de fatos, pois aqui tudo está cheio de poder e verdade. Tudo o que posso fazer é partilhar convosco as instruções que eu mesmo recebi.

Até agora, a Comunicação espiritual com o mundo superior. Sinto um presença mais elevada. Tenho permissão de fazer perguntas e recebo respostas e visões. O que se segue são as etapas segundo as quais, pela graça de Deus, tenho avançado:

Aprendi a conhecer:

1. A Unidade.
2. Os três poderes que nela existem.
3. O mundo franco.
4. O Nome de Deus com quatro letras.
5. O poder tríplice no poder quádruplo, ou $3 + 4 = 7$
6. A Causa ativa e inteligente.
7. O Nome santa desta Causa.
8. Como pronunciar esse nome.
9. As duas tábuas da Lei.
10. A Lei completa.

E assim prossigo cada vez mais. Convosco, meu amigo, que tendes pensado nestas coisas e estais trilhando os caminhos do Senhor, posso falar desses assuntos, porém o mundo se riria deles. — Ó meu amigo! Deus está tão próximo a nós e nós O procuramos fora de nós quando Ele está e estará em nós, é somente em nossos corações que os tornamos propriedade sua e, quando O recebemos, Ele nos dá o poder de nos tornarmos seus filhos.

Eu poderia enviar algumas explicações que sei que seriam *interessantes* para vós, mas antes de fazê-lo, permiti-me saber o quanto já experimentastes. Um ato de sinceridade exige outro. Estamos aproximando-nos de um período admirável e, se fordes bastante aberto para comigo, sê-lo-ei para convosco.)

VON ECKARTSHAUSSEN

A prece que se segue, anexada à carta de Eckartshausen, foi por ele mesmo composta:

“Luz Eterna, que brilhas nas trevas, mas que não pelas as trevas encerrada! Quem foi que não veio por sua própria conta e não foi recebido ...! A Ti, o mais Santa das Luzes, abro meu coração para ser um templo! Purifica o meu coração e faz dele um templo para Ti mesma e que deste dia em diante seja negado o meu próprio eu, e que possas passar a ser a minha regra santa, seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu, Luz de espíritos, sê minha lâmpada, através de Ti, Santo Verbo, possa a Deidade falar em mim. Leva novamente para Ti a mim que tenho vivido separado de Ti. Pelo teu Espírito, apressa a letra morta em mim e, de acordo com a Tua promessa, dá-me o poder de tornar-me filho de Deus, que PARA TI NASCEU. Que tua PALAVRA SE TRANSFORME EM CARNE EM MIM, e que habite em mim, que eu possa ver a Tua glória como a o Filho unigênito, cheio e graça e de verdade. Amém”.

CARTA 68

Paris, 9 de floreal

Não encontro como vós, meu caro irmão, qualquer relação entre a passagem o ministro Daniel⁹⁰ e Joachim Greulich, a não ser na morte de dois personagens do qual falam, pois o assunto, o núcleo, o desfecho e as seqüências dessas duas tragédias são inteiramente diferentes, sem contar a diferença dos papéis secundários. Mais isso seria longo demais para se tratar por escrito.

Nossas escolas normais estão agonizando: vão enterrá-las no dia 30 deste mês. Provavelmente voltarei para minha casa, a menos que eu me aloje nas cercanias de Paris, o que sempre foi a minha vontade. Mas, na agitação em que estamos, pode alguém ainda formar algum projeto. Tendes tempo de escrever-me antes de minha partida, contanto que vos apresseis. E sobretudo, informai-me novamente para onde posso endereçar o pequeno escrito que vos prometi e que será impresso quando vossa resposta chegar. Não tenho comigo o endereço de Basileia que me havíeis enviado e não sei se ele continua o mesmo. Quando eu puder dispor de mais tempo, procurarei as memórias do abade Rozier, onde se fala das vossas experiências.

Destes-me um verdadeiro prazer com o retrato e a carta que me enviastes a Munique. Entendi-a razoavelmente e ela deu-me a melhor impressão de seu autor. Praza aos céus que eu possa aproximar-me de vós e dele em vosso bom país a fim de aí podermos caminhar juntos numa estrada tão suave e fecunda como esta que seguimos! Mais refreio sempre os meus desejos, como sabeis, tal é o medo que tenho de colocá-los no lugar da vontade da Providência. Além do mais, nossas finanças, no estado em que estão, são desfavoráveis aos pequenos proprietários como eu e, na verdade, talvez fosse preciso vender todos os meus bens para poder viver um ano ou dois nos países estrangeiros. Se a Providência me destina esse consolo, ela saberá aplinar bem os caminhos.

Um de vossos compatriotas, que conhece muito a vossa família e também o vosso amigo de Munique, foi-me apresentado nesses últimos dias por um conhecido comum. Falou-me bem do autor da carta de Munique, embora não esteja em condições de vê-lo no grau em que ele se encontra hoje, pois viu-o outrora em posições bem inferiores. Só conversei com ele resumidamente e não lhe mostrei a carta nem lhe dei a conhecer onde está a pessoa que a escreveu, pois não gosto de indiscrições. Esse compatriota viveu na sociedade e ficou um pouco impregnado de suas futilidades, mas não o achei estragado, tanto quanto se pode sê-lo pela sociedade, quando alguém se deixa gangrenar pelos sistemas filosóficos e destruidores que nele reinam. Ele quer o bem, busca-o, leu e lê com freqüência as minhas obras, mas tratei-o como a vós, remetendo-o logo de início ao nosso caríssimo B., cujo nome ele sequer conhece e que, creio, é um pouco forte para ele. Mas é Deus quem semeia, que irriga e que faz crescer onde lhe apraz e como apraz. Ele pôs-se a procurar as obras de nosso amigo e, como foi em vão, pede-vos, por meu intermédio, o favor de procurá-las

⁹⁰ Refere-se ao profeta, na corte de Nabucodonozor, e citado antes de maneira velada. V. o livro de Daniel.

para ele e consegui-las, se puderdes. Certamente esperais que eu dê seu nome: é o barão de Krambourg. Perdeu a mulher, a quem era ternamente unido. Permanece na França pela razão dos *assignats*, pois no momento da revolução ele transferiu toda a sua fortuna do banco da Inglaterra para o da França e, apesar da carestia de tudo aqui, vive melhor ainda do que viveria em vossa terra, tendo em vista os terríveis sacrifícios que precisaria fazer para conseguir numerário. Ele conhece perfeitamente o vosso nome, mas, como sois vários, encarregou-me de perguntar-vos se, independentemente do sobrenome Liebistorf, tendes o de Gothzhal, se não desposastes uma senhorita de Diesbach e se a terra de Morat, que possuís, não vos vem dessa aliança. Desincumbome de minha missão.

Quanto ao mais, ele tem por vós toda a estima que lhe inspirei ao traçar-lhe o vosso retrato. Adeus, meu caro irmão, recomendo-me às vossas preces e abraço-vos de todo o coração.

SAINT-MARTIN

CARTA 69

M., 11 de Maio de 1795

Foi ontem, meu caro irmão, que recebi vossa carta de 9 de floreal. Encontrei-a, passando por Berna, no regresso de uma viagem a serviço da república.

O endereço para a obra que tendes a gentileza de me enviar é o mesmo, pelo coche que vai de Berna a Morat, aos cuidados do coronel Oser, pela diligência de Basiléia. Nunca tereis uma opinião boa demais do meu amigo de Munique. Quanto ao desejos sobre os objetos que nos interessam, é aí que eles se encontram do melhor modo.....

Então vos encontrastes como senhor Krambourg. Desejo do fundo da alma que seu retorno ao bem seja sincero, e, sobretudo permanente, e que suas resoluções não se assemelhem ao caprichos de um homem desiludido que, depois de se haver saciado do vinho que o mundo lhe ofereceu, quer ainda beber os licores fortes do maravilhoso. Ele jamais esteve em condições de apreciar o meu amigo de Munique, apesar de sua permanência nessa terra, e fico-vos muito grato pela discrição que fizestes com relação à carta. Tudo o que ele me conta, confiou a um amigo e o que vos escrevi sobre isso, foi escrito para vós, inteiramente para vós e nada mais do que para vós.

Monsieur de Krambourg teve, e não sei se ainda as tem, relações fortes com pessoas que são exatamente antípodas nossos. Essas pessoas sabem que eu as sigo por toda parte e que, se a ocasião o exigir, não recearei confessar que sou o discípulo de nosso mestre. Monsieur de Krambourg poderia facilmente, e até mesmo sem outras intenções que não as de espalhar uma notícia, contar-lhes tudo o que descobriu sobre a nossa ligação: podeis imaginar que prato excelente seria para esses senhores. Seriam bases bem boas para se erguer um edifício de calúnia, de entusiasmo, de fanatismo e de ridículo, etc., etc., e sabeis o que é a maioria dos homens, etc., etc.

Embora eu saiba apreciar esses senhores, a prudência ordena entretanto, que nós mesmos não estorvemos nossas próprias operações com desconfianças precipitadas, sobretudo quando se tem uma vocação de trabalhar para o público. Nos tempos atuais não poderíamos todo cuidado seria pouco para aprender a conhecer e escolher aqueles que nos cercam antes de entrar em detalhes que possam comprometer nossos amigos por causa do abuso que os curiosos geralmente fazem do depósito a eles confiado. Quero supor, por um momento, que Monsieur de Krambourg esteja bem intencionado: quem pode garantir-nos que ele sempre o será. É preciso pelo menos fazer com que ele passe por um noviciado antes de confiar-lhe os nomes de vossos amigos.

Embora Monsieur de Krambourg, neste momento, não seja meu compatriota, porque, por uma

inabilidade enorme, ele perdeu todos os direitos em sua pátria, para onde não voltará antes de obter graça, que no momento não lhe aconselho pedir, isso não atrasaria, de modo algum, o meu empenho em conseguir-lhe as obras de nosso amigo, se eu tivesse a certeza de fazer-lhe assim algum bem. Mas, além de sua raridade, visto que as pessoas que as possuem não as cedem por temerem dissabores, pois o inimigo tão bem tomou as suas providências que, na Alemanha e na Suíça toda pessoa que apenas deixa entrever que conhece as obras de nosso amigo é logo inundada por um dilúvio de calúnias. Há ainda uma outra razão que torna o pedido de Monsieur de Krambourg completamente inútil para ele: é que ele estaria a mil léguas de distância para poder compreendê-las; não compreenderia nem mesmo uma obra séria comum escrita em alemão, de um estilo um pouco concentrado e reflexivo. Se suas intenções são verdadeiras, é preciso que ele leia o *Novo Testamento* e *O Homem de Desejo*: terá bastante com que se ocupar se quiser pôr em prática o conteúdo desses dois livros.

Lembra-vos algumas vezes de nosso amigo, do general Gichtel e de seus trinta discípulos. O doutor Raadt, quanto à sua versatilidade, bem que poderia assemelhar-se um pouco a Monsieur de Krambourg. Se quiser tratar nossas idéias como uma diversão, está perdido. Para saber se ele é de boa fé examinei se realmente deseja apenas sua conversão, toda a sua conversão e nada mais que a sua conversão; se tem horror de si mesmo e de seus desvarios. Enquanto aguardamos, o que há de melhor para se fazer com relação a ele, parece-me, é jamais falar-lhe da Obra e o menos possível do meu amigo e de mim. E isso sempre em termos bem gerais, se ele desejar tornar-se cristão, Deus o queira. Mas aguardai que ele se tenha tornado cristão antes de abrir-vos com ele.

Adeus, meu caro e respeitável Irmão, não deixeis de rogar por mim, sobretudo agora, para o socorro e o sustento de nosso Divino Mestre.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 70

Paris, 3 de prairial

Vosso silêncio inquietava-me, meu caro irmão, e eu começava a temer que minha carta se houvesse extraviado. Quanto ao nosso amigo de Munique, fiquei tranqüilo sobre a minha ligação com ele; o que dele soube por meio de vós é favorável demais para que eu não me sinta inteiramente atraído por ele e para que nossos laços não sejam indissolúveis, mesmo que não nos víssemos jamais aqui na terra. Minha intenção, ao imprimir o meu pequeno escrito, foi a de fazer passar-vos, por meio dele, um exemplar. Assim, receberéis dois nos endereços que me destes. Não será pela diligência de Basileia, pois a encomenda é muito pouco volumosa para não ser aceita pelo correio de cartas. Será por intermédio do embaixador da Suécia aqui, o qual se encarregará de juntá-lo à primeira mensagem que tiver de enviar a Basileia. Se eu tivesse recebido vossa carta mais cedo, a encomenda já teria partido, porque o embaixador estava então fazendo um envio. Tenho esperança de que logo se lhe apresente uma outra e que não tereis muito que esperar.

Quanto a Monsieur de K..., vejo-o pouquíssimo, dada a distância de nossos alojamentos e a diferença de nossas ligações sociais. Disse-vos o que pensava desses meios intelectuais, o que não me impediu de falar-lhe de Böhme, salvo para que tirasse dele o que pudesse. Congratulo-me mais do que nunca por não lhe ter permitido ver nem conhecer uma idéia ou uma palavra da carta em questão, que foi e será, isso eu vos juro, inteira e exclusivamente para mim.

Mesmo assim, reprovo-me sinceramente por não haver levado mais longe a discrição calando nomes que não teriam utilidade para ele, e meu coração sofre da mágoa que eu poderia ter causado ao vosso por causa leviandade pela qual me condeno e pela qual peço com sinceridade o vosso perdão. Não obstante, para que minha graça seja menos difícil de ser conseguida, afianço-vos que

minhas conversas com Monsieur de K... jamais versaram um só instante sobre o maravilhoso, que não revelei a ele as minhas ligações convosco e as vossas com o amigo de Munique, a não ser com relação às riquezas e profundidades filosóficas que o caminho simples revelaria a todos os homens que soubessem estudar a si mesmos. Conheceis minhas opiniões sobre o maravilhoso e o distanciamento que mantenho dele, assim mostrei-me a Monsieur de K... da mesma forma como me mostrei a vós, exceto que sua pouca instrução não me permitiu raciocinar tão profundamente com ele nem de fazer-lhe tantas aberturas como fiz convosco. Também nada me parece mais cômodo nem mais natural do que seguir com ele a rota que me traçastes com vossa resposta e, para dar-vos uma idéia precisa de tudo o que eu lhe disse, e absolutamente tudo o que diria sobre vós, é que só me respondestes mui rapidamente por estardes ocupado com os negócios públicos de vosso país e de vosso posto, que vos ocupais com zelo em conseguir para ele a obra em questão, mas que ele não deve contar com um êxito tão pronto nem tão garantido, dada a raridade da obra e as dificuldades daqueles que a possuem de se desfazerem dela. Repito-vos caro irmão, que, além dessas palavras, não sairá nenhuma outra palavra de minha boca com referência a vós, a vós e ao vosso amigo, e menos ainda algo que vos comprometa. Em consequência, dir-lhe-ei o que me dizeis do *Evangelho* e de *O Homem de Desejo*, como se fosse vindo de mim. Para todas as perguntas sobre vossa família e vosso nome direi, como acima, que não me dissestes mais do que uma palavra e que nem me falastes deste assunto. A esse preço, caro irmão, espero que vossa boa amizade por mim dissipe todas as nuvens que minha precipitação possa ter provocado em vosso espírito. Esta lição me servirá para o resto de meus dias e eu vos agradeço de todo o coração pelas boas verdades que me dissestes sobre esse assunto.

Parto o mais cedo possível para minha terra. Não é sem pesar, pois lá não tenho ligação alguma em meu tipo e aqui tenho muitas, embora de natureza bem diferente. Mas escuto tudo e vejo tudo o que se apresenta, experimentando, segundo o preceito, todos os espíritos. Houve quem me retratasse antecipadamente, e quase ao natural, o abalo que acabamos de sofrer e no qual vi novamente o império da ditosa e poderosa estrela que preside à nossa revolução. Há outros que me retratam coisas de ordem superior, cuja confirmação se demonstra com tanta freqüência. Todos estão animados pela fé mais viva e pela mais inteira confiança nas virtudes do espírito do nosso divino Reparador, o que torna suave e salutar o meu relacionamento com eles.

Mas partindo, prometi aos meus amigos que voltarei quando houver terminado alguns negócios meus e quando houver uma colheita menos fraca. Um deles até me facilitará, de acordo com um arranjo entre nós, o meio de ter aqui uma existência menos penosa do que a que levo há cinco meses e que me desvie menos de minhas tarefas. Isso eu vos contarei no devido tempo. Também não disse nada a ninguém sobre os assuntos acima que acabo de vos confiar. Não gosto de confiar tais assuntos senão aos que estão acima; ora, a maioria dos homens está mesmo abaixo.

Adeus, meu caro irmão. Amai-me ainda e rogai por mim.

Meus endereço, de agora em diante, é: *Amboise, praça da República, departamento de Indre-et-Loire*⁹¹. É tudo isso, até a minha volta.

Dissestes-me para endereçar meu pacote para Basileia, de onde vos será remetida a Morat pelo coche. Mas não me dais instrução alguma quanto às minhas cartas. Assim, endereçarei esta a Berna, como de costume.

Há em vossa carta uma expressão que não compreendo. É quando me dizeis no penúltimo parágrafo: “Lembra-vos algumas vezes de nosso amigo, do general Gichtel e de seus trinta discípulos. O doutor Raadt, etc”. É esta última palavra que não compreendo e cuja aplicação e explicação vos peço.

⁹¹ *Amboise, place de la République, département d'Indre-et-Loire.*

CARTA 71

Morat, ... de Junho de 1795

Temo, caro irmão, haver-vos causado um sentimento incômodo com minha última carta. Podeis ter a certeza de que essa ocorrência não diminuiu meu apego para convosco. Tive ocasião de ficar sabendo de um estado de coisas que torna verdadeiramente urgente a reserva sobre o assunto de nossas idéias.

A incredulidade formou atualmente um clube muito bem organizado: é uma grande árvore que lança sombra numa parte considerável da Alemanha, produz frutos bem maus e estende suas raízes até a Suíça. Os adversários da religião cristã tem suas afiliações, observadores e correspondência bem estabelecidos. Têm, para cada departamento, um provincial que comanda os agentes subalternos; controlam os principais jornais alemães, que são a leitura predileta do clero que não gosta de estudar. Nesses jornais, preconizam escritos que corroboram suas idéias e maltratam todas as outras. Se um escritor quiser erguer-se contra esse despotismo, tem dificuldade em achar um editor que queira encarregar-se de seu manuscrito. Eis os meios para a parte literária. Mais eles ainda têm muitos outros para afirmar seu poder e rebaixar os que sustentam a boa causa.

Quando há uma vaga qualquer no ensino público, ou quando há um nobre que esteja precisando de um preceptor para os filhos, eles têm três ou quatro pessoas já prontas, que mandam apresentar-se ao mesmo tempo por vias diferentes, mediante o quê, estão quase sempre certos de ter êxito. É assim que está composta a Universidade de Göttingen, a mais célebre e mais freqüentada da Alemanha, à qual enviamos nossos jovens para estudar. Eles também urdem intrigas para colocarem seus afiliados nos gabinetes dos ministros, nas cortes alemãs. Têm esses afiliados até mesmo nas administrações comunais e nos conselhos dos príncipes.

Um segundo grande meio que empregam é o de Basílio... a calúnia. Esse meio tornou-se ainda o mais cômodo para eles porque, infelizmente, a maior parte dos pastores protestantes são os seus mais zelosos agentes. E como essa classe tem mil maneira de se imiscuir por toda parte, podem, ao seu bel prazer, provocar rumores ofensivos antes que se tenha conhecimento do fato e tempo de se defender.

Essa coalizão monstruosa custou ao seu chefe, um velho letrado de Berlim e ao mesmo tempo um dos mais célebres editores da Alemanha, trinta e cinco anos de trabalho. Desde 1765 ele vem redigindo o primeiro jornal desse país. Chama-se Frédéric Nicolai. Essa *Biblioteca Germânica* também apoderou-se, através de seus agentes, do espírito da gazeta literária de Iena, que é mui bem feita e se vende nos países em que a língua alemã é conhecida. Além disso, Nicolai influi no jornal de Berlim e no Museu Alemão, duas obras de grande reputação. A organização política e as sociedades afiliadas foram estabelecidas quando os jornais já tinham espalhado suficientemente o seu veneno. Nada iguala a constância com a qual essas pessoas seguiram os planos deles. Caminharam lentamente, mas com passo firme, e atualmente seus progressos são tão assustadores e sua influência tão enorme que não há esforço algum que possa resistir-lhes. Somente a Providência tem o poder de livrar-nos de tal peste.

A princípio, a marcha dos nicolaítas era muito circunspecta, tinha como associadas da sua *Biblioteca Universal* as melhores cabeças da Alemanha, os artigos científicos eram admiráveis e os relatórios das obras teológicas ocupavam sempre uma parte considerável de cada volume. Esses relatórios eram compostos com tanta sabedoria que nossos professores na Suíça os recomendavam aos nossos jovens eclesiásticos em seus discursos públicos. Mas, pouco a pouco, passaram a destilar peçonha, embora com muito cuidado. A peçonha foi reforçada com habilidade. Mas no fim,

deixaram cair a máscara e em dois de seus jornais afiliados os celerados ousaram comparar nosso divino Mestre ao célebre impostor tártaro Dalai Lama (V. o art. de Dalai Lama, em Moreri). Tais horrores circulavam entre nós sem que negligência, em toda a Suíça, apresentasse o menor sinal de descontentamento. Então, em 1790, eu tomei da pena e, num periódico político, ao qual vinha anexa uma página de assuntos variados, despertei a indignação pública contra esses iluministas, *Aufklärer*, ou esclarecedores, como se chamavam. Apoiei-me na atrocidade e na profunda estupidez dessa blasfêmia.

As desordens eclesiásticas referentes à religião, nos Estados do rei da Prússia, haviam se tornado tão grandes que o atual rei foi obrigado a dissolver o consistório de Berlim e confiar a escolha dos candidatos ao ministério a um de seus favoritos, Monsieur de Wöllner, e a dois homens fidedignos, Monsieurs Hilmer e Woltersdorf. Em 1788 o rei havia publicado um edito pelo qual nenhum eclesiástico ousaria pregar ou ensinar outra religião além da que era tolerada, mas esse edito foi arrastado na lama por todos os jornalistas afiliados e escarneado numa peça de teatro escrita para esse fim. O doutor Bahrt, um dos autores da peça, foi detido e, enquanto corria seu processo, Monsieur Wollner, o mais maltratado na sátira, enviou-lhe dinheiro para alimentar sua família. O rei contentou-se em mandá-lo encerrar por algum tempo em Magdeburgo. Atualmente já é falecido. Era um escritor fecundo e um dos mais ferozes divulgadores da doutrina do nicolaítas. Como então eu tinha um pouco mais de tempo do que agora, acompanhei a marcha dessas pessoas e principalmente o seu progresso em nossa terra. Pouco mais ou menos nessa época, entrei em correspondência com nosso amigo de Munique, cujos conhecimentos, e sobretudo o seu amor à religião, deram-me a mais grata satisfação. Ele conhecia física muito bem e, com suas experiências novas e adaptadas ao gosto do príncipe, ganhou-lhe a benevolência. Transmiti-lhe minhas observações sobre a grande liga que se formava contra a religião cristã. Ele ficou atento e fez observações por sua vez. Descobriu tanta coisa que pegou em armas. Compôs um relatório para despertar a atenção dos governos. Aconselhei-lhe uma audiência secreta com o Eleitor. Ele a obteve, foi aprovado e seu relatório passou a Viena sob a proteção da corte. Reatei relações com o cavaleiro de Zimmermann, em Hannover, um velho leão, que era uma das melhores penas⁹² da Alemanha. Ele concordou com todas as minhas idéias e redigiu um relatório que fez chegar ao Imperador por intermédio de um de seus amigos. Esse amigo era um professor de Viena, admitido com freqüência na residência do Imperador. Leopoldo aprovou nossa vigilância, deu um presente muito bonito a Monsieur Zimmermann e queria tomar medidas sérias em conjunto com a corte de Berlim quando, subitamente, morreu. E quem sabe de que maneira. Os iluministas soltaram gritos de alegria por ocasião de sua morte e confessaram ingenuamente, nos jornais afiliados, que haviam escapado por pouco. Nicolai e sua *Biblioteca Germânica* foram expulsos de Berlim, mas ele continua com ela, no momento, em outra província da Alemanha. Desde então, as coisas vão de mal a pior. Entretanto, descobri que em vários locais as pessoas honestas estavam unindo-se contra esses bandidos. Em Basiléia, onde o clero ainda está intacto, há m centro de reunião de uma sociedade espalhada por diversos países que publica uma obra feita com cuidado para manter o cristianismo. E há seis semanas recebi uma carta de um professor da universidade no Hesse, contando-me também que fora formada uma numerosa sociedade de homens instruídos de todas as classes para resistir aos esforços dos iluministas. Neste momento, essas pessoas fazem menos mal com seus escritos do que com suas afiliações, intrigas e monopólios de lugares, de modo que a maior parte do nosso clero, na Suíça, está gangrenada até a medula dos ossos. De minha parte, faço tudo o que posso para pelo menos retardar a marcha dessa gente. Algumas vezes consigo, mas em outras meus esforços são impotentes porque eles são muito hábeis e seu número se chama legião.

Peço-vos que, depois de vosso regresso a Paris, faleis a vossos novos amigos sobre essa aflitiva situação de coisas, tomar sua opinião e de informar-me dos resultados. Foi para mim uma satisfação bem grande saber que encontrastes verdadeiros adoradores de nosso divino Mestre. Respeito-os do fundo de minha alma.

⁹² Escritor.

Estou atualmente em Morat, mas recebo todas as cartas endereçadas a B.... assim, continuei como o mesmo endereço, até novas instruções.

Adeus, meu caro e respeitável irmão. Não duvideis jamais de minha amizade inalterável por vós e jamais vos esqueçais de mim em vossas preces.

Que achais dos n^{os} 5 e 8 da *marcha gradual, Stuffengang*, do nosso amigo de Munique, que se encontra na carta que vos enviou. Não achais que receberam o melhor cunho possível. Quem iria buscar tais conhecimentos com um conselheiro eletivo da corte do eleitor paladino e com o secretário de seus arquivos.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 72

30 de prairial

Agradeço-vos, caro e respeitável irmão, pelas instruções que me destes sobre a sociedade em questão. Há muito que esse sistema busca estender-se e por sessenta anos os nossos filósofos o fizeram multiplicar na França. Estou convencido de que nossas escolas normais, sem se ligarem a essa sociedade, tinham o mesmo alvo. Assim, já o disse e repito, vejo como efeito da Providência o fato de essas escolas terem sido destruídas.

Não tenho dúvida alguma de que a sociedade da qual me falais acabe por ter a mesma sorte, e não creiais que a nossa revolução francesa seja uma coisa indiferente na terra. Considero-a como a revolução do gênero humano, tal como o vereis em minha brochura, uma miniatura do juízo final, mas que deve oferecer todos os traços dele exceto pelo fato de que as coisas só devem acontecer de maneira sucessiva, ao passo que no fim tudo ocorrerá instantaneamente. A França foi a primeira a ser visitada, e foi-o de modo severo, porque foi muito culpada. Os países que não valem mais do que ela não serão poupados quando chegar o tempo de serem visitados. Creio mais do que nunca que Babel será perseguida e derrubada progressivamente em todo o globo, o que não impedirá que ela brote novamente em novos rebentos que serão desarraigados no juízo final. Na época atual, ela não será visitada até o centro, visto que, felizmente para nós, seu centro ainda está oculto, e aí daqueles que estiverem presentes quando esse centro espalhar sua infecção!

Quanto ao procedimento a observar contra essas doutrinas informais que se espalham pela Alemanha, creio que a que observais é o melhor, textos e conduta são os únicos remédios para se opor a essa peçonha. Quando ela se desenvolver mais, a Providência certamente suscitará meios equivalentes para fazer-lhe contrapeso. Sobre isso ocorre-me uma idéia que vos submeto: é que, depois que tiverdes lido a minha pequena brochura, rogo que vos recolhais ao vosso interior e que vos consulteis para saber se poderíeis crer que ela fosse capaz de concorrer em qualquer coisa para o bem que gostaríeis de fazer aos vossos cantões germânicos. Se assim for, eu ousaria propor-vos a tradução e a publicação em vossa língua. Será fácil para vós: alguns dias de lazer bastariam. As despesas não seriam consideráveis em vosso país. No meu essa insignificância, que em outros tempos me teria custado cinco ou seis luíses⁹³, custou-me mais de mil escudos⁹⁴. E embora eu não conte compensar as minhas despesas, visto que esses assuntos são bem fúteis para a leviandade de meu concidadãos; embora deva esperar mais apupos que aplausos, minha consciência instou-me a lançar essas idéias a público. Então não hesitei e me regozijo de todo o coração, estando bem certo de que aquele para quem o fiz poderá um dia dar-me uma recompensa que valerá mais do que a dos homens. Dizei-me o que pensardes da idéia que vos transmito. Acreditarei que qualquer decisão

⁹³ Antiga moeda de ouro (*louis d'or*), surgida no tempo de Luís XIII (séc. XVII). Na época em que estas cartas são escritas, valia 20 francos.

⁹⁴ Antiga moeda francesa de prata (substituída pelo franco) valendo 3 libras (havia também o escudo de 6 libras).

vossa será a melhor. Quanto a Monsieur de K., se foi com relação à essa sociedade germânica que vos causou qualquer ressentimento, creio ele não tem fundamento, não lhe creio qualquer relação desse tipo. Creio-o muito pouco inclinado ao trabalho da pena para estar à altura daquilo que semelhante correspondência exigiria de sua parte. Ele pertence simplesmente à classe do mundo frívolo e ignorante, um pouco empedernido pelos sistemas dos filósofos, mas havendo, entretanto, adquirido há alguns meses (não através de mim), alguma crença sobre alguns pontos importantes. Se eu o vir quando voltar a Paris, como ele me manifestou muita vontade de que eu o encontrasse, agirei de modo que nutri-lo na senda da fé e de sua geração. Quanto ao mais, confiai em minha palavra de que jamais vos comprometerei, nem ao vosso amigo e muito menos à Obra.

Os números 5 e 8 de vosso amigo impressionaram-me como a vós, ainda mais porque 3-4/7⁹⁵ concorda maravilhosamente com meus números, de segundo minha primeira escola.

O número 8 é seu desenvolvimento ativo, no sentido de que ele a fez realmente reencontrar a palavra perdida. O espírito de Deus sopra onde quer. Não me surpreende que essa luzes tenham germinado no coração de um príncipe; Isaías era de sangue real. Não fico mais surpreso de que essas altas doutrinas tenham sido encontradas num sapateiro como nosso amigo B., e no profeta Amós, que era apenas um pastor.

Tenho certeza de que esse simples pastor foi um dos mais adiantados no conhecimento da palavra. Deus não faz acepção de pessoas, apenas os nossos amigos são de seu reino. Todas as caricaturas e patuscadas com as quais nos enfeitamos neste mundo são estranhas aos olhos da Providência, formando como que um reino à parte, como fantasmas sobre os quais sua vista não se foca. Lede os números 13 e 14 da carta 47 de B., tão cara ao general Gichtel, e vereis e que consiste a vida e onde se encontra realmente a Fonte da Juventude, ou o conhecimento do nome de Deus e da palavra que vo-lo pode transmitir.

Estou passando algum tempo no campo em casa dos poucos parentes que me restam. Aqui restauro, com repouso e alimentos sadios, a saúde física, que sofreu consideravelmente por causa de minha estada em Paris. Aqui restauro ainda mais a saúde espiritual através da leitura de nosso amigo e das Sagradas Escrituras e da prece.

Quanto à minha escrivãinha, deixo-a descansar um pouco, tal é o medo que tenho de caminhar sem meu guia e a vontade de nunca separar-me de minha base e de minha fonte, nem por pensamento, nem por palavra, nem por ações. Enfim, gostaria de não ter mais vontade e sinto como ainda estou distante. Não deixa de ser verdade que esse é o alvo. Ajudem-nos mutuamente a nos chegar a ele o mais que pudermos; eis a verdadeira fraternidade.

As pessoas de Paris a quem me sugeris falar de vossos negócios da Alemanha quando de meu retorno não podem fornecer nenhum um remédio para eles a não ser com suas preces. São pessoas simples e iletradas e até mesmo os favores de que gozam estão bem longe de ter a minha confiança irrestrita.

O astral parece desempenhar nisso um grande papel. E isso afeta apenas objetos muito secundários. Os altos conhecimentos e a bela lógica espiritual lhes são estranhos, mas elas têm virtudes, vêm procurar-me e não rejeito ninguém, tudo experimento de acordo com meu parcous meios.

Adeus, meu caro irmão. Não me causastes aborrecimento algum com vossa última carta. Jamais um irmão poderia fazê-lo, somente a minha fragilidade e minha insegurança. Quanto a vós, sempre me destes prazer. Recomendo-me às vossas preces. Tão logo minha brochura estiver em vossas mãos, não deixeis de acusar-me sua recepção. Temo a demora das pessoas que encarreguei da comissão junto ao embaixador da Suécia e acabo de escrever-lhes por causa disso.

⁹⁵ A tradução inglesa traz 3 m/7 4.

Continuai endereçando vossas cartas a Amboise, embora esta esteja sendo remetida de Tours, a cidade mais próxima da região campestre em que me encontro. E mais ainda, tende a precaução e colocar as palavras: *Praça da República* no endereço. Na vossa última carta, haviam-nas colocado acima da palavra *Amboise*, junto com as que indicavam o departamento. Os funcionários do correio, que são umas máquinas, não vendo senão o nome da cidade, enviaram vossa carta a um de meus concidadãos no campo, a duas léguas de Amboise, o qual tem o mesmo nome que eu, mas que não tem comigo parentesco algum, nem de sangue nem de idéias. A carta não foi aberta por ele, porque ele leu melhor o endereço dos carteiros, mas isso provocou um atraso enorme.

SAINT-MARTIN

CARTA 73

Morat, 1º de Julho de 1795

Acabo de receber, meu caro e respeitável irmão, vossa interessante carta de 30 de prairial. Nosso amigo B. acredita, como vós, que Babel será perseguida e destruída, e, o que é de se notar, predisse que seus escritos ficariam e que chegaria um tempo em que neles seria buscada a *pérola*. Atualmente, conheço vários livreiros em B. que afirmam que esses livros são muito procurados e com urgência. No entanto, há quase dois séculos que foram compostos. Onde está a obra de teologia, ciências e filosofia da qual se possa dizer o mesmo. Eu faria com muito prazer o que me pedis quanto à vossa obra. Tenho grande desejo de recebê-la e, quando a houver recebido, não deixarei de vos responder em detalhe sobre esse assunto. Quanto a Monsieur de Krambourg, cujo verdadeiro nome é Frisching, de uma família patriciana e consular nossa, faríeis uma boa obra se acendêsseis nele a centelha do bem que parece luzir em sua alma. Na juventude ele se desviou por causa de sua própria figura, que era elegante, e pela fortuna que, se bem gerida, teria sido mais do que suficiente para todas as suas necessidades razoáveis. Foram as mulheres quem o estragaram, principalmente a mãe, que era louca por ele. Ele passou uma parte da juventude na França. Concentrou então todas as suas faculdades em tornar-se um homem que dá sorte com as mulheres e uma pessoa agradável. Assim, as mulheres apequenaram seu espírito, pois creio que ele teria podido ter-se tornado qualquer coisa melhor. Seu primeiro preceptor era um homem de bem que acreditava na religião. Talvez lhe tenha deixado algumas sementes que no presente, como ele só pode estar desgostoso do mundo, começam a germinar. Sua infeliz inclinação pelas mulheres fê-lo tomar um desvio que excedia qualquer limite, mas com o qual no momento é inútil importunar-vos. Tenho certeza de que não apenas ele não mantém correspondência sobre o assunto dos negócios da sociedade germânica, mas que até mesmo lhe ignora a existência. O que eu presumia era uma correspondência de negócios de interesse que outrora ele manteve com um eclesiástico daqui, o qual possui o que se chama de vivacidade de espírito, e que, não obstante, é um indivíduo de mau caráter e ao qual ele poderia dar informações sobre nossa ligação em troca de uma notícia, para preencher um canto de sua carta.

Concordo perfeitamente convosco em que as cruces, fitas, pergaminhos, elmos e brasões com que enfeitamos este mundo são ornamentos de teatro que logo se tornam ridículos os olhos dos sábios desde o instante em que aquele que com eles se orna atribui-lhes um valor intrínseco. Nenhum dessas frivolidades têm outra utilidade real senão a de manter, no meio da multidão, uma certa subordinação mecânica que algumas vezes se volta em proveito da ordem, mas que com frequência pode tornar-se fonte de muitas desordens. Quanto aos conhecimentos e às eleições superiores, supõe-se que não são regulamentados pelo absurdo de nossas posições. O que eu queria dizer da corte onde o nosso amigo vive era relativo à ordem ou, para falar de maneira mais clara, à desordem moral que nela domina. Um homem como esse meu amigo, nessa corte, é quase o mesmo fenômeno que um ananás que lançasse raízes no alto do São Gotardo, onde não apenas não existe vegetação, mas nem mesmo terra para enterrar os mortos, ou seja: que só há rochedos e neve. Com isso, o

príncipe que reina nessa corte é um homem gentil, que ficaria muito satisfeito se todos os seus súditos fossem felizes.

Quanto ao nosso amigo, não deixo de preocupar-me com ele, e isso por causa de um trabalho que é uma nova prova da excelência. Por amizade a mim — ou, para exprimir-me mais corretamente — pelo desejo de contribuir na glória da causa ativa e inteligente, ele resolver ter uma conversa de dois ou três dias comigo; queria transmitir-me verbalmente o conhecimento da palavra perdida. Marcamos um encontro numa cidade próxima. Ele saía de um indisposição bastante séria e, no caminho, entre Munique e a Suíça, caiu enfermo, de modo que foi preciso levá-lo para casa sem que eu tivesse o prazer de vê-lo. Ele me escreveu sobre esse incidente, na esperança de restabelecer-se logo e com o desígnio de retomar seu projeto de conversa o mais cedo possível. Ao mesmo tempo, enviou-me uma obra de autoria sua, que acabava de sair do prelo. Sua carta datava de 6 de Junho. Mas desde então não recebi mais uma palavra de sua parte, de modo que não deixo de inquietar-me sobre o seu estado atual de saúde. Seu livro é a obra mais espantosa que já apareceu na Alemanha desde os escritos de nosso amigo B. Ele executou, mas com meios bem mais superiores aos meus, um projeto que eu concebera aos dezenove anos, a partir de algumas passagens esparsas nos escritos de Leibnitz e de Wolf, quando ainda a serviço das armas: sempre lembrarei com prazer os momentos agradáveis que passava no forte de Saint-Pierre, a meia légua de Maestricht, para onde fora destacado, com os escritos e um de vossos compatriotas⁹⁶, também nascido na Touraine⁹⁷, onde encontrei em seu *Tratado sobre o Método*, que seu espírito sentia as mesmas necessidades que o meu. Com a idade de vinte e quatro anos, vi Daniel Bernouilli em Basiléia, o qual me encorajou; e, um ano depois, Lambert publicou seu *Novum Organum*, que me confirmou ainda uma vez as lacunas percebidas por pensadores de diversos países na estrada que conduz à verdade. Desde então passei a empregar minhas horas de lazer nesse trabalho e creio que já vos falei dele em uma de minhas cartas. Mas eis o meu amigo que, com um assiduidade impar, atinou, em muito menos tempo, com toda a estrutura de uma dezena de caminhos que nossos filósofos e nossa corrupção humana construíram umas sobre as outras para nos ocultar a verdade. Ele emprega também um instrumento novo, ou pelo menos pouco conhecido, e esse instrumento, que não era o meu, são *os números*. Depois de haver estabelecido os princípios, emprega publicamente seu instrumento para a solução de muitos problemas em gêneros completamente diferentes. Esse conjunto está revestido da roupagem da filosofia moderna para melhor confundir os pretensos preceptores deste século, dentre os quais um, chamado Kant, de Königsberg, produz há dez anos uma espécie de revolução metafísica que causou um tumulto prodigioso na Alemanha.

Creio que o *Quadro Natural* o colocou no caminho certo. Além disso, ele encontrou em “Sobre o Segredo dos Números”, de Marsílio Ficino, e em muitos outros mais antigos ainda, vestígios que o confirmaram, dos quais só citarei quatro passagens: “*Paucissimi in terris qui profunda numerorum intelligunt arcana*”⁹⁸. Platão. “*Mirantur profunda, nescientes quibus principii nosin operatione mirandorum utamur. Derident nos; nos autem hæc de nobis judicantes propter eorum ignoratiam non miramur*”. Mars. Fic., *De Secretis Numericis*.

“*Numerio ratio contemnenda nequaquam est, quæ in multis sacrarum scripturarum locis quam magis sit æstimanda elucet diligenter intuentibus; nec frustra in laudibus Dei dictum est: Omnia, mensura, pondere et numero fecit*”. St. Agost., *Civ. Dei*⁹⁹. II.

“*Numerorum imperitia, multa fecit non intelligi translate et mystice posita in scriptura*”. Id, in *Doctr. Christ.*¹⁰⁰ L. 2.

⁹⁶ Descartes.

⁹⁷ Região de Tours, França.

⁹⁸ Há poucos na terra que entendem os profundos arcanos dos números.

⁹⁹ A Cidade de Deus.

¹⁰⁰ A Doutrina Cristã.

Estando a caminho da fronteira, tive um encontro do qual é necessário falar-vos de passagem. Encontrei num albergue um francês anteriormente estabelecido em Lyon, chamado Gabriel Magneval. Ao ficar sabendo que eu tinha relações com um de seus amigos mais íntimos em Basileia, o qual estava presente, tornou-se mais aberto. Falamos de Lyon em 1784 e 1785. Ele era um dos primeiros diretores e contribuintes dessa espécie de templo que lhes custou 130.000 francos. Não lhe escondi minhas dúvidas no tocante à solidez de seus pontos de vista, dúvidas que se fundavam principalmente na imoralidade e a falta de fé cristã do mestre deles. Ele concordou de bom grado sobre a nulidade e principalmente sobre o orgulho desenfreado do professor, mas argumentou que a verdade podia, como os dons do sacerdócio na Igreja Romana, passar por canais impuros sem nada perder de seu valor, que eles eram de boa fé e cheios de respeito pelo nosso divino Reparador. Descobri, em seu discurso, que o mestre deles, não obstante a abjeção de seu estado moral, havia operado pela palavra e até mesmo transmitido a seus discípulos o conhecimento de como operariam da mesma maneira durante sua ausência. Observei-lhe que eles tinham, talvez, produzido formas que eram apenas a efígie, e não a realidade dos objetos. Perguntou-me então com que razões eu cria que se pudessem distinguir as manifestações reais das que eram apenas imitações? Respondi-lhe que achava que o melhor guia era o aperfeiçoamento das disposições interiores. Nossa conversa foi interrompida, mas um fato a ser sempre notado é que um impostor como Cagl. tenha estado de posse da palavra. Conheceis pessoalmente o cidadão Magneval? E que pensais dele?

Atualmente estais lendo as epístolas de nosso amigo B..., e eu também. Estava lendo-as quando recebi vossa carta. Acho que nosso autor nelas manifesta principalmente a beleza de sua alma. Li na carta 47, nºs 13 e 14, o que me recomendais. Parece-me que a base desses números consiste no preceito de nada querer sem a vontade de Deus. Creio também que a doce inclinação que nos atrai para ele é a atração do Pai, que confirma o que foi dito por Jesus Cristo: “Ninguém pode vir a mim se o pai que me enviou não o trouxer¹⁰¹”. Mas dessa atração ao conhecimento da palavra ou do nome sagrado vai ainda uma grande distância. Nosso autor sabe dar uma virtude particular à pronúncia desse nome, como se a vibração do ar, provocada pela voz ao pronunciar as quatro grandes letras do santo nome de J. H. V. H., trouxesse consigo um virtude ou uma força sensível que, unindo-se à virtude e à força que não é sensível, produzisse os efeitos que devem realizar nossos desejos! Confesso que isso é para mim um mistério impenetrável e, conforme o revelado por meu amigo de Munique, deve haver ainda uma maneira particular de pronunciar esse nome: é uma nova profundidade na qual minhas idéias se perdem. Segundo a doutrina do nº 13, linhas 6 e 7 ficaríamos tentados a crer que a vontade divina se serve da voz humana como um órgão para conduzir a luz através de fogo.

Se tiverdes permissão de me abrides vosso pensamento sobre esse assunto em termos claros e distintos, eu vos agradecerei; caso contrário, dissei-me, com a mesma simplicidade, que não o podeis.

Adeus, meu caro e respeitável irmão. Espero que a estada no campo e o regime de que me falais fortaleçam vossa saúde. Aguardo sempre as vossas cartas com impaciência e rogo-vos não me esquecerdes em vossas preces. Particpei ao nosso amigo de Munique as coisas agradáveis que me havíeis encarregado de dizer-lhe.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 74

27 de messidor

Em nada me surpreende, meu caro irmão, a procura das obras de nosso amigo conforme ele previu,

¹⁰¹ Evangelho de João, 6:44.

mas duvido de que os frutos delas retirados sejam muitos, visto que, apesar de sua simplicidade, são tão profundos que poucas pessoas prosseguiriam na leitura ou os tomariam num sentido que não lhes degradasse a dignidade. Eu próprio duvido de me houvesse comprazido nelas como o faço se não tivesse sido preparado durante vinte e cinco anos de maravilhas, tanto nas obras como na compreensão. Acabei de ler suas cartas.

Na última, nº 8, lin. 4, há: “*Als schosse man ein Kohr ab*”, que não consigo entender porque meu dicionário não traz a palavra *korh* e não tenho quem ma explique. Ficaria grato se me suprisseis essa falta.

Agora que percorri todas as nossas obras, tomo-as novamente como fundamentos e estou estudando-as. Esses dias li os caps. 13, 14 e 15 dos Três Princípios, ou seja: estudei-os. Meu espanto estende-se a um grau inexprimível quando vejo que há semelhantes prodígios no mundo. O espírito do homem corre atrás da chave das pequenas verdades de sua atmosfera restrita ou do universo físico limitado, e no desenvolvimento e bases oferecidas por nosso amigo encontrar-se-iam as chaves de todos os universos e o princípio de todas as chaves. Quando permitirá a Providência que eu me encontre junto de pessoas a quem possa transmitir esses tesouros! Mas seja feita a sua vontade! Esse estudo em que me empenho irá interferir um pouco em meus projetos de tradução, pois encontro muito mais utilidade para mim nesta tarefa do que na outra. Além disso, meu egoísmo encontra até mesmo desculpas pelas circunstâncias, visto que, mesmo que eu houvesse traduzido toda a obra, seria preciso hoje pelo menos cem mil escudos para imprimi-la e eu não teria esses meios. Limitar-me-ei, pois, provavelmente até nova ordem, a traduzir para mim os assuntos mais importantes, e ainda isso só aconteceria caso eu me visse condenado pelo estado das coisas, a viver, conforme faço, sem ter quem me ajude no que diz respeito a línguas estrangeiras, pois minha visão diminui rapidamente, como creio já vos haver dito não sei mais quando. E se com o tempo ela acabar de todo, como pode acontecer, e eu me achasse rodeado somente de franceses, poderia pelo menos pedir que me lesem alguma coisa de nosso amigo em minha língua, sem o quê tudo estaria perdido para mim. Vede que cálculos sou obrigado a fazer. Agradecei pois à Providência por estardes num país livre, numa posição tranqüila e cercado de homens de desejo. Sinto, através da privação dessa vantagens, o quanto elas são preciosas.

A comparação, que fizestes para descrever-me o vosso amigo na corte, agrada-me muito e explica perfeitamente a vossa idéia. Eu sentiria muito se o acidente que lhe aconteceu tivesse conseqüências ruins. Quando tiverdes notícias suas, avisai-me, por favor, pois ele me interessa mais do posso dizer-vos. Se puderdes conseguir-me sua obra, não tendeis dúvida de quão ansioso ficarei por lê-la. Quanto à minha, estou surpreso de que não vos tenha chegado ainda. Vou escrever a Paris pela terceira vez. A dele, como dizeis, emprega um instrumento estranho a um empreendimento semelhante constituído por vós na juventude: *os números*. E credes que o *Quadro Natural* o colocou no caminho. Era o que eu pensava outrora e o que penso hoje, mais do que nunca, sobre os números. Eles me forneceram e me fornecem, de vez em quando, algum tipo de compreensão, mas jamais deixei de crer que exprimissem apenas superficialidade e que geralmente não davam a própria substância do assunto. Senti esse vazio nos primeiros passos em minha primeira escola. O amigo Böhme veio justificar esse pressentimento ao dar-me concretamente a própria substância de todas as operações divinas, espirituais, materiais e temporais de todos os testamento do espírito de Deus; de todas as Igrejas espirituais antigas e modernas; da história do homem, em todos os seus graus primitivos, atuais e futuros; do poderosos inimigo que, através do astral, tornou-se rei do mundo, etc. E, sob esse ponto de vista, digo que ele me deu mais do que os números me teriam dado, embora os dois ramos se liguem perfeitamente um ao outro e sejam como que inseparáveis. Ontem reparei com grande prazer, diga-se de passagem, que, ao que me parece, ele apoiava o ponto de doutrina admitido em minha primeira escola sobre a possibilidade de resipiscência do demônio quando da formação do mundo e da emanação do primeiro homem¹⁰². É no cap. 15 dos *Três*

¹⁰² Resipiscência: Arrependimento de um pecado com o propósito de correção. Ou seja: a possibilidade de que o demônio reconhecesse a falta cometida quando da formação do mundo e da emanação do primeiro homem (e dela se

Princípios, nº 7, lin. II: “*In Hofnung sie würden*¹⁰³, etc.” Acrescentai-lhe o nº 12 do mesmo capítulo, em que o homem é posto no lugar desse demônio, lugar para o qual ele só devia ser o portador do mesmo espírito do fiat que o estabeleceu nesse lugar e vereis como essas duas doutrinas estão relacionadas. Não estenderei as outras reflexões que esse estudo fez surgir em mim, o papel não bastaria. Conheço apenas de nome o cidadão Magneval. Nem mesmo tenho qualquer noção de sua posição na carreira que seguiu.

Quanto ao poder da palavra nos órgãos impuros, é um fato que não podemos negar, mesmo que só tivéssemos o exemplo do profeta Balaão, pois não levo em conta a pretensa transmissão da Igreja de Roma que, na minha opinião, nada transmite como Igreja, embora alguns de seus membros possam transmitir às vezes, seja por virtude pessoal, seja pela fé das ovelhas, seja por uma outra vontade particular do bem. Mas esse poder não torna mais respeitável o instrumento que lhe serve de órgão. Nas mãos dele, é um poder casual e que mais se torna nos outros quando ele o quer transmitir às mãos deles. Assim, não deixa de ser uma necessidade absoluta o recorrer-se unicamente à verdadeira fonte quando se tem conhecimento dela, e isso me leva a vossa pergunta sobre a pronúncia do grande nome. Meu hábito é não ficar pensando muito nesse assunto porque, com a certeza de que essa fonte deve tirar de si mesma todo seu valor, não podemos tocar suas águas com nossas frias e humanas especulações sem turvar-lhe a limpidez. Não creio que seja isso o que fazeis no momento e vou, como irmão, dizer-vos simplesmente todo o que me vem à mente a respeito disso. Vejo que a palavra foi sempre transmitida diretamente e sem intermédio desde o início das coisas. Ela falou diretamente a Adão, a seus filhos e sucessores, a Noé, a Abraão, a Moisés, aos profetas, etc., até o tempo de Jesus Cristo. Falou pelo grande nome e queria tanto ela mesma transmiti-lo diretamente que, segundo a lei levítica, o sumo sacerdote encerrava-se sozinho no Santo dos Santos para pronunciá-lo. E que até mesmo, segundo algumas traduções, na orla de sua roupa havia campainhas para encobrir a pronúncia aos ouvidos daqueles que permaneciam nos outros recintos. Creio que a transmissão feita nas ordenações sacerdotais, quando o sumo sacerdote as pronunciava sobre os candidatos, era mais para que despertasse neles essa fonte adormecida em todos os homens pelo pecado do que para ensinar-lhes a pronúncia material. Esse método vivificador estava protegido de qualquer erro e profanação, e foi à medida que os sumos sacerdotes se desviaram dele deles que o método mecânico tomou-lhe o lugar. Assim, creio firmemente que nesse primeiro método de ordenações o grande nome podia ser pronunciado em voz baixa sobre os candidatos e que foi somente nas ordenações posteriores que se decidiu transmitir a pronúncia em voz alta. Quanto a isso, lembrai-vos das abóbadas de aço e do bater de pés em certas cerimônias maçônicas. Quando o Cristo veio, tornou a pronúncia dessa palavra ainda mais central ou mais interior, já que o grande nome expresso pelas quatro letras, era a explosão quaternária ou o sinal crucial de toda vida; ao passo que Jesus Cristo, trazendo do alto o SHIN (𐤑) dos hebreus, ou a letra S, uniu próprio o santo ternário ao grande nome quaternário, do qual o três é o princípio. Ora, se o quaternário devia encontrar em nós sua própria fonte nas ordenações antigas, com muito mais razão o nome do Cristo deve também esperar dele exclusivamente toda sua eficácia e toda sua luz. Assim, disse-nos ele para nos fecharmos em nosso quarto quando quiséssemos orar¹⁰⁴, enquanto na lei antiga era absolutamente necessário adorar no tempo de Jerusalém. E aqui eu vos remeteria aos pequenos tratados de nosso amigo sobre a penitência, a santa prece, o verdadeiro abandono, intitulados: *O Caminho para Cristo*. Nele vereis, a cada passo, se todos os modos humanos não desapareceram e se é possível que alguma coisa nos seja transmitida verdadeiramente, se o espírito não é criado em nós como é criado eternamente no princípio da natureza universal, onde se encontra em permanência a imagem na qual temos nossa origem, e que serviu de moldura a *Encarnação*. Há certamente uma grande virtude ligada à pronúncia verdadeira, tanto central como oral, do grande nome e do de Jesus Cristo, que é sua flor. A vibração do nosso ar elementar é uma coisa bem secundária na operação pela qual esses nomes tornam sensível àquilo que não o era. Sua virtude

arrependerse).

¹⁰³ “*In hope that they would*”

¹⁰⁴ “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e fechada a porta, orará a teu Pai que está em segredo, e teu Pai que te vê em segredo te recompensará”. Mateus, 6:6 (Sermão da Montanha.)

consiste em fazer hoje, e a todo momento, aquilo que eles fizeram no começo de todas as coisas para dar-lhes origem; e, como criaram todas as coisas antes que o ar existisse, na certa estão ainda acima do ar quando desempenham as mesmas funções, não sendo mais impossível que essa divina palavra seja audível até mesmo para um surdo e no lugar mais privado de ar, que não é difícil à luz espiritual tornar-se sensível aos nossos olhos, mesmo físicos, ainda que estivéssemos cegos e encerrados no mais tenebroso calabouço. Quando os homens fazem as palavras saírem de seu lugar verdadeiro e as entregam por ignorância, imprudência, ou impiedade, às regiões exteriores ou à disposição dos homens da torrente do mundo, elas certamente continuam conservando sua virtude, mas também lhes retiram muito porque não se acomodam às combinações humanas. Assim, esses tesouros tão respeitáveis não sofreram outras perdas ao passarem pelas mãos dos homens, sem contar que não deixaram de ser substituídos por ingredientes nulos ou perigosos que, produzindo também seus efeitos, acabaram por encher de ídolos o mundo inteiro, porque ele é o templo vivo de Deus, que é o centro da palavra.

Eis, caro irmão, um resumo do que me provocastes com vossa pergunta. Sinto-me tão inclinado ao culto interior da palavra que se um homem viesse oferecer-me agora a verdadeira pronúncia dos dois grandes nomes que são a base dos dois Testamentos, creio que a recusaria, tão certo estou de que ela não me pode ser realmente apropriada, a não ser que nascesse em mim naturalmente, saindo de seu próprio caule ou de sua própria raiz, que é a de minha alma. Isso não me impediria de encontrar-me na melhor companhia do mundo, junto de um homem que teria chegado por sua própria conta a esse alto grau de graça, nem de aproveitar, com alegria indescritível, da ditosa influência que semelhante atmosfera deve espalhar em torno de si. Assim, sabe Deus o quanto eu pagaria pela ventura de estar junto ao vosso amigo de Munique. Mas limitar-me-ei a unir-me humildemente ao seu espírito e a nutrir-me com muito cuidado da unção que deve exalar de toda a sua pessoa, e me empenharia exclusivamente em não colocar obstáculo algum para que os salutares adubos fermentassem de maneira útil na minha terra, deixando-a em condições de produzir seus frutos por sua vez e tornar-se, como a sua, uma terra viva, coisa que jamais conseguiríamos, repitório, a não ser pela comunicação direta e sem o intermédio do homem. Vejo bem como os apóstolos transmitiram o espírito através de suas ordenações, e até mesmo de suas simples pregações, como São Pedro, mas não vejo, pela história da época deles, que qualquer de seus candidatos haja levado bem longe a maravilha dessa transmissão. O mesmo não posso dizer da transmissão direta feita por Jesus Cristo aos seus apóstolos, principalmente a que foi feita diretamente a São Paulo no caminho de Damasco, embora em seguida ele se tenha sujeitado à operação de um homem, que, como órgão do espírito, deveria purgá-lo das substâncias estranhas para que ficasse em condições de cumprir a eleição que acabava de ser nele semeada.

Todos esses testemunhos me confirmam cada vez mais em minha opinião. Submeto-a a vós, mas não vos escondo que creia ter feito alguma coisa para vossa saúde, e, como conseqüência, por vossa felicidade, se chegasse a fazer com que a adotásseis. Acrescentaria ainda um pequeno testemunho em favor desse princípio.

Tomai o livro do *Êxodo*, cp. 3:14, 15,¹⁰⁵ etc., e vereis como o grande nome é transmitido diretamente a Moisés, e em seguida por ele a todo o povo, e até mesmo ao rei dos egípcios, a saber: a Moisés, como poder; aos israelitas, como instrução; e ao Faraó, como julgamento. Vede em seguida ainda em *Êxodo*, 6:3¹⁰⁶, etc., como Deus se comunicou com Abraão, cumulou-o de promessas e fez uma aliança com ele sem que, no entanto, lhe transmitisse seu grande nome, embora fosse somente por esse grande nome que essa eleição foi feita em segredo. Comparai-o com

¹⁰⁵ “Disse Deus a Moisés: EU SOU o que SOU. Disse mais: assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração”.

¹⁰⁶ “Aparecia a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, O SENHOR, não lhes fui conhecido”. 196 O correto é Mateus 3: 17: “E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu filho amado, em quem me comprazo”.

a solidão do sumo sacerdote no Santo dos Santos, quando foi estabelecida a lei levítica. Comparai-o com São Mateus, 13:17196, onde se faz ouvir do alto a voz sobre o salvador em seu batismo, e onde o oficiante apenas fez, com sua cerimônia, abrir a base de atração envolvida no homem-Deus, e vereis com que variedade, mas, ao mesmo tempo, com que sabedoria esse grande nome se modula a si mesmo em suas diversas operações e, por conseqüência, como seríamos imprudentes se não nos entregássemos cegamente à sua administração. A maior perda que experimentamos por causa dessa falsa conduta é que não existe uma fórmula que não seja em detrimento da lei e que, ao contrário, a fé exigiria o lugar de todas as fórmulas. Assim também essa espécie de fé é o último termo da lei sendo, em conseqüência, a única coisa que nosso divino mestre dedicou-se a pregar e a inculcar no coração do homem, porque sabia bem que, ao lhe inculcar essa virtude, inculcava-lhe todas as outras.

Detenho-me, caro irmão, porque prometi não me deixar levar pela pena e sinto que, neste momento, ela me arrastaria para mais longe do que mo permitiria minha idade espiritual. Encerrarei com alguns fatos pessoais relativos a alguém que me é próximo e que, tenho quase certeza, serão para vós como que o café do pequeno banquete que vos envio, pois ainda estais um tanto apegado ao sensível e disso não vos acuso, contanto que essa afeição se mantenha nos limites. Sabei pois que alguém que me é próximo conhece a Coroa, de maneira sensível, há dezoito anos, e não apenas ainda não a possui, mas também só a compreende há poucos anos, isto é, em suas verdadeiras relações substanciais, embora a compreenda por suas relações numéricas desde que a conheceu. Sabei, além disso, que há quase vinte e cinco anos ele conhece a voz da cólera e a voz do amor e que somente há poucos meses ele as distingue pelo som, ou pela impressão, ou pelo lado; mas ainda está longe de ter atualmente a clareza que espera obter dela cada dia mais.

Essa pequena narrativa, unida a tudo o que a precede, pode ajudar-vos a formar uma idéia sólida e sábia das gradações e da única mão respeitável que deve dirigi-las: *vigiai e orai*. Eis tudo o que devemos fornecer ao contrato; o contratante se encarrega do resto. Há muito tempo também que me falastes das senhoras de Zurique. Sabeis como tenho interesse nisso e creio, em sã consciência, poder pedir-vos uma longa carta em troca do in-fólio que vos envio hoje.

Assim, não receeis multiplicar os assuntos nem estendê-los. Tudo o que me vem de vós e tudo o que me vem sobre esses objetos é sempre muito precioso para mim. Adeus, meu caro irmão. Recomendo-me às vossas preces. Nada vos digo do B de K., a não ser que, exceto por seu histórico, que eu não podia conhecer, tinha de sua moral quase a mesma idéia que me destes. Quando o vir, levarei em conta o vosso conselho e nada terei a dizer-lhe de agora até meu regresso a Paris, pois não mantenho correspondência com ele. Além do mais, o regresso nem está marcado. E mesmo está tudo tão indefinido aqui e meu gozo pecuniário tão atrasado pelo estado das coisas, que nós, franceses, quase que só podemos viver um dia de cada vez. Se eu calculasse apenas humanamente, poderia também enxergar tudo sombrio em nossos negócios públicos neste momento, mas tenho sempre *in petto* minha confiança de que a revolução é conduzida pela Providência e que assim ela não pode deixar de chegar ao fim. Não obstante, isso não é cômodo para aqueles que se encontram no caminho dela.

SAINT-MARTIN

CARTA 75

Morat, 29 de Julho de 1795

Agradeço-vos muitíssimo, caro e respeitável irmão, pela excelente carta de 29 de messidor. Os cuidados que tomastes para me escreverdes de maneira tão detalhada foram a causa de toda a minha gratidão.

Nada é mais verdadeiro do que o que dizeis sobre a profundidade dos escritos de nosso amigo B.; mas, felizmente, eles têm em comum com nossos livros sagrados o fato de que os mais simples, contanto que lhes dêem a atenção necessária, encontram neles passagens que podem servir para nutri-los e fortalecê-los. Mas, para penetrar completamente nesses escritos, é preciso um auxílio extraordinário, muito tempo e uma grande pureza de espírito. Gichtel, embora muito esclarecido, trabalhou muitos anos antes de chegar ao fundo. Falta muito para que eu atinja esse grau. Devo, não obstante, render graças à Providência porque várias partes que me pareciam enigmas indecifráveis, há um ano ou dois, parecem-me hoje não somente claras, mas também luminosas e próprias a lançar luz sobre aquilo que as rodeia.

Quanto ao nº 8 da última carta, que vos causa tropeços, e que não passa de um acessório, estou em muito boas condições de resolver vossa dificuldade, porque possuo um desenho da cidade de Görlitz, onde está indicada a casa do nosso amigo. Uma das extremidades da cidade termina num rio, o Neiss; a margem oposta desse rio é margeada por um subúrbio que se liga à cidade por uma ponte e é nesse subúrbio que, junto à ponte, morava o nosso amigo. Viu ele, segundo o nº 8 de sua carta, que um dos pilares e uma parte da ponte tinham sido levados pela água com a rapidez de um raio. Compara ele essa derrubada pelas efeito de um tiro de fuzil. Em vez de *Kohr* deve-se ler *Rohr*, e *Rohr* significa às vezes *caniço* e às vezes *cano de fuzil*. É neste último sentido que se deve tomar esta palavra. Ninguém deseja mais que eu o fim feliz do grande drama que se desenrola em vosso país e, assim como vós, estou certo de que terminará da melhor maneira, vendo as coisas de modo geral: o estado da França, segundo minha pobre visão, é atualmente tão penoso para seus habitantes que me parece impossível que dure por mais tempo. E vi com satisfação bem viva, que o espírito de vosso governo atual deu grandes passos para melhorar: os socorros num mar tão tempestuoso são também inevitáveis, mas a Providência saberá tomar conta dos seus. Enquanto esperamos a paz, cuja necessidade se faz sentir em todas as pessoas sensatas em vossa terra (e vossos comitês que estão na direção dos negócios não sentem falta delas), peço-vos que não deixeis de comunicar-me por escrito, como acabais de fazer, vossas observações sobre os nossos objetos de estudo.

Há uns vinte anos que percebi, como vós, que meus olhos estão enfraquecendo. De acordo com o exemplo e o conselho de nosso grande médico Haller, bebo somente água e não tenho mais trabalhado à luz de velas, e quando forçado, por minha vocação, a ler ou escrever à noite, sirvo-me de uma vela com um quebra-luz: lavo a cabeça, no inverno e no verão, com água fria e não como carne salgada. Com essas precauções tão simples, das quais a mais essencial é certamente a de não beber vinho nem trabalhar à noite, meus olhos voltaram ao que eram.

Quanto à jovem de Zurique, não recebo mais notícias diretas dela. É sua amiga, M^{lle} S..., nascida e residente em Basileia, que às vezes me traz algumas. M^{lle} L... (Lavater) casou-se; tenho a impressão de ela foi formada em bons princípios. M^{lle} S..., há pouco tempo, para minha grande satisfação, também entrou experimentalmente no bom caminho. Além disso, ela enviou-me um notícia que me deu grande prazer e que serve para confirmar o que já conjecturamos *a priori* sobre a escola do Norte. Eis o que me escreveu: “Uma senhora de Cop... (a condessa de Rowenslow), discípula da escola do Norte, como L...(Lavater), havia dito a ele que, desgostosa com as contradições encontradas nessa escola, deixara tudo; que ela que se considerava bem feliz por haver buscado e encontrado um caminho mais simples. Espero que essa opinião tenha aberto um pouco os olhos de L. Também serviu para confirmar nossas duas jovens no bom caminho”.

Voltemos agora ao nosso amigo de M. (Munique), que tão justamente vos interessa. Tive notícias suas posteriormente. Sua saúde vai um pouco melhor, embora ele me ainda escreva cartas sempre curtas demais para mim. Ele considera e emprega os números como degraus para subir mais alto. Pareceu-me que em suas mãos eles são um instrumento intermediário para comunicar-se com as *virtudes*. Ele os indica em seu livro para resolver problemas de todo tipo. Creio até que, através deles, recebe respostas articuladas que traduz em nossa língua popular. Ao que me parece, não é que, de tempos em tempos ele não goze de alguns favores mais imediatos e que não veja

diretamente, sem intermediário, no mundo aéreo, o que corresponde ao segundo princípio de nosso amigo B. Em uma de suas cartas ele chama a isso de “véu erguido”. Então as idéias e a língua não se assemelham mais às nossas idéias e à nossa língua popular. Passar-vos-ei seu livro com prazer, porém antes cevo advertir-vos de que são dois grossos volumes in-oitavo, escritos deliberadamente no estilo e nas expressões da filosofia alemã mais moderna, ou seja: com a nomenclatura de *Kant*, que não se encontra em nenhum dicionário e que custa aos próprios alemães pelo menos um ano de trabalho para poder compreendê-la. Essa terminologia é posterior a todos os nossos dicionários e meu projeto era, na minha obra da qual vos falei, fazer com o livro fosse precedido de um volume de definições e explicações da língua empregada hoje pelos pensadores na Alemanha. Estais vendo que a leitura da obra do nosso amigo de M... vos tomaria um tempo imenso e bem precioso e que, ao final dessa penosa carreira, somente aprenderéis o que já sabeis. Se, na obstante, desejais receber a obra do nosso amigo de M..., eu vo-la enviarei pela via costumeira. Eu próprio não prevejo que possa comprar seu livro este ano.

Em vossa última carta, dissestes-me, com relação ao assunto de 3-4/7, que esses algarismos estão muito de acordo com os números que aprendestes em vossa primeira escola. Talvez cada desses números 3, 4, 7, represente uma idéia, mas sabeis que um mesmo número tem vários significados diferentes e, para ter ao menos uma noção daquilo que o meu amigo de M...(Munique) quer dizer, eu vos pediria que me informásseis qual é o sentido que ele atribui aqui a cada número em particular, e qual é a vantagem do modo pelo qual ele os combina. No mais, sem querer depreciar os números de maneira alguma, porque não me cabe julgar uma coisa que não conheço, ainda assim espero chegar ao fim de minha carreira sem eles. A principal vantagem que meu amigo de M... parece tirar deles é que, depois de haver atribuído certas idéias a cada número, faz somas com mesmos números, como um cálculo aritmético, e o resultado de sua soma é ainda simplificado por uma redução, isto é: quando consegue, por exemplo, 2.7.2 somando, reduz esse número, com uma nova soma, a 11 e o 11 a 2, o qual lhe indica reposta que procura, ou seja: a idéia primitiva por ele atribuída ao número 2.

Vamos agora à parte de vossa excelente carta que trata da pronúncia do grande nome. “Nada pode ser transmitido verdadeiramente por qualquer meio humano se o Espírito, a Palavra (Logos) e o Pai não nascerem em nós”. Eis uma verdade fundamental que tem toda a minha aprovação. É a base da doutrina de nosso amigo B. A única surpresa, a única admiração em que meu espírito se perdia, como vos disse na última carta, versava unicamente sobre a importância que nosso próprio amigo B. parecia atribuir à pronúncia material do grande nome, pois, como que vos escrevi a 1— de Julho, nessa pronúncia o sensível unia-se ao insensível para agir em concordância, encontra-se indicado e expresso claramente na terceira questão teosófica de nosso amigo B., e cada palavra pronunciada torna-se substancial e age como substância, deixando de ser somente a expressão de nosso pensamento. Vede seu *Mysterium. Magnum*, cap. 22. Esta é a única doutrina que pode explicar o poder da pronúncia do Grande Nome: *Quando o pensamento, que no-la ditou, sai do princípio segundo*. Em compensação, os pensamentos que se tornaram substanciais pela pronúncia saindo dos dois outros princípios, têm, cada um, efeitos marcantes que denotam sua origem.

Nosso amigo B. indica também, nos nºs 32, 24 e 25 da quinta pergunta teosófica, o poder enorme das palavras pronunciadas por nossa boca, comparadas com a epístola de São Paulo ao Romanos, 10:8. Acrescentai a isso uma vontade bem disciplinada, para a qual tudo é possível, se empregarmos a natureza em sua ordem para produzir uma obra (*Myst. Mag.*, cap. 9). Reunindo esses dados, não restam mais dificuldades para explicar o mistério. Ei-lo, segundo a doutrina de nosso amigo B.: “Se o fogo sagrado do amor divino se unir ao fogo do movimento natural do homem, manifestado pela ação da voz e da palavra na qual sua vontade se encaminha e se torna como que substancial, será então que ele atingirá a pronúncia verdadeira”. V. *Perg. Teos.*, 3:31.32, como suplemento de minha opinião. Lede novamente, por favor, a p. 260, lin. 14 e seguintes, da chave particular que se encontra em seguida à grande chave de nosso amigo B. A sexta forma indica a pronúncia e a sétima produz a obra, que é uma seqüência dela. Embora o meu amigo de M(unique). Jamais haja dito que

leu os escritos de nosso autor predileto, estou certo de que essa é também a sua doutrina, e não foi para o ensino dos atos puramente materiais que marcamos encontro na fronteira. Para meu grande pesar, faltei a ele, mas nosso amigo B. acaba de remediar essa falta com as passagens que vos indico e que só encontrei no momento em que vos escrevo esta carta. Espero que meus princípios, com fundamento nessas bases, se aproximem de vossa opinião, a qual tivestes a bondade de me transmitir, e me felicitarei por isso. Uma palavra ainda sobre a adesão ao sensível, por ocasião do qual tivestes a bondade de citar-me um fato pelo qual vos agradeço. Como sabeis, eu nada conhecia das relações numéricas, e a língua francesa, como o pequeno número de outras que conheço, tem uma dificuldade em comum: a de confundir às vezes o gênero com a espécie. Só podemos evitar isso determinando a espécie da qual queremos falar. Há uma espécie de sensível para a qual não tenho inclinação alguma, ao passo que existe uma outra que considero como a fonte de água viva. Por exemplo: o sensível material só tem para mim alguma atração quando me serve de meio; desde que seja considerado como alvo, creio que seja nocivo. As pessoas, por exemplo, que só comem para saborear o prazer da boa comida jamais seriam companhia agradável para mim; só me sirvo do ananás para minhas comparações, mas jamais em minha mesa; não bebo outro café além daquele que meus amigos me enviam em suas cartas, pois o do Levante me queimava o sangue: deixei-o há mais de trinta anos. Os deleites materiais que me fazem as vezes de descanso são os prazeres da visão e algumas vezes da audição. Os locais variados de nosso país e o espetáculo da natureza vegetativa, que oferece tantas maravilhas, fornecem-me os primeiros, e os ensaios, embora muito imperfeitos de minha filha, que toca cravo, fornecem-me os outros.

Mas, há o sensível espiritual, cuja busca presentemente ocupa e atrai tanta gente. Deveria eu confessá-lo? Não há mais encantos para mim do que o primeiro e, para falar francamente, muito menos ainda. Mas expliquemo-nos. Entendo, por essa espécie de sensível, o espiritual que oferece tantos atrativos estimulantes para o nosso século, o *maravilhoso subalterno*, ou seja: a manifestação exterior e física das potências produzidas pelos meios ou sem meio. Conheci adeptos em ambos os gêneros. Teria dependido apenas de mim entrar nessa carreira, vários anos antes que a Providência me fizesse travar conhecimento convosco e com nosso amigo B., mas o possuidor deste arcano, que se oferecia para introduzir-me nesse domínio, e que era não apenas meu compatriota mas também membro de nosso governo, tinha uma conduta tão leviana e costumes tão inconseqüentes que evitei até mesmo as conversas que me levavam a esse assunto. Além de que a coisa em si parecia-me sair de uma fonte bem equivocada, percebeis bem que a leitura dos escritos de nosso amigo fortaleceu-me mais ainda no meu distanciamento desse gênero. Mas há um terceiro sensível, que eu chamaria de sensível central, que é o encanto de minha vida e que muitas vezes me traz prazeres deliciosos. Ele está no meio dos três princípios: não é Sophia, mas se a alma permanecer fiel, essa tintura torna-se a morada de Sophia: talvez essa potência seja a mesma que chamais de COROA... Mas chega de balbuciar sobre esses mistérios. Termino e rogo que continueis sempre a rezar por mim e a ter-me amizade fraterna.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 76

2 de frutidor, ano III

Sinto como vós, meu caro irmão, como é preciso estudar e perseverar para compreender nosso amigo B. Porém ele próprio nos adverte bastante sobre o alvo para o qual devemos tender para dispensarmos os livros. Entretanto, se estivéssemos nesse alto grau, eu seria ainda a favor da receita do general Gichtel, de que a prece é o alimento da alma e que a leitura é sua bebida, e seguramente a melhor bebida que poderíamos tomar é o tesouro que nosso amigo B. trouxe ao mundo. Agradeço por vossos esclarecimentos sobre a última carta dele. Mal acabei de despachar a minha, dei-me conta de meu erro quanto à palavra *Rohr*, que havia lido errado. Isso vos mostra que sou o aluno mais estouvado que há. Agradeço-vos também pelos detalhes sobre a escola do Norte e sobre as

produções de vosso amigo. De acordo com o que me dizeis do tamanho de sua última obra e de seu conteúdo, creio ser inútil para mim encetar sua leitura. Quanto aos seus números, que ele considera com razão como uma escala, creio que, se ele os manipular apenas por adição, priva-os de sua maior virtude, que se encontra na multiplicação. Não posso estender-me sobre esses procedimentos, desconhecidos para mim. Os meus, dos quais só me ocupo quando necessário, ensinam-me que cada número exprime uma lei, divina ou espiritual, boa ou má, ou elementar, etc., como podeis ver no livro das dez folhas (alegoria impressa em minhas obras) que o que distingue os mesmos números nas diferentes classes são as raízes das quais derivam; que as raízes só são conhecidas pela multiplicação, porque nelas desempenham o papel de fator, enquanto a soma, dando somente um resultado, deixa-nos na incerteza sobre a classe à qual ele deve pertencer. Por exemplo: na ordem divina, o 3 e o ternário santo, o 4 é o ato de sua explosão, e o 7 o universal produzido e a infinita imensidade das maravilhas dessa explosão. Nessa classe, os números recusam-se a qualquer operação pela mão do homem; e, se eu chegasse a qualquer um deles pelo resultado de minhas manipulações, com isso não descreveria esses números divinos porque suas raízes nascem de seu próprio centro e devem expandir-se em vez de se ajuntarem através de somas. Na ordem espiritual, particularmente na ordem do homem, esses números já se afastam da esfera divina. Assim podemos manipulá-los e eles nos mostrarão sempre a representação das mesmas maravilhas; mas simplesmente como imagens e como os *Akarim* dos hebreus, isto é, vindo depois. Falo aqui somente dos direitos do homem, pois, sendo a sua essência a obra contínua da Divindade, também não ousaria calculá-la, o que me fez dizer que tínhamos com Deus alguma afinidade no número. Mas, quanto aos nossos direitos, o número 3 pertence-nos apenas pelo número 12 reunido ou somado; o número 4 só nos é conhecido através de sua própria explosão, ou multiplicação, que dá 16; e o número 7, que é a reunião ou a soma desse 16, mostra-nos nossa supremacia temporal e espiritual, ou a imensidade do nosso destino de homem, sem que com isso mereçamos a acusação de nos igualarmos a Deus, uma vez que, em que pese nossa soberba semelhança com ele, no entanto diferimos dele consideravelmente, diferença que não poderíamos simular se nos descrevêssemos simplesmente como ele, através de números que consideraríamos primitivos, mas que não passam de resultados. Esta pequena amostra pode dar-vos uma idéia da vasta carreira dos números, uma vez que suas propriedades, virtudes e diferenças estendem-se e multiplicam-se tanto quanto as classes onde eles podem ser aplicados. Mas tendes razão em dizer que podeis chegar ditosamente ao termo de vossa carreira sem esses conhecimentos: apenas esforço-me para mostrar-vos que, como diz o provérbio, *Nem tudo o que reluz é ouro*.

Reli todas as passagens que me citais com respeito à da pronúncia. Não há nenhuma que eu não aprove de todo o coração, assim como não há nenhuma que destrua o que vos informei sobre este assunto. Ao contrário, encontro nelas uma que a meu favor, a do *Myst. Mag.*, cap. 2, nº 9, onde se diz que o *fiat* está sempre em criação. Se isso é verdadeiro para o *fiat* temporal, sê-lo-á com muito mais razão para o *fiat* espiritual; e quanto mais sua atividade está em permanência, tanto mais me sinto levado a esperar diretamente dela a minha atividade pessoal. Embora o que me fosse transmitido por um homem pudesse ser substancial, uma vez que o princípio dos nomes deve ter um privilégio que pertença na verdade a tudo o que sai de nós, no entanto, eu não creia que devesse esperar tantos frutos quanto se esse nome rompesse por si mesmo o selo que ainda o encerra, 5ª perg., nº 25. Enfim, Natureza! Natureza! eis o que amo em todos os gêneros e não cesso de recomendar a todos. Além disso, não sei se cometeríamos um erro para com esse grande nome reduzindo-o a uma pronúncia uniforme. Talvez ele varie segundo os dons que deve desenvolver em nós, uma razão a mais para apoiar minha idéia. Mas isso não passa de simples conjectura sobre que qual nada tenho de resolvido. Tudo o que o homem tem a fazer é nutrir em si e reanimar nos outros a Cobiça Negra, que é todo o segredo da magia. *Myst. Mag.*, cap. II, nº 9 e essa chave abrir-lhe-á todas as portas. Pela bela passagem que me enviastes: *Se o fogo sagrado do amor divino*, etc., podeis ver como B., vós e eu temos sobre isso a mesma idéia.

Quanto aos diversos tipos de sensível, admito de bom grado as vossas descrições. O sensível, do fato que vos citei, é de dois gêneros que caminham sempre de conformidade. O sensível interior, ou

amor, e além disso, o sensível visível, mas ainda interior, não pertence ao terceiro princípio. O que impede que uma pessoa descreia do sensível visível, embora não elementar misto, é: 1º, que ele veio naturalmente e sem busca humana; 2º, que se tornou o regulador e como que o termômetro do primeiro sensível interior, a tal ponto que a retidão ou inclinação visível de um está sempre perfeitamente de acordo com o bom ou o mau estado do outro. Considero o segundo como o produto da ramificação do primeiro e, se o homem lhe houvesse posto a mão, eu não lhe teria tanta confiança. O mesmo acontece com a voz do amor e da cólera: ela também veio naturalmente; também é regulador exato para o espírito e para a inteligência, como o outro o é para o coração. Ela é também sensível sem ser o fruto dos elementos e muitas vezes serve para confirmar exteriormente a opinião, ou antes, o tato da pessoa sobre os pensamentos que lhe vêm e sobre as palavras que emite. É tão breve e simples que não a fatiga muito. O lado, a espécie de som dessa voz e a maneira de ser dessa pessoa são três pontos que se correspondem sempre. Nada mais direi sobre essa voz, mas talvez vos dê algum prazer dizendo-vos que a figura da COROA em questão encontra-se, exceto os ornamentos, na página 184 do *Myst. Mag.*, com o triângulo como fundo. Imaginai a alegria da pessoa que, depois de dezoito anos de gozo, encontra-o assim em nosso amigo B. com desenvolvimentos tão interessantes. Assim, se Deus continuar a lançar sobre essa pessoa um olhar de misericórdia, ela deve esperar ter um dia grandes consolações. Amém.

Agradeço-vos de todo o coração, meu mui caro irmão, pela boa receita de vosso grande doutor Haller para os olhos. Exceto quanto à água na cabeça, que não adoto, obedeço a quase todas as recomendações que me transmitis. Nos últimos trinta anos não trabalhei mesmo dez vezes à luz de velas, quase nunca como carne salgada, ou pelo menos em quantidade tão pequena que nem vale a pena falar, mui raramente tomo café, e mesmo assim, afogando-o numa tigela de leite, de que gosto muito. Quanto ao vinho, faz-me mal, mesmo que o beba como os que bebem pouco, mas a água pura também não me cai bem e, desde que me entendo por gente, minha bebida é exatamente água com uma gota de vinho. Se devo atribuir o enfraquecimento de minha visão a algumas violações do regime acima, posso também imputar uma parte à *debilidade* de meu físico, que, embora tenha boa aparência, está, no entanto, abaixo do de uma criança quanto à força e, por essa razão, não consegue suportar, tanto quanto as outras pessoas, o esforço corrosivo do tempo. Não posso deixar de considerar como mais um fator a minha última estada em Paris, e desde meu retorno, levando uma vida menos restrita e tendo uma alimentação melhor, percebo que meus olhos, assim como toda a minha pessoa, retiram disso algum proveito tanto quanto possível.

Felicito-vos por terdes sob vosso teto uma imagem de vós mesmo que recreia vossos ouvidos com sua harmonia. Se a sorte permitir que um dia nos encontremos, talvez eu tenha a audácia de me oferecer para acompanhá-la com meu violino, pois ocupei-me com isso na juventude e, embora o que me resta seja pouco, entretanto ainda arranho um pouco de vez em quando e não nenhuma ocasião me animaria mais do que a de contribuir em vossa recreação. Avisam-me de Paris que a encomenda partiu para Basiléia há muito tempo e que, por receio de que se haja perdido, vão expedir uma segunda. Creio que seria bom se prevenísseis o coronel Oser para que desse fizesse pesquisas e tomasse providências junto às pessoas enviadas pelo embaixador da Suécia a Nápoles.

Adeus, meu caro irmão. Recomendo-me sempre às vossas preces.

Refletistes sobre o oitavo planeta, descoberto por Herschell¹⁰⁷. Ficaria bem satisfeito se me désseis vossa opinião sobre a maneira de conciliar essa descoberta com o sistema quinário dos planetas seguido por todos os sábios e também por nosso amigo B.

SAINT-MARTIN

CARTA 77

¹⁰⁷ Astrônomo alemão, descobridor de Netuno em 1781.

M..., 9 de Setembro de 1795

Vossa carta detalhada de 2 de frutidor causou-me uma satisfação muito real. Uno-me também a vós, meu caro irmão, e ao general Gichtel, que considerava a leitura como a bebida da alma. A leitura dos livros ditados pelo bom espírito é um bom meio empregado pela Providência para o nosso progresso: aproveitemos esse favor. Nosso amigo encontrou-se numa posição diferente, embora o sol não brilhasse nem sempre para ele, pois em certos momentos ele tinha dificuldade em compreender suas próprias obras. Vede Ep. 12, 11. Agradeço-vos também pelos detalhes sobre os números que tomaste o trabalho de me enviar. Vós me confirmais em minhas idéias: o general G. jamais soube uma palavra sobre os número; e nosso amigo B. adquiriu seus conhecimentos antes de haver ouvido falar dos números. Ep. 12, nº 6, lin. II.

Quanto ao meu amigo de M..., eu poderia um dia escrever-vos algumas linhas sobre suas idéias principais, porém confesso-vos de bom grado que não sinto nenhuma inclinação para o estudo dos números. Suponhamos, por um momento, de acordo com seu modo de considerar as coisas, que o conhecimento dos signos primitivos, havendo-o conduzido a formas, a meios, um desses meios (*medium*) lhe tenha fornecido uma manifestação. Mas o inimigo não tem também um *medium*? Esse *medium* não é o espírito do mundo? E não se junta este último de mui boa vontade ao *medium* do operador, etc., etc., etc.? São essas as minhas conjecturas. Informai-me se estiver enganado.

Além de essas vias ainda darem de ordinário o que não lhes é pedido, o com o qual não se sabe o que fazer, sei que há também pessoas que trabalham de maneira totalmente elementar, deixando cair uma raio de sol em dez vidros de cristal dispostos de maneira misteriosa: então conseguem, com a refração desse raio, de acordo com o que elas pretendem, a manifestação das verdades e das virtudes imutáveis. Já ouvistes falar desse caminho. Há quinze anos uma experiência assim teria provocado toda a minha curiosidade. No momento, não sei o que me aconteceu, provoca toda a minha indiferença.

Todas as coisas parecem estar distanciadas do verdadeiro caminho: longe de querer operar fora, é até necessário que renunciemos a operar dentro, ou seja: devemos dizer a nós mesmos que, para ter êxito, é preciso que o bem seja feito, não por nós, mas por aquele que habita em nós; que para nos dirigirmos bem, não é necessário que nos dirijamos por nossa vontade e por nós mesmos, mas unicamente pela vontade daquele que reside em nós; que as verdades cujo conhecimento é necessário para operar nossa salvação não sejam encontradas e pensadas por nós, mas por aquele que aperfeiçoa e corrige nosso pensamento; que até nossas preces, por mais assíduas que possam ser, não têm força alguma, eficácia alguma, agindo somente na fonte da qual derivam, se não desejarmos, se não pedirmos para obter, pela vontade pela força do Todo-Poderoso, e não de acordo com nossa vontade e nosso poder.

Como e até que ponto as preces de uma pessoa, embora ardentes, são ouvidas, é o que vemos em dois exemplos bem surpreendentes e que várias pessoas poderiam tomar, antes de tudo, como fatos miraculosos, embora no fundo elas não derivem senão de um maravilhoso muito subalterno. Encontra-se o primeiro exemplo na vida do general Gichtel, da qual vos transmiti um resumo: foi a prece ardente da viúva, prece que subiu tão alto quanto a fonte da qual desceu e que produziu a manifestação que fez o general decidir-se a desposar a viúva. Mas ele logo viu que nada disso descia de um ponto bastante elevado e não se deixou desviar. O segundo exemplo é um fato conhecido de todos os homens instruídos na Inglaterra e que se encontra registrado numa excelente obra que Leland¹⁰⁸ publicou contra os deístas. O fato aconteceu a Lord Herbert de Cherbury, adversário célebre da Religião Cristã; ele próprio o contou. Lord Herbert estava em dúvida sobre se devia publicar sua obra favorita, seu livro “Sobre a Verdade”. Sozinho em seu quarto num dia de verão, não estando o horizonte coberto por qualquer nuvem nem ao ar agitado por vento algum, sua

¹⁰⁸ John Leland, ou Leyland, (1506-1552). Bibliotecário de Henrique VIII, catalogou e recolheu numerosos manuscritos nos mosteiros em vias de dissolução.

janela achava-se aberta para o sul e a natureza estava em perfeita calma. Tomando nas mãos o livro *De Veritate*, Herbert põe-se de joelhos e roga a Deus, caso a publicação de seu tratado não possa servir à sua glória, que lhe dê um sinal de aprovação, caso contrário ele não a publicaria. Mal acabara de pronunciar essas palavras, ouviu sons claros de suaves que vinham do céu, de um ponto que ele podia localizar perfeitamente. Herbert ergueu-se acreditou que sua prece fora ouvida e atesta diante de Deus, em sua obra, a verdade desse fato.

Leland não o negou, mas não soube explicá-lo e acreditou que fora uma produção da imaginação exaltada de um autor ciente da boa qualidade de sua obra. Mas eu creio que se o general Gichtel tivesse tomado conhecimento desse fato, tê-lo-ia explicado de maneira diversa. O ponto supremo na obra de nossa regeneração é, parece-me, o de chegar a dominar, com a ajuda de Deus, tudo o que não vem dele. Mas acautelemo-nos bem para não destruímos sua obra; e nossa razão, aclarada aos poucos por ele, é também obra sua. Chego ao ponto de vossa carta onde tivestes a gentileza de me comunicar vossas reflexões sobre a pronúncia. Concordo de todo coração e toda alma com o trecho em que dizeis: “Eu não creia que devesse esperar tantos frutos quanto esperaria se esse nome rompesse *por si mesmo* o selo que ainda o encerra”. Isso corresponde perfeitamente ao meu axioma. Para que uma coisa, neste gênero, seja bem feita. É preciso que o própria Deus a faça. As criaturas não devem esquecer-se de que não passam de instrumentos, pois, já que querem tornar-se fazedoras, a obra então leva-lhes a marca.

O que me dizeis sobre o sensível visível é bem diferente daquele do qual vos falei em minha última carta sob o nome de maravilhoso subalterno. Ele veio, naturalmente, sem ser buscado pelo ser humano, e acompanha sempre o sensível interior. Falai-me novamente, por favor, dessa pessoa e de seu estado. Desde o princípio e desde os anos de seu primeiro desenvolvimento o sensível interior foi sido acompanhado pelo sensível visível. Dizei-me também, por favor, como foi que essa pessoa chegou a essa coroa. Certamente a origem era o aniquilamento; esse nada não foi conduzido na representação do prazer ligado à visão interior; dessa representação basta um passo para querer fruir desse prazer; esse querer teria produzido desejos e os desejos teriam produzido as formas. Tudo isso merece não somente a atenção daqueles que refletem sobre esses assuntos, mas ainda o conhecimento da pessoa que goza desse favor. *Die Starke Begierde*, da qual me falais, terá talvez tido a melhor parte na formação desse tesouro. Desejo do fundo da alma todas as consolações de nosso benfeitor, às quais ele naturalmente deve esperar.

Seria um extremo prazer para mim se a sorte permitisse uma vez que pudéssemos ver-nos, e minha filha ficaria bastante feliz de vos acompanhar com seu cravo. Escrevi ao coronel Oser. Respondeu-me ele que não tinha podido descobrir até agora qualquer sinal de um pacote enviado a ele de Paris. O mais seguro, talvez, seria enviar o pacote de Monsieur Oser desde Paris, endereçado à embaixada francesa em Basiléia. A descoberta de Urano por Herschel não me causou grande sensação. Suponho que essa descoberta será confirmada, ou seja: que Urano pertence ao nosso sistema planetário e a nenhum outro, o que talvez exija ainda algum tempo antes de podermos então afirmar, com certeza, que é mais um planeta. Nosso amigo, não havendo ele mesmo feito observações, tomou o número observado por seus contemporâneos. Esse número não me parece tão importante para haver merecido uma revelação superior, tão pouco o sistema de Ptolomeu e o de Tycho Brahe. Para se fazerem compreendidas, as Sagradas Escrituras falam de acordo com aquilo que atinge os sentidos, de acordo com o empírico, e não de acordo com o científico, que, no entanto, era o verdadeiro, mas que ninguém de nossa época havia compreendido.

Abraço-vos de todo o coração, meu caro e respeitável irmão, e rogo-vos não vos esquecerdes de mim em vossas preces.

P.S. Há um assunto sobre o qual gostaria muito de ter vossa opinião. Credes que, como os princípios de nosso amigo B. se possa, não digo conjecturar, mas provar que as almas, depois de se separarem do corpo, se correspondam entre si e que as do mesmo tipo continuem as ligações que

tiveram no mundo? É uma opinião geralmente estabelecida de que reveremos os amigos num outro mundo. Mas, até agora, só encontrei verossimilhanças, sem qualquer outra prova, nem nas Escrituras nem nas obras de nosso respeitável amigo B., que teria podido emitir essa opinião com certeza. Naturalmente a época da qual falo é a que precede o juízo final e que começa após nosso decesso. Como a certeza dessa opinião se prende a muitas coisas, peço que reflitais sobre isso com seriedade.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 78

Amboise, 26 de frutidor, ano III

Escrevo-vos às pressas, e no primeiro pedaço de papel que encontro, caro irmão, para vos avisar de que Monsieur de Wit, ministro plenipotenciário dos Estados Gerais junto aos cantões helvécios, está encarregado, pelo embaixador da Suécia, dos dois exemplares de minha brochura e que ele partiu para Berna, onde se dirige diretamente. Tomai agora as vossas providências para conseguirdes o pacote.

Faz algum tempo que vos escrevi enviando-vos alguns detalhes sobre os números, sobre os diversos sensíveis e sobre a COROA. Ficaria satisfeito em saber se os recebestes.

Voltei à minha terra natal para assistir à assembléias primárias. Mesmo que eu possa ter dito e feito qualquer coisa para evitar ser eleitor, sou um deles, o que me diverte um pouco, mas se há alguns inconvenientes nesse assunto, pelo menos posso dizer que não foi por minha vontade, o que me consola de tudo. Além do mais, ser eleitor não é ser representante e não estarei ocupado por mais do que oito ou dez dias. Desde meu regresso não pude deixar de visitar a biblioteca na qual trabalhei no ano passado e saudar a irmã Marguerite do Santo Sacramento.

Essa pessoa é verdadeiramente um prodígio de virtude, assim como nosso amigo B. é um prodígio de luzes. Até perdão de mui bom grado a essa boa religiosa por todas as carolices de seu estado quando vejo a pérola e o ouro puro no fundo do crisol. Ela também já foi general de exército, como nosso amigo Gichtel, e rechaçou os exércitos inimigos que haviam penetrado na Borgúndia ameaçando a cidade de Beaune, onde se situava seu mosteiro. Além disso, numerosas comunicações do mais alto tipo, cujos raios atravessam toda a obra, que é apenas um resumo, são conformes a todos os nossos grandes princípios. Na ordem executiva, creio que essa pessoa esteja no grau mais sublime, assim como o nosso amigo está para a ordem instrutiva.

Adeus, meu mui caro irmão, oremos e tornemos a orar. Se soubésseis como nós, os eruditos, estamos longe de progredir na prece como estava nossa boa Marguerite! Coro de vergonha por causa disso.

Busquei essa obra em todas as livrarias de Paris e não consegui encontrá-la.

SAINT-MARTIN

CARTA 79

Veully, 10 de Outubro de 1795

Espero, caro e respeitável irmão, que tenhais recebido minha carta de 9 de Setembro, na qual acusava o recebimento da vossa de 2 de frutidor, acrescentando-lhe algumas perguntas sobre as quais espero vossos esclarecimentos, com o desejo e a ansiedade que antecede sempre a recepção de

vossas cartas.

Na carta de 26 de frutidor falais de dois exemplares de vossa obra, com a chegada de Monsieur de Wit aqui. Desde que soube de sua chegada a B. encarreguei a uma pessoa de confiança de pedir-lhe meu pacote, Monsieur de Wit, tendo terminado sua missão, partiu para a Holanda ao fim de três dias, antes que meu mensageiro lhe houvesse podido perguntar o que eu queria saber dele. Assim, minha espera já teve de suportar vários contratemplos. A via do embaixador da Suécia para a da França em Bade e, de lá, pelo coronel Oser até chegar a mim, parece-me ainda mais segura, pois nem todos os embaixadores concluem seus negócios no prazo de três dias.

De tempos em tempos recebo sempre cartas do meu amigo de M... (Munique), que está tão contente com seus números que será preciso, quer eu queira, quer não, pôr-me a par do mais significativo gênero para poder falar sua língua. Se tiverdes alguns momentos de lazer, tende a bondade de dizer-me o que ele entende exatamente por *3 in 4/7*. Ele ama os números porque, aparentemente, lhes deve muito. O que há de bem certo é que o nosso amigo de M... é um homem raro, seja qual for o caminho pelo qual a Providência o haja conduzido. Se eu não estivesse sobrecarregado de negócios, tentaria fazer um resumo de sua doutrina sobre os números para vo-la enviar; é infinitamente mais complicada do que a que vos mandei. Ele me garantiu recentemente que jamais aprendera nada de ninguém sobre os assuntos concernentes à pneumatologia.

O que me dissestes sobre a COROA, em vossa carta anterior, causou-me impressão, fazendo nascer em mim o desejo de saber por qual caminho a pessoa da qual me falais chegou à posse desse tesouro. Foi por uma vontade forte e permanente de conseguir essa vantagem ou pelo abandono sem vontade clara que ele o conseguiu.

A notícia da escolha feita por vossa comuna causou-me verdadeira satisfação. Isso é um bom sinal do espírito público que reina entre vós. Dos corpos eleitorais depende a salvação de vossa pátria; e sou informado de que em vários locais os eleitores foram muito bem escolhidos. Assim, podemos esperar representantes sábios e moderados, pois, se desejamos a paz, como o creio, não há dúvida de que a moderação encerre a única probabilidade para concluí-la.

Mil agradecimentos pelo que ainda me dizeis sobre a admirável irmã Marguerite. Ficaria encantado de conhecê-la um pouco.

Estou aqui para a vindima à beira do lago, que fica defronte a Morat, completamente sozinho com meu contador e um doméstico. A vida de Antoinette Bourignon caiu-me por acaso nas mãos. Vinha acompanhada por um de seus tratados; apesar da má tradução feita por alguém que não conhecia nada da língua alemã, os raios do fundo atravessaram todas as nuvens e vi, contrariamente ao que ouvira dizer em detrimento dessa jovem, que *tratava-se de coisa muito boa*. Farei perquirições para ter suas obras em francês. Ela era uma grande admiradora de nosso amigo B. O general Gichtel viu-a em Amsterdã, mas não pôde entrar em entendimento. Descobri o pequeno ponto que os separava e que não passava de um mal-entendido. Nosso general acreditou que a vocação dessa jovem devia assemelhar-se à sua e foi nisso, creio, que ele se enganou. Vede que a li com bastante imparcialidade, uma vez que a autoridade do general não alterou minha opinião sobre ela.

Adeus, meu respeitável irmão, lembrai-vos sempre de mim em vossas preces. Orai juntamente comigo para que a Providência faça com que todos os homens de desejo atinjam o porto, fazendo com que consigam a única coisa que lhes pode dar vida. *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis.*¹⁰⁹

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

¹⁰⁹ Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. (João 6:53).

CARTA 80

Tours, 28 de vindimário, ano IV (18 de Outubro, v. est.)

Aguardo vossa segunda carta, senhor, para responder à anterior.

É necessário tomar uma decisão sobre mus pacotes. Para remediar isso, não vejo outra medida a tomar senão a de enviar uma ordem de pagamento para o impressor, e fareis isso de modo a encontrar alguém em Paris que receba o dinheiro e se encarregue de vo-lo remeter envio. A ordem segue em anexo.

Os princípios que expondes em vossa carta de 9 de Setembro são quase todos reconhecidos e aprovados entre nós dois. Assim, não tornarei a falar sobre os meios mecânicos que desdenhais com razão, nem sobre as experiências enganosas de tantas pessoas, como a aventura de Lord Herbert. O que foi decidido deve ser mantido. Vosso gosto perquiridor vos leva a querer sondar a origem da COROA. Acho que lhe faríamos mal se a buscássemos em outro lugar além dela mesma. É um caso em que a ciência prejudicaria a verdade; e estejamos certos de que, quanto mais simples um ciência, maior ela é. Admito, se o quiserdes, essa genealogia de nada, de representação, de querer, e de formas; para mim, tudo isso não passa de acessório, talvez mesmo dos envoltórios com a coisa vela sua operação. O que há de verdadeiro, de profundamente verdadeiro, é que essa COROA está semeada em todos os homens e que, como todo grão dá fruto, não é de admirar que ela produza o seu na época certa. E a forma desse fruto deriva simplesmente da natureza da raiz, sem que a ação de nossos desejos tenha tomado parte nela, a não ser para deformá-la. Vede a resposta na primeira das 40 perguntas.

Desde o começo a COROA foi designada tal como é em várias outras passagens de nosso caro B. eis a raiz eterna de nossa eterna planta, da qual devemos nutrir-nos na eternidade. Amém.

Não creio que nosso amigo B. tenha sido indeciso como vós sobre o nosso sistema planetário. Ele propôs o número dele tantas vezes que sobre isso não deixou dúvida alguma, e, se lembrardes os *Sieben Eingeschaften* da natureza eterna, de onde deriva o sistema, concordareis comigo. Eu mesmo só posso livrar-me da dificuldade admitindo, como ele, apenas sete princípios de operação, mas sem limitar com isso o número de órgãos de operação. Não passa de uma hipótese lançada; um dia será esclarecida. Quanto à vossa pergunta sobre a correspondência das almas antes do juízo final, talvez vos lembreis do que foi dito pelo nosso amigo sobre aquelas que se apresentam ainda durante algum tempo após a morte corporal, enquanto ainda não se dissipou a substância sideral da qual estão impregnadas. Não sei em qual passagem ele expõe esse princípio e não posso encontrá-lo aqui, pois não trouxe suas obras numa viagem curta, na qual nem mesmo teria tido tempo de usá-las, mas creio que nos *Três Princípios* encontrareis alguma coisa que vos satisfaça. Além disso, trata-se aqui somente dos amigos segundo o espírito do mundo, e não é isso o que nos importa, uma vez que, ao contrário, é uma infelicidade que esses relacionamentos se prolonguem no além-túmulo. E não é menos verdade que, com muito mais razão, os outros devem prolongar-se da mesma forma. Assim, vede o que nosso amigo B. diz das sociedades dos santos no paraíso; vede o que as Escrituras ensinam sobre isso quando nos dizem, quando da morte de cada patriarca, que ele se reunia ao seu templo; vede, também no capítulo 15 do segundo livros dos *Macabeus* (acrescentando-lhe, entretanto, somente o grau de fé que puderdes), o sonho de Judas Macabeu, em que o sumo sacerdote Onias e o profeta Jeremias, ambos já mortos, apresentam-se, no entanto, numa santa união de zelo pelo povo judeu, etc. Dou-vos, senhor, todas as provas testemunhais que tenho sobre esse ponto. Quanto ao fundo da questão, não podemos depois de refletirmos um pouco sobre os princípios; e se não se refletimos de maneira bem madura, as provas testemunhais têm peso medíocre. Vamos à vossa segunda carta.

Enviei-vos, antes de minha penúltima carta, um pequeno resumo de minha idéia sobre 3-4/7. Nosso amigo B. disse tudo isso ao nos expor, conforme o fez, o eterno ternário surgindo no quatro, e agindo em concordância com ele na universalidade da manifestação setenária que, por esse meio, não é outra coisa senão ele mesmo, e jogo vivo da eterna aliança, pela qual a eterna liberdade se encontra ao mesmo tempo dentro e fora. Nada posso dizer-vos sobre a idéias de nosso amigo B. com relação a essa imensa base, uma vez que não a conheço. Se, não obstante vossas ocupações, tiverdes tempo de lançar no papel, mesmo intermitentemente, alguns trechos desses princípios sobre esse assunto, eu teria proveito com isso e vos daria minha opinião. Não fico nada surpreso de esses conhecimentos lhe tenham advindo naturalmente.

Voltais ao assunto da origem da COROA; não foi a vontade forte de consegui-la, pois com toda certeza a pessoa nem sabia que essa COROA existia. Nem direi que isso aconteça pelo abandono sem vontade distinta, pois a vida toda essa pessoa teve um profundo desejo de sair do abismo, sempre colocando Deus acima de tudo. Mas eu vos remeto à primeira página de minha carta, repetindo-vos que isso é uma frutificação natural. Nessa pessoa o sensível interior existiu por muito tempo antes do sensível visível. Mas cresceu desde então e todos os dias continua crescendo para ela. Ela espera, antes de morrer, um desenvolvimento mais considerável ainda. Seja feita a vontade de Deus. *Amém.*

Nossa tarefa eleitoral acabou, para satisfação geral. Volto imediatamente para casa, mas não sem projetos para alguns outros pequenos cursos. porém continuei a escrever-me para o mesmo endereço, até nova ordem.

Acreditei que poderia colocar Marguerite ao menos na mesma linha do general Gichtel. Ele rechaçou os inimigos, ela anunciou antecipadamente a derrota dos seus, notadamente a do exército austríaco, comandado pelo general Galas, em 1636. Ele dormia muito pouco; ela não dorme nem um pouco. Quanto à Bourignon, de quem falastes, creio como vós que era mui excelente, e tentarei também consegui-la, se pudermos conseguir alguma facilmente. Mas neste momento é impossível. É preciso aguardar a restauração prometida de nossos negócios, que me agrada esperar de nossa nova constituição e da atividade de nosso governo. Felicito-vos por poderdes caminhar em paz e com vagar nas margens tranqüilas de vossos lagos. Nós, seis anos há que caminhamos nas margens do fogo, com o temor contínuo de cair dentro dele. Mas já aprendi bastante que Deus está por toda parte para ter a felicidade de não o ter perdido de vista de modo algum durante as tempestades permanentes; e gosto de pensar que elas serão coroadas para nós com doces consolações. Digamos sempre, no entanto: Seja feita a sua vontade. *Amém.*

Adeus, meu caro irmão, apoiai-me em minha obra com vossas preces.

SAINT-MARTIN

CARTA 81

M..., 7 de Novembro de 1795

Nada de mais verdadeiro, meu caro e respeitável irmão, de que a COROA esteja semeada em todos os homens e que, no tempo apropriado, produza seu fruto. Talvez a mão de nossos desejos, que tendem diretamente a possuir o fruto dessa COROA, em nada contribua para consegui-lo. Entretanto, sem termos uma vontade forte, sem toda a nossa energia e toda a nossa perseverança, jamais chegaremos até ele. Isso, à primeira vista, parece um paradoxo, mas não o é.

Concordo inteiramente convosco, embora no fundo minha opinião sobre esse ponto signifique bem pouca coisa, “que o sete princípios de operação de nosso amigo B. não limitam de maneira alguma

o número de órgãos da operação”¹¹⁰. Quanto à minha pergunta sobre a correspondência, ela só será resolvida de maneira prática quando tivermos rasgado o véu que separa um princípio do outro; mas isso exige energia. 15, *Perguntas*, 26, 13.

Muito vos agradeço pelos resumos da explicação do hieróglifo 3-4/7. Vejo agora que isso quer dizer em francês que Deus está no homem e com o homem produz todas as verdadeiras manifestações. É um princípio que nenhum de nós jamais pôs em dúvida. O meu amigo de M... torna-se mais interessante a cada dia que passa, sobretudo a partir do momento em que ele me responde em belo e bom alemão, e que não se envolve mais em enigmas. Em sua última carta diz-me ele, dentre outras coisas, “que o nome que está acima de todos os nomes é diferente do nome do *Tetragrama* e do de J. H. V. H”. A propósito da citação desses grandes nomes, ele louva muito a passagem de vosso *Quadro Natural*, t. II, pp. 98, 99 e 143, que neste momento não está comigo. Quanto a mim, em minha estreita esfera, creio que o nome do qual se faz menção no livro do Êxodo, 6:3 e o que meu amigo me faz entrever são os mesmos; e que encontramos esse nome sublime nos livros sagrados, uma vez que São Pedro o pronuncia com todas as letras. Atos, 3:6; 4:10-12¹¹¹.

Talvez, dentro de bem poucos dias, eu trave conhecimento com a interessante irmã Marguerite. Não imaginais como, já desde algum tempo, as riquezas desse tipo se acumulam em meu escritório. Há bem pouco tempo descobri os escritos de um homem do mesmo poder do nosso general. A confrontação dessas diversas testemunhas que, cada uma do seu lado, iluminam um novo canto da grande doutrina, é para mim tão útil quanto satisfatória. Felicito-vos por haverdes terminado vosso trabalho eleitoral. A França não tem nada de mais na reunião de energia de todos os membros bem pensantes e moderados da Convenção. Como após sua partida Monsieur de Wit talvez se tenha lembrado de que ainda tinha um pacote para mim, acabo de receber e de ler com igual satisfação a vossa obra a que chamais de brochura: é o livro mais profundo que já foi escrito sobre a revolução francesa; uma página desse livro contém mais verdades importantes do que seis mil volumes que talvez fatigaram a imprensa por ocasião desse acontecimento. Destes a solução das maiores dificuldades na teoria da ordem social; deste-la sobretudo com a sabedoria necessária para não ferir demais os preconceitos.

E quanto aos grandes princípios religiosos, também admirou-me o não haverdes empregado os livros sagrados como provas fundamentais: era muito mais conveniente apresentá-los como confirmações necessárias.

A parte política de vossa obra contém verdades grandes e luminosas. É sobretudo para o estado presente da França que se encontram nela consolações e remédios admiráveis. Mas após um reflexão madura e sólida, eu não poderia, de maneira alguma, aconselhar-vos escolher a época atual para que ela seja traduzida em alemão. O mundo é certamente um grande hospital em que cada nação ocupa um quarto, mas, embora todos os apartamentos estejam infectados de doenças do mesmo tipo, essas doenças e os indivíduos por elas atormentados não são, no entanto, da mesma espécie; e sobretudo essas doenças não se manifestam com o mesmo grau de intensidade: assim, o mesmo remédio que produziria maravilhas numa parte da construção provocaria um efeito inteiramente oposto em outro canto dessa casa de inválidos. É preciso que haja muita circunspeção antes de se dar o conselho para se usar o bisturi num abscesso mortal. Um Estado em crise precisa de um regime diferente daquele que é necessário a um país que não está ainda. Mas, tomando as coisas como um todo, e reunindo todos os raios da circunferência no centro, aonde provavelmente chegarão com o passar do tempo, admiro, assim como vós, os decretos da Providência.

¹¹⁰ Diz a carta (nº 80): “apenas sete princípios de operação, mas sem limitar com isso o número de órgãos de operação”.

¹¹¹ At, 3:6 – “Pedro, porém, disse: Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!”. At 4:10-12 – “Ficai sabendo todos vós e todo o povo de Israel: foi em nome de Jesus Cristo Nazareno, que vós crucificastes, mas que Deus ressuscitou dos mortos. Por ele é que esse homem se acha são, em pé, diante de vós. Esse Jesus, pedra que foi desprezada por vós, edificadores, tornou-se a pedra angular. Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos”.

Enviarei, na primeira ocasião, um exemplar ao meu amigo de M...

Adeus, meu caro e respeitável irmão. Oremos sempre uns pelos outros. Para mim, é um dever que se tornou mui caro à minha alma.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 82

Amboise, 7 de frimário, ano IV

Não, meu caro irmão, não há paradoxo em vossa primeira proposição. Sem os nossos desejos, nada poderíamos conseguir, mas os nossos desejos dever ter como objeto exclusivo a nossa união com Deus e o cumprimento de sua vontade. Quando, em seguida, ele julga oportuno servir-se de nós ou conceder-nos algum favor, não é embaraçado por seus meios. Assim, é com esses meios que devemos inquietar-nos.

Lede nos *Três Princípios*, cap. 27, nº 20. Parece-me que neles encontrareis qualquer coisa que vos ajudará sobre as correspondências e que me pareceu vir em apoio daquilo que vos disse em minha última carta.

O hieróglifo 3-4/7 é o texto dessa proposição, da qual dizeis que nenhum de nós jamais duvidou e acho que é prazeroso poder ler nos textos dessas altas verdades que tanto perderam por estarem encerradas nas nossas línguas vulgares e nas simples regiões das idéias comuns. O vosso amigo de M...(Munich) também interessa-me muito segundo vossos relatos. O que ele diz sobre os nomes divinos vai, talvez, mais longe do que pensais. O nome de que fala o Livro dos Atos está acima do Tetragrama, disso não tenho dúvida alguma, mas também estou certo de que existe um que nos espera e que estará ainda acima do que o que está nos Atos. O nome citado nos Atos é o caminho exclusivo da libertação. Precisaremos em seguida do nome do gozo; é este que está prometido no Apocalipse, é somente ele o nome que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe. Caminhemos com muito respeito, meu caro irmão, nessa alta carreira. Aí é que se dissipam nossa razão e nossos conhecimentos: diante dessa grande luz.

Confesso-vos que experimento ardorosos desejos de ver esse amigo de Munique, tal como vós. Talvez a França se esteja aproximando do termo de suas terríveis provas e talvez a boa Providência me forneça meios para me satisfazer, pois, quanto a mim, não vejo nenhum meio par sair disso, haja vista a ruína total de nossos *assignats*, o que faz com que eu mesmo, que tenho bens bastante consideráveis para um modesto indivíduo, tenha dificuldades para ter uma vela e sapatos. Mas enfim, se o sol raiasse para nós, com toda certeza meus primeiros passos se dirigiriam para os vossos cantões, pois a conversa com pessoas instruídas me seria de maior proveito do que minhas leituras solitárias. Dizei-me, por favor, se vosso amigo de M... fala francês. Conheço tão pouco do alemão, e sobretudo do alemão necessário para falar, que considero como nada o que sei.

Felicito-vos pelas descobertas que fazeis todos os dias. A irmã Marguerite com toda certeza vos interessará por causa de suas virtudes, quando mais por seus conhecimentos. Quanto ao meu escrito sobre a política, ele jamais recebeu tanta honra como a que lhe fazeis; em meu país mal olharam para ele. Minha nação não está mais madura do que as outras para as noções profundas; assim, expus as minhas apenas por consideração para com um amigo que me instava a escrever, mas eu sentia que, ao propor a pedra angular, era necessário que ela fosse rejeitada¹¹². Nem por isso deixo

¹¹² Referências a Salmo 118:22: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular”.; Mateus, 21:42 e Marcos, 12:10. Algumas traduções dizem: cabeça de esquina.

de acreditar que fiz uma boa obra da qual o grande mestre irá lembrar-se, e é tudo o que preciso. Aprovo vossa reserva sobre a tradução em alemão. Creio, assim como vós, que não é a hora, e isso seria mais perigoso em vossa terra do que na nossa onde, como consequência de nossa revolução, tudo poderemos dizer, não tendo outra punição a sofrer senão a de não sermos lidos, se não gostarem. Embora tenhais recebido o pacote, podeis servir-vos ainda do dinheiro que vos enviei, se o desejardes, e se encontrardes em vosso caminho alguma pessoa a quem convenha essa leitura. Esta manhã eu pensava na pessoa de Zurique (Lavater), mas não sei se isso lhe agradaria. Pensava também na mão alheia da qual vos servis para me escrever, pois várias de vossas cartas, principalmente a primeira, não apresentam a mesma caligrafia. Conheceis o grau de inteligência dessa mão alheia para empregá-la. E credes, sem inconveniente, fazê-la participar das maravilhas com que ambos nos ocupamos. Compete à vossa sabedoria decidi-lo.

Peço-vos meu caro irmão, que me digais se a palavra *Schiemen*, 40 Perguntas, I, 216, quer dizer *sombra*. Não a encontro em meu dicionário e é esse o sentido que recebe no inglês.

Adeus, meu caro irmão, que Deus vos cumule cada vez mais com suas bênçãos.

SAINT-MARTIN

CARTA 83

13 de Dezembro de 1795

Eu teria respondido imediatamente, meu caro e respeitável irmão, à vossa carta de 4 de frimário se não tivesse sido impedido. Estou de volta à capital e os negócios chovem em cima de mim. Nosso amigo B., nos *Três Princípios*, cap. 27, nº 20, fala da impossibilidade de comunicação entre almas heterogêneas, das quais uma, após o despojamento terrestre, encontra-se no seio do Eterno, e a outra, que é imperfeita e ainda rasteja na terra, *et vice versa*. Mas, a comunicação dada pelo assunto de uma de minhas cartas considerava a possibilidade de uma comunicação entre duas almas homogêneas, ternas e amorosas, das quais uma passou para um mundo melhor sem que a parte restante tenha diminuído sua ligação com ela e sem que o tempo tenha produzido seu efeito costumeiro; pelo contrário, parece haver estreitado esses laços. Nosso amigo B. tem um forte pendor para afirmar as comunicações do último tipo. Os princípios gerais parecem vir em seu apoio, pois, se entrarmos no que ele chama de segundo princípio, então ergue-se a tela que nos furta à visão dos habitantes desse princípio, permitindo liberdade às comunicações. Assim minhas dúvidas não versavam sobre esse ponto da questão mas sobre a possibilidade de uma comunicação entre uma alma em seu envoltório terrestre — a qual ainda não atingiu a um grau suficiente de desenvolvimento para ver a tela erguida — e uma alma desligada de seu envoltório terrestre e que, por consequência, encontra-se em região diferente. Não vejo outra possibilidade de êxito para o habitante desse mundo, exceto no estado de sono. Essa questão interessa ao meu coração, mas esforço-me por suprimir essa vontade, como todas as outras, para submetê-las somente àquele que deve ser dela o único árbitro. Mesmo que eu devesse, pelo resto da vida, não dar um passo a mais em nossa carreira, creia haver tudo obtido se conseguisse submeter minhas vontades, desejos e repugnâncias a respeito de todos os acontecimentos da vida. Mas ainda sou um aprendiz bem pequeno nessa escola. Do lado de fora tudo me ri, enquanto sofro desgostos domésticos pungentes. Além do que, por um encadeamento da circunstâncias, a revolução em vosso país deu-me um golpe terrível, do qual jamais me recuperarei. Meu amigo de Munique é ainda um enigma para mim, certo é que ele é extremamente lido: já leu as obras mais raras e as mais preciosas sobre os números e sobre o emprego do grande nome; considera muito a Sanckoniaton. Mas não encontro nele a previsão, a limpeza e a precisão de espírito à qual eu estava acostumado com vossas cartas, e tenho dificuldade em persuadir-me de que ele esteja tão adiantado como imagina estar. Não me compete julgar, mas não é impossível que, por falta de purificação interior, ele ainda esteja atrasado na prática. Talvez também ele se tenha apressado a escrever e a ser publicado, pois é de uma

demasiadamente fértil nesse tipo; não se contentando em escrever sobre esse assunto, escreve em vinte tons, muito diferentes uns dos outros. Tem um facilidade sem igual e com isso tornou-se um dos autores mais prolíficos da Alemanha. Atualmente, parece ter boa opinião da escola do Norte, da qual tomou conhecimento. Dizia-me que tinha estima por nosso amigo B. Mas eu não percebi que o haja estudado, pelo contrário. Faz também perguntas sobre as quais obtém repostas que considerada vindas da mais alta fonte. Repito que para mim ele é um enigma. Nessa incerteza, suspendo meu julgamento e me encerro em minha concha. A cada dia me torno menos curioso das ciências; só me dedico àquelas que me ensinam a renunciar a mim mesmo, a me despojar, e o resto virá quando nosso grande Benfeitor o quiser. Não preciso dizer-vos que desejo tanto quanto vós que a boa Providência nos reúna. O fim das provas de vossa pátria não pode estar muito distante. Enquanto esperamos, apesar do que desejo, compreendo que não podeis deixá-la neste momento. Como o ouro está altamente cotado em vosso país, fiz uma tentativa pelo presente correio de vos enviar dez luíses numa carta em separado. Ficarei encantado se puderdes, por esse meio, proporcionar-vos algumas comodidades.

Mostrei hoje a vossa obra a um magistrado amigo meu, que tem condições de apreciá-la. A pessoa de Zurique não entenderia nada dela. Ainda não vi a irmã Marguerite, mas possuo a obra de uma grande testemunha, que surgiu na Alemanha, logo depois de nosso amigo B. Traz todos os caracteres de autenticidade e sua obra encerra coisas interessantes. Ele se chama Engelbrecht.

Ficai tranqüilo quanto à mão alheia e lembrai-vos do pato de Vaucanson¹¹³, que certamente não sabia o que comia, além do fato de que vossas cartas não são vistas por ninguém; assim, podereis escrever-me com toda clareza que achardes adequada. A palavra arcaica *Schiemen* significa, na primeira *Pergunta*, nº 216, simplesmente *Wiederschein* (reflexo), ou reflexo de um objeto na água.

Adeus, meu caro e respeitável irmão, meu coração muitas vezes sente necessidade de vossa presença. Enquanto espero, não vos esqueçais de pensar em mim em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 84

Amboise, 8 de nevoso, ano IV

Recebo neste momento, meu caro irmão, os dez luíses de ouro que vossa atenta benevolência achou por bem fazer chegar a mim, e isso sem esperar saber se esse honesto procedimento me conviria. É a primeira vez que aparece dinheiro estrangeiro em minha casa, embora eu muitas vezes tenha estado outrora em dificuldades. Assim, meu primeiro impulso foi o de devolver-vos imediatamente essa soma, não somente porque não tenho realmente necessidade dela, mas porque no mesmo dia em que chegou vossa carta de aviso um de meus fazendeiros pagara-me uma parte de sua fazenda em dinheiro, o que me é suficiente para as primeiras necessidades. Um segundo impulso me deteve. O orgulho de vosso velho amigo Rousseau, em circunstância semelhante, ter-me-ia parecido mais apropriado se tivesse sido fundado na alta fé evangélica, que dá e cria os meios de não se conhecer necessidade alguma. Mas embora sua firme filosofia me pareça sempre mui digna de consideração, sem elevar-se até esse ponto, não me pareceu conseqüente, pois, se ele prega tanto o exercício das virtudes quanto o da beneficência, é preciso então deixá-las fluir livremente quando elas se apresentam, sem o quê sua doutrina tornar-se-ia nula. Foi isso o que me deteve. Recebo, pois, o vosso dinheiro, que não pedi e com toda certeza jamais teria pedido. Recebo-o, certo de jamais ter necessidade dele e minha alma encontra satisfação em deixar-vos gozar dos frutos de vossa boa ação. Foi isso o que meus escrúpulos me sugeriram; para bons movimentos como os que vos

¹¹³ Mecânico francês (1709-1792), que criou o primeiro tear inteiramente automático. Também criou diversos autômatos, entre os quais o Pato, que fazia digestão. Um de seus autômatos, o Clarinetista, pela fiura de movimentos dos dedos, foi o precursor do robô moderno.

dirigiram, senti que era necessário uma recompensa do mesmo tipo e meu reconhecimento vos permite recolher esta justa retribuição. Envio-vos em seguida, para vossa segurança, o recibo necessário, e em papel timbrado, segundo as formas legais de meu país. Pudesse eu ir logo retirá-lo em pessoa e levar eu mesmo o reembolso do precioso penhor que hoje me dais de vossa amizade! Mas Deus sabe quando chegará esse feliz momento. Enquanto aguardo, ajunto a esta uma pequena imagem de minha figura material. Embora pouco me agradasse a idéia de mandar pintar um retrato meu, um parente exigiu-me há quinze anos que condescendesse nisso, e eu cedi. Ultimamente um amigo fez duas cópias desse último retrato, e desde então sempre tive o projeto de enviar-vos uma. Ela está um pouco mais idosa do que o retrato, mas muito mais jovem do que minha figura natural; no entanto, ainda se parece muito comigo para que todos possam reconhecer-me. Vede nela somente o que há, a vontade de abrir caminho com um amigo como posso e não vos detenhais na obra em si, apenas o trabalho de um troca-tintas em pintura. Se vossas ocupações vos permitirem retribuir-me com um retrato vosso, ficarei encantado de ter esse meio de antecipar o conhecimento que tenho tantos motivos para desejar travar pessoalmente convosco. Passemos ao que nos interessa.

Creio que encontrareis a solução de vossa dificuldade sobre as comunicações na 26^a das 40 *Perguntas*. Existe aí muito a respigar. Acrescentai-lhe o que vos disse em parte sobre a relação entre os vivos; acrescentai-lhe a observação de que os buscamos nos princípios sensíveis onde não mais estão, e de que eles nos buscam no princípio divino e espírito onde ainda não estamos. Por fim, acrescentai-lhe o que disse Jesus Cristo: “Quem são meus irmãos, minha mãe, etc.. São aqueles que fazem a vontade de meu pai¹¹⁴“. E aí aprenderemos onde é preciso buscar aqueles que amamos.

Vosso amigo de M... é, como dizeis, um enigma para vós. Talvez haja nele uma mistura; mas também, por essa razão, deve haver coisas boas. Espero, para opinar a esse respeito, que me envieis o resumo de suas opiniões, que vos pedi. Perguntei-vos também se ele falava francês e nada dizeis sobre isso em vossa carta.

Vós me falais de desgostos domésticos e do golpe terrível que a revolução vos trouxe, meu caro irmão. Se julgais que minha alma é digna de vossa confiança, abri-vos ainda mais; talvez encontreis nisso algum consolo.

O nome de Engelbrecht não me é desconhecido, mas não conheço suas obras. Há quinze dias iniciei a tradução dos *Três Princípios* de nosso amigo B. É um esforço para mim esse tipo de obra, mas a condição de meus olhos e a incerteza do futuro levaram-me a fazer isso. E além do mais, é um dos seus escritos mais importantes e no qual meus compatriotas poderão, talvez, um dia, haurir algumas luzes, se eu não tiver coragem de traduzir-lhes todas as outras produções de nosso caríssimo autor. Percebo que ele é às vezes um pouco prolixo, mas não reclamemos de seus defeitos: agradeçamos à Providência por haver permitido que ele nos falasse. Adeus meu mui caro irmão. O correio vai partir e eu vos deixo, abraçando-vos de todo o coração.

Uma palavra sobre a tradução dos Três Princípios. No título “Descrição dos Princípios”, etc., lê-se uma vida *durch uns*. Eu vos perguntaria se é necessário traduzir como *para nós*. Isso é audacioso e forte, mas não sei o que usar em seu lugar.

SAINT-MARTIN

CARTA 85

B., 28 de Janeiro de 1796

¹¹⁴ Mateus, 12:48, 50: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos. (...) Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe”.

Recebei, amável e respeitável amigo, todo o meu reconhecimento pela maneira amigável com a qual recebestes a insignificância que tomei a liberdade de vos enviar. Minha intenção era fazer uma tentativa para sondar essa via e, como vejo que é segura, queria pedir-vos que me permitísseis chegar até vós, pouco a pouco, como adiantamentos, meios para resistir às circunstâncias presentes, às quais todos os proprietários que não sejam eles próprios agricultores devem estar atualmente expostos em vossa terra. Mesmo que em vossa pátria se auferisse neste momento de 20.000, ou mesmo de 30.000, libras de renda, já que elas só são pagas em papel-moeda, não há como prover-se do necessário. Considerai-me como vosso arrendatário, e sobretudo como vosso irmão, o que, entre vós e mim, não é um título vão, como os distribuídos pelas pessoas do mundo. Peço que vos lembreis sempre, como tão bem o fizestes em vossa última carta, do sentimento agradável que me proporcionais, sendo-vos útil em alguma coisa.

Recebei também meus agradecimentos pelo encantador retrato que me enviastes. Não tentarei descrever a satisfação que senti ao recebê-lo. Ajunto a esta um desenho a lápis que mandei fazer, um pouco às pressas, dos traços desse vosso amigo. Embora o tempo passe, este retrato será ainda semelhante a mim daqui a algum tempo. Certamente há coisas excelentes na 26ª das *40 Perguntas* sobre o objeto das comunicações. A nº 16, principalmente, é muito consoladora, porque estabelece a possibilidade de as almas, desligadas do envoltório terrestre, poderem ver-se, participar nos sentimentos que lhe são dirigidos pelos habitantes desse mundo e se regozijarem com eles. Meu desejo, se me fosse permitido tê-lo e ao qual renuncio de bom grado, não recebeu qualquer desenvolvimento ou revelação científica como alvo; a certeza do estado de bem-aventurança do qual essa alma deve gozar atualmente, realizaria todos os meus desejos

Quanto à parte enigmática de meu amigo de M..., ela não considera, de maneira alguma, as qualidades de seu coração nem sua ligação com a religião. Disso tenho provas que me dão quase a mesma certeza que aquela pela qual sei que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos. Minha hesitação recaía propriamente na natureza, no gênero e no grau dos seus conhecimentos teosóficos.

Desde a obra sobre os números, que ele próprio afirma não ser suficientemente clara para tornar-se útil de maneira geral, ele publicou um outro tratado, do qual ainda só li alguns trechos, mas que me agradam muito mais porque são muito mais claros e mais detalhados. Ele até propõe refundir seu livro sobre os números: participou-me seu plano para saber se seria inteligível. Admiro sua infatigabilidade e creio que dessa maneira ele será mais útil. Se credes que nossa via habitual ainda seja adequada para fazer chegar a vós um pequeno pacote, eu vos enviarei sua última obra, da qual só conheço alguns trechos, mas que nos darão condições de julgar o encadeamento de suas idéias principais: está escrito de forma clara e nítida. Seguir-se-á a edição sobre os números. Em sua última carta ele me informa que só conhece nosso amigo B. através de um resumo. Existem vários desses resumos, uns melhores do que outros. Ele me parece desgostoso com a corte. Fizeram manobras para magoá-lo. Ele é membro de um tribunal de censura e, apesar disso, chegaram a proibir seus livros. No momento, ele os manda imprimir em Leipzig e não é impossível que um dia procure retirar-se para a Suíça. Suponho que fale francês porque freqüentou a corte por muito tempo, mas não tenho certeza alguma. Na Alemanha não se acostuma, como entre nós, as crianças destinadas aos negócios a falar francês. Aqui, ou bem ou mal, todos o falamos.

Para dar-vos uma amostra de Engelbrecht, ajunto a esta um pequeno resumo de uma obra sobre a qual ele se apóia de preferência. Se nele houver passagens que vos causem dificuldade, dizei-me quais são. E para que conheçais os princípios de Antoinette B., acrescento-as aqui com suas próprias palavras. Vereis como essa jovem surpreendente, tão pouco letrada que nem mesmo tinha lido as Sagradas Escrituras, segundo o costume dos católicos de hoje, preencheu as lacunas deixadas por Engelbrecht em sua doutrina. Comparai seus princípios com os de nosso amigo B.

É lendo os escritos dos eleitos de épocas diferentes e comparando-os que se obtém o

desenvolvimento de vários pontos essenciais sobre os quais todos passaram em silêncio, porque supuseram que fossem conhecidos, ou apenas tocaram neles ligeiramente, sem neles se apoiarem o suficiente para uso prática do leitor.

Pelo trechos que acrescento aqui vereis de uma vez toda a doutrina de Antoinette. Estou surpreso de que essas obras não me tenham impressionado, há uns quinze anos, quando me caíram nas mãos pela primeira vez.

Estou encantado por ver-vos ocupado com a tradução dos *Três Princípios*. Vossa tradução é muito boa. *Durch uns* dignifica o mesmo que *através de nós* (*par nous*). Fiz com essa passagem o que fiz com muitas outras: não me detive por não havê-la compreendido. Se tivesse de traduzir os *Três Princípios*, dar-lhe-ia um título bem mais curto porque, essencialmente, ele nada faz para a obra e porque não se deve afastar o leitor do primeiro contato.

Vós me pedistes gentilmente mais detalhes a propósito de uma passagem de minha última carta, em que falo de reveses sofridos. Espero poder um dia dizer-vos pessoalmente os detalhes referentes à primeira parte da passagem de minha carta. Quanto à influência da revolução, seria preciso entrar em detalhes para por-vos a par do fato, e a chaga ainda não está bem cicatrizada para suportar essa narrativa, mas no devido tempo, prometo dizer-vos tudo, se vos interessar. Antes de tudo, é preciso informar-vos que isso não se refere ao estado atual das finanças francesas. Se amanhã vosso governo declarasse que não está em condições de satisfazer à dívida pública, essa declaração não me causaria qualquer aborrecimento, porque estou preparado para ela e porque a Providência, há seis anos, ela houve por bem prover a isso. Mas eu ficaria muito contrariado por meus concidadãos, dos quais um grande número seria posto na rua por um decreto ou, o que dá na mesma, por uma operação semelhante. O choque que sofri é de natureza bem diferente. É cumprindo o meu dever de cidadão, contribuindo para acalmar o espírito público no momento em que as cabeças eram as mais exasperadas do dia 2 de Setembro de 1792, exaltação que teria podido mudar o curso dos grandes acontecimentos da guerra atual, que eu infligi a mim mesmo o golpe mais sensível permanecendo na capital e ausentando-me de meu domicílio. Mas toda essa matéria exigiria ser submetida à confiança de uma conversa pessoal, e não aos limites de uma carta.

Aguardo e espero sempre o momento em que vossa pátria torne a entrar na calma tão desejável, o que me causará a doce satisfação de ver-vos na minha.

Adeus, meu respeitável amigo, oremos sempre uns pelos outros.

P.S. Fiz passar pelo nosso amigo de Munique a vossa última obra sobre a revolução francesa.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

(Segue-se um trecho das obras de Engelbrecht, T. II, ed. de 1783.) Havendo um amigo lhe perguntado como se poderiam conseguir respostas divinas sobre o que era necessário fazer ou não fazer, eis o que lhe foi comunicado sobre esse assunto em 1636: *Wollt ihr wissen was ihr thun*, etc.

(E um trecho da obra de A. Burignon, intitulado: *La Lumière du monde* (A Luz do Mundo). Ed. de Amsterdã, 1679.) “Somente as almas depuradas de si mesmas e de todos os objetos terrestres é que ouvem a voz de Deus, etc., etc”.

CARTA 86

8 de ventoso, ano IV

E eu também, meu caro irmão, agradeço vosso presente. Vossos traços denotam a maturidade e a

sensibilidade que preenchem vossas cartas e me dão ainda mais vontade de conhecer pessoalmente o modelo, mas quando chegará essa época. Meus anos avançam e as enfermidades me acompanham, sobretudo para mim, de constituição muito mais débil do que qualquer outro. Não falo dos golpes que a revolução trouxe à minha sorte e que se agravam ainda mais pela perda recente de um sobrinho, cuja mãe vai ficar aos meus cuidados para o resto de sua vida ou da minha. Se viesse a paz e os caminhos fossem livres, eu teria meios de atender a tudo e, a partir do que acabais de ler, não vos decidais a enviar-me mais dinheiro porque não tenho necessidade alguma. O que me enviastes está inteiro e eu assim o deixarei religiosamente como um monumento de vossa amizade. Mas vejo com pesar que nosso horizonte público se desanuvia com muita lentidão e que o espírito deste mundo só deixará que as potências beligerantes se conciliem depois de as haver esgotado completamente. Não deixo de crer por isso menos assegurado o resultado de nossa revolução que se liga, como expus em meu livreto, a bases desconhecidas daqueles que, neste grande drama, foram ativos ou passivos. Até novo aviso, também não me envieis mais as obras de vosso amigo de M.... Neste momento acho-me por demais ocupado para entregar-me a elas. Além do mais, como elas tratam principalmente dos números, tenho, nesse gênero, uma ampla provisão que me permite esperar tempos de lazer.

Sinto, como vós, que o título dos *Três Princípios* é longo, sobretudo porque o que ele contém está repetido cem vezes na obra, mas eu me dedico a não deixar passar nada disso para minha tradução, salvo por emendas na revisão. O próprio *durch uns* aí tem seu lugar e creio que poderia dar conta dele, mas o público não o poderia.

Meu coração estará sempre aberto para receber confidências de vossa amizade sobre os prejuízos que a revolução vos causou: deixo que vossa sabedoria escolha o momento e o modo.

Entendi perfeitamente a passagem alemã de Engelbrecht que me enviastes. Sua doutrina é pura. Não parece profunda à primeira vista, sobretudo para aqueles que desejam guias sensíveis que, através de marcas exteriores e fixas, os dispensem de qualquer outro trabalho além do de consultar uma fórmula sem coerência com seus seres. Mas aqui é o desenvolvimento de nosso próprio ser que deve servir de fórmula e, quando temos a felicidade de abri-lo o suficiente para isso, encontramos fórmulas e guias muito mais seguros do que tudo o que há de mais sensível, porque essas fórmulas e guias são a coisa em nós e elas no-la mostram pelo mesmo ato, ao passo que os outros se contentam no-la mostrar, e depois disso o todo ainda fica por fazer.

Fiquei também bem contente com o trecho de A. Bourignon. Somente eu preferiria que ela houvesse substituído a palavra *material* por *natural*, que aplica às coisas posteriores à regeneração. Teria repugnado menos às inteligências delicadas e teria falado de maneira mais verdadeira. Quanto a mim, revelo-lhe tudo isso porque estou bem certo de que não passa de um defeito de expressão que ela própria retificou ao dizer que nada disso será feito pela mão do homem, mas elaborado pelo poder de Deus. Além do mais, nem a carne nem o sangue podem possuir o reino de Deus. Eu bem que gostaria de ter a obra dessa interessante jovem, que não tinha instrução nem sabia ler ou escrever. Procurei a obra em Paris no inverno passado, como já vos disse; em vão. Proponho-me a recomeçar minhas tentativas. Não vos disse que em minha terra natal tenho, de tempos em tempos, condições de exercer meu ofício de filósofo religioso. Há alguns frangotes que vêm, de tempos em tempos, pedir-me alimento e não creio que lhes devo recusá-lo, de acordo com meus meios. São almas novas em comparação com as almas gangrenadas da sociedade e das grandes cidades e, a esse respeito encontro uma vantagem dupla: a de ter algo a destruir e mais a esperar da colheita. Foi um deles que pintou o pequeno desenho que vos enviei. Ele me disse que temia que a viagem estragasse o desenho, feito somente a lápis. Dizei-me se aconteceu o que ele temia, que ele se oferece para recomeçar tomando precauções contra esse inconveniente. Adeus, meu caro irmão em Deus, e unamo-nos sempre a ele de coração e espírito, e a paz estará entre nós. Amém.

CARTA 87

B..., 5 de Abril de 1796

Foi com bastante pesar, meu caro irmão, que fui obrigado a adiar de um correio para outro o prazer de escrever-vos. Mas, além de minhas ocupações costumeiras, que já conheceis, encarregaram-me ainda de um outro comitê, formado apenas para um trabalho particular e que não será permanente, como espero. Penso em voltar logo a Morat para gozar do ar do campo e ocupar-me com meus estudos.

Fiquei encantado de que o pequeno desenho tenha chegado bem ao seu destino. Esqueci-me de acrescentar-lhe o nome. Ei-lo: *Nicolas-Antoine Kirchberger de Liebistorf*. Antigo bailio de Goldstadt, nascido em Berna, a 13 de Janeiro de 1739. O vosso chegou em condições perfeitas e, a não ser que eu esteja muito enganado, quem o fez tem não somente bom-gosto, mas também precisão e sensibilidade. Fiquei encantado por vossa causa e por ele saborear as grandes verdades tão consoladoras e tão conformes ao nosso grande destino.

Estou bem contente por haverdes apreciado o trecho de Engelbrecht, e a distinção que fazeis entre sua doutrina e a que deriva do emprego dos números (aos quais nada quero tirar de seu mérito), parece-me muito justa. Mas, em última análise, as grandes perguntas sempre se concentram naquela que indaga qual é o caminho mais curto, ou antes, os meios de seguir esse caminho, que conduz à *abertura*, ao *desenvolvimento* de nosso ser.

Ando impaciente por sacudir todos os laços que me prendem aos assuntos temporais para ocupar-me com o único necessário. Conquistei ainda novos territórios desse tipo; e só tenho que trabalhá-los para valorizá-los. No entanto, espero, com submissão e resignação, chegar o dia em que não somente serei rico em propriedades, mas em que também gozarei de meus rendimentos.

Antoinette é verdadeiramente uma jovem interessante. Ao ler sua obras, ficarei surpreso com seu profundo conhecimento dos homens, de sua firmeza e da elevação de seu caráter. Ela seguiu seu caminho com precisão e inflexibilidade raras. Tinha nosso amigo B. em alta conta, bem como Engelbrecht, dos quais certamente seus amigos lhe terão falado, pois não encontrei qualquer indicação de que ela lesse alguma coisa. Seus amigos tinham verdadeira adoração por ela, mas ela permaneceu a vida toda acima de qualquer ligação carnal e terrestre e, a partir do instante em que, na alma daqueles que dela se aproximavam ela lia movimentos desse tipo, rompia para sempre o relacionamento com eles. Poiret, o célebre Poiret, terminou seus dias na Holanda unicamente para poder vê-la e ouvi-la. É mais provável que encontreis suas obras em Lyon do que em Paris. Possuo várias delas, mas ainda estou à procura de algumas que me faltam.

Quanto à passagem em questão, penso como vós que se trata de um defeito de expressão, tanto mais que estou persuadido de foram suas idéias e sentimentos, e não suas palavras, que lhe foram inspiradas.: em vez de material ela quis dizer corporal, o que estaria de acordo com a idéia que tenho de que há corpos celestes e corpos terrestres, corpos espirituais e corpos materiais. I Cor. 15:40,44¹¹⁵.

Quanto à sua certeza sobre o reino do nosso divino Mestre, tomado no sentido literal, vejo que tem fundamento em muitas passagens das Sagradas Escrituras, dentre outras, Cor. 15:23;28¹¹⁶;

¹¹⁵ 40: “Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais e outra a glória dos terrestres”. Na tradução da carta de Paulo é empregado o termo natural: 44: “Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual”.

¹¹⁶ 23: “Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda”. 28: “Quando, porém, todas as cousas lhe estiverem sujeitas, então o próprio filho também se sujeitará àquele que todas as cousas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”.

Sabedoria 3:8¹¹⁷; Atos 1:6-7¹¹⁸ e 3:19-21¹¹⁹; Apoc. 20:2,10¹²⁰, 5:10¹²¹; 11:15¹²², 21:1,4¹²³ e 22:1,5¹²⁴; Lucas 1:32-33¹²⁵; Isaías 11:7¹²⁶. Omito uma grande quantidade de outras passagens. Uma vez contei até cento e sessenta e quatro. Felizes aqueles que, começando nesta vida, se deixam governar inteiramente por ele e que se nutrem substancialmente de seu corpo glorificado para que possam, por seu poder, sobrepujar todos os inimigos. Não podemos, caro irmão, tratar de assunto mais importante do que o caminho que conduz sem desvios àquele cujo reino não é deste mundo. Lamento não poder esperar que essas conversações logo se tornem verbais, em vez de ficarem restritas a vestígios que não exprimem minhas idéias senão de maneira imperfeita, assim como os sentimentos de apego e respeito que tenho por vós.

P.S. Acrescento aqui uma pequena amostra dos números de Monsieur d'E... que se achava no fim de sua última carta. Informa-me ele que se eu acrescentasse o número 9 aos algarismos do ano em curso, de acordo com a doutrina dos números, símbolo da sensualidade, obteria então o seguinte quadro:

$$\begin{array}{r}
 \dots 15 \dots \dots \dots 6 \\
 \dots 18 \dots \dots \dots 9 \\
 \dots 16 \dots \dots \dots 7 \\
 \underline{\dots 10 \dots \dots \dots 1} \\
 \dots 59 \dots \dots \dots 23/5 \\
 \hline
 11/2 \cdot 14/5 - 18/9
 \end{array}$$

Compreendo como, através de do cálculo, ele tenha chegado ao número 5, mas não vejo de onde derivou os dois algarismo próximos do 14, ou seja: 11 e 18. Ele acrescenta as seguintes palavras: “5 ist eine fürchterliche Kreuz-Zahl; die Zahl der moralischem Fäulniss und inneren Gährung der Gemüther, eine zahl rigoris divini judices. Wer Ruhe unter den Stürmen sucht, setze der Zahl. 59-62, entgegen”. (O 5 é um número temível e que indica sofrimento; é também o número da corrupção moral e do fermento universal das mentes, um número do *rigoris divini judices* (rigor do julgamento divino). Aquele que busca descanso e paz para si mesmo em meio às tempestades que oponha a 59 o número 62.)

$$\begin{array}{r}
 5 \dots \dots \dots 9 \\
 7 \dots \dots \dots 15/16
 \end{array}$$

¹¹⁷ “Julgarão as nações, dominarão os povos, e o Senhor reinará sobre eles para sempre”.

¹¹⁸ “Então os que estavam reunidos lhe perguntavam: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel. Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade”.

¹¹⁹ “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as cousas, de que Deus falou por boca dos seu santos profetas desde a antigüidade”.

¹²⁰ 2: “Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos. 10: O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos”.

¹²¹ “E para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”.

¹²² “O sétimo anjo tocou a trombeta e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.

¹²³ 1: “Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e um grande corrente”. 4: Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

¹²⁴ 1: “Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro”. 5: “Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz e de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos”.

¹²⁵ “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim”.

¹²⁶ “A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias junta se deitarão; o leão comerá palha como o boi”.

Por qual razão ele opôs 62 ao algarismo 59 é o que ignoro completamente.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 88

12 de Maio de 1796

Felicito-vos, caro irmão, por irdes imediatamente gozar do prazer de ficardes com vós mesmo em vossos campos. Também vos felicito por vos encontrardes inteiramente livre dos assuntos deste mundo para vos ocupardes somente do grande assunto, como é vosso desejo e projeto. Enfim, como eu mesmo me felicitaria se pudesse participar em alguns momentos do vosso lazer. Mas o rei deste mundo, que não tem senão um cetro de ferro, ocupa-se somente em quebrar seus súditos, ou de preferência aqueles que não querem sê-lo; e somos continuamente obrigados a nos refugiarmos em outro reino que não seja o seu para encontrarmos a paz e a liberdade, mesmo em todas as privações. Nossas potências temporais, que não passam de fantoches seus, não me parecem muito próximas de uma conciliação. Quero crer que elas não acham enaltecedor para si mesmos descansar de suas pilhagens antes de se exaurirem completamente, e a paz me parece impossível, a menos que nossos últimos sucessos na Itália não os façam refletir. Seja feita a vontade de Deus. Sua bondade me traz tantas graças que não devo queixar-me, seja qual for o preço que me tenha de pagar por elas.

Escrevi a Lyon pedindo as obras das quais me falastes, mas, sejam quais forem as nossas previsões sobre esse gênero, sabeis, tanto quanto eu, a solução do enigma de hoje, que consiste, como dizeis, na *abertura* e no *desenvolvimento* de nosso ser. Amém. Passo logo em seguida aos números de vosso amigo de M... e creio ter encontrado a solução das dificuldades que vos embarçam. Diz ele que, de acordo com a doutrina dos números, se acrescentardes 9 a 1796, etc., tereis, etc. Descobri que a adição de 9 não é necessária: 1º, porque ele mesmo não a faz, uma vez que se contenta em dispor 1786 em coluna sem lhe acrescentar 9 e que também não o acrescenta à soma que faz dessa coluna; 2º, porque, se o acrescentasse, nada mudaria no resultado final, porque o número 9, que ele chama de símbolo da sensualidade, é, em nossa escola, o da aparência; assim, sua propriedade é tão nula que não faz diferença alguma acrescentá-lo a quaisquer outros números ou retirá-los deles. Como poderá ser divertido vos convencerdes disso, vou copiar-lhe o exemplo para responder às duas perguntas:

$$\begin{array}{r} \dots 15 \dots \dots 6 \\ \dots 18 \dots \dots 9 \\ \dots 16 \dots \dots 7 \\ \dots 10 \dots \dots 1 \\ \dots 59 \dots \dots 23 \\ 11 \dots 14 \dots 18 \dots 5 \\ \dots 2 \dots 5 \dots 9 \end{array}$$

Não compreendeis como foi que ele chegou ao 11 e ao 18. Foi unicamente remontando de 5 até as duas filas de algarismos que lhe estão acima e fazendo em seguida o 5 entrar nas duas somas. Desse modo, temos:

$$\begin{array}{r} \dots 59 \dots 5 \dots 9 \\ \dots 14 \dots 1 \dots 4 \\ \dots 5 \dots 5 \dots 5 \\ 11 \ 18 \dots \dots 11 \ 18 \end{array}$$

Eis a minha resposta à vossa primeira pergunta.

Ele tem razão em apresentar o 5 como um número temível e tão terrível como o da corrupção; mas, segundo as leis da grande sabedoria, do mal sempre se tira o bem e o remédio está na própria chaga. Assim, é por esse mesmo número 5 que nosso divino Reparador pensou¹²⁷ todas as nossas feridas, pois foi no quinquagésimo dia depois de sua ressurreição que sua promessa foi cumprida e o consolo do Espírito jorrou sobre os apóstolos em toda a abundância de sua plenitude. É verdade que ele compôs o quinário curativo com outros elementos além dos que haviam entrado pelo pecado na formação do primeiro quinário, e é nisso que se vê e se admira a indústria divina. E eu tive a felicidade de receber sobre isso magnificências que gostaria muito de partilhar convosco, mas que não podem ser expostas de maneira adequada nos limites de uma carta, nem mesmo, talvez, por escrito.

Vamos à vossa segunda pergunta. Não compreendeis por que motivo ele opôs 62 a 59 desta maneira:

$$\begin{array}{r} 5 \dots\dots\dots 9 \\ 7 \dots\dots\dots 15 \\ \dots\dots\dots 16 \\ 6 \dots\dots\dots 2 \end{array}$$

A razão dessa oposição é que o número 8, dado por 62, é o número corretivo de toda irregularidade, é em nossa escola, o número da dupla potência quaternária; é o resumo do denário, a concentração da unidade universal e, se quiserdes que eu vos diga, provamos que esse octenário é numericamente o mesmo que abriu tudo aos apóstolos, e é essa prova que exigiria a facilidade de mostrar-se verbalmente. Vosso amigo a opôs, pois, com justiça a 59, que é ao mesmo tempo a abominação e a aparência. Mas vede que, para realizar essa retificação, ele combinou através de um acréscimo, que é o núcleo de todas as coisas, os elementos respectivos desse dois números diferentes. Assim, o 5, que em 59 não passa de abominação, torna-se um número espiritual; o 7, somado ao 2, dá 9, que não passa de aparência neutra no modo ativo de operação universal, que é 5, assim como ele o restabelece 15/6; com isso, tudo se acalma e renasce a ordem. Eis, meu caro irmão, o que tenho para responder à vossa segunda pergunta.

Não é que o 8 não tenha elementos bem melhores do que o 62, e eu mesmo jamais me permitiria empregá-lo como vosso amigo o fez. O mesmo digo do número 7, que está bem longe de não ter outra origem senão aquela que ele lhe dá, o que me faz crer que, se ele tem percepções sobre os números, não os puxa ainda por sua verdadeira raiz. Mas estou conformado com sua linguagem e sempre podereis usar a pequena exposição que vos apresento. Quanto ao mais, meu caro irmão, todas essas maravilhas numéricas nada mais são que a casca das coisas; é pelo nosso interior que podemos e devemos trabalhar virtualmente para estabelecer em nós a sua substancialidade. No momento, por favor, uma palavrinha sobre gramática.

Três Princípios, p. 5, cap. 20, nº 93, 1. linha: *Ein solch fromm Kind*¹²⁸. Creio que *fromm* aqui é um erro, pois significa *piadoso*, e não é esse o caso.

Id., nº 21, 4. linha: *Gelffen*. Não consigo encontrar essa palavra. Vinde em meu socorro, caro irmão, nessas duas dificuldades.

Adeus, meu caro irmão. *Ora pro nobis*.¹²⁹

Ia-me esquecendo de falar-vos sobre meu jovem pintor. Vós o caracterizastes perfeitamente: é uma alma gentil e sensível; toma gosto nos nossos assuntos; divide seu tempo entre esse estudo e os

¹²⁷ No sentido de fazer curativos, cuidar, tratar.

¹²⁸ Uma criança tão piadosa.

¹²⁹ Orai por nós.

estudos municipais, pois é funcionário público. O tempo que lhe resta emprega-o no cultivo de seus campos e de sua casa: é casado e pai de uma criança bem nova. Acha-se tão feliz que só fala dela chorando de alegria. Somos parentes bastante próximos.

SAINT-MARTIN

CARTA 89

12 de Maio de 1796

Apresso-me, caro irmão, a responder à vossa carta de 2 de Maio antes de minha partida para o campo que, felizmente, está marcada para o dia 17 deste mês. Infelizmente receio que julgastes corretamente demais os motivos que fazem continuar guerra sanguinária; no entanto, restam-me ainda alguns raios de esperança da paz. Cremos aqui na paz que o rei da Sardenha vai fazer com a república francesa; talvez ela traga após si a paz com o Imperador. Se vossos jornais públicos falarem de uma tentativa que será feita pelo exército de Condé para entrar na França através do cantão de Basileia, não acrediteis em nada. Não somente a natureza do terreno não permite isso, mas temos ainda garantias superiores oficiais e positivas do contrário, e o exército de Condé não pode dar um passo sem as ordens do general austríaco Wurmser.

No entanto, não tenho dúvida alguma de que essa idéia não tenha germinado em algumas cabeças desmioladas desse exército de Condé.

Mas passemos às vossas perguntas gramaticais, meu caro irmão. É sempre uma grande satisfação para mim quando posso contribuir para remover alguns obstáculos que vos causam embaraços na tradução.

Três Princípios, cap. XX, nº 93. *Fromm* significa, conforme dizeis, *piadoso*, o que não combina, e no entanto não é um erro. Eis o enigma; uma construção comum em nossa língua, sobretudo na conversação familiar, é colocar um adjetivo precisamente no sentido oposto ao verdadeiro quando as outras qualificações indicam de maneira suficiente as más disposições do interlocutor. Essa forma irônica torna a coisa que mais se destaca e que mais serve para despertar a atenção. Também evita os adjetivos que poderiam ultrapassar o mal que nos daria fundamento para falarmos de outra pessoa.

Id., nº 121, 4. lin. *Gelffen* é uma palavra antiga que significa o som produzido por um cachorro pequeno quando quer latir. É sinônimo de *glapir*, *japper* (latir, ladrar).

Interessa-me muito o que dizeis do jovem pintor. Estou encantado por terdes o suave consolo de fazer bem à sua alma. Dizei-lhe que lamento por estarmos a cento e cinquenta léguas distantes um do outro.

Muito obrigado pela boa vontade com a qual me explicastes os números de Eckarhausen. Começo a considerar a ciência dos números como uma espécie de álgebra, que tem às próprias de cálculo, pelas quais chegamos a fórmulas que exprimem uma verdade geral. Se as fórmulas não fornecem aquilo que se deseja, no entanto indicam mais ou menos o caminho que se deve seguir para se obtê-la. A grande questão é fixar bem o verdadeiro significado e o valor dos algarismos empregados para não se fazer um cálculo falso; e o cálculo, se for justo, tem como fator interesse o fato de nos indicar uma conformidade entre as fórmulas mais importantes e algumas combinações dos algarismos arábicos. Tanto quanto já pude perceber, atribui-se a cada algarismo um sentido diferente, segundo a classe dos objetos que submetemos a esse cálculo. Os objetos físicos, intelectuais e divinos formam cada um deles uma classe em separado.

O número 1, na primeira classe, é, segundo minha pobre concepção, o tipo do grande princípio;
 2, uma emanção do grande princípio;
 3, o ternário sagrado;
 4, o homem; o que está de acordo com uma pequena descoberta que fiz sem pensar; reduzi o número 145867 aos seus elementos e obtive 4.

$$1+4+5+8+6+7 = 31 = 3+1 = 4$$

5 é a abominação;
 6, o modo ativo de operação;
 7, o espiritual tornado essencial, substancial, como diz nosso amigo B;
 8, o número corretivo da unidade universal, a dupla potência quaternária, um número benéfico que deve encerrar grandes coisas. O número 9 é o das ilusões causadas pelos sentidos, o da aparência.

Informais-me que o 8º é, numericamente, o mesmo que 50. Gostaria de receber, a esse respeito, esclarecimentos que possam ser feitos através de uma explicação escrita. Parece-me que o número 50 só pode tornar-se interessante para os elementos de 6 vezes 8, e da adição de 2. Tomado coletivamente, oferece apenas um 0 à abominação; assim, o objeto principal nesta explicação seria, segundo suponho, uma análise completa do número 8.

Perdoai-me, caro irmão, por minha importunidade. A atenção que destes aos números excitou o interesse que atualmente tenho por eles. Como terei um pouco mais de tempo em Morat, tentarei, se puder, esclarecer minhas idéias sobre essa questão, pois confesso-vos que quase não vi a vasta obra de Eckartshausen. Certamente ele reuniu sobre esse assunto muitos conhecimentos, mas é preciso que eles ainda não tenham adquirido nele o grau de maturidade necessário, pois ele defendeu junto a mim aplicações de sua doutrina que são magnificamente errôneas. Ao lado disso, algumas vezes há idéias sublimes, mas essa mistura me chamou a atenção de modo que não continuei, impedindo-me de encetar um estudo seguido desse objeto que exigia tempo livre além disso.

Se a ciência dos números se funda, como presumo — embora não lhe tenha visto ainda qualquer base sólida — na obra de Eckartshausen, ela se apresenta sob um ponto que se tornou importante; provaria que a Providência permitiu que várias verdades maiores e ocultas ao vulgo tenham sido depositadas numa língua geral, ao alcance e todas as nações; mais do que isso, elas provariam que existe uma língua que, pela combinação de signos que a compõem, pode conduzir a novas descobertas.

A primeira pergunta sobre a solidez dessa ciência versa sobre a autenticidade dos significados de cada número. Sobre o quê repousa ela? A segunda versa sobre o modo de calcular e sobre os objetos submetidos ao cálculo: Por que esse modo, e não outro? E qual é a razão que os autoriza, por exemplo, a submeter os anos da era cristã ao cálculo feito por Eckartshausen? A terceira pergunta é a mais importante, talvez. Ela considera os resultados, as fórmulas obtidas: através da ciência dos números foram encontrados resultados que a lógica ou a razão ordinária não teriam encontrado, ou verdades de um grau mais alto que não foram reveladas nas Sagradas Escrituras? Ou com essas fórmulas foram produzidos, no mundo físico e intelectual, efeitos que ultrapassam as forças ordinárias do homem? Houve jamais uma manifestação pura produzida segundo as direções de uma fórmula? São reflexões que se apresentam logo de saída e que vos transmito com minha costumeira franqueza. Eckartshausen ainda me informou, em uma outra carta que o físico, o espiritual e o divino têm, cada um deles, seu 3-4/7; que podemos conhecer os dois primeiros e crer que conhecemos o último com isso e nos enganarmos; e que, sem o conhecimento do último, os outros dois são imperfeitos, porque o mal pode introduzir-se pela imaginação. Mas quando é acrescentado o terceiro 3-4/7, é então que se atinge o ápice da perfeição 7.7.7/21/3, que só pode ser conseguida através do Reparador. É somente por ele que recebemos os sete dons da mais pura luz ou da razão; os sete dons do amor ou da vontade e os 7 dons do Espírito Santo. É então que recebemos o verdadeiro 3-4/7; é então que se erguem as sete igrejas em nosso interior e se abrem os

sete selos, manifestam-se sete inteligências, sete cornucópias derramam do alto o óleo e sete lâmpadas ardem em nossos interior. O Reparador coberto com a veste branca da pureza caminha então em seu templo no meio desses dons, e esse templo é o coração do regenerado o verdadeiro 3-4/7 17/14 14/5 pela separação entre o mal e o bem, com isso, $X=5$ dividido por 3-4/7, nasce o grande símbolo da cruz com seus mistérios. Até esse ponto, Eck., pela última figura que ele iguala e compara ao 5, parece fazer alusão ao duplo algarismo romano V, que compõe o X.

Fiquei sabendo pelo meu correspondente de Lausanne que a irmã Marguerite está por fim a caminho para me encontrar; tenho bastante vontade de travar conhecimento com ela.

Mas, quaisquer que sejam as nossas provisões nesse gênero, sempre resta o trabalho e o resultado da solução do enigma, a *abertura* e o *desenvolvimento* de nosso ser. Em minha pequena esfera, não vejo senão dois meios que, reunidos, devem conduzir-nos a esse sucesso; por um lado, desligar-nos e por outro, ligar-nos: a maior ou menor quantidade de energia (*Ernst*¹³⁰) que levarmos para essa operação parece-me ser a medida de nossos progressos nessa carreira.

É fora de dúvida que o germe, o princípio mais sublime, está em nós mesmos. Trata-se apenas de penetrar, de destruir e de remover os obstáculos que nos ocultam sua deslumbrante luz. Para cumprir essa tarefa é necessário que às *virtudes* superiores se apresentem de maneira visível ao homem e que venham em seu socorro para ajudá-lo com sua influência e seus conselhos? Não parece mais que as manifestações puras sejam, não precursoras, mas uma seqüência do desenvolvimento da própria luz? Há uma terceira posição possível; é que o homem, quando já desenvolveu seu ser até um certo ponto, encontra então os *guias*, que o levam mais adiante e o ajudam a completar a obra. Mas, nessa suposição, quem poderia sufocar o desejo de conhecer o tipo, a fórmula universal pela qual podemos comunicar-nos com os agentes particulares e benfeitores capazes de nos ajudar a terminar a obra? Se todas as virtudes benfeitas são ordenadas pelo grande princípio somente para cooperar na reabilitação dos homens; se estão separadas apenas para nós, se estão expostas à nudez, ao frio e a fome apenas por amor do homem, não há uma vocação direta, um dever impositivo de revestir as que são despojadas por causa dele, de fazer entrar as que estão fora e dar de comer e beber aquelas que sofrem fome e sede? E uma vez que nada fazemos sem tê-las por testemunhas, sem sermos por elas vistos, ouvidos e tocados, o que é que nos impede de vê-las, de conhecê-las tão bem e de maneira tão íntima que elas nos vejam e nos conheçam a nós mesmos? Seria unicamente falta de uma vontade firme e contínua ou falta de conhecer o grande nome que rasga o véu que as cobre? Mas paro aqui. Receio sair da profunda humilhação e resignação, que é o estado que mais convém ao homem. Adoremos a divina Providência e que sua vontade seja feita assim na terra como no céu: quer sejamos esclarecidos, ou quer permaneçamos cegos, não importa, contanto que nosso coração esteja ligado a ela e que nosso primeiro cuidado seja o de não ter outra vontade senão a sua.

Adeus, meu caro irmão, não vos esqueçais jamais de mim em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 90

7 de Junho de 1796

Os números não são uma álgebra, caro irmão: foram os homens que os rebaixaram a isso: não passam da expressão sensível, visível ou intelectual das diversas propriedades dos seres provenientes todos da única essência. A instrução teórica tradicional transmite-nos um parte dessa ciência, mas com o perigo de vermos nela tanto o falso quanto o verdadeiro, segunda medida na qual se encontra a postura do mestre: somente a regeneração nos desvenda as bases e aí, sem

¹³⁰ Seriedade.

mestres, recebemos a chave pura, cada um, contudo, no grau que lhe é próprio.

Vede o nosso amigo B. quem foi que lhe ensinou as sete formas da natureza universal? Quem foi que lhe ensinou o número do Ternário manifestado pela cruz no meio da vontade reconhecida? Quem foi que lhe ensinou os dez espelhos, no final dos quais o fim busca o começo, etc., etc.? Esses conhecimentos lhe foram dados pela própria fonte, que nele entrou nele ou ele subiu até ela. Aí ele deixou o homem terrestre, que vê apenas erros e trevas, apesar de suas ciências e de sua razão; não procurou viver senão em seu homem divino, que deve, naturalmente, refletir todas as luzes, porque elas não se movem e por ele ser delas o espelha por nascimento e adoção. Sendo 7 o número das formas universais do Espírito, conforme me atestam milhares de razões, podemos segui-lo sem seu curso, que chamo de curso vegetativo, porque tudo deve ser vivo a partir dele. Ora, é somente pela elevação das raízes à sua potência que tenho uma imagem da vida das propriedades: assim, é multiplicando essa raiz que descobrimos os frutos, que são 49, produto de 7×7 . Mas, embora eu chegue assim a esse produto, a raiz que o gera não muda de natureza por causa disso; ela nada mais faz do que estender-se e multiplicar-se, conservando sempre seu caráter radical. Assim, 49 é sempre 7 para mim, mas 7 em desenvolvimento, ao passo que em sua raiz, só é 7 em concentração. Não obstante, precisa do desenvolvimento para chegar a 8, que é o espelho temporal do denário invisível e incalculável para nós. Ora, ao mesmo tempo que passa de 7 para 8 no meio da grande unidade à qual se une, passa também de 49 para 50 por intermédio dessa mesma unidade, arrastando nessa união o 4º, ou a alma humana, fazendo-o passar diretamente e abolir o 9º da aparência, que é nosso limite e causa de nossa privação. Eis, caro irmão, uma pequena esquisse da maneira pela qual 5 vale 8 e 8 vale 5, na grande maravilha que o divino Reparador operou para nossa regeneração. É uma coisa determinada diretamente à minha inteligência e que não recebi de homem algum. Desejo que ela vos conceda o que me concedeu.

Não podeis formar 50 de $8+2$ porque empregariéis como elemento o número 8 que ainda não existe e que só deve ser encontrado após a operação; o número 6, que não é um número ativo, mas somente o órgão por onde passa a vida; por fim, o número 2, que é o número da iniquidade e não pode ser encontrado nos números constitutivos do Reparador, pois já foi dito que ele aprendeu tudo do homem, exceto o pecado. Não entro em todas as outras perguntas que me fazeis dobre o significado de cada número, sobre o modo de calcular, sobre as fórmulas e os resultados. Além de esses volumes não bastarem para preencher convenientemente uma tarefa semelhante, eu já vos disse tudo ao repetir que é na regeneração, e somente na regeneração, que descobrimos nesse gênero alguma coisa de seguro. Nessa regeneração há vários degraus e também há vários nos caminhos tenebrosos da razão humana. Minha vida inteira não bastaria para sondar todos esses limites e, se eu me entregasse de por minha conta a essa empresa, correria o risco de só colher resultados duvidosos. Ignoro por que é que vosso amigo submete o ano da era cristã ao seu cálculo; sem ter os dados dele, não posso dizer se ele está certo ou errado. Há, nessa ordem de coisas, uma imensurável imensidade de pontos de vista que são dados a cada um, e é somente nas explicações recíprocas que e pela confrontação dos princípios que podemos ficar certos da natureza da árvore, assim como da natureza de seus frutos.

Conheceis o verdadeiro alvo, caro irmão. Ao dizerdes que por um lado é preciso nos desligar e, por outro, nos ligarmos, e toda utilidade que posso ter junto a vós é encorajar-vos, pois ainda estou bem longe de poder instruir-vos. Sim, só nos falta, conforme dizeis, uma vontade firme e sair como Ló de nossa Sodoma, digna somente da cólera e do espírito do enxofre para entrar novamente no ar livre e puro da proteção divina. E antes que o grande nome possa ensinar-nos tudo, é preciso que comecemos pelos nossos esforços, nossa fé e nossa constância, para nos reaproximarmos desse grande nome, que, embora aja e fale sem cessar, não é, sentido nem entendido pelo ser bestial que nos encerra. Lede B. a respeito disso; é o doutor dos doutores.

Espero que vossas conjecturas políticas se realizem, tendo em vista os espantosos acontecimentos na Itália. Jamais me inquietei com o exército de Condé; sempre o acreditei muito pouco temível

para formar grandes projetos. Considero-o como uma formação de exército com a qual se gostaria de fazer pelo menos um espantalho.

Adeus, meu caro irmão, recomendo-me às vossas preces. Minha carta partirá de Tours porque durante os próximos cinco ou seis dias estarei no campo, que fica mais perto de lá do que de Amboise. Meu endereço é sempre o mesmo.

Fiz novas pesquisas sobre Antoinette Bourignon e nada pude descobrir ainda. Se tiverdes mais condições de êxito do que eu, rogo que não vos esqueçais de mim. Teria chegado o tempo de vos dedicardes às traduções de que havíamos falado? Terminei a dos *Três Princípios* e a da *Tríplice Vida*. Tenho uma, embora ruim, da *Signatura Rerum*, e a do *Caminho para Cristo*, que me destes. Escolhei dentre o resto o que mais vos agradar. Tenho alguma vontade de começar imediatamente os *Seis Pontos* e os *Nove Textos* que se seguem a estes, e deles eu bem poderia passar às *Quarenta Perguntas*. Perdão se faço essa escolha: acreditei que nela haveria menos fadiga para mim e na verdade sou obrigado a reconsiderá-la. Não poderia de modo algum encarregar-me da tradução das cartas porque elas não se acham incluídas em minha tradução inglesa, e porque recearia nem sempre sair-me bem sem esse apoio.

SAINT-MARTIN

CARTA 91

M..., 18 de Junho de 1796

Cheguei aqui, mui caro irmão, como vos informei em minha última carta, no dia 17 do mês passado. Mas, mal me tinha começado a instalar-me e começava a gozar minha tranqüilidade quando precisei partir para visitar nossas salinas situadas perto das fronteiras do Valais. Essa viagem tomou-me doze dias. No entanto, tirei proveito de cada quarto de hora que ficava à minha disposição para ocupar-me com nosso grande negócio. Dir-se-ia que o rei deste mundo não perde de vista aqueles que querem escapar de seu reino e que ele é fértil em recursos para desviá-los de seus projetos: no mesmo dia em que voltei a M... recebi vossa excelente carta de 7 de Junho.

Fiquei muito satisfeito com o que me dizeis sobre os números; eles exprimem e denotam as relações e as propriedades dos seres. A origem de todas as coisas que existem, a *origem* de suas relações e de suas propriedades é, indubitavelmente, o grande princípio, o ser dos seres, a unidade invisível; tudo decorre dessa fonte e tudo se apóia nessa base. Mas a maneira pela qual os seres criados procedem dessa fonte, a maneira segundo a qual se desenvolvem, a maneira através da qual podem aperfeiçoar-se e se perverter, e a ação e reação entre eles está estabelecida sobre leis constantes e invariáveis e, para a felicidade dos homens, sobre leis *análogas*. De modo que, já que eles possuem bem o conhecimento da ligação de alguns elos, mesmo que esse conhecimento tivesse só tivesse como objeto algumas partes da natureza elementar, servir-lhes-ia de imagem, guia e regra para descobrir a ligação dos outros elos. Assim, a verdadeira ciência encontra-se, segundo as noções que tenho, no conhecimento das leis do mais sublime Legislador, para o qual língua alguma tem um nome que possa exprimir suficientemente a elevação, a sabedoria e a bondade; e se pensarmos nele, só nos resta cobrir nosso rosto e prosternar-nos diante dessa fonte deslumbrante de luz e de poder. Ora, afigura-se-me que os eleitos que habitualmente se dessedentaram nessa fonte e que com seus desejos e pureza atraíram sobre si os raios dessa luz, aprenderam a conhecer *essas leis* e que apreenderam as relações que existem entre a sabedoria e o homens, assim como as relações do homem com os seres intermediários que, no encadeamento da criação, existem para estabelecer e formar a ligação dos extremos. Para exprimir essas relações e leis através de signos visíveis, eles se terão servido provavelmente dos números, terão exprimido a unidade invisível, fonte de todos os seres, pela unidade visível, fonte de todos os números. Terão exprimido todos os outros seres segundo as relações que têm com a unidade invisível através de números para os quais terão

encontrado relações semelhantes com a unidade visível; terão escolhido alguns números para exprimir seres e outros números para exprimir apenas propriedades e relações; terão talvez dado a alguns o nome de números ativos e a outros o de números passivos, mas de minhas noções resulta que a ciência dos números propriamente dita é a mais a seqüência do que a introdução à obra.

Esses números exprimem os nossos conhecimentos, mas não os dão. Essa ciência só é verdadeira e sólida à medida que vamos conquistando luzes prévias da própria fonte. Ao iniciado e ao possuidor que conquistou suas riquezas intelectuais com o suor do rosto os números servem de inventário de sua fortuna, mas para o homem pobre eles nada mais são do que o rótulo aplicado a um cofre forte para indicar seu conteúdo. O necessitado pode ler essa inscrição e mesmo compreendê-la até um certo ponto, continuando pobre da mesma forma. Assim, concluo que aquele que quiser fazer progressos na nossa carreira não deve começar pelo estudo dos números, e isso pela razão muito simples de que não podemos inventariar riquezas que ainda não possuímos. Mais do que isso, creio que é mesmo muito perigoso inverter a ordem de nossa marcha e querermos servir-nos dos números como degraus, pois temos necessidade de luzes e das forças diretas e reais sem as quais as mais admiráveis fórmulas, que não passam de reflexo seu, correriam o risco de nos extraviar porque ainda não possuímos essas forças e luzes em si mesmas. Suspeito que era esse o tropeço de Eck. Ele recolheu muitos detalhes teóricos e tradicionais sobre os números e quis aplicá-los para resolver questões sobre todos os objetos, não importa quais fossem. Vi logo de início que ele se enganara e foi isso o que me impediu de estudar sua obra. No entanto, ele não deixou de provocar minha admiração por seu imenso trabalho e através de dos traços de luz que aqui e ali repontavam em suas cartas. Embora suspendendo o estudo, esse atraso de maneira alguma diminui o meu reconhecimento para com esse que tivestes a bondade de revelar-me recentemente. Como guardo todas as vossas cartas com cuidado, chegará um tempo, se a Providência o permitir, em que poderei servir-me dela de maneira útil.

Eu bem sabia, meu caro irmão, que sofríeis alguma inquietude por vossa pátria por causa dos rumores que corriam no tocante à passagem do exército de Condé pelo cantão de Basileia. Mas, se estais tranqüilo acerca disso, vosso governo não o estava e eu esperava que, caso tivésseis falado a alguns de vossos amigos sobre a notícia oficial que eu vos enviava, que ela tivesse podido passar de boca em boca até ele e contribuído, talvez, para tranqüilizá-lo, pois a inquietude do Diretório quanto a esse assunto apenas conseguiria reunir um exército suíço nas fronteiras e esse exército destruiria o cantão de Basileia, que já sofreu demais as desditas do nosso tempo. Eu bem desejaria não haver conjeturado em vão em favor de uma paz próxima. Mas se deixarmos escapar a oportunidade presente, não mais creerei que ela seja feita tão cedo. Somente se propõe melhor a paz do que quando se é vitorioso. Os exércitos são pagos por dia e eu não confio inteiramente num êxito permanente na Itália.

Assim que recebi vossa carta, mandei escrever ao meu correspondente de Lausanne para que faça novas pesquisas concernentes aos escritos de Antoinette. Tende a certeza de que não nada pouparei para conseguir-vos os textos dessa excelente jovem.

Por fim, tive o prazer de travar conhecimento com a irmã Marguerite. Essa jovem é um anjo em forma humana. Acho que sua vida é muito instrutiva, seja pela confirmação das verdades conhecidas, seja fazendo nascer idéias novas. Admiro a diversidade dos gêneros entre os próprio eleitos. Antoinette em nada se parecia à irmã Marguerite: são duas belas flores do mesmo jardim mas bem diferentes uma da outra.

Também fiz provisões para o inverno. Consegui obter uma ed. de B. in-quarto, impressa em caracteres grandes, segundo a ed. de 1682 do general G.

Quanto ao meu tipo atual de lazer, é apenas provisório até que a paz seja feita. Enquanto aguardo, resguardo os de momentos de minha vida tanto quanto possível, e, no fim do ano, esses momentos

subtraídos não deixam de somar-se. De boa vontade eu faria uma tentativa para traduzir as cartas. Num sentido, é a obra mais fácil, e noutra, a mais difícil de nosso autor. Fácil porque seu estilo é claro, e difícil porque supõe o conhecimento de todo o sistema de nosso B., de quem ele é aprendiz. Assim, quantos preparativos são necessários para se empreender essa tarefa de maneira tolerável!

Considero as obras de nosso amigo em duas partes distintas: um, ascética e a outra, científica. A primeira é a mais necessária; é a chave da segunda e o *sine qua non* para a obra. A segunda também tem sua utilidade: provê à primeira uma reação de luz. E é preciso que o autor a tenha julgado recomendável e que não a tenha considerado como somente como uma seqüência imediata da primeira, que decorreria necessariamente da regeneração sem qualquer socorro humano, pois, assim supondo, ele não a teria escrito, contentando-se com ensinar a parte ascética em todos os seus detalhes. Parece também que a Providência tenha adotado essa via de instrução para os livros, uma vez que existem o seu livro, e vários outros desse tipo, que trazem o caráter da bondade e da verdade.

Para descobrir as verdades contidas nesses livros, é preciso estudá-los, e, para estudá-los com proveito, é preciso começar pelos mais claros e mais fáceis. Ora, pelo meu modo de ver e apreender as verdades desse tipo, não encontro introdução melhor na parte teóricas das obras de nosso amigo B. do que os preceitos de vossa antiga escola. Acabo de passar os olhos no livro *Dos Erros e da Verdade* e no *Quadro Natural*, onde vi uma infinidade de coisas que me escaparam há cinco ou seis anos. Foi o que me fez tomar a decisão de me preparar para a leitura do nosso amigo com as duas obras que acabo de vos citar.

Encontrei entre outros um preceito digno de nota no segundo volume do *Quadro*, p. 109, que diz: “É um dos maiores segredos que o homem pode conhecer: o de não ir logo à *sabedoria*, mas de ocupar-se longamente com o caminho que conduz a ela”. (Compreendeis facilmente o verdadeiro sentido das palavras sublinhadas.) Mas antes de prosseguir nessa com um pouco mais de cuidado do que outrora, preciso perguntar-vos se as passagens entre aspas no *Quadro*, ed. de Edimburgo, 1782, são de uma mão que adotais como vossa. Além disso, eu ficaria muito satisfeito por saber se na nomenclatura dessas duas obras encontra-se uma denominação sinônima com duas palavras bem essenciais no sistema do nosso amigo. Refiro-me a *Sophia* e ao *Rei deste mundo*; ou esses dois seres escaparam completamente da vossa escola. Tenho alguma razão para suspeitar deste último, pois nosso amigo D., a quem me apresentastes e que me parecia bem orientado nessa parte, não conhecia uma sílaba sequer sobre *Sophia*; não sei se ele teve alguma noção do *Rei*. É possível que em alguma escola da França não se haja pronunciado esses dois nomes, mas isso não impede que essas escolas tenham gozado brilhante magnificências. Certamente conhecestes outrora um teósofo português chamado Martinez Pasquallys. De acordo com o que ouvi dizer, era um homem profundo e muito adiantado: entretanto, suspeito de que jamais haja conhecido *Sophia*, mesmo de nome; teria ele confundido *Sophia* com a *causa ativa e inteligente* e o *Rei* com o *princípio mau*? Com tudo isso, estou decidido a familiarizar-me com os preceitos de vossa antiga escola: mas, como estou com relação à língua francesa mais ou menos na mesma relação em que vós na língua alemã, permiti-me dirigir-vos de tempos em tempos algumas questões gramaticais.

Por exemplo, no *Quadro*, T. 2, p. 61, l. 11: “para servir de órgão às *virtudes* superiores que nela devem descer”¹³¹. Não compreendo o significado da palavra *órgão* tomada neste sentido. Será que as virtudes superiores teriam necessidade de um *órgão* para descer? E qual é ele?

¹³¹ “O *Oráculo* envolvido e coberto pelas asas dos Querubins; a coroa, ou círculo de ouro, que o encima e parece colocada assim, como o anel de Saturno, para servir de órgão às *virtudes* superiores que nela devem descer; as *mesas* preparadas nas diversas regiões; os doze pães da proposição colocados em fileiras de seis para mostrar-nos as duas *leis senárias*, fontes de todas as coisas intelectuais e corporais”. p. Órgão foi sublinhado pelo missivista; virtudes vem em itálico no original.

P. 108 do mesmo vol., § 2, l. 3: “e não quando lhe penetramos as *virtudes*”.¹³² Ignoro em que sentido a palavra *virtudes* é tomada aqui. Trata-se das propriedades da natureza elementar ou então de uma substância intelectual diferente da matéria?

Idem, p.223, § 3, l. 4: “prestai atenção ao fato de que, a exemplo da ação universal da *vida*...”¹³³ Em que sentido é a palavra *vida* tomada aqui?

Idem, p.235, § 3, l. 1.: Quando todos os *agentes sensíveis*, etc.”.¹³⁴ Certamente há vários, mas ignoro quais sejam aqueles de quem o autor quer falar nesta passagem.

Uma outra palavra importante que não compreendo é a que se encontra no t. 2, p. 239. L. 5: “à medida que cerceamos os *canais intelectuais*”.¹³⁵ Dar-me-íeis grande prazer se me informardes o que entendeis por canais intelectuais que podemos abrir e fechar à vontade.

Adeus, meu caro irmão. Desculpai-me pela longa carta, transmitir-me vossas idéias e lembrar-vos de min em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 92

11 de Julho de 1796

Sinto-me bem contente, caro irmão, porque vedes que os números exprimem as verdades, mas não no-las dão. Desejo que acrescenteis a isso que os homem não escolheram, mas perceberam os números nas propriedades naturais das coisas. Não devem ter tido outros guias para terem certeza de seus passos, pois as verdadeiras ciências são aquelas em que o homem nada coloca de seu. Os próprios algarismos, meras expressões materiais dos números, não se ligam primitivamente ao arbitrário e à convenção humana tanto quanto poderíamos crer segundo o uso fantástico para o qual as artes e as ciências exteriores os conduziram. Eles têm várias fontes, seja na via das línguas que empregaram letras como números, seja na via da natureza que nos deu os algarismos arábicos. Pois, enfim, está bem claro que desde a queda, nada temos e, por conseqüência, é preciso que tudo nos tenha sido dado. Em seguida, passamos a abusar de tudo e abusamos todos os dias crendo que somos grandes doutores, sobretudo em nossas tenebrosas academias, pois a qualidade de abusadores é a nossa qualidade eminente e desde Adão não temos feito outra coisa. Mas esse assunto é vasto demais para uma carta. Como teríamos haurido noções se tivéssemos podido ver-nos por alguns momentos desde que escrevemos um ao outro! Em vosso campo, principalmente, onde teríamos ficado sem sermos perturbados! Sabeis melhor do que eu quando as circunstâncias serão oportunas e deixo esse assunto por conta de vossa sabedoria. Tudo o que sei é que atualmente os passaportes não são, de modo algum, difíceis de conseguir do nosso governo para visitar vossa pátria. Enquanto aguardamos, fazeis bem em suspender esse estudo, uma vez que vós mesmo sentis por onde o conhecimento deve vir a vós para terdes certeza. Vossa confiança política assustou-me outrora,

¹³² “Se a Natureza elementar nos é nociva, é quando nos deixamos escravizar por ela e não quando lhe penetramos nas virtudes”.

¹³³ “Mas, para reanimar nossa esperança no meio das privações que sofreis, prestai atenção ao fato de que, a exemplo da ação universal da *vida*, todos qualquer fluido, aquático, ígnea, magnético ou elétrico, tende sempre a recuperar o equilíbrio e a se dirigirem aos lugares em que fazem falta”.

¹³⁴ “Quando todos os Agentes sensíveis de que acabo de falar houverem consumido com sua atividade as substâncias impuras que maculam vossos órgãos materiais”.

¹³⁵ Assim, o que experimentamos com mais freqüência é que a base da qual acabo de falar diminui para nós à medida que cerceamos os *canais intelectuais*, que são como que os sentidos de nosso espírito; e quando interceptamos inteiramente a comunicação, nosso *centro intelectual*, não recebendo mais a substância que deveria formar-lhe a base, vacila sobre si mesmo e tomba, ficando exposto à revolução das circunferências inferiores e horizontais que o arrastam, deixando-o errar segundo suas leis desordenadas: “é o que as justiças humanas têm representado pelo costume de lançar aos ventos as cinzas dos criminosos”.

mas como em minha pátria não tenho correspondência alguma desse tipo, estando a mais de cinquenta léguas no nosso Diretório, passar-se-ia algum tempo antes que eu pudesse fazer com que vossa opinião chegasse a ele, se todavia meus movimentos quanto a isso tivessem podido chegar até ele. E nessas delongas nossos planos teriam tido mais do que o tempo necessário para serem formados e executados: vedes isso claramente pelas nossas últimas operações militares em vossa vizinhança. Se eu tivesse estado em Paris, teria agido mais para ajudar vossa pátria, do mesmo modo que, ao mesmo tempo, teria sido, creio, para ajudar a minha.

Dizeis-me que vosso lazer atual é apenas provisório enquanto aguardais que a paz seja feita. Pode haver sob essas palavras qualquer coisa importante que ignoro e que me revelareis quando o quiserdes. Tive uma idéia e praza aos céus que se realize. Ficaria muito feliz se vosso país enviasse um embaixador ao meu e que fôsseis vós esse embaixador! Talvez vejais nisso um delírio de minha imaginação, mas é também o da amizade. Vamos às minhas obras. Nossa primeira escola tem coisas preciosas. Fico mesmo tentado a crer que Martinez de Pasqually, de quem me falais (e que, já que é preciso dizê-lo, era nosso mestre), possuía a chave ativa de tudo o que o nosso caro B. expõe em suas teorias, mas que não nos acreditava em condições de sermos portadores dessas altas verdades. Havia também pontos que nosso amigo B. ou não conheceu ou não quis mostrar, tais como a *resipiscência*¹³⁶ do ser perverso, à qual o primeiro homem estaria encarregado de trabalhar, idéia que me parece anda digna do plano universal, mas sobre a qual entretanto, não tenho ainda qualquer demonstração positivo, exceto através da inteligência. Quanto à *Sophia* e ao *Rei do Mundo*, ela sobre eles nada nos desvendou, deixando-nos nas noções comuns de Maria e do demônio. Mas eu não garantiria que ele não conhecesse sobre eles e estou certo de que acabaríamos por chegar a esse conhecimento se ele tivesse ficado conosco por mais tempo, mas, mal havíamos começado a caminhar juntos, a morte o tirou de nós. Assim, o silêncio de nosso amigo D(ivonne). sobre esse ponto nada provará, tanto mais que esse amigo nunca passou por nossa escola e jamais conheceu nosso mestre. Só conviveu com alguns de seus discípulos, caminhou pela leitura dos livros desse tipo, pelas vias sonambúlicas e magnéticas, onde tinha virtualidade, e conseguiu alguma luz apesar das nuvens que o cercavam; enfim: pela bondade de sua alma e pelos ditosos dons de sua natureza. Resulta de tudo isso que é um excelente casamento a ser feito, esse de nossa primeira escola com nosso amigo B. é para isso que trabalho e confesso-vos francamente que acho ambos os cônjuges tão bem de acordo um com o outro que não conheço nada de mais perfeito. Assim, tomemos daí o que pudermos. Eu vos ajudarei em tudo o que puder.

As passagens entre aspas do *Qdr. N.*, Edimb. 82 são minhas. O editor achou que não via nelas coerência suficiente com o resto da obra e quis evitar as inquietudes que os leitores pudessem ter. Deixei que o fizesse.

Não podemos negar que na época da lei antiga, ou de rigores, as verdades superiores não estivessem sujeitas a localidades, a fórmulas, sacrifícios cruentos, etc., e que todas as partes e cerimônias do Templo lhe servissem realmente de órgãos. A lei da liberdade está sem qualquer dúvida acima disso, mas nesse tempo não se estava; é preciso não confundir as épocas. Eis aí a resposta à vossa pergunta sobre o *Órgão*, p. 61.

Em geral, a palavra *Virtudes*, sublinhada em toda a obra, quer dizer *Eigenschaften*¹³⁷. A palavra *Propriedade* serve para tudo, seja no elementar, no espiritual, no demoníaco, no divino, etc.

A *Vida*, p. 223, quer dizer aqui, como em todo lugar, o centro e o coração de Deus, cuja possessão, na doçura da alegria, faz a felicidade de todos os seres, segundo nosso amigo B.

Os *Agentes sensíveis*, p 235, significam aqui os agentes elementares realmente encarregados de nossa primeira purificação ou iniciação, o que experimentamos pelo batismo e pelo fogo que, por

¹³⁶ Arrependimento de um pecado, com propósito de correção. Emenda moral.

¹³⁷ Qualidade, propriedade, característica, atributo.

fim deve tudo provar e purgar, sem contar também os direitos que a terra exerce sobre nós durante nossa vida e em nosso túmulo.

Nos *canais intellectuais*, p. 239, são as portas de nossa alma que abrimos e fechamos segundo a nossa vontade, através de nossos desejos, nossa imaginação, o trabalho interno mais ou menos forte ou negligenciado, nossa boa ou má conduta, etc.

Agora, a minha vez: *Três Princípios*, cap. 13, nº 2, l. 5. *Zu dieser Stunde wurd sein himmlischer Leib Zu Fleisch, und sene strake Kraft Zu Beinen*. E no mesmo capítulo, nº 13 completo, e nº 35 no fim. Parece-me ver aí uma contradição sobre os ossos de Adão, que, no primeiro exemplo, transformam-se inteiramente e nos seguintes tem outro andamento. Dai-me o prazer de me ajudardes nisso. Rogo-vos dizer-me também como se deve traduzir a palavra *Gericht*, que se encontra nos Seis Pontos. Primeiro Ponto, cap. 1º, nº 50.

Adeus, meu caro irmão.

SAINT-MARTIN

CARTA 93

M., 27 de Julho de 1796

Mil agradecimentos, caro irmão, pela comunicação sobre a maneira geral de considerar os números. Eles eram os guias dos homens de desejo, mas guias não escolhidos por si mesmos; encontrei vestígios disso nas obras escritas mais de 550 anos antes da era cristã. Meu amigo de M. informou-me recentemente que acabava refundir sua grande obra sobre os números: sua infatigabilidade merece-lhe algum êxito.

Ninguém, caro irmão, sente mais do que eu quantos assuntos teríamos esgotado se nos houvéssemos conhecido desde o início de nossa correspondência; assim, espero que haja realmente chegado o momento em que provavelmente se cumpra um de meus mais caros desejos. A notícia sobre a facilidade com a qual o vosso governo concede passaportes para vir à minha pátria causou-me a mais viva satisfação: não demoreis em vos aproveitardes dela, caro irmão; vinde, a convite da amizade, gozar em paz do prazer falar sobre vossas idéias favoritas. Ignoro a forma que vosso governo dá aos passaportes, mas tomai cuidado para que vossa condição indicada de homem de letras demonstre claramente que não sois emigrante, e que o propósito de vossa viagem à Suíça é o progresso das ciências físicas, econômicas e matemáticas. Primeiro, assim que recebi vossa carta, escrevi ao nosso governo. Anunciei-vos dessa maneira para que pudésseis viajar ainda com mais conforto. Indiquei vosso nome e local de nascimento e o tribunal encarregado da vigilância de estrangeiros respondeu com muita gentileza aos meus desejos. Nos tempos atuais é necessário ter uma opinião segura; e da mesma forma espero conseguir em nossos encontros um progresso nos conhecimentos relativos às visões físicas, à economia da obra e à aritmética de Pitágoras. Como sou presidente da Sociedade Econômica e Física de Berna, seria oportuno, sob diferentes aspectos, que tentásseis obter do Comitê de Instrução Pública ou do ministério que concede passaportes uma recomendação para as sociedades físicas da Suíça. Buscaríeis esse pedido pela facilidade que tereis em prosseguir vossos estudos em nosso país, que é realmente interessante, seja por sua cultura, seja por suas produções que são da competência da história natural. Tenho então uma ordem do comitê de nosso governo, que acabo de mencionar, de informar-lhe os atestados e os documentos relativos ao objeto de vossa viagem. Essa medida de prudência é o resultado de uma requisição do vosso Diretório, que insistiu através de seu embaixador, Monsieur Barthélemy, par que imigrantes franceses saíssem de nosso território, mediante o quê, aqueles para quem os motivos de humanidade não fazem exceção, são obrigados a partir, e o nosso governo está muito vigilante para não conceder direito de entrada a pessoas que não sejam aprovadas pelo vosso. Assim, não se exige somente um

passaporte, mas também que a indicação dos objetivos dos viajantes que permanecem por qualquer tempo conosco seja atestada por algumas de vossas pessoas encarregadas de tal mister. Mas nada vos será mais fácil do que tomar essas precauções com as quais vivereis também com bastante tranqüilidade em minha casa, em Morat ou em Berna, como se estivésseis na mais perfeita solidão. E embora a minha casa em Morat esteja encerrada dentro das muralhas dessa cidadezinha, nela estareis no meio do verde e gozareis da vista do lago sem sair de casa, como se tivésseis penetrado vinte léguas no campo.

Nosso amigo D., que eu acreditava estar na África, na comitiva de um enviado do país onde vivia, proporcionou-me (pouco tempo depois de minha última carta) um surpresa bem agradável, entrando em minha casa em Morat por ocasião de sua passagem em Lausanne, onde ia ver seus pais. Minha alegria foi bem maior quando vi, ao fim de cinco minutos de conversa, que a semente que espalhastes ao recomendar as obras de nosso amigo B., etc., e que passou por minhas mãos, não apenas germinou, mais ainda deu frutos nesse excelente jovem. Embora não conheça alemão, por sorte ele sabia inglês e a providência pôs também em suas mãos um resumo do sistema do nosso amigo feito por *Law*, de quem ele me falou muito bem. Em suma, durante sua ausência ele só se ocupou quase que inteiramente desse estudo. Também teve um encontro com um grande discípulo de nosso antigo mestre. Se na pressa com que conversamos, entendi bem o seu nome, era o abade Fournier. Podeis supor que nosso amigo aproveitou isso ao máximo. Eles falaram muito de nós e o apego que Divonne tem para convosco aumentou mais. Como ele tem alguma pretensão de traduzir em francês o resumo de *Law*, encorajei-o a empreendê-la. Ele prometeu ver-me novamente ao fim de algumas semanas, mas, alguns dias depois de sua partida de Morat surgiu a proclamação de nosso governo contra os emigrados franceses. Entretanto, como sua família saiu da França antes da revolução, espero que ele consiga uma isenção e nada negligencie a fim de conseguir-lha. — O assunto foi remetido a uma comissão que, por causa da multiplicidade das reivindicações e das férias atuais, só fará seu relatório no mês de Setembro. Quanto à minha confiança política, que na época de minha primeira carta teria chegado a tempo, o governo de Basileia teve as mesmas idéias que eu e, para colocar diante do Diretório as provas materiais que poderiam tranqüilizá-lo, enviou seu grande tribuno a Paris. Sua missão teve todo o êxito desejado, havendo ele dissipado as nuvens que uns intrigantes queriam erguer entre o governo francês e a república de Basileia para chamar novamente Monsieur Barthélemy, em cuja probidade temos plena confiança. A passagem do Reno pelas tropas francesas conseguiu tornar então impossíveis, moral e fisicamente, os supostos projetos do exército de Condé.

Quanto à passagem de minha carta na qual digo que meu lazer não passa de provisório e que vos deu idéias bem lisonjeiras sobre mim, porque trazem a marca da vossa amizade, referia-se a outras distrações, embora do mesmo tipo. Na idade em que estou, não ambiciono nada mais do que o repouso, porque todos os momentos que me restam são-me infinitamente preciosos.

Encanta-me saber que tendes a mesma opinião que eu sobre a união das duas escolas.

Recentemente consegui ainda ajuda quanto a esse objetivo: não somente possuo uma obra rara e bem lúcida de um eleito do século XIV, Rusbrock, mestre de Taulerus, mas também descobri nas passagens das obras de Schwenkfeld e de Weigel, que precederam ambos ao nosso amigo B., vestígios notáveis. Assim, a verdade teve uma seqüência de testemunhas nos tempos mais recuados. Mais o que acima de tudo me causou prazer com relação à vossa primeira escola é que vosso *O Novo Homem* veio finalmente dar à minhas mãos; espero fazer uma boa colheita nessa obra. Sabeis como sou rico em terras; se a providência o permitir, sê-lo-ei um dia em rendas. Eu seria a ingratitude em pessoa se não reconhecesse todas as dádivas com que ela me cumula, cercado como estou em meu escritório pelas instruções que os livros podem oferecer-me.

A comunicação do segredo nº 2, p. 6, última linha de *O Novo Homem*, é verdadeiramente consoladora e encorajadora. Conheceis alguma passagem nas obras de B. que apóie essa

comunicação? Ele a teria ignorado ou transportado os ofícios do espírito para as funções de *Sophia*? Gostaria muito de ter uma palavra vossa sobre isso.

Agradeço-vos muito pelas explicações sobre o *Quadro Natural*. As *virtudes* sublinhadas certamente significam propriedades, mas não casos também em que significam substâncias? Ou então, quando as virtudes se manifestam não seriam essas manifestações apenas propriedades, substâncias, e não as próprias substâncias, tornadas sensíveis aos nossos órgãos, sejam eles intelectuais ou externos?

Vamos agora ao nosso caro B., *Três Princípios*, cap. 13, nº 2. L. 5; nº 13 completo e nº 35, do mesmo capítulo, até o fim. A contradição dessas passagens é apenas aparente, dissipando-se quando se considera a gradação da metamorfose. No nº 2, estava apenas esboçada, embora esse passo fosse imenso desde o corpo espiritual e glorioso até o corpo material; mas os ossos, na época da mudança, não haviam recebido ainda a dureza adquirida depois, não se achavam ainda inteiramente consolidados, mas continham ainda uma parte das forças de da virtude do invólucro glorioso que nosso primeiro pai acabara de perder. Eva foi criada com o resto dessa força concentrada que posteriormente formou as costelas, mas essa ossificação material só se deu no momento em que Eva comeu a maçã, dando-a a Adão. Foi no momento em que os dois esposos caíram em pecado que acabou de manifestar-se a materialização cujo germe já estava neles: antes desse momento, ainda eram seres mistos, entre o estado glorioso e o estado humilhante em que nos encontramos atualmente. Mesmo depois da queda, Adão não perdeu totalmente sua virtualidade corporal, já que viveu novecentos e trinta anos. No nº 13 e no fim do 35 encontrareis a confirmação do modo de ver isso.

Vamos aos *Seis Pontos*. 1º ponto, cap. 1º, nº 50. (Quase não podemos abordar *esses seis pontos* sem ficarmos ofuscados pela majestade que os ditou.) A primeira vontade, chamada de pai pelo autor, quer livrar-se dos tormentos que as trevas, com sua acrimônia, fazem a alma sofrer. Essa vontade quer ser livre, quer sair das trevas, quer uma revelação que possa tirá-la de sua prisão, mas não encontra essa revelação em si mesma, não podendo consegui-la senão com a ajuda das *virtudes*; assim ela deseja as *virtudes*. Se então a vontade muda e escolhe as *virtudes* que se encontram na circunferência, então essa vontade extraviada gira, como uma roda, de um objeto a outro. Não aumenta bem-estar, sua vida é uma vida de ansiedade e de amargor: quanto mais ele bebe da água barrenta, mais necessita bebê-la. Mas a segunda vontade, que faz uma escolha melhor, busca a luz no centro. Essa segunda vontade possui a palavra da vida em si mesma; está postada e dirigida ao centro da natureza.

Nosso amigo B. exprimiu a palavra *dirigir* como *Gericht*. Hoje dizemos *Gerichtet*, que vem do verbo *richten*¹³⁸. *Seine Gedanken auf etwas richten* quer dizer: dirigir os pensamentos a algum objeto. Dou-vos detalhes de minhas idéias sobre esses números dos *Seis Pontos* para me corrigirdes, caso esteja enganado.

Espero, caro irmão, que vossa próxima carta me informe sobre vossa resolução de vir à Suíça. O caminho mais curto para vir aqui não é entrar em nosso país por Genebra ou de Neuchâtel, mas pela estrada Pontarlier, de onde seguireis para Yverdon e Payerne, que não fica a mais de quatro léguas de Morat.

Adeus, meu caro irmão. aguardo vossa próxima carta com ansiedade. Como vosso sinete me priva algumas vezes do final de vossas linhas, dai-lhe, por favor, um pouco mais de espaço para que ele não invada meu prazer de ler.

Esqueci-me de vos dizer que um astrônomo alemão declarou a Herschel que Urano não era um planeta, mas uma estrela fixa ainda não descoberta antes. O tempo esclarecerá este fato.

¹³⁸ Neste sentido, dirigir(-se). Também significa julgar, pronunciar uma sentença.

CARTA 94

15 de Agosto de 1796 (25 de termidor, ano 4)

Os passaportes conterão todas as observações de que me falastes, meu caro irmão. Além disso, espero ter recomendações de algumas pessoas de destaque e cartas particulares para nosso embaixador, de modo que todas as nossas opiniões a esse respeito sejam cumpridas. Não é o próprio governo quem dá os passaportes: são as administrações departamentais, de acordo com o critério e os vistos das administrações municipais. Tento de todos os modos utilizar os recursos de que disponho, mas isso exige um pouco de tempo. Além disso, depois de minha última carta, assumi o compromisso de ir visitar alguns amigos que não vejo há quatro anos, especialmente a respeitável prisioneira de Marselha que, depois de ter sido encerrada em Moulins, desde sua prisão, está enfim perto de Paris, não em sua terra, mas na casa de antigos amigos onde está feliz e contente, e onde me será impossível não me deter por alguns momentos, o que me faz temer que não poderei aproximar-me de vossos cantões antes do início de Outubro, e talvez mais tarde. Ora, pessoas que habitaram neles durante dois anos garantiram-me que não é este o momento favorável para fazer semelhante viagem, e todos instam comigo para adiá-la até a primavera, principalmente porque então terei mais meios pecuniários do que no presente e porque aproveitarei para começar o meu percurso por Estrasburgo, onde tenho uma grande amizade, indo de lá até vossa terra, e depois entrando novamente na França por Lyon, onde também terei amigos para ver antes de regressar a Paris, voltando em seguida para casa. Se eu não fizesse essa linha circular e fosse diretamente para a Suíça, teria, na volta, de multiplicar demais os meus trajetos para cumprir os outros objetos. A esperança de ver em vossa terra o amigo Divonne me estimula muito, mas, de acordo com as leis do momento, sua sorte será decidida antes que eu possa ter chegado, senão eu partiria neste momento: assim, se ele partir, eu o perderei e, se ele ficar, eu o encontrarei na primavera como agora. Ao demais, pegarei meus passaportes e outros documentos quando estiverem prontos, por-me-ei a caminho e farei uma pausa, em minha região rural, a umas vinte léguas daqui, em casa de uns amigos com quem devo doravante permanecer em Paris. Daí me dirigirei para junto da ilustre prisioneira de quem vos falei, ficando pronto, seja para partir para a Suíça, se minhas observações não tiverem fundamento, seja para esperar na capital o fim do inverno para começar minha peregrinação, se meu plano vos parecer razoável. Podeis continuar escrevendo para aqui até novo aviso. Vossas cartas me serão remetidas para o lugar onde eu estiver. Se meus documentos caducarem, será fácil renová-los. O que me faz pender ainda para a primavera é que esperarei que então esteja menos indigno de me apresentar diante de vós. Ficaria bem contente se Divonne traduzisse a passagem de B. feita por Law: garanto-vos que isso diminui um pouco a minha dedicação às traduções que havia empreendido, porque creio que isso será mais do que suficiente para o público, o que me ocupava um pouco; e, além disso, acontece que tenho ter tantas outras ocupações que a de tradutor me é verdadeiramente bem difícil sob vários aspectos.

O exemplar do meu *O Novo Homem* que tendes não é o que vos será de mais proveito; é uma ninharia em comparação com outras riquezas que possuíis. Lede outra vez minhas cartas antigas e vereis que o que vos disse sobre isso na época.

Entretanto, nada conheço em B. que exprima de nodo positivo a comunicação da qual falais, página 6. Última linha. Não creio que com isso ele a haja condenado, mas sua grande idéia da via exclusiva da regeneração e de nosso renascimento na fonte do segundo princípio muitas vezes o manteve acima de algumas verdades secundárias e mais próximas do estado comum dos homens. Além disso, se a Divindade não exige senão repousar a cabeça em nós e sinta por não poder consegui-lo (o que é, creio-o, o verdadeiro sentido do Evangelho) não seria de admirar que os espíritos estivessem no mesmo caso: a única diferença é que só nos busca para trazer-nos sua luz e os outros, para virem buscá-la, mas não há menos sofrimento e desejo de cada lado. Em suma, B. nos diz que

o universo só existe para manifestar as maravilhas de Deus, que, sem ele, não seriam conhecidas pelos anjos. Diz ele, além disso, que o homem é quem deveria abrir essas maravilhas. Parece-me que isso é falar de maneira tão clara como nós, uma vez que os anjos devem esperar que o homem abra.

A palavra Virtudes pode também significar existência, se o quisermos, mas isso sempre será, conforme dizeis, com relação às propriedades e manifestações dessas substâncias, uma construção lingüística língua: a palavra Virtudes diz tudo e em todas as classes.

Agradeço-vos pelo que me dissestes sobre os *Três Princípios* e os *Seis Pontos*, pois muito me convém.

Eu já ouvira falar da opinião do astrônomo alemão a respeito de Urano. Creio também que os nossos astrônomos lhe fazem algumas objeções, mas sobre isso nada sei de certo. Quanto ao mais, *non hic opus*¹³⁹.

Enquanto aguardo o prazer de abraçar-vos, seja neste ano ou no próximo, envio-vos uma pequena peça em versos que já fora impressa há quinze anos, mas com muita falhas, quanto à forma e ao fundo. Faz algumas semanas que tentei consertá-la do melhor modo e vos participo esse fato como a qualquer pessoa que ama tudo o que o reconduz ao seu princípio. Vede somente o alvo e tolerai as imperfeições do artista.

Adeus, meu caro irmão. Recomendo-me às vossas preces. Espero que a paz que, dizem, se prepara para nós, também influirá na tranqüilidade e no bem-estar de vossa pátria. Não acrediteis que meu plano pecuniário da primeira página signifique que esteja passando necessidades e não penseis de modo algum em virdes em meu socorro. Não passo falta de nada, mas espero em seis meses ter menos falta ainda. E os caminhos a tomar permitem tais cálculos e reflexões.

Seguem-se estâncias sobre a Origem e o Destino do Homem. V. Obr. Post.

SAINT-MARTIN

CARTA 95

M., 27 de Agosto de 1796

Embora o tempo que reste de minha carreira seja incerto e curto, meu caro irmão, e eu espere ver-vos ainda este outono, não sou, no entanto, bastante egoísta para não sentir a conveniência de vosso plano. Além de ser verdade, ainda, que geralmente a passagem do outono par o inverno não é favorável às viagens à Suíça, não obstante essa regra sofre exceções. O que me consola um pouco é que desfrutarei de prazer maior na primavera do que no mês de Outubro.

Durante o trajeto que projetais tereis condições de dar uma olhada nos progressos do edifício nas diferentes regiões que ides visitar. Eu, sem sair de onde estou, de tempos em tempos descubro algum novo obreiro. Além de nosso amigo de Munique, há um professor em Marbourg que possui a autorização necessária para conseguir ser lido por um público numeroso e que, através de ficções engenhosas, dá boas sacudidelas nos leitores. Suas produções são disputadas. Ele se chama *Jung* e escreve com o nome de *Stilling*. Acaba de completar uma alegoria picante, uma história em quatro volumes, som o nome de *Heimweh*, saudade do lar, bem própria para provocar em nós uma verdadeira *Heimweh*. Além disso, encontrei ainda obreiros subcontratados, os quais me informam que há obras interiores traduzidas em italiano e espanhol, na própria Roma, e creio que já disse que existe em Basiléia uma sociedade secreta para propagar o cristianismo.

¹³⁹ Não é aqui que está a dificuldade.

Estimo muito que possais ver vossa ilustre amiga. Sabeis como há quatro anos ela me despertou interesse, mas suas desditas ainda aumentaram mais esse interesse. De modo que faço não apenas desejo seu desenvolvimento, mas faço ardentes votos para ele e, se não temesse de parecer-vos excêntrico, dir-vos-ia que um movimento imperioso me prende à sua alma.

Nosso amigo Divonne, cuja sorte política do momento ainda não foi determinada, está atualmente em viagem pela Suíça na companhia de um inglês a quem pouco a pouco vai transmitindo seus princípios. Mas como durante longo tempo essa vida ambulante o impedirá de fazer sua tradução, encarrego-me de empreender por ela a versão de meu trecho: mas não preciso acrescentar que, dadas as minhas circunstâncias, esse empreendimento exigirá tempo.

Vosso *O Novo Homem*, assim como os escritos que compusestes segundo vossa primeira escola, servir-me-ão para a confirmação de muitas coisas. A confrontação de nossos autores favoritos, sobretudo a comparação das cartas de nosso general com o texto de B., proporciona-me esclarecimentos freqüentes. Além dessas vantagens, acabo de fazer uma descoberta importante: trata-se nada menos do que de um tratado de nosso amigo B., que não se encontra na edição de 1682, pois o general recebeu manuscritos ainda depois de 1682: foi o que o lhe permitiu reunir uma edição mais completa, publicada depois de sua morte, em 1715. Esse novo tratado é um segundo livro muito interessante sobre o batismo.

Se escreverdes ao vosso conhecido de Estrasburgo, informai-o de que existe uma excelente introdução às obras de Pordage no início de sua *Metafísica* e que essa introdução, teosófica e muito clara, que enche um volume inteiro, foi escrita pelo conde de Metternich, aluno de Madame G..., e pai espiritual de Saint-George de Marsais, do qual tendes um tratado. No coleção das cartas de Madame G..., em cinco volumes, há várias endereçadas ao senhor Metternich, ministro e enviado do rei da Prússia, quando se tratava de conseguir a soberania do condado de Neuchâtel.

Estimo muito que aproveis as notas que vos enviei juntamente com os documentos necessários. Todos os dias tenho ocasião de confirmar a minha crença, detesta e abominada pela maior parte dos filhos de nosso infeliz século, que, guiada por seu mestre, tenta demolir-lhe o edifício. Para chegar a isso, não encontram um caminho mais seguro do que caluniar os obreiros e suspeitar deles. Se alguma vez o preceito de nosso sublime professor já foi tão necessário, é realmente na época presente: “*Ego mitto vos sicut oves in medio luporum: estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbæ.*”¹⁴⁰ O inimigo tem foi longe que deu a uma corja horrenda uma denominação respeitável que só devia ser empregada para designar o eleitos, e ela trabalha para destruir a religião cristã e todos os governos civis; são os anarquistas e desorganizadores da Alemanha, que também têm afiliações entre nós. *Esses homens criminosos*, sendo mais desenvolvidos do que o comum, atacam os homens com fatos, ao passo que, até o presente, não foram atacados senão com discursos. Esses envenenadores, que espalham uma doutrina de *palavras*, nada odeiam tanto quanto aos verdadeiros eleitos.

Tive até a idéia de que não seria inútil unir o nome de um de vossos campos ao vosso e esse nome territorial vos serviria então como traje de viagem, sendo o vosso por demais belo para ser usado todos os dias.

Muito vos agradeço pelos detalhes sobre a minha pergunta no tocante à sexta página de *O Novo Homem*. A grande massa dos homens, da qual uma parte bem considerável nem sequer ouviu falar do regenerador, tem necessidade de uma ajuda, de um guia, que esteja sempre à mão para ser consultado, e esse guia é perfeitamente indicado em *O Novo Homem*. Creio que seu nome vulgar se chama *Consciência*. A existência desse espírito não é certamente condenada por B. Vede no *Myst*.

¹⁴⁰ “Eis que vos envio como cordeiros em meio aos lobos: sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas”. (Mateus, 10:16.)

Magn. o início da segunda linha do nº 9, cap. 8. Recebei meus agradecimentos pelo belo presente que inseristes em vossa carta. Certamente compusestes essas estâncias sublimes de acordo com uma visão física, cujo espírito, esplendor e marca elas trazem. A elevação de nossa origem é uma idéia tão bela que é surpreendente ser ela em geral tão desconhecida. É a respeito disso que nosso amigo B. me deu grandes esclarecimentos, dentre outros, na Aurora, cap. 22, nº 46, item, cap. 23, nº 4. Se os homens fossem capazes de atenção, teriam sido despertados nesse ponto pelos Atos dos Apóstolos 19:27-28. Os próprios pagãos já tinham noções disso, como do espírito do Novo Homem, página 6. Sêneca tem sobre ambos uma bela passagem em sua epístola nº 42: “*Prope est a te Deus. Tecum est et intus est. Ita dico Lucili, sacer inter nos spiritus sedet, malorum bonorumque nostrorum observator et custos; hic prout a nobis tractatus est, ipse tractat. Bonus vir sine deo nemo est.*”¹⁴¹

Mas vossa estâncias exprimem cessa bela idéia com muito mais força; não é somente o *Tecum*, mas a identidade que torna a idéia inteiramente sublime. E os esforços para reconquistarmos nosso primeiro lugar não poderiam estar mais bem figurados na estância dezesseis. Nada de mais tocante do que a estância quinze sobre os meios, os únicos que existem para elevar-nos ao nosso grande destino. A dezesseis encerra o êxito, o cumprimento de nossos desígnios, o fim da obra.

Adeus, meu caro irmão. Uni vossas preces às minhas para que todos os vossos amigos possam alcançar esse fim glorioso.

Terminais a carta com uma observação que se refere a uma expressão da primeira página. Espero, caro irmão, que todas as vezes que as circunstâncias retardarem a marcha dos socorros ordinários, deveis advertir-me sobre isso. Confio completamente em vossa amizade a esse respeito. Tudo o que depender de mim está sempre ao vosso serviço. Antes de encerrar minha carta, permiti-me ainda uma pergunta gramatical. Há uma expressão que embaraça no segundo volume do *Quadro Natural*. Página 230, linha 22. Trata-se da terra. Tende a bondade de dizer-me o que entendeis pela expressão: “Ela é o crisol das almas tanto quanto dos corpos”. Fiquei tocado pela beleza de todo o nº 21, que começa à página 204.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 96

26 de Setembro

Sois mais sábio que eu, meu caro irmão, por permanecerdes assim em vosso lugar. Assim todas as novidades vêm à vossa procura. O *Heimweh* é um belo assunto. Essa doença atormenta há muito tempo, aumentando a cada dia e com toda certeza, se eu não fosse ainda um pouco francês, ficaria no meu cantinho e trabalharia de maneira frutífera em minha obra. Entretanto, como não tenho outro desejo senão o de ver boas almas com quem possa tratar do progresso da verdade, eu me permitiria ainda essa pequena escapada, voltando em seguida a concentrar-me em minha região com alguns amigos. Encontro doçura na perspectiva de proporcionar alguns raios pequenos da vida espiritual à terra natal que me deu a vida temporal.

Não é para minha amiga¹⁴², mas para o público que desejaria a tradução de quem me falastes, a qual insisto que empreendais. Aliás, confesso-vos que creio ser o alimento de B. um pouco forte para ela. As virtudes morais, da piedade, é que são o seu gênero. Quanto às instruções, ela as teve todos os tipos, mas sem qualquer sistematização para pô-las à obra, e creio que hoje seria um pouco tarde

¹⁴¹ “Deus está perto de ti. Está contigo e dentro de ti. Assim, pois, te digo, ó Lucílio, dentro de nós habita um espírito sagrado, que observa e vigia nossos males e bens; segundo é por nós dirigido, assim nos dirige. Um homem bom sem Deus não é ninguém”.

¹⁴² A duquesa de Bourbon.

para tentar ensinar-lhe B., que exige, por assim dizer, pessoas destinadas a esse fim e que tenham sido preparadas de maneira diferente da dela, tanto pela sua educação de corte como pela espiritual. Nem por isso deixa de ser o melhor coração que se possa conhecer e não fico surpreso com as relações que o vosso sente para com o seu.

Informe-me a Estrasburgo o que me dissestes de Madame G. quando nos virmos, tomarei conhecimento de todas as vossas riquezas. Enquanto aguardo, esforço-me por enriquecer-me em minha raiz e através de minha raiz, sem deixar de pensar que esses são os únicos meios que nos são verdadeiramente próprios e para sempre proveitosos.

Refletirei sobre a questão do nome necessário para o local. Mas em meus documentos eu nada poderia mudar nem acrescentar ao meu verdadeiro nome. As conseqüências disso seriam importantes, tanto para os meus bens quanto os meus direitos de cidadão. Nossas leis são severas neste ponto.

Dais-me um verdadeiro prazer ao citar-me os antigos que falaram com tanta dignidade do princípio e do espírito que está entre os homens; em todos os tempos a verdade esteve junto deles. Ela não conhece tempo nem espaço; foram eles que fizeram ambos com suas imprudências e crimes.

Agradeço-vos novamente por vossas ofertas gentis. Não necessito fazer uso delas, pois tenho todo o necessário filosófico.

A passagem citada: “a terra é o crisol das almas tanto quanto dos corpos” quer dizer que, sendo a terra o nosso teatro de expiação, é passando por ela que purgamos nossa alma, assim como recuperamos nosso corpo glorioso, se seguirmos as leis da sabedoria que devem ser o guia e a bússola de nossos outros pobres viajantes aqui neste mundo. Embora seja provável que eu não demore a pôr-me a caminho, podeis, enquanto isso, escrever-me até novo aviso. Vossas cartas virão encontrar-me onde quer que eu esteja, enquanto espero poder dar-vos meu endereço em Paris.

Adeus, meu caro irmão, abraço-vos de todo o coração e recomendo-me às vossas preces.

Reli esses dias a resposta à primeira das quarenta perguntas e vi como seria preciso conhecer o ofício para tirar proveito de todas as maravilhas nelas contidas. Quanto a mim, que tenho caminhado em tudo isso há trinta anos, preciso de todas as minhas faculdades para poder acompanhar nosso amigo na profundidade de sua obra, e confesso-vos que algumas vezes sou obrigado a não me arrastar para muito longe dele.

SAINT-MARTIN

CARTA 97

M..., 8 de Outubro de 1796

Deixando de lado todo interesse pessoal, meu caro irmão, continuo concordando com o fato de que vosso projeto de viagem é bem respeitável, pois o bem que podeis fazer com vossas conversações e vossa presença pode estender-se além do pequeno espaço de tempo no qual vegetamos: uma única palavra pode algumas vezes ter conseqüências incalculáveis. Assim, cuidar de não de mudardes vossa resolução e de chamar-me de sábio porque permaneço em meu lugar. Se eu estivesse no vosso, faria exatamente o mesmo.

Além da felicidade de trabalhar na vinha do nosso Mestre, provavelmente tereis várias ocasiões de verdes por vós mesmo se nas diferentes regiões prossegue a obra do Templo, uma vez que eu, que não me mexo par sair de casa, apercebo-me disso, mas em geral é apenas por ouvir dizer, exceto

quanto a um pequeno número de exemplos que tenho diante dos olhos. Vós, ao contrário, podeis, enquanto viajais, contemplar o edifício num horizonte mais extenso, podeis ajudar a vós mesmo a erguer algumas colunas, etc.

Por toda parte, meu respeitável irmão, seja na vossa pátria ou alhures, tenho certeza de que será caro ao vosso coração lançar raios de luz nas almas dispostas a recebê-los. Concordo em que nem todos os terrenos são igualmente próprios para a cultura dessa rara semente, mas em todos os lugares em que essas sublimes verdades podem deitar raízes, em todos elas já germinaram, mas, onde elas se arriscam a se ressecarem e serem pisoteadas pelo inimigo, é iminente, urgente mesmo, semeá-las, irrigá-las e fortalecê-las; preciso até mesmo tentar deixar os bons e laboriosos agricultores junto de nós.

Possuo a obra de Law, graças à bondade de nosso amigo Divonne. Não é propriamente um extrato de B., mas um excelente tratado de piedade, escrito no espírito de B. e com grande conhecimento dele. meu plano seria um pouco diferente: gostaria de fazer um resumo de toda a doutrina de B. gostaria de colocar essa doutrina ao alcance de uma número maior de leitores.

Quem não se passou por uma escola semelhante à de vosso primeiro mestre, é preciso ter uma perseverança rara para se chegar somente a um conhecimento medíocre dos escritos de nosso amigo; além do que ele mesmo desejaria que seus diversos tratados fossem unidos em apenas um. Meu alvo seria também dar à minha obra uma forma que pudesse induzir à leitura os que de ordinário não se ocupam com estudos tão abstratos.

Nosso amigo B. contém verdades tão essenciais, e que hoje pareceriam tão novas, que seria uma grande infelicidade, parece-me, se não conseguíssemos que elas fossem lidas. Meu projeto é dar-lhes uma apresentação histórica, de parábola mesmo: o que *Telêmaco*¹⁴³ é para a moral e a política eu gostaria que meu livro fosse para a vida espiritual, mesmo que essa forma estivesse abaixo de seu modelo, não importa, contanto que seja suficiente para despertar e manter a curiosidade do leitor. Esforçar-me-ei para somente no fim do livro que ele perceba que acaba de ler um resumo de J. B., pois há milhares de homens que não conhecem nosso amigo, nem mesmo de nome. Farei um esboço de tudo isso e gostarei de ter vossa opinião, seja sobre o fundo, seja sobre a forma, quando tiver o prazer de palestrar convosco inteiramente à vontade.

Nosso amigo Divonne tornou a partir para a terra natal¹⁴⁴ de seu companheiro de viagem. Antes de sua partida, recebi vossa carta que continhas as estâncias e entreguei-lhas. Ele ficou encantado com elas e quanto a isso escreveu-me de Berna as seguintes linhas: “Agradeço-vos por me haverdes enviado a peça em versos de Monsieur de Saint-Martin. Peço-vos de dizer-lhe que, ao ler esses versos, senti na alma algo de tão marcante e especial que quero simplesmente expor-lha. Parecia-me que minha amizade por ele revelava-se de maneira mais viva, enquanto ao mesmo tempo parecia que se alguma coisa se colocava entre mim e ele, ou melhor, o arrancava de mim, de maneira a causar-me um sentimento verdadeiramente doloroso”.

Ele termina essa passagem com as seguintes palavras enigmáticas: “Ó verdade! Ó luz! Ó vida! Somente a morte ouviu o ruído de vosso renome”.

Ele me encarrega também de rogar-vos que digais mil coisas ternas de sua parte ao vosso amigo B. e que ele lhe ficará ligado mesmo além dos limites desta vida. Ele também desejaria muito ter notícias de C. J. e fazer com que ela saiba que ele a ama de todo o coração. Como ele me escreverá assim que chegar ao seu destino, poderei fazer chegar a ele tudo o que vós e vossos amigos julgardes adequado.

¹⁴³ Obra de Fénelon.

¹⁴⁴ Inglaterra.

Estou muito contente com o volume de Law que ele me deixou. Para dar-vos um amostra do modo de pensar desse autor, insiro aqui uma passagem de seu livro, por ele intitulado *Spirit of Prayer*, escrito em forma de diálogo. Depois de enumerar o vícios e defeitos comuns dos homens, diz ele:

“This is the fallen human nature, and this is the *old man*, which is alive in every one, tho’ in various manners, till he is born again form above. To think therefore of any thing in religion or to pretend to real Holyness, without totally dying to this old man, is building Castles in the air, and can bring forth nothing but Satan in the form of an Angel of light would you know, whence it is that so many spirits have appeared in the world, wo (who) have deceived themselves and others with false fire and false light, laying claims to inspirations, illuminations, and openigs (openings) of the divine life, pretending to do wonders and extraordinary call from God. It is this they, *have turned to God, without turning from themselves*, would believe in God, before they were dead to their own nature, a thing as impossible in itself as for a grain of wheat to be alive before it dies”. (“Esta é a decaída natureza humana e este é o *velho homem*, que está vivo em todos, embora de maneira diversas, até que ele renasça do alto. Pensar, portanto, em alguma coisa em religião ou pretender à real Santidade sem morrer totalmente para esse velho homem, é construir Castelos no ar e, saiba que a única coisa que poderia trazer apenas Satã na forma de uma Anjo de luz, sendo dessa forma que apareceram muitos espíritos falsos no mundo, os quais enganaram a si mesmos e aos outros com falso fogo e falsa luz, pretendendo inspirações, iluminações e aberturas da vida divina, fingindo executar maravilhas e chamados extraordinários de Deus. Foi assim: eles *voltaram-se para Deus sem se afastarem de si mesmos*, acreditariam em Deus antes de estarem mortos para sua própria natureza, uma coisa tão impossível em si mesma como um grão de trigo estar vivo antes de morrer”).

As riquezas literárias que possuo são um benefício da Providência. Foi ela quem me inspirou o bom pensamento de vos escrever e fostes vós em, em uma palavra, me deste vontade de conhecer Böhme; e foi B. quem me deu conhecimento do general G. e todos os nossos outros amigos. Essas riquezas, na verdade, não passam de materiais completamente inúteis, que voltarão ao nosso encargo se não os colocarmos em ação. Mas, ao mesmo tempo, são graças da Providência, pois ele se compraz em instruir os homens às vezes mediatamente, às vezes *imediatamente*. Sobre esse assunto, lede a última linha da primeira página do prefácio que está no início das *Quarenta Perguntas*.

O primeiro capítulo dessa perguntas é certamente mui profundo e não compete a um pequeno aprendiz como eu falar dele; está ligado a todo o sistema do autor. Acho que esse sistema, à medida que nos aproximamos dele, apresenta tesouros, relações analogia ligações e sustentações recíprocas admiráveis. É à medida que vamos caminhando nas sendas de B. que elas vão ficando mais simples. Um distinção muito delicada, e ao mesmo tempo muito importante e muito verdadeira é a que o autor faz em toda parte entre a *vontade* e o *desejo*. Uma verdade nova que ele nos ensina é que, em toda a extensão do domínio pneumático¹⁴⁵, sem qualquer exceção, o desejo faz substância. Uma verdade bem importante ainda é que todos os seres inteligentes desejam unir-se a uma substância natural para terem com ela habitação e alimento. Vosso amigo aplica todas essa primícias (i.e., todas as suas premissas) à obra de maneira marcante. Desde que voltemos nossa vontade e nossos desejos em direção ao Reparador, temos a fé e, se resistimos à antiga vontade terrestre, recebemos o espírito do regenerador. Mas como todos os espíritos atraem ou produzem um substância natural que lhes é análoga, o espírito do regenerador atrai e se cerca do corpo glorioso, composto do elemento puro oculto nos outros elementos, o qual, animado pelo espírito de Jesus Cristo, torna-se o sangue e a carne sagrados, tão necessários e indispensáveis à nossa nutrição (espiritual). Desde o momento em que a alma prova desse alimento, ela rompe a escuridão de sua morte e acende o fogo da eternidade em si mesma. Desse fogo brilha a luz da *caridade*, da *doçura* e da *resignação*. Essa mesma doçura atrai então o fogo da alma, absorvendo-o, tragando-o, mortificando-o. Mas dessa morte ressuscita a vida, o espírito glorioso, a imagem da Santíssima Trindade. O grande objeto

¹⁴⁵ Do Espírito.

consiste em, ao que me parece, que a alma humana se nutra e se revista do elemento puro e em que evitemos ser revestidos pelo corpo espiritual impuro, produzido pelos desejos e imperfeições terrestres, pois os desejos são substâncias análogas à natureza delas; a doutrina do elemento puro parece-me uma pedra angular na doutrina de nosso amigo. Em tudo isso, não poderíamos admirar bastante como B. desenvolveu a grande verdade de são precisos meios para se passar de um estado a outro. Uma outra parte de Böhme que me enche de admiração são as suas analogias. Ninguém, ao que me parece, provou melhor que o que está em baixo é como o que está em cima.

Já pensei algumas vezes que, se quiséssemos comparar B. aos autores comuns, não encontraríamos nenhum que tivesse a ousadia e o gênio de tratar ao mesmo tempo, e com as mesmas palavras, a grande obra divina e a grande obra física de maneira tão profunda como o fez nosso amigo B. na *Signatura Rerum*. Quanto mais me familiarizo com seus escritos, tanto mais aumenta o meu espanto por encontrar nela riquezas incontáveis com a plena convicção, todavia, de que ainda não estou senão à porta de alguma antecâmara.

Vossa observação no tocante ao nome a dar ao lugares não pode deixar de ser mais justa porque não implica em mudança alguma nos documentos e no entanto vos garantirá contra a importunidade de vossos compatriotas e do ódio dos falsos irmãos, a peste do nosso século, que tem apenas a seu favor um nome de empréstimo e que são os mais cruéis adversários e perseguidores de nossas verdades. As pessoas honestas nem sempre têm conhecimentos suficientes para deixarem de confundir o *strass* com o diamante, assim como é preciso evitar, no exterior, tudo o que possa causar equívocos funestos.

Muito vos agradeço pela passagem citada do quadro natural. Acho coisas bem elevadas e bem consoladoras no capítulo dezenove do quadro natural. Sob uma nomenclatura diferente, observo nele uma grande conformidade com as idéias de nosso amigo B., mas, como não tive a vantagem de passar pela mesma escola preliminar como vós, meu caro irmão, nele encontro de vez em quando alguma expressão que me parece ainda um pouco mais obscura, por exemplo: em baixo, na página 171, t. II, encontra-se a seguinte frase: “e que, se quisessem sê-lo, *bastaria que falassem*”.

Há muitos sentidos que podemos atribuir à palavra falar, mas eu gostaria de ter o vosso: entendeis isso como um *nome único* ou uma seqüência de desejos expressos por palavras. Ambas as explicações podem ter seus lados verdadeiros. Enquanto aguardo vossa resposta, lembrarei o que foi escrito por um eleito no início da Igreja Cristã: “*Sine inetermissione orate*”.¹⁴⁶

Continuai sempre sendo meu amigo, meu caro irmão, e suplico que não vos esqueçais de mim em vossas preces.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 98

1º de Outubro

Aprecio muito vosso projeto à imitação do *Telêmaco*, meu mui caro irmão, e tenho certeza de que só resultará em bem. Também aprecio muito a passagem de Law: “Voltaram-se para Deus sem se voltarem de si mesmos”. (*They have turned to God without turning from themselves.*) Deve ser um tesouro, essa obra. Vos observações sobre as diferentes passagens de nosso amigo B. são também muito justas. Era uma luz universal, esse grande homem, e não é surpresa que ele ilumine todas as regiões por onde passa.

Quanto à passagem de meu *Quadro Natural*, “*bastaria que ele falasse*”, é, confesso-o, uma espécie

¹⁴⁶ “Orai sem cessar”. Paulo, I aos Tessalonicenses. 5:17.

de jogo de palavras que talvez não seja muito digna da grave matéria de que trata. A palavra falar nada mais quer dizer do que verbalizar, fazer uso do Verbo, que não busca senão unir-se a nós e a encher-nos dele mesmo para aplanar diante de nós todos os obstáculos. Essa maneira de exprimir-me poderia ser uma véu para essa verdade que nenhum ouvido entende e está sempre pronto a profanar. Mas isso poderia ser também um tributo que pago à alegria, para não dizer à leveza, de minha nação, que brinca com tudo. Entretanto, confesso-vos também de que me lembro muito bem de que, quando o escrevi, o primeiro motivo me influenciava mais do que o segundo. Vamos às minhas estâncias.

As poucas palavras escritas pelo amigo D. me tocaram. Vi nelas o estado do mundo morto que em vão espera que as verdades ressoem em torno dele, mas vi também meu estado de pecador, que impede as mesmas verdades de entrarem em tão profundamente quanto eu deveria fazer com que entrassem, e é nesse último sentido que me detenho para exercer vigilância sobre mim com mais cuidado ainda no que antes. Agradeço ao amigo D. por essa advertência e recomendo-me às suas preces. Rogo-vos a gentileza passar-lhe a carta anexa a esta quando lhe escreverdes, e de me passar a sua resposta. Sereis o nosso emissário, o que é um serviço que me prestareis, pois estou sinto-me muito ligado a ele. Conto partir para Paris em dois dias, par aonde me dirigirei no fim da semana, isto é, dia 5, salvo as ocorrências tão casuais deste mundo, mas não prevejo nenhuma ocorrência que me impeça de tomar uma decisão esse respeito. Assim, podeis, a partir de agora, endereçar vossas cartas para: *Maison Corberon, rua Barbette, n° 473, Marais, Paris*. Não me deterei no caminho, conforme vos informei, porque as pessoas em cuja casa eu deveria passar alguns momentos estarão também em Paris mais cedo do que contavam, motivo pelo qual vou encontrar-me com elas diretamente.

Adeus, meu caro irmão. Recomendo-me sempre cada vez mais à vossa lembrança às vossas preces. Vossas reflexões encorajam-me com relação às minhas viagens, no entanto, minha idade e os desenvolvimentos, com os quais a Providência me gratifica todos os dias, ensinam-me também que não seria insensato ficar em minha casa. Assim, terminado esse trajeto, é provável que eu regresse ao abrigo para não mais sair.

SAINT-MARTIN

CARTA 99

M..., 16 de Novembro de 1796

É com grande prazer, caro irmão, que serei o emissário entre vós e nosso amigo D., sabendo antecipadamente lhe com isso lhe darei grande prazer. Ele prometeu dar-me seu endereço assim que chegasse; então enviar-lhe-ei vossa carta sem qualquer demora. Continuo esperando que, quando for feita a paz, ele venha à minha pátria. Então tenho certeza de que passará um boa parte do tempo comigo.

Estou inteiramente decidido a empreender a obra em questão. No entanto, é preciso prevenir-vos de que não tenho a presunção de querer lutar com o autor de *Telêmaco*. Considero esse livro uma obra-prima, independentemente de seu mérito moral. E mesmo assim, certamente não teria tempo de apenas expressar esse interesse histórico, o encanto dos quadros, a riqueza das imagens, o conjunto da narração e a decoração exterior à minha obra que o poema de Monsieur de Fénelon possui em grau tão elevado. Quanto a esse ponto, ele se aproximará, salvo quanto ao estilo, que está fora de meu alcance, mais da *Viagem do Jovem Anacharsis* do que do *Telêmaco*, ou seja: que terá, necessariamente. Muitas passagens despidas de enredo e interiormente didáticas, mas, quanto à utilidade, elevação e importância do assunto, ultrapassará a ambos.

Neste momento, a obra de Law proporciona-me uma satisfação muito grande e, para que possais

partilhar de meu prazer, vou transcrever-vos ainda uma passagem que se segue imediatamente à que se encontra em minha última carta.

“Podeis ver agora, Acadêmicos, com que grande razão eu vos visitei em vossa primeira saída, a este ponto importante do total *dever* a si mesmo, como o único alicerce de nossa sólida piedade. Todas as coisas boas que ouvistes ou lestes sobre uma vida interior e espiritual em Deus, todas as vossas expectativas da luz e do espírito santo de Deus tornar-se-ão uma alimento falso para vossa alma, até o irdes procurar Morrer para si mesmo.

Observai, senhor, a diferença causada pelos trajes naqueles que têm em seu Poder vestirem-se como lhes apraz: alguns gostam de aparência, cores e brilho; outros bastante espalhafatosos e afetados no modo de se vestirem; outros têm um hábito grave e solene; outros são bem simples e modestos em toda a sua maneira. Ora, toda essa diferença de roupagem é apenas uma diferença exterior que cobre a mesma pobre carcaça, deixando-a cheia de suas próprias enfermidades. Todas as verdades do Evangelho, quando somente abraçadas e possuídas pelo *velho homem*, fazem apenas uma diferença superficial, como a que é feita pelos trajes. Alguns adotam uma postura formal solene e prudente; outros se mostram em todo o brilho e exibição de cores religiosas e conquistas espirituais; mas, sob essa diferença externa jaz a pobre alma decaída, aprisionada, desajudada, em seu próprio estado de queda. Assim deve ser, e não pode ser de outra maneira, até que a vida espiritual desponte na verdadeira raiz, procedendo da Morte, nascendo num Coração quebrantado, um coração quebrantado de toda a sua própria vida natural.

Então o ódio e o desprezo a si mesmo bem como a abnegação, são tão adequados ao espírito recém-nascido como amor a si mesmo, auto-estima e a busca de si o são para o homem não regenerado. Vamos, portanto, meu amigo, conjurar-vos a que não olheis para adiante nem lanceis o olhar em volta à procura de progresso espiritual até que tenhais dado esse primeiro passo na vida espiritual. E todo o vosso progresso futuro depende dele: pois essa profundidade religiosa não vai mais fundo do que a profundidade de vossa enfermidade; pois o pecado tem suas raízes no fundo de vossa alma e vem à vida junto com vossa carne e sangue e respira na respiração de vossa vida natural; e assim, até morrerdes para a natureza, viveis em pecado; e enquanto essa raiz de pecado estiver viva em vós, todas as virtudes que envergardes serão apenas finos frutos pintados que pendem de uma árvore morta.

Acad. Verdadeiramente, *Theophilus*, tornaste-me tão clara a diferença entre a religião falsa e a verdadeira como a diferença entre as luz e as trevas. Mas, ao mesmo tempo, tudo o que dissestes é tão novo para mim como se eu houvesse vivido numa terra onde uma religião nunca fora mencionada. Mas, rogo-vos, senhor, dizer-me como é que devo dar esse *primeiro passo*, no qual tanto insistis.

Theop. Deveis voltar-vos completamente de vós mesmo e dar-vos inteiramente a Deus nessa ou nas formas dúplices parecidas de palavras e pensamentos.

Ó meu Deus, com toda a força de mina alma e assistido pela tua graça, desejo e resolvo resistir ao meu próprio desejo e renegá-lo. Humores terreaís, visões e inclinações egoístas; todas as coisas que o espírito deste mundo e a vaidade da natureza decaída me incentiva a fazer. Dou-me por inteiro e unicamente a ti, para ser todo teu, para ter e fazer e ser, interior e exteriormente, de acordo com o que mais for de teu agrado. “Não desejo viver para outras finalidades, sem outro propósito senão o de cumprir a obra que de mim requires, e ser instrumento obediente e fiel, inteiramente nas mãos, para ser usado como te aprouver”.

Não deveis contentar-vos, meu amigo, em fazer esta oblação de vós mesmo a Deus de vez em quando, ou mesmo muitas vezes. Ela deve ser o exercício diário e verdadeiro de vossa mente; até que tenha trabalhado dentro de vossa verdadeira natureza, tornando-se um estado essencial e um

hábito de vossa mente, até sentirdes a vós mesmo e habituado a vos afastardes de toda a vossa própria vontade, propósitos egoístas e desejos terrenos, assim como vos afastais do roubo e do homicídio; até que a propensão de vosso espírito esteja apontando constantemente para Deus, assim como a agulha tocada pelo ímã aponta para o norte. Isto, senhor, é o vosso primeiro e necessário passo na vida espiritual; é a chave de todos os tesouros do céu; revela o livro selado de vossa alma, dando espaço para que a luz e o espírito de Deus se ergam sobre ela. “Sem isso, a vida espiritual não passa de conversa espiritual, e somente ajuda a natureza a se contentar com uma santidade que não possui”.

Com esta amostra, caro irmão, podeis julgar o que Law ensina sobre a prática. Ele não é menos interessante quanto à teoria. Ensina, por exemplo, do mesmo modo que nosso amigo B., que era preciso haver um elemento primitivo e intermediário entre a potência criadora e as coisas temporais. Pelo que suponho, percebestes essa grande verdade há muito tempo, caro irmão, que é de uma fecundidade maravilhosa, antes de haverdes lido os escritos de B. Julgo isso por uma bela passagem que se encontra à página 60 do 1º volume do *Quadro Natural*. Mas ficareis sobretudo contente com a maneira pela qual Law explica, de acordo com nosso amigo B., todas as dificuldades do assunto tratado nos primeiros parágrafos do nº 6 do *Quadro*. De acordo com a bela e luminosa explicação de Law, nossas idéias da bondade permanente de Deus permanecem, com relação a esse acontecimento, em toda a sua integridade. Não é uma tentação nem uma punição arbitrária que se seguiu à transgressão da lei: essa lei era uma advertência paterna e a punição uma seqüência prevista e inevitável, mas a bondade divina derramou logo o óleo salutar nessa chaga: *By the seld (seed) of the Woman* (Pela semente da Mulher). Todas as medidas dessa redenção espantosa, a única possível, foram tomadas no mesmo momento para tirar o homem dessa queda, sobre a qual língua alguma tem qualquer expressão forte o bastante para exprimir-lhe a grandeza.

Nesse mesmo nº 6 do *Quadro Natural* há uma passagem notável, à p. 94, onde no último parágrafo se fala da identidade das leis entre a luz elementar e a luz intelectual. Essa descoberta é clara, mas o que não é tão claro é a passagem que lhe segue: “Não é sem razão que a luz elementar está no nível dos mais admiráveis fenômenos da natureza material, uma vez que ela não pode ser completa em sua ação e efeitos sem exercer e pôr em ação os quatro pontos cardinais da criação universal”.

Estou encantado por terem tomado a decisão de ir à Paris diretamente, pois com isso evitastes viajar durante o inverno e, embora minha impaciência em ver-vos tenha sofrido com o adiamento de vosso projeto, acho, no entanto, que agi bem por não vos ter encorajado a viajar no mês de Outubro. Aqui, neste ano, brumário, frimário, ventoso e pluvioso aconteceram todos de uma vez. Além disso, recebi ordem de comandar um regimento de infantaria, no caso em que fossem aumentadas as tropas mantidas pela república ao longo de nossas fronteiras no Reno para fazer com que fosse respeitada a neutralidade helvética durante a retirada do general Moreau. Mas espero que nada possa desviar-vos de vosso projeto de viagem para a próxima primavera. Confio na vossa resolução sobre esse assunto, tanto mais que vejo, através de vossa carta, que não houve ocorrência de desenvolvimento algum que vos tivesse feito determinar o contrário. Além disso, tenho certeza de que uma viagem empreendida no tempo bom é mais útil do que nociva à saúde, fortificando-a quando se fazem paradas no caminho, como fazeis; e rogo-vos mesmo, com esse fim, que não tomeis a resolução de mais fazerdes viagens além daquela de que tratamos. Eu, que sou mais velho do que vós, prometo que iria ver-vos se fosse tão livre quanto vós.

Adeus, meu caro irmão, não vos esqueçais de mim em vossas preces para me ajudardes a terminar meu percurso; peço-vos isso.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

1º de Novembro de 1796

Quando escreverdes ao nosso amigo D., meu caro irmão, podereis dizer-lhe que vi aqui uma de suas duas amigas, a mais ilustre e a que foi mais infeliz, que me encarregou de mil coisas. Ela veio a Paris para tratar de seus assuntos, que são sempre desorganizados e bastante incertos. A outra amiga permaneceu em Meaux e não a vi, mas sei que vai bem e que ele é tão caro a uma quanto a outra.

A passagem de Law que me enviastes me toca por sua correção e sua verdade. Em *Mademoiselle Morignon* encontro várias semelhantes a ela. Todos os dias vou ler alguns trechos de suas obras na nossa Biblioteca Nacional, não consigo achá-las em parte alguma em Paris e já encarreguei um livreiro de escrever para a Holanda a fim de que as consigam para mim. Em vão escrevi sobre esse assunto para Lyon e Estrasburgo. Se em vossos cantões eles fossem encontrados com mais facilidade, eu vos encarregaria de fazê-lo para mim.

Nosso amigo B. me parece útil às nossas luzes tanto quanto Bourignon me parece útil à nossa salvação. Ultimamente, procurando num “sebo” num dos cais¹⁴⁷, encontrei um volume desinteirado de suas obras contendo a metade da *luz* nascida em *trevas*. O volume custou-me apenas um vintém; não valia a pena ficar sem ele e, com toda certeza, por mais desinteirado que fosse, o comerciante não me logrou e, se ele ficou contente, eu também fiquei. O mesmo não digo de minha estada em Paris. Não posso descrever-vos a sufocação experimentada por meu espírito ao chegar aqui e, desde que aqui estou, encontro o ânimo tão alterado que me parece estar vendo o cumprimento do capítulo 13 de Isaías sobre Babilônia. Os homens que vejo correndo nas ruas e enchendo a cidade parecem outros tantos dragões, pássaros noturnos e animais selvagens. Apesar de meu desejo de ver-vos e de vossas reiteradas inteligências, devo dizer-vos que razões providas das reflexões mais profundas ainda do que meus desejos parecem suspender esse projeto, ou pelo menos adiá-lo. Eu me afligiria mais com isso se não conhecesse vossa intenção de retirar-vos dos negócios e a possibilidade conseqüente de cumprir a resolução que tendes de virdes encontrar-vos comigo, se estivésseis livre. Continuo à espera do prazer de vos ver e esse prazer será bem vivo para mim. Provavelmente não estarei mais em Paris então, porque aqui sofro muito, parecendo-me que o próprio ar está infectado em comparação com as margens tão puras do meu Loire. Assim, que houver terminado alguns compromissos que aqui me trouxeram, retornarei bem depressa para minha terra natal, onde já saboreei alegrias bem agradáveis e bem vivas, segundo o espírito. Mas, embora lá tenha somente um abrigo, meu desejo de receber-vos me fará tomar providências para que nada vos falte.

Fazeis muito bem em persistir no vosso projeto de obra, creio que ele será útil. Quanto a mim, sinto dificuldades a cada dia no tocante à escrita: sinto-me arrastado a uma outra linha de ocupação, limitando-me a tomar anotações.

O que me perguntais com respeito à luz que só acontece como concurso dos quatro pontos cardeais liga-se ao desenvolvimento ativo do grande quaternário que é o ponto central de todas as coisas. Voltai ao princípio do amigo B. sobre a quarta forma que é a explosão do fogo e vereis que ele e eu dissemos exatamente a mesma coisa, exceto que ele leva sua idéia à própria região radical, ao passo que eu não descrevi esse fenômeno senão na ordem física. Mas fica bem claro que não há uma simples e única lei para todas as regiões, e como essa luz é uma oscilação alternativa com as trevas, isso vos mostra a sístole e a diástole da natureza, que é, ela própria, a imagem da aliança indissolúvel. Cada uma de suas idéias seria uma mina inesgotável e eu deixo ao vosso espírito o cuidado de pesquisá-la mais.

Apesar do projeto de voltar para minha casa, podeis continuar a escrever para aqui até novo aviso. Não partirei antes de algumas semanas.

¹⁴⁷ Os cais são os locais onde se encontram livros antigos. Diz o original: “em bouquinant ici sur un quai”. Os proprietários dos “sebos” parisienses são chamados bouquinistes, de bouquin, alfarrábio, livro velho.

Adeus, meu caro irmão, continuo recomendando-me às vossas preces.

Embora eu não simpatize com Paris, simpatizo com os amigos que reencontrei aqui e com os quais passo agradáveis momentos. E só uma força mais poderosa ser pode obrigar-me a abandonar essas alegrias.

SAINT-MARTIN

CARTA 101

17 de Dezembro de 1796

No dia seguinte à partida de minha última carta, que vos enviei de Paris, meu caro irmão, recebi uma carta de nosso amigo Divonne, que, depois de uma penosa navegação, Chegou perfeitamente bem a L(ondres) Sua carta está cheia daquilo que Law chama *the spirit of love*. Ele solicita que lhe vos dê notícias vossas e das pessoas que lhe interessam na França. O verdadeiro sentido da passagem de sua antepenúltima carta: “Ó verdade, ó luz, ó vida, etc.”, é explicado por ele pelo capítulo 28 de Jô, v. 22. Vede a explicação do livro de Jô, de Madame G..., fácil de se achar em Paris.

Respondi-lhe imediatamente, inserindo vossa carta na sua, que ele já deve ter recebido. Sou infinitamente apegado a ele.

Fiquei encantado por terdes travado conhecimento com Mademoiselle Bourignon. Essa excelente jovem nos dá conselhos muito bons e à salvação merece as luzes¹⁴⁸, e embora nosso amigo B. com toda certeza não negligencie uma nem outra, já tomei as providências necessárias para obter para vós o seus escritos e reiterarei minhas buscas: com tempo e paciência espero conseguir.

O que me informais sobre estado atual de vossa capital está inteiramente conforme à idéia que eu fizera dela: essa cidade inclina-se numa progressão assustadora para o seu grau de plena maturidade. A propósito, encontrareis esse quadro de Paris em Mademoiselle B..., e também no nosso amigo B., mas não com tantos detalhes.

Espero que vosso projeto de viagem esteja apenas adiado, e não suspenso, pois não ousou nutrir a esperança de ver-vos em vossa terra. Faço tudo o que posso para liberar-me de meus negócios. Todavia, provavelmente sempre os terei em número suficiente para forçar-me a ficar em casa.

Além do mais, confio em que a Providência encontre os meios de nos aproximar se quiser conceder-me esse prazer que desejo tão vivamente.

Muitos agradecimentos pela explicação dos quatro pontos.

Estou a cada dia mais contente com a obra de Law. Lembro-me e que nosso amigo D. me dizia, antes de partir de M...: Se desejardes Deus, tê-Lo-eis. Eis como Law desenvolve essa máxima: “A vida espiritual é uma vegetação tão verdadeira como a das plantas; e nada, a não ser sua própria fome pode ajudá-la a encontrar o verdadeiro alimento da vida; essa fome da alma cessa, murcha e perece, embora em meio à divina Abundância. Nosso Senhor, para mostrar-nos que o novo Nascimento é realmente um estado de vegetação espiritual, compara-o a um pequeno grão de semente de mostarda, do qual brota a grande Planta. Ora, toda semente tem vida em si, pois de outro modo não poderia crescer. Que é esta vida? Nada mais é do que a fome da semente, pelo ar e

¹⁴⁸ Alusão irônica ao rei Henrique IV, huguenote, que ao adotar o catolicismo para poder reinar, dissera: “Paris vaut bien une messe”. (Paris merece uma missa. — ou: “vale bem uma missa”, conforme outras traduções.) Também poderíamos ter dito; as luzes valem a pena pela salvação.

pela luz deste Mundo, *fome* a Qual, quando é encontrada e alimentada pela luz e pelo ar da natureza, transforma a semente em Planta viva. Assim acontece como a *semente* de céu na alma: tem vida em si, pois de outro modo nenhuma vida brotaria dela. Que vida é essa. Nada mais do que fome de Deus e do céu; a qual mal começa a mexer-se ou é mexida, mas é encontrada abraçada e ativada pela luz e o espírito de Deus e do céu, como uma nova planta que nasce de uma semente está na terra”

Procurai, meu caro irmão, conseguir esse livro, cujo título é: “O Espírito da Prece”, etc.

Antes de terminar minha carta, preciso citar-vos ainda uma passagem: “Criatura alguma pode ser filha de Deus, exceto pela Bondade, de Deus que nela existe; nem pode ter qualquer união ou comunhão com a Bondade da Deidade até que sua vida venha a ser um espírito de amor. Esta é a única Faixa de união entre Deus e a criatura. Tudo o mais além disso, ou que não seja isso — dai-lhe o nome que quiserdes — é apenas muito erro, ficção, impureza e corrupção na criatura; e é preciso que toda necessidade seja inteiramente separada dela antes que ela possa ter aquela pureza e santidade que é a única que pode ver a Deus ou encontrar a vida divina. Pois como Deus é um *Desejo imutável* para todo bem, assim o divino Desejo pode unir ou trabalhar apenas com aquele que for bom e puro: a necessidade é absoluta; nada substituirá seu Desejo; todas as artimanhas da santidade, todas as formas de Piedade religiosa, nada significam sem esse desejo de toda Bondade”.

Abraço-vos de todo o coração, meu caro irmão, e solicito que continueis a orar por mim.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 102

Paris, 8 de Janeiro de 1797

Tenho certeza, caro irmão, de que se recebêsseis as cartas de nosso amigo D. para mim, não tardaríeis em mas enviar, e de que também recebestes minha resposta à vossa última carta de 17 de Dezembro. Eis o motivo pelo qual não apressei em vos escrever, sem contar que minhas ocupações habituais me forçam algumas vezes, contra a minha vontade, a dar detalhes mesmo em minhas mais agradáveis correspondências. Se escreverdes a esse bom amigo, podeis dizer-lhe que depois de minha última carta, vi sua segunda amiga, a Condessa Julie, que ainda gosta muito dele e a quem proporcionei grande satisfação ao lhe dar notícias suas. Aceito de boa vontade a sua explicação sobre as palavras em questão, pelo capítulo 88 de Jô, v. 22, mas estou pouco satisfeito com a explicação dada por Mademoiselle G... a essa passagem de Jô: isso me parece forçado e possivelmente salta alguns graus intermediários entre a letra da passagem e a profundidade que Mademoiselle G... lhe empresta. Em geral sou mais levado por Mademoiselle B... do que pela outra. Sua raiz talvez não seja tão tenra, mas é mais pronunciada, e isso no sentido que me convém. Agradeço-vos antecipadamente por vossas buscar para conseguir-me suas obras.

Minhas idéias sobre Paris se mantêm, confirmando tudo o que aprendo de diversas fontes sobre a sorte que espera essa grande Babilônia. Assim, insisto no propósito de afastar-me dela, não que deixe de reaproximar-me um dia e de lançar-me em seus arredores, projeto que acalento há muitos anos e que realizarei quando meus meios pecuniários forem restabelecidos. Com isso, poderei aproveitar os recursos que esta capital oferece em vários aspectos, e sem ficar mergulhado em sua atmosfera que, tanto no moral quanto no físico, não me parece própria senão para espalhar a infecção. Apraz-me também acreditar que minha viagem à vossa terra só foi adiada, mas ignoro totalmente quando me será possível satisfazer-me este gosto.

As passagens de Law que me enviastes parecem-me cada vez mais verdadeiras e importantes, e embora o amigo B. nos dê essas grandes verdades em bloco, embora eu próprio haja dela recebido

traços sensíveis pessoalmente, sempre causa um grande bem vê-las descritas em outros contextos, onde tomam nova cor e outro caráter. Bem que gostaria de ter condições de conseguir essa excelente obra, mas vejo que para isso ainda teria de recorrer a vós. Creio que é ao amigo D... que é preciso dar esse encargo; ele está no local e nada deixará de fazer para prestar-me esse serviço. Gostaria também de que ele me obtivesse as obras de Böhme que não constam da tradução de Law e que foram traduzidas por outros, especialmente suas cartas. Ser-lhe-á fácil conseguir o que falta na tradução inglesa de Law... Ficar-lhe-ei grato se ele as acrescentar ao *Spirit of Prayer*, e enviar tudo através de vós, tendo o cuidado de cobrir imediatamente a todas as despesas, pela via que quiserdes indicar-me.

Já me ia esquecendo de dizer-vos que, entre as diversas sendas que se apresentam em grande quantidade à minha volta, encontro alguns vestígios das sociedades destrutivas de que outrora me falastes em vossas cartas. Não é que estas ofereçam os mesmos projetos nem a mesma maldade, mas, por seu fanatismo parecem-me atingir o mesmo fim: assim, mantenho-me à parte desse rudes cristãos que nada aprendem além da fúria numa escola que só ensina indulgência e amor. Não terminaria se vos contasse todos os diferentes anúncios, profecias e revelações que me inundam de todos os lados. Escuto tudo, mas atenho-me ao meu tema, de que estamos seguramente aproximando-nos de uma grande época, mas que é preciso ficar em guarda contra todas as asserções que nos fazem, tanto sobre o mundo quanto sobre o tempo de sua execução. Quanto à época, é anunciada de uma maneira por demais geral para que lhe creiamos, quanto à forma e à hora, é anunciada com variedades demais para que a possamos ter como base.

Ainda não vi o Barão de Krambourg e não sei se o verei: ele não sabe que estou aqui e é possível que eu parta antes que fique sabendo. Entretanto, confessar-vos-ei que ainda fico aqui por uns momentos e provavelmente terei tempos de receber notícias vossas.

Tive tantas novas sobre o núcleo radical da associação humana para não deixar de resistir a colocá-las por escrito. Meus amigos me pressionaram em seguida para publicá-las e deixei-me levar pela vontade deles. Neste momento, estamos ocupados com a impressão desse escrito, que será quase tão volumoso quanto a minha *Carta a um Amigo sobre A Revolução Francesa*, mas não abrange tantos assuntos quanto essa carta que, talvez, abrangia demais. Haverá, talvez, um outro inconveniente, o de não atingir com bastante força os olhos do vulgo. Quanto ao mais, só faço essa obra para satisfazer à minha consciência, que se sente levada a propagar da melhor maneira possível o reino e a soberania de Deus e, seja qual for a opinião dos homens e os frutos que colherem de meus pobres esforços, terei cumprido minha tarefa quem me apraz acreditar, ser-me-á creditada junto ao nosso Soberano Mestre. Isso basta para encorajar-me e dar-me paciência para com os acontecimentos, sejam eles o que forem.

Adeus, meu caro irmão, tende sempre amizade por mim e orai por mim. Pagar-vos-ei de volta com todo o meu coração e de acordo com todos os meios que tiver.

SAINT-MARTIN

CARTA 103

Berna, 22 de Janeiro de 1797

Apresso-me, caro irmão, a dirigir-vos uma carta que acabo de receber de nosso amigo Divonne. Temia que ele não houvesse recebido a vossa que eu fizera chegar às suas mãos e fiquei muito contente quando ele me livrou de apuros. Vi, por sua carta, que travou conhecimentos muito bons em Londres, dentre os quais um homem que conhece Law a fundo, o qual me enviou algumas passagens desse excelente autor. Nosso amigo atualmente reúne o que pode de Law, e irei encarregá-lo das comissões que me destes em vossa última carta. É fora de dúvida que a época atual

traz um caráter distintivo impossível de desconhecer. Percebo, mais do que nunca, por minha própria experiência, que os bons se buscam e procuram unir-se, enquanto os maus fazem o mesmo entre si. Também bastante fácil o zelo transformar-se em arrebatamento, sobretudo numa nação tão viva quanto a vossa, mas essa disposição está for distanciado do verdadeiro espírito do Cristianismo: *The spirit of love is the only bond of union bit wixt (betwixt) god (God) and the creature. All beside this, or that is no this, call it by what name you will, is only so much Error, Fxion, Impurity, and Corruption(s)*,¹⁴⁹ diz nosso amigo Law.

Uma vez que recebestes tantos quadros e pré-cognições sobre a época atual, é necessário que eu lhe aumente o número com o trecho de uma carta que acabo de receber de nosso amigo de Munique: “O ano entrante, 1797 revelar-se-á digno de nota. Ocorrerão muitas reuniões, coalizões, e conspirações. Os maus correrão juntos e os bons procurarão o bem. Tudo o que foi dividido lutará por coalizão. Nas regiões do sul, especialmente, ocorrerão coisas extraordinárias. Os homens construirão e os furacões derrubarão as construções; lançar-se-ão alicerces, somente para serem destruídos, pois a terra tremerá sob eles. Grandes reformas serão tentadas e, enquanto Babilônia estiver construindo *do lado de fora*, do lado de dentro o Espírito do Senhor concluirá sua grande obra”.

... 2 4
 10 6
 ... 1 8
 9

“Esta a Figura do Horóscopo do ano 1797:”

24
 26
 46
 18
 85
 21
 91
 98
 96

“Estes algarismos são impressionantes”.

Espero que me envieis passar um exemplar de vossa nova obra sobre a origem da associação humana. Ela poderá passar em Basiléia, pela diligência que vai de Basiléia para Berna, pelo coche, ao meu endereço, aos cuidados de: Senhor Coronel Oser, Basiléia. Tenho os mesmos sentimentos que vós, no tocante ao nosso trabalho.

Adeus, meu caro irmão, abraço-vos de fundo de meu coração, e confio na promessa que me fizestes no final de vossa carta; confiai também na minha.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 104

26 de Fevereiro de 1797

Talvez estejais inquieto, meu caro irmão, pela carta que me escrevestes no mês passado e que continha a de nosso amigo D., mas foram somente a minha preguiça e minhas numerosas ocupações que me mantiveram por tanto tempo em silêncio. Rompo-o, por fim, para agradecer-vos o envio que

¹⁴⁹ Retoma a passagem da carta 101.

me fizestes. Esse digno amigo é realmente o espírito do amor. Espero, de agora em diante, poder escrever-lhe sem tomar um caminho tão longo como este, que representa um grande desvio. Pelo menos, gabo-me disso, mas se não for possível, recorrerei então à vossa vontade, como de costume. Agradeço-vos também pela nota em alemão que me enviastes. Não podemos duvidar de que encerre verdades, pois que, mal começou o ano, já vemos muitas delas confirmadas: julguemos a partir delas, julguemos o que devemos esperar no resto de seu curso.

Eu bem poderia, a rigor, encontrar um sentido para cada um dos nove números associados, com os quais vosso amigo explica a tábua numérica que vos envia, mas também poderia não encontrar seu verdadeiro sentido: assim, detenho-me. Todavia, o que percebo parece-me ligado aos princípios, casando-se muito bem com minhas idéias pessoais, porém conheceis minha reserva nesse tipo de especulações, é porque não vos falo disso mais amplamente.

Um banqueiro desta região encarregou-se de fazer chegar a mim em Basiléia, ao coronel Oser, o *exemplar da associação humana* que vos destinei. Não sei se partiu ou não. Nele nada vereis que vos seja importante conhecer, já que conheceis as bases em que me apóio. Assim, não é para aqueles que estão bem que formulei esse remédio, mas para os doentes. Seu número é grande e o hospital é vasto. Percebo isso cada vez mais na Babilônia em que habito: a tarefa é vasta e, apesar de todos os projetos de retornar à minha terra, é possível que meu dever me retenha aqui mais tempo do que eu contava. Como isso me vem naturalmente e eu não dê, nesse particular, um só passo por minha vontade humana, creio que deva deixar-me guiar pelas circunstâncias, sobretudo, quando elas se apresentarem de maneira a empregar-me de acordo com o que sou e para a utilidade de meu próximo. Sob esse ponto de vista, tenho tido, já faz algum tempo, percepções agradáveis, sentindo grande inclinação para entregar-me a elas. Assim, podeis continuar a enviar vossas cartas a Paris, para o mesmo local, até eu vos enviar um novo endereço, pois em breve terei de deixar a casa em que estou por circunstâncias de negócios da família que a possui.

Eu bem gostaria de que me fosse possível satisfazer o desejo que tenho de visitar-vos, mas, apesar de todo meu empenho para esse encantador encontro, ainda não vejo quando, nem como ela poderá acontecer. Enquanto espero, recomendo-me à vossa amizade & às vossas preces.

SAINT-MARTIN

CARTA 105

Berna, 13 de Abril de 1797

Há muito tempo já, meu caro irmão, eu teria respondido à vossa carta de 16 de Fevereiro se não houvesse sido inundado por uma torrente de negócios de todo tipo, e sobretudo por uma multidão de assuntos públicos que era preciso redigir e preparar para serem relatados ao nosso Grande Conselho. Embora eu tenha podido livrar-me de três comitês, restam-me ainda quatro, dentre os quais o de uma revisão de nossos procedimentos criminais e de uma nova organização dos tribunais relativos a esse assunto, porque o aumento rápido de nossa população tornou-a necessária. Durante essa demora, Monsieur Oser fez chegar às minhas mãos o “*Éclair sur l’association humaine*”. Permitti, caro irmão, que eu vos agradeça pelo belo presente que me fizestes dessa excelente obra, não somente a mim, mas também aos nossos amigos, os homens.

Felicito-vos pela forma que soubestes dar a essa obra, que considero uma obra-prima: Tornastes claras as coisas mais abstratas; embelezastes uma extensão imensa com uma dicção brilhante e uma multidão de imagens; conseguistes isso sem vos desviardes da mais rigorosa lógica e sem estenderdes vosso trabalho para além dos limites de uma dissertação; mesmo caminhando nas pegadas de Rousseau, vós o ultrapassastes; mas o que me impressionou acima de tudo é que dissestes coisas novas inteiramente opostas à maneira comum de pensar; remontastes à fonte de

melhor governo e da mais sublime religião sem ferir qualquer opinião formada.

Eis aí, meu caro irmão, como seria preciso escrever para despertar e atingir os homens. Mas vamos à essência de vossa obra. Dizeis muito bem o que jamais foi dito por qualquer escritor: que um homem que nada possuísse jamais poderia, segundo os sistemas comuns, tornar-se membro de qualquer sociedade. Em seguida ergueis o véu que cobria o núcleo do pacto social, indicais o verdadeiro defeito dos sistemas comuns, o de que querem que a ordem moral derive somente da região das sensações animais.

Fizestes ver o absurdo do princípio do qual partiram todos os escritores, de que o próprio homem tinha de fazer as leis segundo as quais deveria viver. Reabilitastes uma idéia principal que subscrevo de todo coração e que nenhum dos governos jamais deveria perder de vista, ou seja: a de que não há verdadeiro governo a não ser o teocrático. Certamente isso é uma grande verdade, mas não vos detenhais num caminho tão belo, caro irmão, e continuai a mostrar aos homens como é que eles podem ver com clareza através dos escombros que os cercam e os subjagam; em nome do que há de mais sagrado, ensinai-lhes como é que eles podem rasgar o véu que lhes encobre a luz que poderia ainda dirigi-los em seu abismo.

Na página 38 mostrais que nosso amigo B., que jamais leu qualquer dos escritores, sabia mais do que eles sobre os princípios que devem servir de base à teoria das associações humanas. Mas, repito-o, caro irmão, continuai com vossos escritos a afastar e a destruir os obstáculos que os impedem de ver a luz resplandecente que pode e deve servir-lhes de guia. Dir-me-eis que isso eu já fiz. É verdade, mas o livro das essências que contém verdades admiráveis é um livro enigmático, ao alcance apenas de um pequeno número de leitores: um impostor forneceu a chave dele, que é quase a seqüência publicada por um escroque. O *Quadro Natural*, muito mais claro e minha obra predileta, repousa em bases alegóricas e escondidas; e chegou o tempo em que não é preciso mais nos servirmos de alegorias, mas de pregar do alto dos telhados e revelar as coisas mais secretas, quando elas tendem à reabilitação da espécie humana.

O Novo Homem é um livro, mas a época atual só exige uma dissertação, escrita com a eloqüência rápida que fere como o raio. Dir-me-eis que não se deve atirar pérolas aos porcos. É verdade, mas os profanos não vos lerão, quer sejais claro ou obscuro, prolixo ou conciso. Somente os homens de desejo vos lerão e tirarão proveito de vossa luz; dai-lhes a luz tão pura quanto possível, e também tão desvelada quanto possível: a própria novidade dessa luz espalhará em vossos escritos um encanto que arrastará os indecisos com um poder irresistível. Indicai aos homens, em cada página, como eles podem aproximar-se do pensamento universal e divino que deve ser o alimento do homem-espírito e que deve dirigi-los em todas as sendas tortuosas desta vida.

Vosso “*Éclair*” veio muito a propósito, num momento em que as novas eleições podem contribuir para terminar, deter essa torrente de sangue que inunda a Europa. Dizeis perfeitamente bem em que consiste a soberania do povo: não reside, com toda certeza, na quimérica vontade geral e é por isso que nós, republicanos, jamais a admiramos. Na página 84 revelais uma idéia sublime que conduz o homem a julgar qual foi o mais sábio legislador e o melhor administrador da terra. Recebei também os meus cumprimentos pela bela passagem em que dizeis que sobre os lagos de sangue ouvis planar a voz das nações que clamam: “Vitória! Glória! Liberdade!”, sem permitir ao ouvido o tempo de discernir o sentido de todas essas imposturas.

Não vos deixeis desencorajar, meu respeitável amigo, continuai sempre a mostrar, sob formas diferentes, as condições indispensáveis para se voltar ao termo. Desmascarais a falsa doutrina, que considera a religião apenas como um simples freio político, um espantalho que os legisladores fazem muito bem em mostrar ao povo para subjugá-lo com mais facilidade. — *Brevíssimo*. Uma coisa essencial no primeiro escrito que ireis publicar será ensinar a vossos compatriotas o que é o fanatismo; no momento, ignoram-no.

Cumprimento-vos, caro irmão, por toda a página 98. Estou inteiramente convencido da chegada desse tempo. Enquanto aguardo, exorto-vos a ajudar, com todos os vossos esforços, a preparar os homens e a reabilitar neles a coisa religiosa em sua integridade radical.

Vosso presente escrito é um grande esclarecimento, um raio que pode atingir os homens de boa vontade e fazê-los ver que se encontram dentro de uma noite profunda, porém, nesse esclarecimento fazei brilhar *uma luz nas trevas*, uma luz que não desapareça como um raio e que lhes sirva de guia para que atinjam seu destino; ensinai-lhes como eles podem pôr em ação o próprio ser para chegarem à plenitude de sua medida e tornar-se completamente homens de espírito. Dizei-lhes, acima de tudo, que, para se aproximarem de Deus é preciso deixarem a si mesmos: fazei-os ver que é esta a verdadeira abnegação e que essa abnegação de maneira alguma os impede de preencherem com energia todos os deveres na ordem social; pelo contrário: que ela lhes empresta forças necessárias, até mesmo para defenderem seus próprios direitos com a dignidade conveniente. Dizei-lhes o que é a razão, da qual o homem faz tanto caso, ensinai-lhes como ela é útil quando dirigida e como é cega, mesquinha e fraudulenta quando se encontra destituída da luz radical, então, mesmo que vivais na memória dos homens, que é cega e precária, vivereis na memória da verdade, à qual ninguém escapa e que só glorifica aquele que deve ser glorificado.

Quero encerrar minha epístola falando de uma palavra da vossa. Estou bem satisfeito, pelo nosso amigo de Munique, por sua tabela numérica achar-se ligada aos princípios. É realmente um homem raro, esse amigo de Munique e, na época atual, talvez um instrumento nas mãos da Providência. Quanto ao mais, abstenho-me de emitir um julgamento sobre suas obras porque não tenho vocação alguma para julgá-las.

Certamente vos lembrareis de que no ano passado falei-vos do professor Jung, autor de uma obra interessante, por ele intitulada *Heimweh*. Como nos correspondíamos, informei-lhe que tinha na França um amigo que se aplicava à língua alemã para ler B. no original e que fora ele quem me indicara esse excelente autor. Monsieur Jung ficou encantado com essa notícia e não sabia como testemunhar sua admiração ao ser informado de que se podia estudar B. no meio da tempestade que cobria a França. Ele tem uma muita vontade de saber vosso nome e encarregou-me de apresentar-vos os sentimentos que o desejo de ler B. lhe inspirou com relação a vós. Proponho-me fazer chegar a ele o vosso *éclair*. Mas então eu vos pediria que enviásseis um outro exemplar dele para mim. Ainda existe a via de Monsieur Oser. Se tiverdes algum tempo, contai-me quais são no momento as vossas ocupações preferidas. Vossas cartas serão sempre um prazer suplementar para mim, enquanto aguardo um dia poder gozar de um prazer maior: o de ver-vos na Suíça, um esperança à qual ainda não renunciei.

Desde minha última carta nada mais soube de nosso amigo Divonne. Quanto a mim, vejo aproximar-se com satisfação o tempo em que regressarei a M(orat), onde retomarei as ocupações que mais me interessam.

Adeus, meu caro irmão, não deixemos de orar uns pelos outros.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 106

30 de Abril de 1797

Vós, sozinho, prestais mais homenagens à minha obra, meu caro irmão, do que as que ela há de receber em todo o meu país. Somos por demais despreocupados com essa espécie de verdade. No momento, aqui só são lidas senão as produções que podem lançar um partido contra outro: elas

saem uma após a outra e ao fim de oito dias já são velhas. Quanto àquilo que se liga ao grandes princípios fundamentais nos quais me apóio, não existe mais o hábito de olhá-los desde que nossos amigos deixaram de lado o princípio dos princípios. Assim, minha obra não tem nenhum sucesso, a não ser junto de algumas boas almas como a vossa; o resto coraria se lhe lançasse os olhos. Há, no entanto, alguns periódicos que falaram bem dela, mas isso é uma pobre recomendação. Além do mais, eu já esperava por isso. Fiz essa obra para meu próprio interior, e não para o meu exterior e estou bem tranqüilo quanto ao pagamento. Mandeí-vos três exemplares dela: um para vós, outro par nosso amigo Divonne. e outro para quem quiserdes, porque é possível que encontreis em vosso caminho alguém a quem ela seja convenha. Talvez eles vos cheguem diretamente em Berna; isso vai depender das oportunidades que o banqueiro Perregaux, encarregado deles, tiver.

Encorajais-me a prosseguir, meu caro irmão, mas creio que nesse gênero já fiz o que me compete ao mostrar o alvo que deve ser semelhante à origem. O *medium*, que deve ler ambos, pertence ao código da regeneração e, como conseqüência, em tudo o que sobre esse ponto está escrito em todas as obras teosóficas: o essencial seria levar o homens a essa fonte para fazê-los beber nela. Ora, para isso temos que empregar apenas os nossos desejos e preces. Nosso próprio bom Mestre dizia: *Ninguém vem a mim se meu pai não o chamar... Pedi ao dono da casa que envie seu obreiros,*¹⁵⁰ etc. No entanto, não me recuso a nada que possa ser de alguma utilidade, por menor que seja. E se nessa parte do laço social me propusessem tratar algumas questões que eu fosse capaz de resolver, fá-lo-ia de boa vontade. Mas para conseguir que os homens não separem a moral da política é, repito, a pedra filosofal, sendo preciso que isso lhes seja dado do alto.

Enquanto aguardo, para dizer-vos em que me ocupo, já que mo perguntais, confessar-vos-ei que empreendi, um pouco por minha conta e um pouco por solicitação de meus amigos, uma obra que tem como título *Revelações Naturais*, na qual reúno, tanto em minhas anotações quanto no que se apresenta de novo, vários pontos de vista que, parece-me, poderão ser úteis ao coração e ao espírito de meus semelhantes. Segundo as declarações daqueles a quem comuniquei esse projeto, nela já se encontram algumas águas saltares para refrescar o ardor da sede. Vou continuá-la, se Deus me der essa graça; e quando isso for feito, se ela for julgada digna de ser impressa e os meios pecuniários nos forem restabelecidos, irei publicá-la. Rogo-vos não divulgardes o que vos confio aqui.

Vosso amigo Jung foi muito gentil em conceder-me sua benevolência pelo meu simples desejo de ler seu compatriota B. Sou compensado de minhas penas pelos proveitos que dele retiro. Quanto à surpresa de que eu tenha conseguido estar tão ocupado durante as atrozes tempestades que há oito anos vêm dilacerando minha pátria, ela cessaria se ele tivesse visto, como eu, as coisas de perto e se soubesse que houve cantões na França que mal perceberam a tempestade, sendo que meu rincão natal estava entre eles. Entretanto, não posso negar a vigilância especial da Providência a meu respeito nesses tempos desastrosos, pois, primeiramente, eu tinha mil causas de ser suspeito e preso por causa de minha situação civil, pecuniária, literária, social, etc. e, no entanto, escapei apenas com um mandado de prisão, que nem mesmo chegou a mim e do qual só soube um mês depois da queda de Robespierre, que o havia expedido, e que foi derrubado antes de mandar executá-lo. Além disso, atravessei três vezes todas as crises; permaneci nas fronteiras da Vendéia durante um ano inteiro. Assim, não ficareis pouco surpreso quando eu vos disser que, nessas agitações infernais, durante as quais eu corria por toda parte como todo mundo, lá em cima quiseram arranjar as coisas de maneira que desde nossa revolução não tenho ouvido, ao pé da letra, outros tiros de canhão a não ser os que acabam de disparar daqui esses últimos dias para anunciar-nos a paz com o Imperador. Se quiserdes, podeis dizer isso a Monsieur Jung apresentando-lhe meus sinceros cumprimentos. Que ele não o tome como milagre, pois não sou digno de que eles se operem em mim: são simples atenções da bondade divina, pelas quais lhe dou graças.

Adeus, meu caro irmão, orai por mim e fazei chegar a carta anexa ao amigo D...

¹⁵⁰ João, 6:44; Mateus 9:38. “Rogai, pois, ao senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”.

CARTA 107

Berna, 30 de Abril de 1797

Certamente sabeis, meu caro irmão, que foram assinadas as preliminares da paz entre a França e o Imperador no dia 17 deste mês, no castelo de Gões na Síria, pelo general Bonaparte, por Dom Gallo, embaixador de Nápoles, e pelo conde de Marfeld, ministro do Imperador. O conde de Marfeld é o general-mor a serviço do Imperador, mas neste momento preenche as funções de seu ministro.

No presente, espero que aproveiteis o tempo bom para executar vossos projetos de viagem à Suíça. Nossa vida é curta e incerta e me gabo de que terei o prazer de abraçar-vos este ano em minha pátria. Conheceis o preço atribuo a esse prazer e agrada-me crer que, se depender de vós, com toda certeza mo concedereis. Espero que essa viagem faça bem à vossa saúde: não façais qualquer economia que vos impeça, pois espero ainda que permitais encarregar-me das despesas desse pequeno trajeto. Mandai renovar vossos passaportes nas mesmas condições que determinamos no ano passado e enviai-me logo notícias vossas. Enquanto aguardo, continuo a orar por mim. Dentro de dois dias parto para Morat, mas meu endereço continua sendo o mesmo.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 108

10 de Maio de 1797

Não era a guerra, meu caro irmão, que me impedia em meus projetos de ir conversar convosco sobre nosso objeto comum, mas a certeza que tenho, desde o tempo em que escrevemos um ao outro, e principalmente com os tesouros que me diariamente me forneceis com vossas buscas, orações e estudos, minha ajuda tornam-se bem pouca coisa, para não dizer supérflua; pois, se fostes advertido sobre os pecados do homem e suas conseqüências e o imensurável esforço que o coração de Deus vos trouxe, tendes realmente tudo o que é preciso para seguides vosso caminho. É, além disso, uma certa fragilidade que já há algum tempo me restringe a liberdade de movimentos, os quais me parecem, à medida que prossigo, que não devem mais ficar entregues somente ao meu gosto e meu arbítrio; e no entanto, não tenho, sobre o projeto de ir para o vosso clima, outra luz que não o meu desejo, certamente bem legítimo, de unir-me ainda mais a um amigo como vós, que me interessa em tantos aspectos. Por mais vivo que seja esse desejo, enquanto a luz da qual falo não for mais pronunciada do que é, creio ser meu dever esperar o momento em que o será o suficiente para ter a certeza de estar seguro dos meus procedimentos. Eis, caro irmão, os verdadeiros motivos que me servem de guia no presente. Espero que com isso os desenvolvimentos tão desejados se mostrem um dia e que então eu possa ficar completamente satisfeito, indo passar alguns momentos felizes junto a vós. Nossa vida temporal é realmente curta e incerta, mas nossa vida espiritual é eterna e podemos iniciá-la a partir deste mundo enchendo-nos das luzes divinas e das virtudes de nosso princípio, haurindo a ambas diariamente da inexaurível fonte que se abriu desde o momento do pecado e que, desde então, não deixou de fluir em toda abundância em nossas almas e em nossos espíritos.

Permiti, pois, que a paz nada mude, no momento, na marcha que creio que devo seguir. Devo consultar menos o favor da circunstâncias temporais do que as considerações superiores das quais vos falo. Quanto ao assunto das despesas, jamais poderei aceitar deixá-las a vosso encargo, pois tenho meios suficientes para satisfazer a elas: nem mereço as vossas ofertas generosas desse tipo; não foi apenas hoje que destes prova disso e trago sempre no coração um certo envio que me

fizestes, que mantenho sempre em depósito e que estou sempre disposto a enviar-vos quando julgardes conveniente.

Adeus, meu caro irmão, continuai a lembrar-vos de mim em vossas preces. O pacote de folhetos foi despachado. Conto com que em vossa próxima carta tenhais, quem sabe, algumas palavras a dizer-me sobre vosso estimável amigo Jung.

SAINT-MARTIN

CARTA 109

M., 23 de Maio de 1797

Da última vez que vos escrevi, meu caro irmão, tive apenas um momento e faltava-me tempo para informar-vos em detalhe tudo o que a paz nos oferecia de vantajoso para o projeto de nosso encontro, que parecia ocupar-vos de maneira interessante para mim, no fim do outono passado.

Em vossa carta de 10 deste mês considerais esse projeto sob um ponto de vista ao qual não tenho objeção alguma a fazer; é o da ausência de uma clareza diretora. Porém, permiti que eu vos chame a atenção sobre uma reflexão que precede vosso verdadeiro motivo. Dizeis-me que, em vista de meus progressos diários, vosso auxílio torna-se pouca coisa, para não dizer supérfluos! Mas credes, meu caro irmão, que o conhecimento de certas verdades que desde a origem dos tempos sempre subsistiu entre alguns homens se tenha transmitido de um a outro através de cartas? — Ignoro se isso é possível; deveis sabê-lo melhor do que eu. Outra pergunta: deixaríeis vossa obra incompleta? ou seja: perderíeis o fruto de seis anos de correspondência ou, o que dá no mesmo, não gozaríeis da satisfação de ver o grão que semeastes chegar à maturidade plena. Sabeis o quanto me resta adquirir além do que possuo. A objeção dos auxílios superiores é plausível, mas sofre exceções, pois sabeis o que pode ser feito pelo homem, é feito pelo homem: por consequência, o que pode ser feito por um amigo, é feito por ele.

Rogo-vos pesar tudo isso em vossa sabedoria e, se as circunstâncias presentes não vos permitirem a viagem no momento presente, compensar-me, em parte pelo menos, com ensinamentos preparatórios que me tornem tanto mais digno e mais próprio para fruir de vossa conversação.

Solicito-vos também, para a felicidade de nossos irmãos, os homens, que, na obra que projetais, vos apropriéis de tudo o que levar a marca do mistério: ocultai o autor, se a prudência vo-lo ordenar, mas, suplico-vos, não oculteis a verdade! não a oculteis, não a envolvais com as nuvens escuras que estragam tantas obras boas; não imiteis fossos frio compatriota, Fontenelle, que dizia a J. J. Rousseau: “Se eu tivesse a verdade no côncavo da mão, não abriria o punho para mostrá-la aos homens”. Lembrai-vos, caro irmão, de que um autor que fala ao público para instruí-lo é como um médico que entra num hospital e, somente prescrevendo com bastante clareza para seus doentes os remédios que eles devem tomar e o regime que devem seguir, é que ele poderá curá-los. Se temeis a profanação, dai uma forma e um rótulo religioso à vossa obra, e todos aqueles que seguem as leis do mundo deixá-lo-ão em paz. Se puderdes, inseri em vossa revelação, um trecho muito útil e interessante no comentário das seções 17, 18 e 19 do Quadro Natural.

Ensinai sobretudo aos homens como é que eles devem empregar todos os direitos e toda a ação de seus seres para ratificar, tanto quanto se possa, os meios que estão entre eles e o verdadeiro sol e que, sendo a oposição como que nula, a passagem fique livre e que os raios da luz cheguem até eles sem refração. Dizei-lhes em cada página de vossa obra — suplico que o façais — como a vontade do homem pode unir-se mais prontamente, com mais certeza e com mais força à vontade de Deus.

Acabo de fazer menção da utilidade da explicação dada por vos mesmo e creio ser ela de

importância e influência consideráveis; tenho até a certeza de que com isso levaríeis um número bem grande de vossos irmãos à verdadeira fonte de água viva que pode desalterá-los. Uma prova de que há várias passagens nas três seções do *Quadro Natural* que poderiam ser explicadas com mais detalhes é que elas parecem obscuras, mesmo para mim, em que pese o costume que tenho de ler essa obra. Vou indicá-las, e vos ficarei imensamente grato se me fornecerdes o esclarecimento necessário para que eu possa explicá-las a mim mesmo.

1º: Admitindo que tendes toda a sensibilidade nosso globo, páginas 103 e 104, não vejo ainda como a terra é a base de todos os fenômenos sensíveis e ainda menos como pode ela servir de ponto sobre o qual se refletem todas as virtudes destinadas a manifestá-lo no tempo.

2º: Dizeis à página 105, § último (2a parte): “Vivemos habitualmente nas leis da segunda classe, já que recebemos pensamentos diários que não podem vir-nos senão daqueles que a compõem e nela habitam”. Isso certamente está perfeitamente claro. “Entretanto,” continuais, “como somos quase sempre passivos nessas comunicações e como um simples culto anuncia atividade, devemos presumir que aos nossos estudos a segunda classe apresente objetos mais físicos, mais decisivos e mais positivos e que, por isso, exija cuidados mais vigilantes e mais bem dirigidos do que aqueles que ocupam a maior parte dos homens”. Porém, não dizeis em parte alguma, caro irmão, em que consistem esse culto e esses cuidados, até que ponto esse culto é legítimo. Como vosso alvo era, com toda certeza, o de instruir vossos leitores, permitireis que eu vos pergunte o que entendeis por esses cuidados e esse culto e em que consistem ambos.

3º: No fim da página 126 há uma bela passagem em que dizeis: “Ensinavam-lhe que na criação universal não havia um único Ser que não fosse à imagem de uma das virtudes divinas, que a Sabedoria multiplicara essas imagens em torno do homem a fim de que, quando ele lhas apresentasse, ela fizesse, com relação a elas, sair de si mesma uma nova união, transmitindo assim ao homem todos os socorros de que precisa e que, quando o modelo se unisse à cópia, o homem pudesse possuir a ambos”.

Um linha ou duas de esclarecimentos tornariam essa passagem ainda mais bela, e principalmente mais instrutiva. Que é preciso que o homem faça para que, ao ver a cópia, a sabedoria produza uma nova união e para que, unindo-se o modelo à cópia, o homem possa possuir a ambos? Por exemplo: que é preciso que o homem faça para que, ao ver a luz e a chama materiais, possa obter e possuir as virtudes que lhe servem de modelos?

Dizeis no fim da página 167: “Assim, sem a depravação ou a fragilidade de nossa vontade, não estaríamos separados de todos os Seres e Agentes salutares — cujos benefícios estão consagrados nas diferentes Tradições — senão na aparência, ficando mais perto deles na realidade!” a julgar por essa passagem, é não somente uma vontade corrompida, mas sobretudo uma vontade fraca e covarde que nos impede de gozar as manifestações das virtudes que emanam do grande princípio e que nos priva da vantagem de corresponder com elas. Se puderdes, caro irmão, dizei-me quais são, ao lado das intenções puras, os atos da vontade que acreditais serem necessários para fazer desaparecer o véu que nos cobre os seres benfeitores ordenados pelo grande princípio para cooperar na reabilitação do homem. Conheço a importância desta pergunta; assim, é somente ao fim de muitas provas de vossa amizade e de vossa confiança que vo-la faço.

Em minha próxima carta dar-vos-ei alguns detalhes sobre Monsieur Jung, homem muito interessante. Acabo de receber notícias dele. Ele conhece vossas obras e tem apreço por elas, mas ao despachar sua carta não havia ainda recebido o *Éclair* que lhe enviei pelo transporte público.

Acabo também de receber uma carta de nosso amigo D. Ele vos agradece pelas boas notícias que lhe destes, por meu intermédio, de seus amigos de Paris. Pede-me vosso endereço, mas na incerteza do efeito que uma carta de L. possa causar-vos, espero primeiro as vossas ordens afim de lho dar.

No decorrer de sua carta ele vos roga que leiais com atenção o capítulo 14 de Isaías e gostaria de saber o que pensais do versículo 29. Vossa carta foi-lhe expedida. Adeus, etc., etc.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 110

19 de Junho de 1797

A amizade que nos une, caro irmão, seria um motivo bem poderoso para decidir-me a partir se a clareza diretriz se dignasse a sancionar a viagem, pois as razões filosóficas que me exortais a considerar não podem mais parecer-me peremptórias hoje como pareceram no passado. Os conhecimentos que outrora podiam ser transmitidos por carta ligavam-se a instruções que às vezes baseavam-se em imagens e cerimônias misteriosas, das quais todo o mérito estava mais na opinião e no hábito do que numa verdadeiros importância, e que, às vezes realmente repousavam em práticas ocultas e operações espirituais, cujos procedimentos vulgares seria perigoso transmitir, ou a homens ignorantes e mal-intencionados; o objeto que nos ocupa, não se apoiando em bases semelhantes, não fica exposto a semelhantes perigos. A única iniciação que prego e que busco com todo ardor de minha alma é aquela pela qual podemos entrar no coração de Deus e fazer o coração de Deus entrar em nós para realizar aí um casamento indissolúvel que nos torna o amigo, o irmão e a esposa de nosso divino Reparador. O único mistério para se chegar a essa santa iniciação é mergulharmos cada vez mais até as profundezas de nosso ser e não desistirmos até conseguirmos extrair a viva e vivificante raiz, porque então todos os frutos que deveremos trazer, segundo a nossa espécie, produzir-se-ão naturalmente em nós e fora de nós, conforme vemos acontecer às nossas árvores terrestres, porque elas aderem à sua raiz particular e não deixam de sorver-lhe a seiva. Eis a linguagem que tenho mantido para convosco em todas as minhas cartas, e com toda certeza, quando estiver em vossa presença, não poderei transmitir-vos mistério mais vasto e mais propício ao vosso progresso. E é esta a vantagem dessa verdade preciosa: que podemos fazê-la correr de uma extremidade a outra do mundo, fazendo-a ressoar em todos os ouvidos, sem que aqueles que a escutarem possam tirar dela outro resultado além de aproveitá-la ou de deixá-la, sem todavia excluir os desenvolvimentos que poderiam nascer em nossas entrevistas e conversas — mas dos quais já estais tão abundantemente provido pela nossa correspondência — e mais ainda pelos minuciosos tesouros de nosso amigo B., que em sua consciência eu não poderia crer que estívésseis sofrendo privações e temê-la-ia bem menos ainda para o futuro se quisésseis valorizar vossas excelentes propriedades.

É nesse mesmo espírito que vos responderei sobre os diversos pontos que instais comigo para que vos esclareça em meus novos empreendimentos. A maior parte desses pontos pertencem exatamente às iniciações pelas quais passei em minha primeira escola e que deixei depois de muito tempo para entregar-me à única iniciação que seja verdadeiramente segundo meu coração. Se falei desses pontos em meus antigos escritos, isso foi no ardor da juventude e pelo império que tinha sobre mim o hábito diário de vê-los serem tratados e preconizados por meus mestres e companheiros.

Mas hoje eu poderia seria impossível para mim estimular alguém a continuar a aprofundar uma questão da qual me afasto cada vez mais. Além disso, seria extremamente inútil para o público que, realmente, em simples escritos, poderia receber sobre isso esclarecimentos suficientes e que, na verdade, não teria guia algum para dirigi-lo: esses tipos de esclarecimentos devem pertencer aos que são chamados para usá-los por ordem de Deus e para manifestar sua glória; e quando são chamados dessa maneira, não devemos inquietar-nos quanto à sua instrução, pois eles recebem então, sem qualquer dificuldade e sem qualquer obscuridade, mil vezes mais noções e noções mil vezes mais seguras do que aquelas que um simples amador como eu poderia dar-lhes sobre todas essas bases. Querer falar delas ao público é querer, em pura perda, estimular uma curiosidade vã e querer trabalhar antes para a glória do escritor do que para a glória do leitor. Ora, se cometi tais erros desse

tipo em meus escritos, cometê-los-ia ainda mais se quisesse persistir em continuar agindo da mesma maneira: assim meus novos escritos falam muito dessa iniciação central que, por nossa união com Deus, pode ensinar-nos tudo o que devemos saber; e muito pouco da anatomia descritiva desses pontos delicados aos quais desejaríeis que eu desse atenção, e dos quais não devemos fazer conta, contanto que sejam cumpridos em nosso departamento e nossa administração. Isso não impedirá, caro irmão, que nesta mesma carta eu vos diga o que estiver em meu poder sobre todos os pontos cujo estado me enviais na vossa, aos quais vou proceder por ordem.

1º: *Sobre o meio da imediata união de nossa vontade com Deus.* Dir-vos-ei que essa união é uma obra que só pode ser feita pela firme e constante resolução daqueles que a desejam, que o único meio para isso é o emprego perseverante de uma vontade pura, menos pelas obras e pela prática de todas as virtudes, fertilizada pelas preces, para que a graça divina venha ajudar nossa fragilidade e nos conduza ao termo de nossa regeneração. Essa vontade é a verdadeira propriedade do homem e parece que o próprio Deus a respeitou, já que, ao trazer-nos a boa-nova, limitou-se a fazer com que os anjos nos inspirassem essa boa vontade e já que vemos que suas propriedades se reduzem todas a ameaças e promessas, deixando que o homem usasse a ambas segundo seu talante. Assim, vedes que aquilo que eu poderia dizer ao público sobre esse assunto não teria, infalivelmente, mais crédito do que a palavra divina.

2º: *Sobre a sensibilidade de nosso globo.* Diria que está exatamente aí um dos pontos dos quais falei no verdor de minha juventude e que, por essa razão, não continuarei, a menos que eu mesmo o tivesse aprofundado mais, e principalmente antes que tenha recebido ordem para isso. Além do mais, com as aberturas fornecidas por nosso amigo B. sobre a contextura da natureza universalmente particular, parece-me que podereis obter algumas satisfações sobre este assunto, se quiserdes dar-vos o trabalho de fazê-lo com alguma atenção.

3º: *Sobre o culto,* página 105. Eu vos diria que o que concerne às leis dessa segunda classe é realmente a ordem cerimonial confiada por Deus aos seus grandes eleitos nas diversas épocas em que ele manifestou sua sabedoria e seu socorro a terra para a restauração das coisas. Essa ordem pertencia àqueles que escolhia para esse fim; os outros recebiam os frutos. Eram outras tantas diversas instruções espirituais e divinas, como as recebidas por Enoque, Noé, Moisés, Elias, e tantos outros encarregados dessas missões gerais. Quanto aos homens em geral, são como nós, encarregados somente de sua restauração particular. e isso basta para nos ocupar: comecemos sendo fiéis às pequenas coisas que em seguida caberá a Deus julgar a propósito confiar-nos as grandes.

4º: *Sobre a união do modelo com a cópia.* Eu vos diria que nas gerações espirituais e todos os gêneros esse efeito dê parecer natural e possível, uma vez que as imagens, tendo relação com seus modelos, devem tender sempre a aproximar-se dele. É por essa via que caminham todas as operações teúrgicas ou se empregam os nomes dos espíritos, seus signos, caracteres, todas as coisas que, podendo ser dadas por eles, podem estar relacionadas a eles. Era assim que caminhavam os sacrifícios levíticos; é assim, sobretudo, que deve caminhar a lei de nossa iniciação central e divina, pela qual ao apresentarmos a Deus, tão pura quanto pudermos, a alma que ele nos deu e que é imagem sua, devemos atrair sobre nós o modelo e formar com isso a mais sublime união que jamais pôde ser feita em qualquer teurgia, ou qualquer cerimônia misteriosa, das quais estão repletas todas as iniciações. Quanto à vossa pergunta sobre o aspecto da luz ou da chama elementar para se obterem as virtudes que lhe servem de degrau, deveis ver que ela cabe inteiramente na teurgia que emprega a natureza elementar e, como tal, creio-a inútil e estranha nosso verdadeiro teurgismo, ou não se precisa de outra chama senão o nosso desejo, outra luz senão a da nossa pureza. Isso não proíbe, no entanto, os conhecimentos profundos que podes haurir em B. sobre o fogo e suas correspondências. Existe algo com que poderemos recompensar-vos por vossas especulações. Os conhecimentos mais ativos sobre esse ponto devem nascer nas operações espirituais sobre os elementos e sobre isso nada mais tenho a acrescentar.

5º: *Sobre a depravação ou fragilidade de nossa vontade*. Eu vos diria que dais mais importância do que eu mesmo a essa passagem. Ela cabe completamente no que eu disse acima, no número 1. Se a vontade constante, pura e forte deve, com a graça de Deus, fazer com que tudo consigamos, a vontade contrária deve privar-nos de tudo. Assim, eu não saberia indicar-vos de outra forma quais são os atos da vontade necessários para fazer com que o véu desapareça. É somente no exercício de nossa vontade que podemos aprender a aperfeiçoar e virtualizar nossa vontade, o que se pode dizer de todas as nossas outras faculdades, conforme vemos todos os dias naquilo que nem mesmo se refere às nossas artes, ciências vulgares e talentos que agradam.

Não creio que seja prudente ainda enviar meu endereço ao amigo D. e vos agradeço por vossa reserva.

Li a passagem de Isaías, por ele indicada, 14:29¹⁵¹. Encontro nela uma verdade fundamental verificada em todas as épocas em que a justiça divina manifestou-se através das mãos das nações que empregou para sua vingança. Essa verdade é e será verificada ainda em nossa revolução, como o será sempre em semelhantes acontecimentos. É o que me faz dizer que nos enganaríamos se quiséssemos aplicar esta verdade a uma circunstância particular, ao passo que ela abrange a todas.

Adeus, etc.

SAINT-MARTIN

CARTA 111

Suíça, 1º de Julho de 1797

O essencial é obter a ajuda que não podemos conseguir por nós mesmos; e para consegui-la, pedi-la; e ao pedi-la com sinceridade, nós já a obtivemos, de acordo com nosso grau, pois nosso divino Benfeitor não diz somente: *Petite, et dabitur*¹⁵², mas, o que é bem digno de nota, diz ainda: *omnis enim qui petit, accipit*¹⁵³. A petição sozinha já é uma prova que recebemos...

Adeus, etc.

KIRCHBERGER DE LIEBISTORF

CARTA 112

França, 2 de Agosto de 1797

É ao mesmo tempo um dever e um prazer orar por nossos amigos uma vez que só podemos fazê-lo quando a isso somos levados por alguns raios de imortal e inesgotável caridade.

Pedi-me notícias da pessoa na qual o interior caminha um tanto sem rumo em relação com o exterior. Eu vos direi, caro irmão, que a cada dia se lançam bases nessa pessoa para um imponente edifício, mas que acontece aqui como quando da construção do segundo templo, em que os judeus eram entravados na obra pelos samaritanos, a ponto de serem obrigados a manterem a colher de pedreiro numa mão e a espada na outra: orai por essa pessoa a fim de que sua fé não desfaleça. Todavia, de um momento para outro, é possível que seu progresso lhe interesse muito, mas, se ele ocorrer, é provável que se faça de modo que ela nem possa falar disso, a menos que receba ordens,

¹⁵¹ “Não te alegres, ó terra dos filisteus, de que tenha sido quebrada a vara que te feria, porque da estirpe da serpente nascerá uma áspide, e seu fruto será um dragão voador”.

¹⁵² Pedi e dar-se-vos-á. Lucas, 11:9.

¹⁵³ Todo aquele que pede, recebe. Lucas, 11:10.

ou possa falar àqueles que se encontrarem no mesmo caso, e empregados na mesma função: e esses se darão a conhecer por si mesmos. Adeus, etc.

SAINT-MARTIN

CARTA 113

(De SAINT-MARTIN, nada de importante.)

CARTA 114

(De KIRCHBERGER, fragmentos.)

..... Se meu amigo de M... me houvesse simplesmente enviado um cálculo cujo resultado fosse o número 1800, não me teria impressionado tanto. Mas, foi decifrando o hieróglifo de nosso amigo Böeme à sua maneira que ele encontrou 1800, pois Monsieur d'E..., em todas as progressões desses algarismos arábicos não sai um instante do hieróglifo. Quanto a mim, estava muito longe de desconfiar do número 1800 antes de o ter encontrado ao cabo de alguns minutos no *Mysterium Magnum*, como vos disse em Fevereiro de 1793, e ainda depois eu me perguntava se o acaso não teria produzido esse resultado. Mas hoje isso parece mais evidente. Todavia, dai uma olhada no "Misterio terreno e celestial", 6 text. 4-9; depois de um cálculo bem simples descobrireis que, no sexto dia do qual ele fala, estamos atualmente na tarde, às três e meia e, se devo dar crédito a um manuscrito do qual vi um trecho em 1788, a sétima época terá atingido seu pleno desenvolvimento em 1830, isto é, às 4 horas, exatamente.

9. Entretanto, o homem não está tão destruído ao ponto de não ser mais aquele mesmo que saiu das mãos de Deus, embora haja recebido em sua queda a forma monstruosa e frágil do terceiro princípio mais extremo e embora essa queda lhe tivesse aberto as portas do primeiro princípio, a vontade severa, que, sem isso, abrasava já este grande universo e que se acende completamente nas almas condenadas.

10. Apenas o homem que Deus criou é o verdadeiro homem, e todavia este ainda permanece oculto no homem atualmente corrompido e, se ele renunciar a si mesmo em sua forma animal, se ele não viver segundo os movimentos e as vontades desse envoltório grosseiro e se entregar a Deus com toda a sua alma, então esse homem vive em Deus e Deus produz nele o querer e o fazer. Estando tudo em Deus, o verdadeiro homem santo oculto sob a forma monstruosa está tanto nos céus quanto Deus, e o céu nele está, ou seja: Deus estará nele e ele em Deus. Deus está mais próximo dele do que o homem está de seu próprio corpo, pois o corpo animal não é a sua pátria; com ele, o homem está fora do paraíso.

11. O verdadeiro homem regenerado em Jesus Cristo não está neste mundo, mas no paraíso de Deus. E mesmo que esse corpo animal morra, não acontece nenhum dano ao novo homem; ao contrário: é então que ele sai verdadeiramente da vontade que se opunha a ele e dessa casa de tribulações. Para entrar novamente em sua pátria ele não precisa de uma habitação longínqua para onde deva ser transportado a fim de gozar da felicidade: basta que Deus se manifeste nele.

12. A alma humana foi emanada do primeiro princípio, mas nesse princípio ela não é um ser santo; é no segundo princípio que as virtudes superiores da alma se abrem e se desenvolvem e ela se torna um criatura divina, pois é no segundo princípio que tem nascimento a luz divina. É por isso que, se a luz não tiver nascimento na alma, a alma fica separada de Deus, vivendo então somente da qualidade originária severa onde se encontra uma oposição eterna. Mas se a luz nascer na alma, então a criatura fica penetrada de alegria, de caridade e delícias, o que se chama novo homem ou a alma em Deus. E como então não poderia haver conhecimento, já que Deus penetra na criatura?

13. Assim não depende do querer e do coração da criatura conhecer as profundidades da Divindade, a alma ignora o centro de Deus e o modo como a substância divina é engendrada. A maneira pela qual Deus quer revelar-se ao homem depende da vontade divina; e se Deus se manifesta, em que foi que a alma contribuiu? Ela só senão o desejo de ser regenerada; volta sua atenção para Deus, em quem vive, e com o qual a luz divina torna-se resplandecente, luz que muda o primeiro princípio severo, origem do movimento da alma em alegria triunfante.

14. Vemos com isso como o mundo é injusto, quando, no furor de sua paixão, inveja a diversidade dos dons divinos. Que pode homem dar-se? A maneira de perguntar nem mesmo depende dele...

FIM